

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA/MESTRADO**

**LOCALE DIGITAL: (RE) CONSTRUINDO NO
CIBERESPAÇO AS IDENTIDADES TERRITORIAIS DA
MIGRAÇÃO BRASILEIRA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Gustavo Siqueira da Silva

**Santa Maria, RS, Brasil.
2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LOCALE DIGITAL: (RE) CONSTRUINDO NO CIBERESPAÇO AS IDENTIDADES TERRITORIAIS DA MIGRAÇÃO BRASILEIRA

por

Gustavo Siqueira da Silva

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Linha de Pesquisa Meio Ambiente e Sociedade, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia.**

Orientadora: Prof^ª. Meri Lourdes Bezzi

Santa Maria, RS, Brasil

2007

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Naturais e Exatas
Programa de Pós-Graduação em Geografia/Mestrado**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**LOCALE DIGITAL: (RE) CONSTRUINDO NO CIBERESPAÇO AS
IDENTIDADES TERRITORIAIS DA MIGRAÇÃO BRASILEIRA**

elaborada por
Gustavo Siqueira da Silva

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Geografia

COMISSÃO EXAMINADORA:

Meri Lourdes Bezzi, Dr^a.
(Presidente/Orientadora)

Márcia Siqueira de Carvalho, Dr^a. (UEL)

Vanda Ueda, Dr^a. (UFRGS)

Santa Maria, 28 de março de 2007.

AGRADECIMENTOS

À UFSM por ter dado as condições e a oportunidade do desenvolvimento dessa pesquisa, mas por ter sido minha segunda casa nos últimos 13 anos.

Ao CTISM, por ter me acolhido de maneira tão carinhosa e agradável, e com isso estimular a conclusão de mais essa etapa.

À direção e coordenações pelas dispensas quando foram necessárias, aos funcionários, por sempre estarem dispostos a colaborar.

À minha orientadora que aceitou o desafio de orientar um ex-aluno bastante indisciplinado, em uma temática que ainda não havia orientado, mas principalmente por todo o apoio e palavras de alento, nas horas de desânimo e de frustração. Sem a professora Meri, jamais teria saído do lugar.

À minha filha Isadora, que mesmo na inocência de sua infância, demonstrou compreensão à constante ausência do pai, nas brincadeiras, no carinho cotidiano, principalmente nos últimos meses da finalização do curso.

À minha amada e eterna amante esposa, Micheli, sem a qual nada do que se realiza atualmente, seria possível, pois ela é minha inesgotável fonte de inspiração.

À minha família em geral, Mãe, Avó, Irmã, sobrinha e enteada, que mesmo sem entenderem muito bem o que acontece, acreditam que estou no caminho correto, mas principalmente pelo apoio.

À minha ex-professora e ex-orientadora, Ivaine, que mesmo distante não deixa de estimular, criticar, mas principalmente, por ter me conduzido à atual perspectiva teórica, ter me instigado à temática do ciberespaço.

Um agradecimento, muitíssimo especial e de coração, aos colegas Saigon e Maristela. O primeiro, por ter revisado gramaticalmente todos os capítulos do trabalho. A segunda, pela contribuição na construção do Abstract de maneira literal e concordante.

Aos colegas de trabalho que solidarizaram com o sufoco e cansaço dos últimos dias, mas, aos que não, também agradeço, por que esses são que me impulsionam.

A todos/as *blogueiros/as* investigados, mas em especial aqueles que retornaram os contatos e que possibilitaram uma maior familiaridade com suas histórias de migração.

Por último, mas não menos especial, a todos meus ex-alunos e aos atuais, por possibilitarem, diariamente, uma experiência vivida, alicerçada na *différance* e moldada na fraternidade que se expressa tanto materialmente em sala, como virtualmente nos papos pelo MSN.

El ciberespacio es una tierra incógnita,
una tierra nueva para conquistar e poblar,
que está siendo conquistada y poblada.

(Horacio Capel, 2001, p.50)

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	VIII
LISTA DE ABREVIATURAS.....	X
RESUMO.....	XIV
ABSTRACT.....	XV
INTRODUÇÃO	1
1 BACKBONE GEOGRÁFICO	11
1.1 BACKBONE E HARDWARE: GEOGRAFIA E ESPAÇO	11
1.1.1 <i>Backbone Naturalista</i>	13
1.1.2 <i>Backbone Pragmático</i>	16
1.1.3 <i>Backbone Materialista</i>	19
1.1.4 <i>Backbone Cultural</i>	22
1.1.5 <i>O Espaço Geográfico como Objeto</i>	25
1.2 ESPAÇO, TÉCNICA E REDES.....	33
1.2.1 <i>A técnica, o espaço e o tempo</i>	34
1.2.2 <i>A Sociedade em Rede</i>	40
2 O SISTEMA OPERACIONAL: DISCURSO E IDENTIDADE.....	46
2.1 A BIOS CULTURAL.....	48
2.1.1 <i>Cultura X Civilização: o princípio</i>	49
2.1.2 <i>Algumas definições de cultura</i>	52
2.1.3 <i>Naturvölker e Kulturvölker - Primeiros passos</i>	61
2.1.4 <i>O verde-amarelo da diferença</i>	65
2.1.5 <i>Cibercultura</i>	69
2.2 POST: DISCURSO ONLINE	75
2.2.1 <i>Discurso: uma visão foucaultiana</i>	76
2.2.2 <i>Post: linkando o poder</i>	79
2.2.3 <i>Posts e perfil</i>	83
2.2.4 <i>O discurso no ciberespaço</i>	86
2.3 IDENTIDADES CULTURAIS OU VIRTUAIS?	90
2.3.1 <i>Identidade e différence</i>	91
2.3.2 <i>Identidade nacional ou identidade territorial?</i>	96
2.3.3 <i>Identidade no ciberespaço</i>	104
3 SOFTWARE TERRITORIAL.....	109
3.1 O SOFTWARE TERRITÓRIO.....	110
3.2 O MENU DA TERRITORIALIDADE	124

3.3 O MENU DA DESTERRITORIALIZAÇÃO	129
3.4 O MENU MULTITERRITORIAL	139
4 CIBERESPAÇO LINKANDO A SOCIEDADE	146
4.1 O EMBRIÃO DIGITAL	147
4.2 TECENDO A TEIA	153
4.3 A CONQUISTA DO CIBERESPAÇO BRASILEIRO	165
4.4 CIBERESPAÇO DA DIFFÉRENCE	175
4.5 LOCALE DIGITAL, DINAMIZANDO A BLOGSFERA, CONSOLIDANDO O CIBERESPAÇO	191
5 NÃO SOU BRASILEIRO, NÃO SOU ESTRANGEIRO	201
5.1 QUEM SÃO ELES/AS ENTÃO? PRIMEIRO PERFIL	201
5.2 SOU, SOU BRASILEIRO COM MUITO ORGULHO NO CORAÇÃO	212
5.3 “PEQUENAS” DIFERENÇAS	223
5.4 LINKS MULTITERRITORIAIS	231
CONSIDERAÇÕES FINAIS	239
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	246
RELAÇÃO DE <i>BLOGS</i> ANALISADOS	259

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Interface do site <i>Mundo Pequeno</i>	8
Figura 2 – Links e Banners hipertextuais de campanhas divulgadas nos <i>blogs</i>	75
Figura 3 – <i>Banner</i> de apresentação do Blog do Bean (2006)	88
Figura 4 – Sítio oficial do ELZN	98
Figura 5 – Web page do sítio oficial do Movimento RAWA	99
Figura 6 – Web page do sítio oficial das FARC-EP	99
Figura 7 – Esquema demonstrativo da aproximação das definições de identidade em Hall (2005), Castells (2006) e Haesbaert (2004)	104
Figura 8 – Diferentes acepções do espaço subjectivo como realidade social	123
Figura 9 – ENIAC sendo operado	149
Figura 10 – População absoluta de usuários de Internet por região (2007)	160
Figura 11 – Gráfico demonstrativo do percentual de usuários de Internet por região no mundo (2007)	160
Figura 12 – Quadro demonstrativo das estatísticas de população e usuários de Internet por região (2007)	161
Figura 13 – Gráfico demonstrativo do percentual de usuários de Internet em cada região do mundo (2007)	162
Figura 14 – Quadro demonstrativo das estatísticas de usuários de Internet e da população mundial por país (2007)	164
Figura 15 – Conexões existentes no Brasil em 1991.	168
Figura 16 – Backbone da RNP em 1994	169
Figura 17 – Mapa da distribuição do <i>backbone</i> da RNP em 2006.	170
Figura 18 – Quantidade de pessoas conectadas a web no Brasil de 1997 – 2007.	171
Figura 19 – Quadro de Classificação dos países de acordo com número de <i>hosts</i>	172
Figura 20 – Evolução do número de <i>hosts</i> do Brasil (1998 -2007)	173
Figura 21 – Evolução da posição do número de <i>hosts</i> do Brasil em relação ao mundo (1998 -2007)	173
Figura 22 – Acesso (esquerda) e distribuição de internautas por regiões brasileiras (2002)	174
Figura 23 – Interface de apresentação do software <i>Google Earth</i> (2007)	183
Figura 24 – Visualização do Estádio Olímpico do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, com a utilização do Software <i>Google Earth</i> (2007).	184
Figura 25 – Cidade Virtual criada no game <i>Sim City 4</i>	184
Figura 26 – Sistema de representação geográfica de Batty (1997)	186
Figura 27 – Idealização de uma sociedade futurística	189
Figura 28 – Indicadores de perfil dos/as <i>blogueiros/as</i> cadastrados/as no <i>síte</i> Mundo Pequeno (2006)	202
Figura 29 – Percentual de <i>blogueiros/as</i> investigados quanto ao gênero	203
Figura 30 – Faixa etária dos/as <i>blogueiros/as</i> investigados	204
Figura 31 – Percentual dos motivos de saída do Brasil	205
Figura 32 – Comparação dos motivos de saída do Brasil quanto ao gênero	206
Figura 33 – Classificação regional segundo o meio técnico-científico-informacional	207
Figura 34 – Procedência dos/as migrantes brasileiros/as quanto aos Estados	208

Figura 35 – Percentual dos continentes destino dos/as brasileiros/as.....	209
Figura 36 – Percentual dos motivos de saída do Brasil	210
Figura 37 – Percentual de <i>blogs</i> criados no Brasil e no exterior.	211
Figura 39 – Imagens utilizadas para ilustrar o <i>blog</i> reafirmando a identidade territorial	213
Figura 38 – Brasileiro residente no Canadá constantemente vestido com a camisa da seleção brasileira de futebol.....	213
Figura 40 – Grupo de migrantes no carnaval europeu, com destaque para os/as brasileiros/as.	218
Figura 41 – Festa brasileira de São João em Sheffield, Inglaterra.....	220
Figura 42 – Manifestações identitárias desterritorializadas no <i>blog</i> Lu na Finlândia	225
Figura 43 – Preferências esportivas multiterritoriais manifestadas em A Nata! (2006)	233
Figura 44 – Imagens de rituais e protestos de libaneses que operam a identidade multiterritorial do <i>blogueiro</i> de A Nata! (2006).....	235
Figura 45 – Manifestação de discurso cultural híbrido da <i>blogueira</i> do Indiagestão (2006).....	237

LISTA DE ABREVIATURAS

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações

ANSP – Academic Network at São Paulo

ARPA – Advanced Research and Projects Agency

ARPANET – Advanced Research Projects Agency Network

BBS – Bulletin Board System

BIOS – Basic Input/Output System

BITNET – Because It's There Network

BPS – Bits por segundo

CBPF – Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas

CD-ROM – Compact Disc Read Only Memory

CEFET-MG – Centro Federal de Educação Tecnológica Minas Gerais

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CSNET – Computer Science Research Network

CTISM – Colégio Industrial de Santa Maria

EARN – European Academic and Research Network

EMBRATEL – Empresa Brasileira de Telecomunicações

ENIAC – Eletronic Numeral Integrator and Calculator

EUA – Estados Unidos da América

EZLN – Exército Zapatista de Libertação Nacional

FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Minas Gerais

FAPERGS – Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio Grande do Sul

FAPERJ – Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo

FARC-EP – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo.

FERMILAB – Laboratório de Física de Altas Energias de Chicago

FGV-RJ – Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro

FIO-CRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

FUA – Universidade do Amazonas

FUEG – Universidade Estadual de Goiás

FUEM – Fundação Universidade Estadual de Maringá

FURG – Fundação Universidade do Rio Grande

GBPS – Gigabites por Segundo

GNU/FDL – General Public License / Free Documentation License

HTML – Hypertext Markup Language

HTTP – Hypertext Transfer Protocol

IBM – International Business Machines

IME – Instituto Militar de Engenharia

IMPA – Instituto de Matemática Pura e Aplicada

INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo

IPTO – Information Processing Techniques Office

ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros

ITEPE – Instituto Tecnológico de Pernambuco

KBPS – Kilobits por segundo

LARC - Laboratório Nacional de Redes de Computador

LNCC – Laboratório Nacional de Computação Científica

MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia

MEC – Ministério da Educação

MIT – Massachusetts Institute Technologic

NSF – National Science Foundation

OSI/ISO – Open Systems Interconnection / International Organization for Standardization

PC – Personal Computer

Ph.D. – Philosophy Doctor

PTT – Pontos de Troca de Tráfego

PUC-RIO – Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro.

RAWA – Revolutionary Association of the Women of Afghanistan.

RENPAAC – Rede Nacional de Comunicação de Dados por Comutação de Pacotes

RNP – Rede Nacional de Pesquisa

RS – Rio Grande do Sul

RV – Realidade Virtual

SEI – Secretaria Especial de Informática

SIG's – Sistemas de Informações Geográficas

TCP/IP – Transmission Control Protocol/Internet Protocol

TV – Tele Vision

UCLA – University California Los Angeles

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFBa – Universidade Federal da Bahia

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

UFPB – CG – Universidade Federal da Paraíba – Campina Grande

UFPB – JP – Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSe – Universidade Federal de Sergipe

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UFV – Universidade Federal de Viçosa

UNB – Universidade de Brasília

UNESP – Universidade de Estadual de São Paulo

UNICAMP – Universidade de Campinas

UNIVAC – Universal Automatic Computer

USP – Universidade de São Paulo.

WWW – World Wide Web

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências
Universidade Federal de Santa Maria

LOCALE DIGITAL: (RE) CONSTRUINDO NO CIBERESPAÇO AS IDENTIDADES TERRITORIAIS DA MIGRAÇÃO BRASILEIRA

AUTOR: GUSTAVO SIQUEIRA DA SILVA

ORIENTADORA: MERI LOURDES BEZZI

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 28 de março de 2007.

O objetivo principal dessa pesquisa é demarcar aspectos da constituição das identidades territoriais dos brasileiros que integram a migração brasileira pelo mundo, através da análise de seus discursos manifestados em *blogs* da Internet, tentando articular tais identidades com sua representação no âmbito cultural, mas mais especificamente da territorialidade. No primeiro capítulo realizou-se uma reflexão a cerca da evolução do pensamento geográfico. Resgatou-se o espaço geográfico, buscando articular a importância da técnica e seu potencial espacializador, bem como, justificar a opção por uma análise do ciberespaço sob a óptica da Geografia Cultural. No capítulo 2, a discussão centrou-se em torno da concepção de identidade cultural e a abordagem enfatizada teve como finalidade orientar teórica e metodologicamente a investigação *in loco* no ciberespaço, ou seja, situou-se os seus elementos e suas articulações, objetos de estudo dessa pesquisa. O conceito de território e suas variações foram discutidos no terceiro capítulo. A definição da noção de território abre esse capítulo com a intenção de introduzir debates a cerca da territorialidade e da desterritorialização. Estes conceitos trouxeram enriquecimento ao debate por suscitarem ainda, por parte dos geógrafos, várias concepções e, conseqüentemente, instigando, ainda mais as questões sobre o ciberespaço. O que se buscou então foi investigar em torno da territorialidade manifestada no ciberespaço. Procurou-se compreender qual sua principal característica na articulação e constituição das identidades e se realmente o ciberespaço assume o papel desterritorializador, um catalisador da “compressão espaço-temporal”, ou então se é um espaço imaterial que reterritorializa novas identidades territoriais. O debate a cerca da definição e das características do ciberespaço será apresentado no quarto capítulo. Nesse capítulo, foi resgatada a história dos computadores e em que contexto eles aparecem, como surge a Internet e, também, como a mesma foi introduzida no Brasil. Foram ilustradas as manifestações mais contundentes do ciberespaço no cotidiano da sociedade contemporânea, através de trabalhos e obras recentes, nas diversas áreas do conhecimento e em particular da Geografia. Discutiu-se a utilização de concepções espaciais pós-modernas como a *blogsfera* e buscou-se definir o *blog* como o *locale* digital, ou seja, como a unidade elementar das relações sociais no ciberespaço. No quinto capítulo está localizada toda a discussão anterior, articulada com a temática e com o foco de pesquisa. Nesse capítulo, utilizaram-se as manifestações discursivas dos usuários de *blogs*. Considerou-se para as análises *blogs* de brasileiros que residem no exterior. Esta opção teve como finalidade buscar identificar o processo de constituição de suas identidades territoriais. Visando a manutenção da coerência com a perspectiva teórica buscou-se interpretar se as identidades territoriais são reafirmadas ou territorializadas, fragmentadas ou desterritorializadas, ou ainda híbridas ou multiterritoriais. A constituição de identidades territoriais foi analisada como processo, portanto, as identificações são flexíveis e não se encerram em uma taxonomia fixa, embora se tenha verificado manifestações nos três sentidos.

Palavras-chave: identidade; território; ciberespaço

ABSTRACT

Master's Degree
Graduate Program of Geography and Geoscience
Federal University of Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil

DIGITAL LOCALE: (RE) CONSTRUCTING IN CYBERSPACE THE TERRITORIAL IDENTITIES OF BRAZILIAN MIGRATION

AUTHOR: Gustavo Siqueira Da Silva

ADVISER: Meri Lourdes Bezzi

March, 28th 2007 – Santa Maria

This work aims at pointing aspects of constitution of Brazilian territorial identities that integrate the Brazilian migration all over the world, through the analysis of their expressions demonstrated by internet blogs; trying to articulate each identity with its representation on a cultural field, more specifically about territoriality. In the first chapter, it is presented a reflection about the evolution of geographic thinking. The geographic space is retaken and this could articulate the importance of the technique and its spacer potential; as well justify an option for the cyberspace analysis in a cultural geographic point of view. In the second chapter, the discussion was centralized on the conception of cultural identity and the approach emphasized was to orientate theoretically and methodologically the investigation in loco, that is, it established its elements and its articulation, object of this search. The concept of territory and its variations were studied on the third chapter. The definition of notion of territory introduces this chapter in order to open discussions regarding territoriality and desterritorialization. These concepts brought an improvement to the discussion because they could provoke, by the geographers, many conceptions and, consequentially, more questions about cyberspace. The focus, here, was to investigate the territoriality of cyberspace, in order to add more information, to understand its main characteristic and its role as a catalyst of time and space compression or if it is the space that creates new territories identities. The discussion about the concept of cyberspace and its characteristics was presented in the fourth chapter, retaking the computers history and the context they are in, how the internet starts and how it was introduced in Brazil. Some demonstrations of cyberspace in a daily life were illustrated through the recent works, in many areas of knowledge and, mainly, in the field of Geography. It was discussed the use of modern space conceptions as *blogsphere* and it was searched for a definition of *blog* as a digital *locale*, that is, as an elementary unity of the social relationship in cyberspace. In the fifth chapter, it was used some expressions of the blogs users who live abroad in order to identify the process of constitution of their territorial identities. In order to keep coherence and theoretical perspective it was necessary to verify if the territorial identities are reaffirmed or territorialized, fragmented or desterritorialized, hybrid or multiterritorial. The constitution of territorial was analyzed as a process, so the identification are flexible and don't stop in a fixed taxonomy, although it was noticed demonstrations over three senses.

Key-words: identity, territory, cyberspace.

INTRODUÇÃO

Acompanhar os avanços tecnológicos até pouco tempo parecia uma tarefa possível. No entanto, na atualidade, procurar saber o que está em *top line*¹ é praticamente impossível. Busca-se, então, conhecer apenas aquilo que satisfaz as necessidades e prazeres virtuais imediatos. Os avanços tecnológicos parecem não ter limites, ou seja, ao tempo em que essas linhas estão sendo digitadas, inúmeras novidades estão sendo lançadas em termos de *software*² e *hardware*³.

Para se ter uma noção de como a velocidade dos avanços tecnológicos em informática e comunicações é infinitamente mais veloz dos que as principais inserções tecnológicas do século XX, salienta-se as colocações de Dutra⁴, o qual comenta que “[...] os computadores dobram a sua capacidade a cada dezoito meses, enquanto os automóveis levaram quase sessenta anos para atingir a 100 Km/h”.

O estágio que atravessa a sociedade contemporânea é de grandes transformações, sob diversos aspectos, abrangendo desde as tentativas homogeneizantes na busca de estabelecer uma cultura global, até uma notória e crescente contraposição que oscila da reafirmação cultural às identidades multiculturais, a qual acentua diferenças nas relações sociais. Nesse contexto, o que se pode observar é que se vive uma constante presentificação, uma simultaneidade de acontecimentos jamais vivida até então na história da humanidade.

Entretanto, precisa-se atentar-se para as inúmeras conseqüências dessas transformações. Conforme Cesnik; Beltrame⁵, “[...] a utilização coletiva e, portanto, o fato de estarmos ‘plugados’ na rede mundial de computadores, passou do conceito de facilidade para o de imprescindibilidade”.

A emergência das tecnologias de comunicação, ao mesmo tempo em que se torna indispensável no dia-a-dia das pessoas, seja através do uso, cada vez mais intenso, da telefonia celular, e da crescente e irreversível expansão dos serviços,

¹ *Top Line* refere-se a topo de linha, em informática o que está recentemente sendo lançado.

² *Software* – Um programa de computador. “O software consiste de um conjunto de instruções em linguagem de máquina que controlam e determinam o funcionamento do computador e de seus periféricos” (LÉVY, 2000, p.258).

³ *Hardware* – Qualquer componente físico de um computador. “A palavra *hardware* poderia ser livremente traduzida como *equipamento*. Na categoria de hardware enquadram-se monitores, teclados, placas-mãe, mouses, scanners, modems, discos rígidos etc” (LÉVY, 2000, p.258).

⁴ DUTRA, 2000, p.34.

usuários e estruturas físicas da rede mundial de computadores, mostram-se também como uma ferramenta poderosíssima para a contravenção. Um exemplo disso pode ser verificado na forma como presidiários comandam o crime organizado de dentro das cadeias brasileiras, utilizando-se de telefones celulares. Outra situação é o status negativo, do Brasil, de estar entre os “*melhores*” do ranking de crimes “*virtuais*”⁶, através de golpes aplicados na *web*⁷, que se materializam no roubo de senhas de contas bancárias de usuários.

O despreparo das autoridades brasileiras para o enfrentamento de tais situações poderia ser justificado pela falta de legislações específicas para crimes praticados na *web*, ou pelo fato de que estudos sobre a expansão do ciberespaço no Brasil ainda sejam incipientes, embora tenha crescido o interesse das diversas áreas do conhecimento por esse tema. Contudo, parece não residir, exatamente nesse ponto, a utilização ainda não planejada do ciberespaço. Cabe destacar que o planejamento do espaço físico ainda hoje apresenta dificuldades de ser concretizado, e vemos a olhos nus as conseqüências de políticas equivocadas, de espaços constituídos a qualquer maneira para contemplar interesses eleitorais ou, muitas vezes, pessoais, portanto, não se pode imaginar que um espaço que recentemente ganha corpo no meio acadêmico e científico fosse de imediato absorvido pelo planejamento do poder público.

Por outro lado, se as discussões sobre como planejar o ciberespaço são incipientes, em se tratando de legislação, o mesmo não acontece com as instituições brasileiras, públicas e/ou privadas, ligadas principalmente a educação e a ciência (universidades e escolas), à economia e ao comércio (bancos, redes de lojas) nas quais a utilização do ciberespaço apresenta-se bem avançada. Isso faz com que a utilização desse novo espaço de relações sociais, econômicas e políticas se torne, cada vez mais, dinâmico. Na atualidade, é quase inconcebível realizar inscrições para concursos públicos, pagar contas, comprar livros, cds, pesquisar em bibliotecas, em outro espaço, que não o ciberespaço. Caso essas operações ainda

⁵ CESNIK; BELTRAME, 2005, p.118.

⁶ O termo “*virtuais*” nessa passagem não tem o sentido amplo e filosófico que pretende-se abordar no decorrer do trabalho, apenas utilizou-se para uma compreensão de que tratam-se de ações criminosas praticadas através da rede mundial de computadores.

⁷ Para Garbin (2001, p.10), *web* é o “diminutivo para *World Wide Web* – *www* – (ampla teia mundial). Um sistema de distribuição de informação em hipertexto pela Internet (pode-se dizer que a Internet é o encanamento e que a *web* é a água que corre pelos canos). Foi criado no laboratório do Cern, em Genebra, em 1991, pelo físico Tim Berns-Lee. As duas (*Web* e Internet) Redes acabaram se fundindo e hoje a palavra *web* é usada como sinônimo da própria Internet e vice-versa”.

sejam alienígenas para algumas pessoas, essas, ao menos devem se utilizar do e-mail como importante meio de comunicação pessoal.

Pode-se dizer, então, que a crescente e irreversível ascensão das técnicas informacionais acabam por impor arranjos e rearranjos territoriais no espaço geográfico, que, conseqüentemente, experimenta novas concepções de tempo e espaço, produzindo novas categorias de análise nas ciências sociais em geral e, na Geografia em particular. Conforme Silva⁸, “[...] as novas tecnologias transformam a relação com o espaço, dando-nos uma nova percepção de mundo”.

Essa situação está estreitamente vinculada ao desenvolvimento da técnica, que possibilitou Santos (1996) a identificar o que denominou de período *técnico-científico-informacional*. Parafraçando o autor, exemplifica-se que, no século XVI, as notícias da Europa Central somente chegavam a Londres semanas mais tarde, o que demonstra que o fato ocorria simultaneamente, mas só era conhecido posteriormente em outros lugares.

Hoje, guerras são transmitidas pela TV, em tempo real, fluxos de capital circulam pelo planeta 24 horas, pessoas de todas as idades, gêneros, religiões e culturas buscam seus pares e se reorganizam delimitando seus *territórios virtuais*.

Conforme Silva (2002, p.64), é importante salientar que:

Ao pensar neste início de milênio as relações que se estabelecem entre a Geografia e o avanço das novas tecnologias informacionais é possível fazer um estudo das novas bases das relações de socialidade na virtualidade do ciberespaço e os seus reflexos na base material da sociedade. Muitas das vezes a localização de nossos corpos não mais definem o circuito de interações: A pessoa que agora passa logo ali a diante de nossa casa encontra-se mais distante que o nosso amigo no Canadá.

Nesse contexto, para quem se propõe a debater conceitos geográficos, as transformações socio-espaciais, proporcionadas pelo período *técnico-científico-informacional* que vivemos, não podem ser ignoradas. Por outro lado, para estabelecer um debate no âmbito espacial, é preciso reconhecer as carências conceituais da Geografia.

As carências e/ou deficiências teórico-metodológicas da Geografia acabam por originar, constantemente, questionamentos sobre a essência da própria ciência

⁸ SILVA, 2002, p.1.

geográfica, gerando alguns conflitos teóricos que, muitas vezes, fragilizam a sua própria unidade enquanto ciência. Uma das principais dicotomias surgidas na Geografia foi em torno de consolidá-la como uma ciência física ou uma ciência social e/ou humana. Nessa perspectiva, o presente trabalho será desenvolvido à luz da compreensão de que a Geografia é um campo do conhecimento associado às ciências sociais.

Apesar das enormes, mas não menos importantes discussões a respeito da temática de estudo desta pesquisa – o ciberespaço – tem-se que salientar que não houve intenção de abordá-las no intuito de dirimi-las. O que se pretende realizar é uma proposta de discussão de um tema ainda incipiente dentro do campo da Geografia, e que impulsiona uma efervescente produção intelectual, cuja importância é vital em uma ciência que tem no espaço seu objeto de estudo.

Compreende-se que essa efervescência também permeia a presente pesquisa e está intrínseca ao desejo de poder contribuir cientificamente com a interpretação de uma sociedade contemporânea em constante mutação e evolução. Nesse sentido, inúmeras são as questões que instigam o entendimento do ciberespaço, ou seja, qual é o caráter territorial do ciberespaço? Sua propriedade virtual o configura como um espaço geográfico desterritorializado? Suas características o constituem enquanto espaço geográfico? Ele se confirma enquanto categoria passível de análise geográfica? Essas indagações serão marcos balizadores da pesquisa. Entretanto, as respostas não serão definitivas e talvez apenas discutidas no sentido de aprofundar a busca do entendimento das mesmas.

Acredita-se que o ciberespaço, hoje, é passível de análise geográfica, na medida em que sua característica, como já mencionado, passou do conceito de facilidade para o de imprescindibilidade, e com isso acaba por reconfigurar o espaço físico, alterando, portanto, as relações sociais imprescindíveis para a Geografia.

Assim, pretende-se, com essa pesquisa, demonstrar que é possível estabelecer um recorte no objeto geográfico, para dele se extrair subsídios para análise e interpretação de como os conceitos geográficos estão sendo negociados e trocados através das relações sociais estabelecidas no ciberespaço. Sob a óptica da Geografia Cultural, acredita-se, seja possível observar como as identidades culturais de cibercibersurfeiros estão reorganizando noções de tempo e espaço, em geral, e de territorialidade em particular.

Nesse sentido, tem-se como objetivo geral contribuir com a ciência geográfica através da investigação e busca do entendimento do ciberespaço como categoria de análise espacial, trazendo para a discussão as relações sociais nele estabelecidas e como os conceitos geográficos de território e territorialidade passam a ser entendidos na forma virtual de produzir o espaço geográfico.

Dentre os objetivos específicos a serem alcançados pela pesquisa, arrolam-se os seguintes:

a) Contextualizar, na Geografia Cultural, os conceitos de espaço, identidade, território, territorialidade e ciberespaço, na perspectiva de interpretar este último como espaço geográfico e compreender suas conexões, para possibilitar uma análise espacial;

b) Interpretar o ciberespaço em suas funções e identificar os reflexos no espaço físico;

c) Analisar os discursos manifestados nos *blogs*, para identificar e interpretar os processos de constituição das identidades territoriais manifestadas nos *blogs*, segundo seu caráter territorializado, desterritorializado ou reterritorializado.

A pesquisa buscou aprofundar o debate interno da Geografia sobre novos conceitos incorporados à ciência geográfica face a evolução técnica que subsidia as novas formas de interpretar ou reinterpretar o espaço geográfico. Para tanto, priorizou-se o debate em torno das várias possibilidades que se apresentam com a emergência do ciberespaço. Dentre eles, investigar brasileiros residindo fora do país, o que sem o advento do ciberespaço tornar-se-ia inexequível, seu processo permanente de formação identitária, a compreensão do mesmo enquanto espaço de produção de conhecimento.

O ciberespaço, apesar de já bastante discutido em outros campos do conhecimento, especialmente na comunicação, apenas recentemente vem sendo abordado pela Geografia e pelos geógrafos. Como temática recente, é natural que também sofra resistência na aceitação.

Pode-se dizer então que a pesquisa pretende realizar uma reflexão, buscando contribuir com essa temática, ou seja, trazer para o campo teórico a discussão de como espacializar a subjetividade produzida no ciberespaço, entendendo este como uma técnica em constante mutação tecnológica. Tal assertiva é constantemente observada e seus reflexos também atuam sobre o espaço geográfico. Nessa perspectiva, torna-se fundamental entender a Internet não apenas como espaço de

fluxo de informação, mas como local de produção e/ou reprodução de conhecimento.

Nesse sentido, para desenvolver esta pesquisa foi necessário, inicialmente, organizar o material empírico para submetê-lo à análise articulada com a perspectiva teórica. Inicialmente foram realizadas leituras ligadas com o tema.

Utilizaram-se obras fundamentais e clássicas além de teses, dissertações e artigos que também garantem a atualização da temática. Salienta-se que a literatura utilizada para desenvolver a pesquisa é recente, devido à temática proposta ser inovadora no meio acadêmico. Articular Internet, Geografia e cultura parece ser uma tarefa desafiante, devido ao pioneirismo da temática. Entretanto, é justamente o desafio que torna a atividade científica excitante e estimulante. Ou seja, a busca pelo novo sempre é instigante.

Após a revisão bibliográfica é preciso emergir no ciberespaço buscando o entendimento dos *blogs*. Conforme Silva (2003a, p. 26),

existe um *ritual* para que se possa adquirir o *passaporte* para o mundo digital. Para conectar um computador a *web*, além de uma linha telefônica, um modem⁹ e softwares adequados, em uma conexão discada, são necessários também um *login*¹⁰ e um *password*¹¹. Atendidas estas premissas se está habilitado a compartilhar a totalidade fragmentada do infinito ciberespaço.

Para localizar os *blogs* no ciberespaço, existem serviços e ferramentas disponíveis na *web*. São os sites¹² de busca da Internet, dentre os mais conhecidos

⁹ Modem – MODOlador DEMODulador (modulador/demodulador). Para Lèvy (2000), modem é um “equipamento de telecomunicações que permite a um computador transmitir informações digitais através de linhas telefônicas comuns (sejam elas digitais ou analógicas). Os modems convertem a informação digital armazenada nos computadores em uma frequência de áudio modulada, que é transmitida pela linha telefônica até um outro modem, que executa o processo contrário, reconvertendo a informação para seu formato digital original” (p.256).

¹⁰ O mesmo que nome de usuário, ou seja, é o seu *nickname* na Rede, normalmente para conexão com a Internet é acompanhado de @ mais o domínio do provedor que oferece o acesso. Por exemplo: gutmicisa@terra.com.br.

¹¹ “*Password* – em inglês, *password* significa senha, passe. A senha ou *password* é imprescindível aos/as usuários/as da Rede, pois é necessária para poderem acessar o provedor de Internet de sua escolha. Sem uma senha/*password* não há como conectar-se à Rede” (GARBIN, 2002, p.8).

¹² Lèvy (2000) entende que *site* é um “conjunto de páginas da Web que façam parte de um mesmo URL ou “endereço”. A idéia de site está relacionada à idéia de “local”, o que na verdade é um tópico complexo em se tratando de um espaço virtual criado por uma rede distribuída que lida com hiperdocumentos” (p.258).

estão o Altavista¹³ e o Google¹⁴. Mas, também existem vários portais que aglutinam os *blogs*, entre os mais conhecidos e utilizados, segundo a Wikipédia¹⁵ (2006), estão *Blogger Internacional* (<http://www.blogger.com>), *Blogger Brasil* (<http://www.blogger.com.br>), *UOL Blog* (<http://www.uol.com.br>), *Weblogger* (<http://www.weblogger.com.br>), mas nenhum deles oferece a possibilidade de procurar os *blogs* por localização geográfica dos usuários, ou pelo menos apresentaram facilidade de acesso para esse método de busca. Os sites que disponibilizaram essa modalidade de busca foram o *Blogs.com.br*, intitulado *O Portal de Encontro de Blogueiros do Brasil* (<http://www.blogs.com.br>), e o site *Mundo Pequeno*¹⁶, auto-denominado de *índice de blogs de brasileiros espalhados pelo mundo*.

¹³ “AltaVista é uma empresa da Overture Services, Inc. (Nasdaq: OVER), é um provedor global líder em serviços de pesquisa e tecnologia, tem sede em Palo Alto, Califórnia. A tecnologia de serviço do Alta Vista foi o líder desde a primeira tentativa como o primeiro serviço de pesquisa completo da Internet em 1995. A empresa adicionou a pesquisa em vários idiomas com suporte para 25 idiomas em 1997; apresentou 20 sites locais de países entre 1999 e 2001; lançou suporte de pesquisa de multimídia (áudio/vídeo/imagem) em 1999; foi o primeiro e principal mecanismo de pesquisa a introduzir a pesquisa de notícias de Internet gratuito em 2001” (ALTAVISTA, 2003).

¹⁴ “O Google, desenvolvedor do maior mecanismo de busca do mundo, oferece o caminho mais rápido e fácil de encontrar informações na web. Com acesso a mais de 1,3 bilhão de páginas, o Google oferece resultados relevantes para usuários de todo o mundo, normalmente em menos de meio segundo. Hoje, o Google responde a mais de 100 milhões de consultas por dia. O Google foi fundado por Larry Page e Sergey Brin, dois estudantes Ph.D de Stanford em 1998. A companhia privada anunciou, em junho de 1999, ter assegurado \$25 milhões em consolidação de dívida flutuante de patrimônio líquido. Seus sócio incluem Kleiner Perkins Caufield & Byers e Sequoia Capital. Google presta serviços através de seu próprio site público, www.google.com. A companhia também oferece soluções para busca na rede, em associação com provedores de conteúdo... Google é um trocadilho com a palavra 'googol', que foi inventada por Milton Sirotta, sobrinho do matemático americano Edward Kasner, para designar o número representado por 1 seguido de 100 zeros. O uso do termo Google reflete a missão da empresa de organizar o enorme montante de informações disponíveis na web e no mundo” (GOOGLE, 2006).

¹⁵ “A **Wikipédia** é uma enciclopédia multilingual on-line livre e colaborativa, ou seja, escrita por várias pessoas, todas elas voluntárias. Foi criada em Janeiro de 2001, baseada em wiki (do havaiano *wiki-wiki*, significando *rápido, veloz, célere*). Por ser livre, entende-se que qualquer artigo dessa obra pode ser copiado, modificado e ampliado, desde que os direitos de cópia e modificações sejam preservados, visto que o conteúdo da Wikipédia está sob a licença GNU/FDL. O modelo wiki é uma rede de páginas *web* contendo informações das mais diversas que podem ser modificadas e ampliadas por qualquer pessoa através de navegadores comuns, tais como o Mozilla Firefox, Internet Explorer, Safari, Netscape, ou qualquer outro programa capaz de ler páginas em HTML e imagens. Este é o fator que distingue a Wikipédia de todas as outras enciclopédias: qualquer pessoa com acesso à Internet pode modificar qualquer artigo, e cada leitor é um potencial colaborador do projecto. A enciclopédia sem fins lucrativos, gerida e operada pela Wikimedia Foundation que organiza 3,5 milhões de artigos e mais de 720 milhões de palavras em 205 idiomas e dialetos, contém mais de um milhão de artigos em língua inglesa, segundo dados de Fevereiro de 2006, e 147.437 artigos em língua portuguesa. A maioria das entradas tratam-se de artigos, mas o número total de entradas inclui imagens, páginas de usuários, páginas de discussão, etc” (WIKIPÉDIA, 2006). Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/WIKIP%C3%89DIA>>. Acesso em: 30 mar. 2005.

¹⁶ Disponível em <<http://www.mundopequeno.com>>.

O *Portal de Encontro de Bloqueiros do Brasil* oferece várias formas de busca de *blogs*, destacando-se os por tema, por idade, por estado e cidade e, também aleatoriamente. Já o *Mundo Pequeno*, é um site exclusivamente para *links*¹⁷ de *blogs* de brasileiros que vivem no exterior, em países de todos os continentes. Por esse motivo, esse site foi o que se apresentou mais adequado para ser foco de investigação dessa pesquisa.

Na Figura 1, apresenta-se a interface do referido site, no qual se observa que é possível identificar o país e a quantidade de *blogs* de brasileiros que nele residem. Na mesma figura, a direita, tem-se algumas informações que caracterizam o site como não comercial e que por isso seria de difícil atualização.

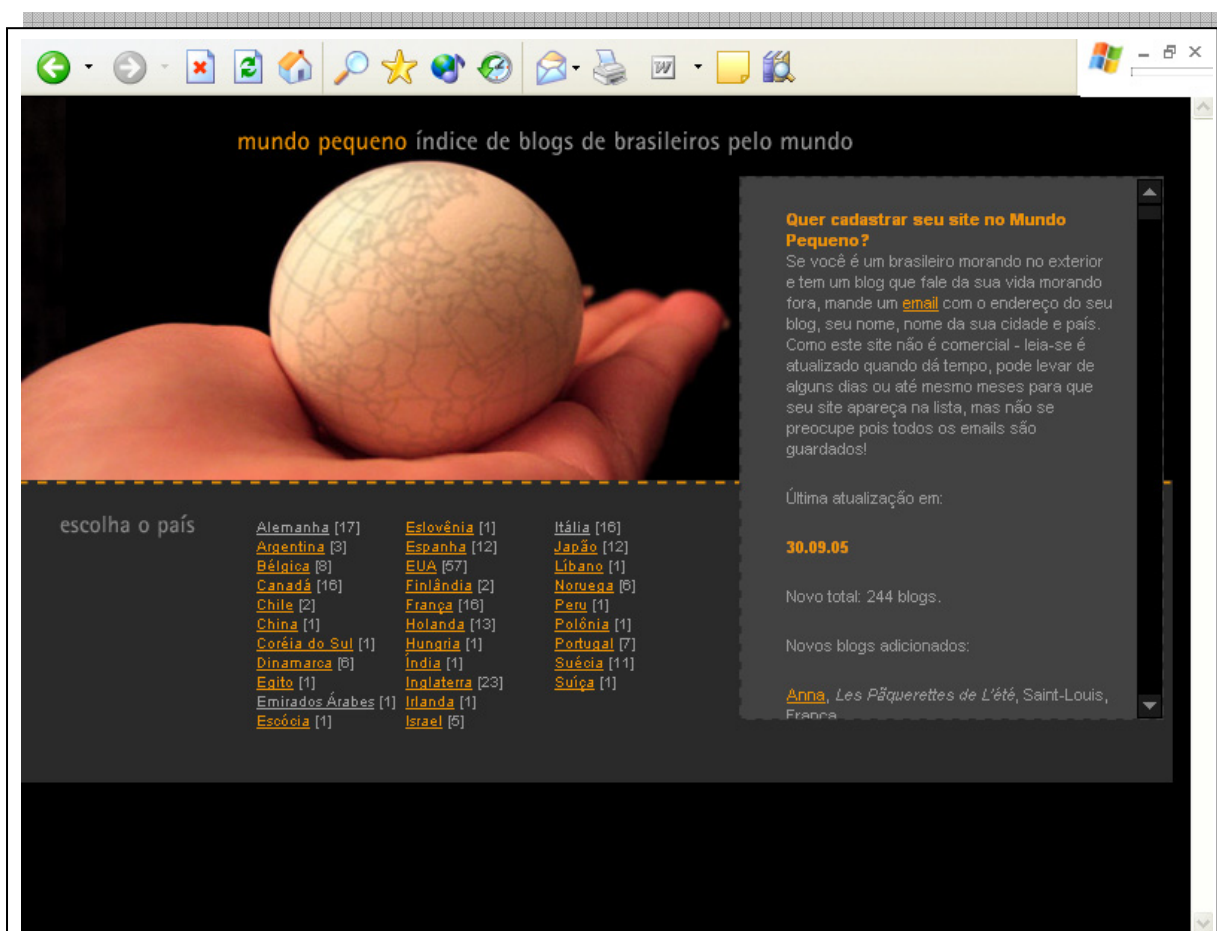


Figura 1 – Interface do site *Mundo Pequeno*

Fonte: Mundo Pequeno: índice de blogs de brasileiros pelo mundo. Disponível em: <<http://www.mundopequeno.com>> Acesso em 11 nov. 2005.

¹⁷ Segundo Lèvy (1999) *link* é freqüentemente traduzido como “vínculo”, “um link é uma conexão entre dois elementos em uma estrutura de dados. Os links permitem a navegação dentro de um documento hipertextual (ou hipermídia). Na Internet, um link é qualquer elemento de uma página da *Web* que possa ser clicado com o mouse, fazendo com que o navegador passe a exibir uma nova tela, documento, figura etc” (p.256).

É importante ressaltar que o site funciona, realmente, como um índice, ou seja, apesar de se observar que a última atualização data de 30 de setembro de 2005, isso se refere a última inclusão de *blogs*. Entretanto, isso não quer dizer que os *links* remetam a *blogs* desatualizados, mas eles remetem, na maioria das vezes, a páginas com *post*¹⁸ do dia da visita. Assim, todos os 244 *blogs* cadastrados foram úteis à pesquisa.

Como a facilidade que o site *Mundo Pequeno* proporcionou a localização do *corpus* da pesquisa, optou-se por analisar todos os *blogs* cadastrados até a primeira visita. Ocorre que alguns *links* levavam a *blogs* que já haviam trocado de endereço, entretanto, aqueles que apontavam para a nova localização, foram seguidos, pois tratava-se do mesmo indivíduo, e esse foi localizado tendo como ponto de partida o site *Mundo Pequeno*.

Localizados os *blogs*, passou-se, então, para a análise dos mesmos. Apesar do número bastante elevado de usuários disponibilizados no site *Mundo Pequeno*, a metodologia empregada na pesquisa foi de relatar e destacar apenas as manifestações discursivas intrínsecas à temática proposta, ou seja, poder-se-ia analisar uma quantidade “x” de *blogs* e a ocorrência de manifestações nesses já seriam suficientes para uma interpretação satisfatória, ou analisar todo o universo e ainda assim não obter uma quantidade satisfatória de manifestações discursivas que levassem a uma identificação dos processos de constituição identitária territorial.

Desse modo, como é inerente aos estudos de Geografia Cultural, é normal que a metodologia fosse se estruturando na medida em que se explora o objeto de análise. Assim, utilizaram-se apenas as manifestações relevantes e que se articularam com a temática proposta, ou seja, foram utilizados apenas os excertos que permitiram identificar os processos de constituição identitária, independente do número de *blogs* analisados.

Nesse contexto, buscou-se manter a coerência com a temática proposta, ou seja, interagindo com todos os meios que proporcionem informações e descobertas sobre o estudo que se pretende realizar. Assim, livros, revistas, jornais, sites, *blogs* entre outros, foram o instrumental chave para a pesquisa.

¹⁸ Ato de publicar textos, hipertextos, imagens, em uma determinada data em seu blog, como por exemplo: “Desde novembro de 2005 não conseguia postar nesse blog por problemas do weblogger, então nos mudamos, agora o Tangosofia está aqui! Venham sempre nos visitar!”. Excerto extraído do blog <http://tangosofia.weblogger.terra.com.br/>.

Destaca-se, também, que configura-se na paisagem pós-moderna, uma nova forma de produzir o conhecimento, de estabelecer relações sociais, de protestar, de se divertir, de consumir, os quais ganham destaque no ciberespaço. Enfim, a grande teia dos computadores precisa ser analisada, ser problematizada, ser encarada não como a única, mas como mais uma possibilidade de investigação, que interage e condiciona a vida digital e social na sociedade pós-moderna.

Esta não é uma tarefa fácil de ser executada e não se tem a pretensão de descartar e desconsiderar qualquer contribuição geográfica já proferida; pelo contrário, o que se espera é tentar estabelecer um diálogo com a Geografia. Nesse sentido, procurou-se, através de tendências espacializadoras e características da Geografia Cultural, debater novos conceitos, principalmente o de ciberespaço, que emergem da produção e reprodução espacial da subjetividade humana, e que se tornam fundamentais no período *técnico-científico-informacional* que vive a sociedade contemporânea.

1 **BACKBONE**¹⁹ GEOGRÁFICO

1.1 **Backbone e Hardware: Geografia e Espaço**

Primeiro, o *social* ficava nos interstícios do natural; hoje é o *natural* que se aloja ou se refugia nos interstícios do social (SANTOS, 1996, p.106).

Antes de se deter no tema da pesquisa, mais propriamente dito, o ciberespaço, fazem-se necessárias algumas reflexões à cerca do pensamento geográfico e de seu objeto de estudo: o espaço geográfico. Acredita-se serem essenciais tais reflexões, no sentido de minimizar (ou maximizar) os efeitos das dicotomias geográficas, uma vez que o trabalho está alicerçado na convicção de se tratar a Geografia de uma ciência, eminentemente social.

Estudar o espaço implica ter noções de sua ocupação e da reciprocidade da sua dinâmica de transformação com a da produção humana, ou seja, ao mesmo tempo em que o espaço em permanente transformação é moldado, atua nas populações humanas que com ele interagem. Nesse sentido, compreende-se que a dinâmica da produção humana não ocorre só através da materialidade, mas, fundamentalmente, através da subjetividade do pensamento humano que produz e reproduz espaços distintos. Assim, a produção humana pode ser entendida com suas *grafias* registradas no espaço, mas também através de sua cultura, representada pelos códigos culturais que têm na língua, no folclore, na religiosidade e na gastronomia, importantes signos culturais.

Para aqueles que acreditam ser a Geografia uma ciência física, onde o central seria o estudo dos fenômenos da natureza, dos quais o homem seria refém, mas ao

¹⁹ Utilizou-se o termo para referir-se a matrizes teóricas da Geografia como coluna dorsal, pois, backbone é a de uma rede. Representa a via principal de informações transferidas por uma rede, neste caso. Segundo a RNP (2001) “[...] A configuração da Internet pode ser compreendida como uma organização de vários níveis. As linhas de conexão com maior fluxo de dados, que ligam os grandes centros de informação, constituem os backbones. A palavra "backbone" significa, do inglês, "espinha dorsal". Se fizermos uma analogia entre a rede da Internet e as ruas de uma cidade, cada backbone corresponderia a um conjunto de avenidas principais, onde o fluxo é mais intenso. A limitação da analogia é que em uma cidade há só uma malha de ruas e avenidas, enquanto na Internet há vários backbones diferentes conectados entre si. O contato entre os diversos backbones é feito através de pontos de conexão chamados Pontos de Troca de Tráfego (PTT)”.

mesmo tempo causador de sua “ira”, em função de sua ação sempre contraditória a manutenção da biostasia²⁰. Através desta concepção de Geografia, pode-se indagar, então, qual seria a repercussão de um grande terremoto ou de um *tsunami*²¹ se os mesmos não tivessem atingindo tragicamente as populações? O que se quer demonstrar é que esses fenômenos ocorrem independentemente da ação antrópica. Entretanto, ganham importância à medida que agridem, destroem as formas, as funções, as “próteses” que o homem coloca sobre o espaço para lhe proporcionar melhores condições de vida. Enfim, a sociedade molda, e exige mudanças, cada vez mais rápidas, atreladas aos avanços técnico-científicos. O mundo só é o que é devido à presença humana, pois toda concepção de mundo o é a partir do ponto de vista do homem e não da natureza. Entretanto, o que não se pode negar é que a natureza pode disponibilizar condições mais ou menos favoráveis ou desfavoráveis para as ações humanas.

Nesse contexto, é crucial o entendimento do papel central que o processo de industrialização e a concepção de desenvolvimento capitalista tiveram na ratificação do modelo científico calcado no progresso e na razão, essa sempre preenchida de um conteúdo matemático que garantiu por longo período a hegemonia de uma sociedade desigual, que pretendia o progresso a qualquer custo, pois tudo era em nome da ciência, portanto, era racional²².

Entretanto, esse modelo começa a ser questionado quando, conforme Moreira (2002: p. 51-52)

a relação entre o homem e a natureza ganhara um caráter utilitário por excelência, diante de um proveito econômico que jogara para trás a finalidade de troca metabólica; homem, trabalho e técnica aparecendo como algozes de uma natureza indefesa diante de uma ideologia do progresso, que tudo desomina, sobretudo o próprio homem. Então, como numa reação em cadeia de quem acumulara forças aguardando seu momento de

²⁰ O conceito de *biostasia* remete a noção de equilíbrio. Segundo Ab'Saber (1985 apud PELLOGGIA, 1997, p.261) trata-se de um [...] “quadro de elaboração mais lenta e habitual de morfogênese e pedogênese, vinculados a um tipo especial de equilíbrio ecológico, e a um particular sistema integrado de evolução paisagística”. Também utilizando-se da definição da enciclopédia virtual Wikipédia (2006) obtém-se que “la **biostasia** es una situación de equilibrio entre el suelo, el clima y la vegetación que dificulta los procesos de transporte de los materiales”.

²¹ Conforme Winge (2001), Glossário Geológico Ilustrado do Instituto de Geociências da Universidade de Brasília, *tsunami* é uma “grande onda ou sucessão de ondas marinhas que se desloca em alta velocidade (pode viajar a mais de 700km/h) com grande comprimento de onda (pode ter mais de 100km) e de pequena amplitude e que pode ser catastrófica ao atingir as linhas de costa. Um *tsunami* pode ter várias origens: tremores sísmicos ou terremoto (maremoto) no assoalho oceânico, por diastrofismo e/ou vulcanismo principalmente; deslizamentos ou avalanches submarinas; impacto meteorítico”.

²² MOREIRA, 2002.

retorno, eclode ao longo dos anos 60 e 80 uma sucessão de desastres ecológicos de efeitos destrutivos, que sepultaram os argumentos de eficiência sociohumana da razão técnico-científica humana.

Assim, para se compreender com mais clareza o tema desenvolvido e associá-lo ao objeto de estudo, acreditou-se necessária uma revisão nas matrizes teóricas da ciência geográfica. Nesse sentido, é possível evidenciar como as *crises*²³ nos debates à cerca do método e do objeto da Geografia, acabaram forjando uma consistência epistemológica que atualmente permite se rever o papel da ciência enquanto um instrumento universal de desenvolvimento humano e como a interpretação do espaço, enquanto categoria de análise, foi sendo construída no decorrer da evolução do pensamento geográfico.

1.1.1 Backbone Naturalista

O enfoque cultural adotado na pesquisa não acompanhou a evolução do pensamento geográfico e é compreensível, pois em sua trajetória de consolidação enquanto ciência, a Geografia vivenciou algumas concepções naturalistas que lhe deram o “*status*” de ciência empírica e de síntese. A própria identidade da ciência geográfica se associa ao surgimento em meio a crises. Conforme Claval (2002, p.11)

A geografia tal qual a conhecemos nasceu de uma crise que transforma, na segunda metade do século XVIII, o que era a disciplina desde o final da Antiguidade [...] A partir do século XVI, os Estados ocidentais, cientes do que podiam ganhar com um melhor conhecimento da Terra, das rotas marítimas e das grandes possibilidades que viriam com as trocas, contribuíram com a aventura cartográfica. [...] O trabalho dos geógrafos associava então levantamentos astronômicos para estabelecer as latitudes com pesquisas em arquivos para avaliar as distâncias geográficas e as longitudes a partir de uma leitura crítica dos documentos de viagem. Nos meados do século XVIII, os avanços dos procedimentos de determinação astronômica das longitudes e a invenção do cronômetro marítimo questionam essa primeira profissionalização da geografia (GODLEWSKA, 1999). [...] Os geógrafos perdem a metade da sua área tradicional. Devem reciclar-se. Muitos tiram proveito de suas competências eruditas para lançarem-se na reconstituição das geografias do passado. A corrente mais dinâmica opta por outra orientação: dedica-se à descrição do mundo de acordo com a perspectiva das ciências naturais. Alexandre de Humboldt é um bom exemplo dessa reorientação.

²³ Aqui crise é utilizada no mesmo sentido de Moreira (2002, p.47), para o autor o termo ao mesmo tempo em que é um indicativo de compreensão imprecisa, é também anunciativo da percepção de que mudanças mais amplas estão para acontecer.

Como se pode observar, nas palavras de Claval (2002), a própria sistematização da ciência geográfica é marcada por uma lacuna deixada a partir da “desprofissionalização” do geógrafo em virtude do avanço tecnológico. Assim, a primeira concepção da Geografia enquanto ciência, teria um caráter naturalista baseado na descrição das paisagens, na individualidade dos lugares e na diferenciação de áreas. É importante destacar que essa primeira concepção não é descolada do contexto histórico, em que esta se estrutura. Em pleno século XVIII, apesar da efervescência iluminista e dos avanços técnicos, é indiscutível que o meio físico geográfico demonstrava-se mais resistente à sua incorporação social.

Nesse sentido, a epígrafe de abertura do capítulo é elucidatória, na intenção de ilustrar as significativas mudanças, ou, até mesmo, a inversão de papéis, que ocorre entre homem e natureza.

Seguindo o pensamento de Santos (1996, p. 105-106), concorda-se que

A primeira presença do homem é um fator novo na diversificação da natureza, pois ela atribui às coisas um valor, acrescentando ao processo de mudança um dado social. Num primeiro momento, ainda não dotado de próteses que aumentem seu poder transformador e sua mobilidade, o homem é criador, mas subordinado. Depois, as invenções técnicas vão aumentando o poder de intervenção e a autonomia relativa do homem, ao mesmo tempo em que se vai ampliando a parte da “diversificação da natureza socialmente construída”.

Pode-se dizer, então, que a Geografia cria sua primeira contradição, pois na medida em que as concepções naturalistas consolidam-se, evoluem as formas de organização social do homem, e como abriu-se a crise de atribuição do geógrafo as portas do século XVIII, o determinismo geográfico²⁴ começa a instigar o papel do homem e da sociedade na relação com a natureza.

²⁴ Concepção que condicionava o comportamento, os costumes e as características culturais de um povo em função das condições naturais, principalmente climáticas, à que estava submetido. Nos exemplos de Sodré (1989, p.37) observa-se que o determinismo já disseminava-se desde a antiguidade tendo ele nascido “com os primeiros rudimentos sobre aspectos e fenômenos que viriam a ser objeto da Geografia. A forma inicial do determinismo esteve ligada à relação entre o clima e o homem. Exemplo de formulação ligada a esse modelo de interpretação pode ser o de Hipócrates: “Se os asiáticos são hesitantes, sem coragem e de caráter menos belicoso e mais doce do que os europeus, é preciso procurar a causa essencial disso na natureza das estações. Sem sofrer grandes variações, elas são, entre aqueles, quase todas idênticas, passando insensivelmente do calor ao frio. Nessas condições de temperatura, a alma não experimenta essas vivas emoções, como o corpo não se ressentir dessas bruscas mudanças, umas e outras conferindo, evidentemente, ao homem um caráter mais rude, mais rebelde, mais violento do que quando ele vive nas condições de temperatura invariável; porque essas passagens bruscas de um extremo a outro despertam o espírito do homem e arrancam-no ao estado de preguiça e de insatisfação”.

O determinismo geográfico teve sua máxima representação na obra do geógrafo alemão Friedrich Ratzel. Na contramão dos deterministas anteriores, Ratzel acabou por introduzir o homem no centro de sua preocupação, embora, conforme Sodré²⁵, tenha tratado-o “[...] como produto final de uma evolução, cuja principal forma era a seleção natural dos tipos, na conformidade da capacidade de se ajustarem ao meio natural”. À medida que os geógrafos vão incorporando o homem aos seus estudos, novas concepções vão surgindo, e a visão naturalista vai cedendo lugar a novas formas de análise geográfica, alimentando outro paradigma da ciência geográfica, o possibilismo geográfico.

O possibilismo geográfico, outro paradigma da Geografia Tradicional, apesar de combater o determinismo geográfico, era igualmente influenciado pelo positivismo²⁶. Surgiu com destaque na escola francesa que teve como principal referência teórica Paul Vidal de La Blache. Da mesma forma que os deterministas, os possibilistas alicerçavam suas teses na relação homem-meio. Entretanto, diferentemente dos naturalistas, concebiam o homem como agente ativo nesta relação.

Conforme Vidal (2001, p.30), o homem intervém na paisagem grafando seus hábitos, costumes, cultura

Deste modo, sua idéia-chave é a das “possibilidades ambientais”, todo grupo humano, ao ter conhecimento do ambiente físico que o cerca, vislumbra as formas como pode utilizar e opta pelas que estão mais de acordo com suas aptidões. Percebe-se enfim, que o meio natural tem influência relativa, pois fornece uma série de alternativas cujo desenvolvimento dependerá do grupo humano.

No cerne do desenvolvimento do pensamento possibilista, ganharam destaque os estudos regionais, onde a relação do homem com o meio ganha caráter especial, ao inserir questões como a do desenvolvimento cultural. Neste sentido é essencial a contribuição de Bezzi (1996, p.67), para quem

[...] a região seria um espaço em que as características culturais (ou físicas e humanas) se interpenetram de tal forma, como resultado de uma evolução histórica, que conferem a um determinado espaço características de homogeneidade que o diferenciam de qualquer outro espaço contíguo. A

²⁵ SODRÉ, 1989, p.49.

²⁶ Dessa forma, tanto determinismo como possibilismo geográficos constituíam a Geografia Tradicional.

região passa a ser, então, o resultado de uma síntese entre o homem e o meio natural.

Também Bezzi (2004, p.45), destaca o papel que o possibilismo representou para a Geografia em geral e para os estudos regionais em particular pois,

[...] das duas concepções de região na Geografia Tradicional, ou seja, a de região natural e a de região humana ou região geográfica, a contribuição da primeira é mais restritiva, uma vez que, para a ciência geográfica, somente o ambiente e as condições físicas não são capazes de explicar o todo e, portanto, de se caracterizar como um estatuto do conhecimento geográfico. Por outro lado, admite-se que são de maior relevância as regiões geográficas nas quais ocorre e se reproduz a ação humana, com sua cultura, suas atividades, sua economia. Não há dúvida, pois, de que um recorte espacial deverá expressar as características peculiares do trabalho humano. São essas peculiaridades que definem a região, no sentido verdadeiramente geográfico, priorizando, na dualidade homem versus natureza, a ação transformadora do homem. A Geografia ganhou, assim, com o possibilismo geográfico, “possibilidades” para um novo direcionamento nos estudos regionais, no período em que a Escola Tradicional comandava os estudos geográficos.

Como pode-se observar, o surgimento do possibilismo revigorou o debate geográfico no interior da Geografia Tradicional. No entanto, apesar de salientar a ação humana, ainda se limitava a privilegiar as “possibilidades” que o meio natural oferecia. Na atualidade, admite-se que é o homem que cada vez mais transforma o meio de acordo com suas técnicas, reduzindo-o significativamente, em prol de uma crescente artificialização do espaço.

1.1.2 Backbone Pragmático

As novas formas de abordagem geográfica, indiscutivelmente, surgem da eminente ação transformadora do homem sobre a superfície da terra, e da combinação desta com os aspectos naturais, o que para Claval (2002, p.15), trata-se das “[...] regiões geográficas quando as atividades humanas se inscrevem nos quadros desenhados pelas regiões naturais, as regiões agrícolas, industriais, turísticas, históricas”. Concorda-se com o autor, e com a relevância dessa concepção, enfatizando que a mesma “[...] não dê um papel mais ativo aos homens,

às suas opções, aos seus sonhos e às suas aspirações”²⁷.

A acelerada intervenção humana sobre a superfície da terra e as mudanças na matriz do pensamento geográfico conduziram ao surgimento de inúmeras possibilidades no fazer geográfico. Reafirmando suas origens de crises, tais possibilidades não se deram em nenhum momento histórico de forma “pacífica” ou consensual. As vertentes do pensamento geográfico que se consolidaram por um longo período, pelo menos do século XVIII, até meados do século XX, como majoritárias, traziam a herança da ciência empírica e de síntese, o que fez com que a mudança na via natureza-sociedade ocorresse de forma lenta e gradual, mas mesmo quando acontecesse se daria de forma a apenas agregar o homem as observações e análises do espaço físico material.

Nesse momento, meados do século XX, consolida-se a abordagem funcionalista²⁸, ou a Geografia Pragmática²⁹. É bem verdade que, na consolidação dessa nova forma de pensar a ciência geográfica, que não deixaram de haver ramificações e concepções diferenciadas dentro desse novo paradigma.

Segundo Moraes (1993), seriam três as ramificações mais destacadas dessa *Nova Geografia*, a Geografia Quantitativa, a Geografia Sistêmica e a Geografia da Percepção. A primeira é aquela que traduziu o espaço em um mosaico, ou como definiu Claval (2002, p.16-17)

trata-se de um espaço cujas propriedades geométricas contam, mesmo sabendo que o fator Terra está presente em todas as combinações produtivas, que morar implica consumir espaço e que alguns lugares se diferenciam pela presença de fatores.

A Geografia agora alicerçada na razão, na expressão dos fenômenos por termos numéricos³⁰, está elevada ao nível de ciência aplicada e o próprio êxito dessa forma de fazer Geografia, foi o que possibilitou o desenvolvimento de sua crítica. Não se trata de se desconsiderar a contribuição da Geografia Quantitativa, afinal dela foram possíveis as grandes formulações em torno das questões regionais, as contribuições das distribuições em redes e sem dúvida o emprego de técnicas

²⁷ CLAVAL, 2002, p.15.

²⁸ Idem.

²⁹ MORAES, 1993.

³⁰ Idem.

avançadas na interpretação do espaço. Ou seja, aliou-se a concepção qualitativa à quantitativa, a lógica nos estudos geográficos.

Ocorre que dessa Geografia pouco se via dos homens, das suas interações, das suas experiências. Consolida-se uma Geografia que em nome do planejamento cria o espaço organizado, a noção de hierarquia espacial, que segundo Moreira³¹ salienta “[...] as decisões de localização na formação das paisagens econômicas”, as supondo racionais.

Essa racionalidade é criticada em diversos aspectos. Conforme Moreira (2002, p.56-7),

Tomada como medida das coisas a razão é preenchida de um conteúdo matemático. Tem origem aí a invenção da natureza e do homem moderno e, pelo mesmo lance, o tempo e o espaço, sempre vistos como pares separados, dicotomicamente excludentes e identificados um com a presença e outro com a ausência da razão e da racionalidade.

Também, nesse sentido, os avanços técnicos que possibilitaram, por exemplo, ao homem ver a terra de seu exterior, com a *corrida espacial*, proporcionada pela Guerra Fria, facilita essa mudança de concepção e fortalece a visão global da inserção do elemento humano no mosaico de regiões naturais, econômicas ou industriais. Dessa mudança de concepção e de organização do espaço, desenvolve-se a noção de centralidade. Através dela as decisões passam a ser orquestradas e articuladas em torno de um pólo, o que traz a noção de centro-periferia, justificando a necessidade de uma visão excludente, na forma de binômios, para a manutenção da hegemonia do poder econômico.

Conforme Claval³², “[...] o binômio centro-periferia está no centro das análises funcionais do espaço. Ele mostra a existência de regiões deprimidas, inclusive nos países industrializados, e de países em via de desenvolvimento na escala mundial”.

A abordagem funcionalista da Geografia Pragmática assumiu a presença do homem no espaço como uma peça fundamental e a partir de suas fórmulas e planejamentos matemáticos, organizou e hierarquizou o espaço para o homem. No entanto, sua visão totalitária, como a naturalista, dificultou que esse planejamento levasse em conta, justamente o central, o espaço humano.

³¹ MOREIRA, 2002, p.56.

³² CLAVAL, 2002, p.19.

Aquele que deveria ser o palco onde os atores sociais representariam toda sua criatividade, sonhos e desejos, transformou-se em uma fria forma geométrica, com conteúdo meramente integrante e não atuante.

Mais uma vez, resgata-se Claval (2002, p.20), quando o autor diz que

Diferentemente das concepções naturalista da geografia, o enfoque funcionalista não se inscreve numa perspectiva evolucionista. O espaço que essa apreende não é o produto da dinâmica da sociedade submetida às forças da natureza. É o produto de uma história. [...] nesse enfoque, o espaço se limita a considerações de custos [...] Essa geografia é uma ciência social, porém fala muito pouco dos homens.

1.1.3 Backbone Materialista

Da incapacidade de explicar e responder as questões da diversidade dos homens, mas de sua legitimação científica, surge, com força, uma nova abordagem que busca trazer respostas às contradições inscritas no espaço: *a Geografia Crítica*. Aqui, apesar de mencionar-se a vinculação da Geografia Sistemática e da Geografia da Percepção, como matizes da Geografia Pragmática, na concepção de Moraes (1993), concorda-se com Claval (2002) quando esse autor as identifica como precursoras de uma Geografia Crítica, pois, da análise sistêmica à introdução de instrumentos da psicologia nas investigações geográficas é que surgem os primeiros questionamentos a razão quase inquestionável da Geografia Quantitativa.

O precursor e, segundo Moraes³³, formulador da “[...] crítica mais radical da Geografia Tradicional foi, sem dúvida, Yves Lacoste, em seu livro *A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra*”. Nessa obra, Lacoste identificou o que Moraes (1993) chamou de *Geografia dos Estados-Maiores e Geografia dos Professores*. Enquanto a primeira denotava um sentido de poder, a segunda mascarava a existência da primeira, estruturada em discurso tradicional.

A crítica de Lacoste explicitava o caráter de dominação da burguesia, através de um aparato institucional e ideológico e que Moraes (1993, p.115) enfatizou como

[...] o questionamento das teses tradicionais, efetuado pela Geografia Crítica, é muito mais profundo. Incide nos compromissos sociais e nos posicionamentos políticos em jogo, e aponta para propostas de renovação, que implicam uma ruptura com a Geografia Tradicional, e, mais que isso, na

³³ MORAES, 1993, p.14.

construção de um conhecimento que lhe seja antagônico, de um discurso que a combata, de teorias que se contraponham às tradicionais. Daí Lacoste definir seu trabalho como “guerrilha epistemológica”.

Por outro lado, a vertente que mais ganhou representatividade foi aquela que alicerçou seus esforços teóricos no materialismo histórico e questionava o caráter de classe da Geografia Quantitativa, uma vez que ela acabava por servir ao Estado como suporte para suas ações estratégicas e materiais no espaço. Sua proposta de generalização desconsiderava as contradições espaciais, buscando trazer para o campo dos estudos geográficos uma postura de denúncia.

Conforme Moraes (1993, p. 121-122), houve lacunas uma vez que

A Geografia de denúncia não realizou por inteiro a crítica da Geografia Tradicional, apesar de politizar o discurso geográfico. Por esta razão, ela se mostrou problemática, sem que isso atentasse à sua importância e eficácia política. Se, por um lado, criava uma perspectiva de militância para os geógrafos conscientes, por outro não resolvia a contento as questões internas dessa disciplina, pois colocava a explicação das realidades estudadas fora do âmbito da Geografia, ficando esta como um levantamento dos lugares, um estudo da projeção do modo de produção no espaço terrestre. Assim, limitava-se a um estudo das aparências, sem possibilidade de indagar a respeito da essência dos problemas. A manutenção da ótica empirista vedava a análise dos processos essenciais e a explicação era sempre externa a Geografia. Poder-se-ia dizer que estes autores tinham uma ética de esquerda, porém instrumentalizada numa epistemologia positivista. Daí, sua posterior superação.

A trajetória do pensamento geográfico, marcada por um caráter de classe, e nesse sentido da classe dominante, uma vez que os geógrafos tradicionais limitavam-se à descrição, e os geógrafos pragmáticos com sua abstração e teorias matemáticas e, todo instrumental do planejamento, dedicavam-no para o Estado Burguês. Os conceitos geográficos como região, espaço, território resurgem no bojo da Geografia Crítica, alicerçados no materialismo histórico e dialético, mas também na Geografia Humanística e na Geografia Cultural, baseados na fenomenologia e na percepção.

Dessa forma, Bezzi (2004, p.48) salienta que

[...] a partir da década de 70, as ciências, de um modo geral, são chamadas à prática social. A Geografia teve que se inserir nesse movimento, uma vez que estava sendo acusada de acrítica, ideológica e conservadora. No bojo dessas transformações, deu-se início a um processo de críticas radicais que, em grande parte, coincidiu com uma aceitação do discurso marxista. Ocorre, então, a incorporação de novos paradigmas à Geografia.

Nessa perspectiva, da necessidade de uma Geografia coerente com uma *práxis* social, uma das maiores contribuições, não só à Geografia Crítica, mas a ciência geográfica como um todo, é a do geógrafo Milton Santos, que a denominou Geografia Nova³⁴. Milton Santos, Rui Moreira, Henri Lefebvre, são os nomes mais expressivos de uma Geografia militante, mas que rompem com a ortodoxia do marxismo. Aliás, a Geografia Crítica ou Radical tem suas bases teóricas inspiradas na obra de Karl Marx, o que apesar de ter cumprido um papel importante em um determinado momento, não conseguiu superar a necessidade de romper com o positivismo³⁵, pois a excessiva necessidade de fornecer um caráter científico ao socialismo marxista, fez com que seus seguidores acabassem esbarrando em um determinismo econômico.

Santos apesar de ter suas origens na militância marxista, inclusive tendo sido exilado no período da ditadura militar, ao buscar contrapor de forma sistemática a Geografia Tradicional e a Geografia Quantitativa, e após uma minuciosa avaliação crítica das mesmas, trouxe uma imensa contribuição na busca pelo que deveria ser o objeto geográfico, e introduz a discussão à cerca do espaço social. Sua obra, na leitura de Moraes (1993, p. 123), apresenta como argumento a necessidade de

discutir o espaço social, e ver a produção do espaço como o objeto. Este espaço social ou humano é histórico, obra do trabalho, morada do homem. É assim uma realidade e uma categoria de compreensão da realidade. Toda sua proposta será então uma tentativa de apreendê-lo, de como estudá-lo. Diz que se deve ver o espaço como um campo de força, cuja energia é a dinâmica social. Que ele é um fato social, um produto da ação humana, uma natureza socializada, que pode ser explicável pela produção.

Superada ou não, a Geografia Crítica trouxe importantes contribuições para ciência geográfica. Mesmo quem não opta pela utilização de seu método reconhece as formulações a respeito do objeto e dos estudos que Santos buscou ao longo da sua trajetória acadêmica, ou seja, propor e discutir as categorias de análise do espaço geográfico.

³⁴ De acordo com Moraes (1993) seria uma contraposição a Nova Geografia.

³⁵ Segundo a enciclopédia digital Wikipédia o “Positivismo é uma corrente filosófica cujo iniciador principal foi Augusto Comte (1798-1857). Surgiu como desenvolvimento filosófico do Iluminismo, a que se associou a afirmação social das ciências experimentais. Propõe à existência humana valores completamente humanos, afastando radicalmente teologia ou metafísica” (WIKIPÉDIA, 2006). Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Positivismo>> Acesso em 05 de janeiro de 2006.

1.1.4 Backbone Cultural

A perspectiva cultural na Geografia vem se consolidando como um importante campo de pesquisas sociais e humanas. Entretanto, como em todos outros momentos e esferas do pensamento geográfico não alcançou a homogeneidade epistemológica e metodológica. Teve também suas contradições no decorrer de sua produção científica, sendo possível perceber que as contribuições encontraram um longo e desafiador percurso na busca de um método que pudesse ser reivindicado como seu.

Assim, a produção vai de autores como Sauer (2003) que já em 1931 faz um esforço teórico para definir a Geografia Cultural através da apropriação dos métodos da geomorfologia, onde o homem seria mais um dos modeladores do relevo. Reinventa uma Geografia Cultural, mas afirma que o método deve ser aquele que tenha por objetivo a observação e a capacidade de sintetizar. Tenta sustentar sua tese associando a cultura ao que chamou de objetivo geral da Geografia.

Conforme Sauer³⁶, “[...] a geografia cultural implica, portanto um programa que está integrado com o objetivo geral da geografia, isto é, um entendimento da diferenciação da Terra em áreas”.

Pode-se afirmar, então, que, Sauer já preocupava-se com a possibilidade de a Geografia Cultural tornar-se excessivamente antropocêntrica. Em suas origens na Geografia Humana do século XIX, onde predominava o pensamento positivista, o interesse da Geografia Cultural direcionava-se aos aspectos materiais das culturas como o vestuário, o habitat, os utensílios e as técnicas³⁷. Esse primeiro direcionamento de interesse experimenta um descrédito principalmente no período compreendido entre 1940 e 1970, e segundo Claval (1999, p.60) tinha três razões principais

(a) Falar das culturas sem tratar das representações, das opiniões ou das crenças parece, cada vez mais, absurdo. Uma reflexão mais sistemática sobre a cultura deve ser realizada, se desejamos que a disciplina reencontre seu crédito. (b) O progresso técnico se acelera e a diversidade dos utensílios e dos equipamentos diminui, ou desaparece completamente. O estudo dos aspectos técnicos das civilizações, o qual estava no cerne da geografia cultural tradicional, apresenta menos interesse. (c) Nas cidades, os tipos de atividades se diversificam, de sorte que a descrição dos gêneros de vida perde sua credibilidade.

³⁶ SAUER, 2003, p.25.

³⁷ CLAVAL, 1999.

Dessa forma a Geografia Cultural parecia que não suportaria tal crise, pois a medida que a sociedade se transforma, os temas centrais da Geografia Cultural Tradicional, vão perdendo sua diversidade em prol de uma vigorosa padronização, ou universalização, de técnicas e uma imensa explosão demográfica rumo as cidades que abaca diversificando a atividade urbana. Isso fez com que houvesse a necessidade de uma renovação remete à reflexão epistemológica.

Surgem com força o interesse pelas idéias e pelas representações, que começam a ganhar sentido nos estudos sobre identidade cultural, que justamente oferecem elementos ao questionamento do positivismo e a escalada globalizante de um padrão compartamental e cultural.

Conforme Claval (1999, p.62), essa situação encontra sua resistência nas identidades que reforçam o local, pois

A uniformização das técnicas não cessa de se afirmar, mas a resposta de populações que vêem se dissolver algumas das marcas mais antigas de suas identidades é mais forte do que se esperava. As pessoas têm o sentimento de que seu ser profundo está ameaçado pela padronização dos tipos de vida e dos produtos. Elas começam a procurar novas fontes de identidade. Nos Estados Unidos, os jovens voltam-se de bom grado para as sabedorias e filosofias orientais. Na Europa ocidental, os regionalismos experimentam um despertar muitas vezes vigoroso. Na Europa oriental, os nacionalismos, adormecidos na época soviética, retornam à cena. No Oriente Médio, muitas vezes é através da reafirmação dos fundamentos da fé tradicional que as inquietudes do mundo atual se exprimem.

Entretanto, ao mesmo tempo que há um fortalecimento identitário, o fluxo de notícias e informações que circulam o mundo, remetem a uma idéia de multiculturalismo. O que a princípio poderia ser uma situação de reafirmação de convicções, de defesa de identidade, com os avanços técnicos e, principalmente, com a emergência do ciberespaço, começa a experimentar profundas mudanças de comportamento. Apesar de não ser consensual na nova Geografia Cultural, que então emerge nos anos 80, com duas principais frentes teóricas.

Conforme McDowell (1996 apud MAIA, 2001, p.90),

uma desenvolvida no Reino Unido e outra nos Estados Unidos: a primeira tornou como foco principal as relações sociais e o significado simbólico, reveladas em ações sociais em um determinado lugar ou localidade, enquanto a segunda enfocava mais especificamente sobre paisagens em si.

A primeira linha, a que foi adotada para essa pesquisa, procurou enfatizar de forma mais central as questões das relações sociais e adotou uma crítica que, muitas vezes, convencionou-se chamar de crítica pós-moderna. Nesse sentido, a contribuição de Cosgrove (1999, p.19) é fundamental, quando afirma que

A emergência de uma nova geografia cultural é parte de uma resposta intelectual muito mais ampla ao colapso das fronteiras intelectuais herdadas dentro da academia, e a um trabalho crescente de flexibilidade teórica e empírica que alguns rotularam de pós-moderna.

Ainda sobre a emergência do espaço como agente central nas transformações que modelam a sociedade, em uma perspectiva pós-moderna, Cosgrove (1999, p.19) afirma que

Em acréscimo ao privilegiamento do espaço como um agente ativo na modelagem tanto dos eventos como do nosso conhecimento deles, as reivindicações pós-modernas desestabilizaram radicalmente a fixidez daqueles espaços sobre os quais a explicação e a narrativa geográfica podiam participar embora introduzindo uma perspectiva mais aberta e inclusiva através

Nessa perspectiva, é importante a contribuição do autor no sentido de aproximar a Geografia e a História, mas também propor suas substituições por espaço e lugar e por passado e memória respectivamente. No primeiro caso, porque as noções de espaço e lugar trazem consigo uma percepção além da diferenciação ambiental, enquanto que no segundo, a memória e passado apresentam conexão com o presente e o futuro, e pela memória juntamente com o desejo constituir a temporalidade que faz emergir os lugares, como fenômenos vividos e significativos³⁸.

Essa aproximação também é defendida por autores como Capel (2001, p.44), que inclusive destaca a indissociabilidade entre espaço e tempo, sendo que

Tiempo y espacio son, sin duda, esenciales en geografía. La geografía es la ciencia del espacio, como la historia lo es del tiempo. Pero si espacio y tiempo están tan íntimamente ligados, geografía e historia lo han de estar necesariamente también, como ya defendió Kant. Porque el estudio de los procesos espaciales es imposible sin considerar a la vez el tiempo, sin estudiar las transformaciones y el movimiento.

³⁸ COSGROVE, 1999, p.23.

No bojo dessa revigorada produção, alguns temas da Geografia foram substituídos por outros que representam de forma mais significativa a contemporaneidade. Cita-se, como exemplo, a emergência do lugar e do território. Esses seriam, na perspectiva cultural, as principais referências na produção, negociação e troca entre as identidades³⁹.

A conexão entre os conceitos e os processos de formação das identidades é explicada, com muita propriedade, por Claval (2002, p.33), quando o autor salienta que

O palco deve o seu caráter aos atores que nele se encontram, à peça que interpretam e ao cenário em que acontece. O conjunto possui uma certa unidade: é o que faz dele um lugar (ENTRICKIN, 1991). Quando um lugar toma a forma de um tecido de lugares carregados de sentido para toda uma população, ele se torna território (BONNEMAISON, 1997 e 1998). O espaço transformado em território oferece aos grupos uma base e uma estabilidade que eles não teriam sem isso. Faz nascer um sentimento de segurança. As paisagens que o caracterizam, os monumentos que nele se encontram tornam sensível a história coletiva e reforçam a sua força, O território constitui um dos componentes essenciais das identidades.

Pelas palavras do autor, percebe-se que o lugar é aquela unidade onde as trocas e as relações de poder, por primeiro, estabelecem os traços mais marcantes da identidade, ao se conectarem em um complexo tecido, com trocas mais amplas e também mais que complexas, formando o território⁴⁰.

1.1.5 O Espaço Geográfico como Objeto

A utilização do espaço como possibilidade de objeto de estudo da ciência geográfica, entretanto, tem sido questionada e criticada por muitos geógrafos, uma vez que se trata de uma concepção vaga e que não refletia as necessidades das especificidades do fazer geográfico.

Essa concepção é expressa por Moraes (1993, p.17), que salienta

³⁹ Aqui está focada a lente analítica da pesquisa, ou seja, buscar em conceitos geográficos os processos de constituição identitária, a partir do território e do lugar.

⁴⁰ É nesse sentido que buscou-se com essa pesquisa, evidenciar como as identidades de quem sai do seu lugar, do seu território se modelam em outro, e como o ciberespaço, que para alguns é desterritorializado pode constituir-se, através dos *blogs* em um lugar digital.

Existem ainda autores que buscam definir a Geografia como estudo do espaço. Para estes, o espaço seria passível de uma abordagem específica a qual qualificaria a análise geográfica. Tal concepção, na verdade minoritária e pouco desenvolvida pelos geógrafos, é bastante vaga e encerra aspectos problemáticos. O principal deles incide na necessidade de explicitar o que se entende por espaço — questão polêmica, ao nível da própria Filosofia. [...] Entretanto, esta Geografia, que propõe a dedução, só conseguiu se efetivar à custa de artifícios estatísticos e da quantificação.

Pode-se dizer, então, que a tarefa de explicar o que é o espaço é complexa e envolve concepções filosóficas distintas. Entretanto, mesmo que não se tenha a pretensão de uma exaustiva busca na Filosofia, sobre o conceito do espaço, não se pode negligenciar a uma busca epistemológica à concepção de espaço para os geógrafos.

Como já se mencionou anteriormente, nas origens da Geografia, a consolidação desta como uma ciência empírica e de síntese, faz com que a leitura epistemológica de seu objeto, muitas vezes, não tenha sido exercitada. Para estabelecer um debate no âmbito espacial, é preciso reconhecer as carências conceituais da Geografia, por esta ter, de acordo com Machado⁴¹, “[...] suas origens em um saber eminentemente empírico”, o que resultou, “[...] na maior parte do tempo, em uma preocupação com explicações e questões mais gerais referentes ao campo teórico, mais propriamente, ao campo epistemológico”. A autora aponta ainda que “[...] as raras declarações teóricas feitas pela Geografia tinham por objetivo final manter sua própria unidade, protegendo-a, assim, das possíveis rupturas institucionais entre Geografia Física e Geografia Humana”⁴².

Na verdade, o debate sobre o conceito de espaço é precedido pela discussão da introdução do homem nos estudos geográficos, pois a medida que avança a influência da ação humana sobre o espaço, através de suas técnicas, e através do estabelecimento de suas complexas relações sociais, a análise geográfica começa a experimentar novos conceitos, pois já não basta descrever o que se vê, mas sim entender o que se estabelece.

Nesse sentido, é importante resgatar Sodré (1989, p.93)

Não apenas a importância do homem, para a Geografia, representou um dos problemas fundamentais para o seu avanço. Outro problema foi aquele ligado ao conceito de espaço, que ficou conhecido e gravado mais, em certa

⁴¹ MACHADO, 1997, p.17-18.

⁴² Ibid., p. 18.

época, pelo seu sinônimo imperfeito de solo, a que a escola ratzeliana concedeu tão amplo relevo. Pierre George colocou bem esse problema: “A Geografia é uma ciência do espaço, mas seus métodos são diferentes daqueles das ciências naturais do espaço. Como ciência do espaço, ela é chamada a fazer balanço do que representa, globalmente, esse espaço para os homens que aí vivem. Não pode consegui-lo senão partindo da análise de todas as peças e de todos os processos que constituem esse espaço e seu dinamismo. Mas difere precisamente das ciências da natureza no que, para ela, esta análise não é senão um meio, como não é senão do ponto de partida e não do resultado”.

É possível observar que o homem e o espaço foram desafios e causavam diversos embates teóricos-metodológicos para a Geografia, e ambos conjugam-se de maneira bastante interessante. Assim, o espaço à medida em que, mesmo com as desconfianças e polêmicas até hoje sustentadas, foi incorporado como objeto aos estudos geográficos. Consolidava-se, na mesma via, que a humanidade e seus “sistemas de objetos e sistemas de ações”⁴³ se ampliavam e se tornavam cada vez mais complexos, exigindo da ciência geográfica explicações mais consentâneas com esta realidade.

Conforme Seabra⁴⁴, “[...] é preciso marcar os fundamentos da diferenciação do ser social (humano) perante os demais seres (animados e inanimados) que são passíveis de conhecimento pelo homem e, em particular, de conhecimento científico”.

Antes de adentrar-se as possibilidades geográficas do espaço e suas polêmicas, entende-se necessário conhecer a origem da palavra espaço, a qual, segundo Brunet (1992 apud MACHADO, 1997, p.21), tem significado na etimologia, pois

Espaço. Palavra vital para a Geografia. Sua etimologia latina — spatium — inclui a idéia de “passo”, o que é possível de ser mensurado com os passos; também aproxima-se do significado do termo grego `core' que indica uma idéia de vida, de lugar, no sentido de existir o lugar como uma página em branco onde se colocam a ação humana e o trabalho do geógrafo.

Não obstante as suas origens etimológicas, que já apresentavam certa disparidade da origem latina para a grega, ao agregar-se ao conhecimento geográfico, o espaço também encontrou resistências, uma vez que, se tratado como

⁴³ SANTOS, 1996.

⁴⁴ SEABRA, 1984, p.9.

objeto e comparado com o tempo, porque, segundo Silva⁴⁵, “[...] o tempo nasceu com a História e vice-versa, enquanto que a Geografia não nasceu com o espaço e o espaço não nasceu com a Geografia. O espaço, principal conceito da Geografia, *sempre esteve no mundo independente da Geografia*”.

Dessa forma, em um primeiro momento considera-se de suma importância a primeira delimitação conceitual que se apresenta com a expressão espaço geográfico, que apesar da pouca precisão, tornou-se um referencial em relação à pluralidade de significados do termo espaço. Nesse sentido, distinguir os significados de espaço geográfico e de outros espaços, segundo Smith⁴⁶ dois conceitos são essenciais para tal tarefa e se tornaram muito importantes para a Geografia, sobretudo após 1950, espaço absoluto e espaço relativo.

De acordo com Machado (1997, p.19),

O conceito de espaço absoluto se efetivou com os estudos newtonianos a partir do século XVII, apesar de já ter sido esboçado parcial e anteriormente pelos atomistas gregos. É o espaço independente, existindo por si mesmo, separadamente da matéria e possível de se definir por meio de um sistema de coordenadas cartesianas, como latitude e longitude. O espaço relativo é aquele que depende diretamente da matéria, dos objetos. É o conceito de espaço desenvolvido por Einstein, fortemente vinculado ao tempo. As relações espaciais são, na verdade, relações entre partes específicas da matéria, são puramente relativas ao comportamento e à composição dos objetos e dos eventos materiais. Representa, na verdade, uma relação entre objetos, a qual só existe porque os objetos existem e se relacionam.

Esses dois conceitos foram os pilares do desenvolvimento da Geografia Tradicional e da Nova Geografia, enquanto o espaço absoluto servia às descrições e observações da primeira, o espaço relativo serviu a segunda como campo geométrico, onde, com os avanços tecnológicos e com a possibilidade de ser a terra visualizada de seu exterior, tornou cada vez mais abstrata a concepção de espaço relativo.

Conforme Machado⁴⁷, “[...] essa abstração progressiva acabou conduzindo a Geografia ao entendimento do espaço enquanto espaço matemático, negligenciando seu fundamental campo de trabalho, as atividades e os eventos sociais, isto é, seu aspecto concreto, real e social”.

⁴⁵ SILVA, 2002, p.27.

⁴⁶ SMITH, 1984, p.36.

⁴⁷ MACHADO, 1997, p.20.

Outros conceitos também merecem relevância como o espaço produzido de Henri Lefebvre, o qual segundo Claval⁴⁸ seria o resultado “[...] das representações mentais compartilhadas pelos atores sociais”, onde “[...] esses procuram, a todo custo, transformar seu sonhos em realidade”⁴⁹.

O espaço vivido de Frémont⁵⁰ inspirava-se na experiência vivida, na percepção, e que contrapunha-se ao espaço alienado. Segundo o autor, o “[...] espaço vivido, ao contrário (do espaço alienado), deveria participar na promoção dessa idéia sempre nova: a felicidade”. Na leitura de Frémont, Claval⁵¹, baseado no conceito de espaço vivido, atribuía ao geógrafo o caráter de “[...] testemunha do mundo: quando é convocado a depor, tem o direito e o dever de dizer o que viu e o que viveu”.

Ainda, em uma visão um pouco mais catastrófica, o espaço crítico de Virilio (1993, p.106), quando o autor afirma que

Reduzido progressivamente a nada pelos diversos meios de transporte e comunicação instantâneos, o meio geofísico sofre uma inquietante desqualificação de sua “profundidade de campo” que degrada as relações entre o homem e seu ambiente.

Como se observa, além das primeiras contradições entre a natureza e a sociedade, as concepções de espaço também oferecem dualidade nas interpretações geográficas. Nesse sentido, é importante a contribuição de Seabra (1984, p.15-16)

Na perspectiva das ciências analíticas — na qual se colocam aqueles que se propõem a falar em Geografia do ponto de vista analítico, parece-nos pertinente distinguir uma Geografia da Sociedade e uma Geografia da Natureza em que nesta última fosse abordado, através dos métodos de investigação das ciências naturais, o resultado objetivo da ação do homem sobre a “Superfície da Terra” e na Geografia do Homem, com métodos das ciências sociais, a Natureza aparecesse, antes de mais nada, como recurso natural, ou seja, algo que adquire sentido para a sociedade em questão, de forma historicamente determinada; e em Geografia, é evidente como recurso que tem uma localização e distribuição no contexto do espaço produzido e em produção. Mas uma Geografia da Sociedade em que a Natureza aparecesse não apenas como recurso em seu estado bruto, mas também transformado e materializado em objetos com valor de troca e de uso (com peso específico maior de um desses componentes do par dialético conforme a realidade social atual que se considere) e em boa parte fixados

⁴⁸ CLAVAL, 2002, p.24.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ FRÉMONT, 1980, p.241.

⁵¹ CLAVAL, op.cit., p.26.

no solo e expressando a parte material do espaço produzido e em produção. É fundamental essa última consideração para deixar claro que, se as relações sociais não podem ser coisificadas, reduzidas a coisas, elas não existem sem as coisas e, essas, transformadas pelo conhecimento científico e tecnológico do homem, em coisa humana, determinam também o espaço produzido e a reprodução, ampliada desse espaço.

Seabra (1984), em seu trabalho, especifica a necessidade da distinção das duas Geografias existentes, a da natureza e a da sociedade. Concorde-se com autor que essa ambigüidade não necessariamente é excludente em termos das duas interpretações, mas que se precisam revisar as questões de método em cada uma delas e, principalmente, na que ele convencionou chamar de Geografia da Natureza.

Porém, o que se pretende é trabalhar na perspectiva da Geografia da Sociedade e, nesse sentido, faz-se necessária a compreensão dos avanços técnicos e tecnológicos que acabam por instalarem-se no espaço e, conseqüentemente, geram novas dinâmicas que se apresentam a partir dessa realidade. Essas dinâmicas são causa e efeito do que se denomina globalização, e que hoje atinge um processo avançadíssimo de homogeneização econômica, política e técnica, restando ainda apenas o obstáculo cultural.

Neste contexto, Hobsbawn (1999, p.71) adverte,

Antes de tudo, a globalização depende da eliminação de obstáculos técnicos, não de obstáculos econômicos. Ela resulta da abolição da distância e do tempo. Por exemplo, teria sido impossível considerar o mundo como uma unidade antes de ele ter sido circunavegado no início do século XVI. Do mesmo modo, creio que os revolucionários avanços tecnológicos nos transportes e nas comunicações desde o final da Segunda Guerra Mundial foram responsáveis pelas condições para que a economia alcançasse os níveis atuais de globalização.

Dessa forma, o ponto de partida apresenta-se como a proposta de Santos⁵², para quem o espaço deve ser definido “[...] como um conjunto indissociável de sistemas e objetos e de sistemas de ações”. Para o autor, não se trata da adição apenas do meio técnico ao meio natural, mas, “[...] da produção de outra coisa, onde o objeto técnico aparece como condição de existência de um meio misto⁵³”, o que para Simondon era o *Meio Associado*, e esse contribuiu para a noção de *meio-técnico-científico* de Santos (1996).

⁵² Santos, 1996, p.18.

⁵³ Idem.

Ao discorrer sobre a incorporação da noção de *Meio Associado* por outros autores, como Stiegler (1994), Santos (1996) questiona a reprodução do dualismo inerente à Geografia ao tratar o meio técnico e o meio geográfico como antagônicos e unidos pelo objeto técnico. Assim, o autor propõe a análise a partir da fusão desses meios na produção de meio geográfico, pois segundo Santos (1996, p.34)

[...] é como se se buscasse renovar a oposição entre um meio natural e um meio técnico, com a recusa em ver a técnica integrada ao meio como uma realidade unitária. [...] Mas o espaço é um misto, um híbrido, um composto de formas-conteúdo.

Ao mencionar a propagação desigual das técnicas, Santos (1996) fala do que seria a implantação seletiva sobre o espaço de “elementos técnicos provenientes de épocas diversas”. Entretanto, a propagação desigual, atualmente, tem muito mais a ver com a *qualidade* do objeto técnico do que com a proveniência temporal do mesmo. Um exemplo dessa circunstância é dado por Capel⁵⁴, o qual afirma que “[..] la difusión de tecnologías y, en particular, la telefonía móvil ofrecen nuevas posibilidades a los países pobres”.

Resgata-se mais uma vez Santos⁵⁵ quando o autor enfoca que “[...] em que medida a noção de espaço pode contribuir à interpretação do fenômeno técnico, e, de outro lado, verificar, sistematicamente, o papel do fenômeno técnico na produção e nas transformações do espaço geográfico”.

No ciberespaço, é possível observar a sociedade humana realizando-se, através da migração de diversas dessas realizações para o espaço virtual. Conforme Negroponte (1997, p.10), uma dessas realizações seria a substituição da

[...] movimentação regular, na forma de pedaços de plástico, de música gravada, assim como o lento manuseio humano da maior parte da informação, sob a forma de livros revistas, jornais e videocassetes, está em via de se transformar na transferência instantânea e barata de dados eletrônicos movendo-se à velocidade da luz⁵⁶.

Ainda nesse sentido, Silva (2003a, p.31) traz importante contribuição

⁵⁴ Capel, 2004.

⁵⁵ Ibid. p.34.

⁵⁶ A transformação de elementos físicos em dados eletrônicos, somada a crescente inserção de componentes eletrônicos no cotidiano das pessoas e a possibilidade de move-los a velocidade da luz configuram o que Negroponte (1997) chamou de *Vida Digital*.

A vida digital está estreitamente ligada à velocidade com que a mídia eletrônica se transforma, “fazendo com que as pessoas e discursos estejam em muitos lugares ao mesmo tempo, distâncias sejam abreviadas, imagens e sons circulem vertiginosamente, capitais se reúnam, pessoas se *aproximem* virtualmente, e, por que não dizer, *realmente*” (GARBIN, 2003, p.2). Segundo LÉVY, “a velocidade de transformação é em si mesma uma constante – paradoxal – da cibercultura” (1999, p.26).

Outra possibilidade destacada, é a função desempenhada pelo *e-mail*. Negroponte⁵⁷ analisa que “[...] o correio eletrônico vê hoje sua popularidade explodir porque constitui um veículo assíncrono e legível pelo computador”. Ou ainda, conforme salienta Tapscott⁵⁸, ao estudar o comportamento dos jovens na *web*, afirma que o correio eletrônico já é parte da vida da *Geração Net*⁵⁹ e a frase “[...] *me envie um e-mail* tornou-se a expressão de despedida de uma geração”.

São crescentes os estudos que problematizam as relações humanas no ciberespaço, análises de identidades juvenis em *chats*⁶⁰ de músicas realizadas por Garbin (2001), ou identidades de sexualidade nas listas de discussão de e-mails desenvolvidas por Nussbaumer (2002).

São apenas exemplos de um fenômeno descrito por Garbin⁶¹ em que a Internet deixa de “[...] ser vista como um local apenas de troca, de busca de informação ou ainda de encontros entre pessoas, mas, também, como um local de produção de conhecimento”.

E ainda, Nussbaumer⁶², em seus estudos, observa que as “[...] relações que se estabelecem no ciberespaço parecem ter como princípio organizador a busca por afinidades e interesses comuns. Diferentes espaços surgem na rede, normalmente, a partir de temas aglutinantes”.

⁵⁷ NEGROPONTE, 1997, p.161.

⁵⁸ TAPSCOTT, 1999, p.5.

⁵⁹ Conforme Tapscott (1999, p.3), “[...] o termo *Geração Net* ou *N-Gen* refere-se à geração de crianças que, em 1999, tem entre 2 e 22 anos de idade, não apenas aquelas que são ativas na Internet. A maioria dessas crianças ainda não tem acesso à Internet, mas tem algum grau de influência no meio digital. A vasta maioria dos adolescentes afirma saber usar um computador. Quase todo mundo tem experiência com videogames”.

⁶⁰ *Chat* – “sala de bate-papo, em que as interações são ao vivo e em tempo real” (GARBIN, 2001, p.45). Inicialmente oferecidos apenas por portais de provedores de Internet, hoje amplamente disseminado pelo ciberespaço, os chats são encontrados nos mais diversos sites da Web. Além de disponível nos sites de provedores, existem programas específicos para conversas *online*, como por exemplo, o ICQ, o IRC (*Internet Relay Chat*), o MSN Messenger, etc.

⁶¹ GARBIN, 2003, p.1.

⁶² NUSSBAUMER, 2002, p.61.

A partir das funções do ciberespaço e da expansão da sua utilização, fortalecem-se as relações humanas. Na visão de Garbin⁶³, “[...] encontramos no limiar entre o real e o virtual, inseguros da nossa posição, inventando-nos a nós mesmos”.

Para Nussbaumer (2002, p.61), essa relação se estabelece em um

jogo [...] entre o real e o virtual, entre o real e a representação (de si mesmo ou de personagens), entre identidades e identificações, nos ajuda a melhor compreender o fascínio que exercem os sites, os *chats*, as listas de discussão temáticas, bem como as comunidades virtuais que se proliferam no ambiente da rede.

O que se pode observar é que essas realizações ocorrem independentemente de uma base territorial, embora o ciberespaço, enquanto produto ou objeto técnico, necessite de diversas formas de materialidade, não exclusivamente delas, mas para uma análise geográfica, é necessário compreender, como afirma Silva⁶⁴, que “[...] o núcleo é o espaço e não o ciber”.

1.2 Espaço, Técnica e Redes

Técnicas agrícolas, industriais, comerciais, culturais, políticas, da difusão da informação, dos transportes, das comunicações, da distribuição etc.; técnicas que, aparentes ou não em uma paisagem, são, todavia, um dos dados explicativos do espaço. Tais técnicas não têm a mesma idade e desse modo se pode falar do anacronismo de algumas e do modernismo de outras, como, naturalmente, de situações intermediárias (SANTOS, 1994, p. 61).

É por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo cria espaço (SANTOS, 1996, p. 25).

⁶³ GARBIN, 2001, p.37.

⁶⁴ SILVA, 2002, p.25.

1.2.1 A técnica, o espaço e o tempo

Pelas citações de Santos (1994 e 1996), pode-se afirmar que esse autor foi um dos principais geógrafos a empregar a técnica como um instrumento essencial utilizado pelo homem na transformação, produção e reprodução do espaço geográfico. As duas citações que introduzem esta seção ilustram a visão do autor sobre a importância das técnicas, definindo que suas características são marcadas têmporo-espacialmente ao longo da evolução da sociedade humana.

Resgata-se a discussão da técnica, na perspectiva de se justificar a essência eminentemente geográfica do ciberespaço. O ciberespaço, em muitas das tentativas de sua definição, aparece associado ao instrumental técnico o qual viabiliza as relações sociais que se estabelecem via a interconexão das redes de computadores.

Nesse sentido, compreender a técnica com seu viés espacializador, faz-se estritamente necessário, pois o caráter espacial das relações sociais é construído na interação técnica, na sociedade e na cultura. Segundo Serra⁶⁵, “[...] a Ciência e a Técnica irão garantir a dominação do homem sobre a natureza: o homem tornar-se-á senhor e possuidor da natureza”⁶⁶.

Conforme Serra (1995), é importante enfatizar que

Heidegger e McLuhan foram, seguramente, os pensadores contemporâneos que deram os passos mais importantes para a compreensão da Técnica. Heidegger é o filósofo que nos permite compreender a Técnica a partir da tese fundamental de que "a essência da técnica não é nada de tecnológico", e que nos alerta para o "perigo" implicado na Técnica moderna; McLuhan é o sociólogo dos media que nos permite compreender a Técnica como "extensão do homem", e o teorizador do conceito, hoje repetido até à exaustão, de "aldeia global".

Santos (1996) traz várias concepções sobre a evolução das técnicas no decorrer do tempo, o que ele denominou de *períodos técnicos*⁶⁷. Dentre as várias terminologias ou nomenclaturas para esses períodos, um fato é comum nas

⁶⁵ SERRA, 1995, online.

⁶⁶ No Discurso do Método, diz Descartes (s/d apud SERRA, 1995): "Com efeito, essas noções (gerais sobre Física, adquiridas até ao momento) mostraram-me que é possível chegar a conhecimentos muito úteis à vida e que em vez dessa filosofia que se ensina nas escolas se pode encontrar uma outra prática que, conhecendo o poder e as acções do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão distintamente como conhecemos os diversos misteres dos nossos artífices, os poderíamos utilizar de igual modo em tudo aquilo para que servem, tornando-nos assim como que senhores e possuidores da natureza."

⁶⁷ SANTOS, 1996.

referências feitas pelo autor: a existência de três grandes momentos técnicos. Para Santos⁶⁸, o primeiro seria o das técnicas intuitivas, onde “[...] não há um método para descobrir ou transmitir as técnicas utilizadas”. O segundo pode ser caracterizado por uma transmissão consciente dessas técnicas. Entretanto, o que ocorre é a “destreza e não a ciência”. E, por fim, o terceiro período seria então o da “consciência”, quando se instala a tecnologia e o pensamento passa se desenvolver vinculado à ciência moderna.

É importante ressaltar o marco proposto com a revolução industrial. Santos (1996, p.138) aponta mais uma divisão tripartite da técnica, mas também ressalva que

O papel que as técnicas alcançaram, através da máquina, na produção da história mundial, a partir da revolução industrial, faz desse momento um marco definitivo. É também, um momento de grande aceleração, ponto de partida para transformações consideráveis. Por isso é freqüente iniciar com essa data a periodização da história da técnica, confundindo-a, assim com a história do maquinismo.

No primeiro momento, teríamos as técnicas fabris; no segundo, a produção em massa e, por último, no estágio atual que vivemos, com o desenvolvimento de sistemas baseados em computadores, a automação. Esse último momento técnico presencia um processo de introdução e de inovação de técnicas muito mais velozes do que em qualquer outro momento histórico. Essa característica de velocidade na propagação das técnicas vai propiciar o envolvimento de um número maior de pessoas e, permitir também, a colonização de mais áreas, através da dependência tecnológica, pois segundo Santos (1996, p. 145)

A tecnologia atual se impõe como praticamente irreversível. Essa inevitabilidade tanto se deve ao fato de que a sua difusão é comandada por uma mais-valia que opera no nível do mundo e opera em todos os lugares, direta ou indiretamente, quanto em razão da formidável força do imaginário correspondente, que facilita a sua inserção em toda parte.

De certa forma, a afirmação acima mencionada explica a criação da *Era das Telecomunicações* baseada na “combinação entre a tecnologia digital, a política neoliberal e os mercados globais”⁶⁹.

⁶⁸ Ibid., p.137.

⁶⁹ Ibid., p. 147.

Nesse sentido, Santos (1996, p.148) enfoca que

É a partir do computador que a noção de tempo real, um dos motores fundamentais da nossa era, torna-se historicamente operante. Graças exatamente, à construção técnica e social desse tempo real é que vivemos uma instantaneidade percebida, uma simultaneidade dos instantes, uma convergência dos momentos.

A reorganização territorial e a produção espacial procedente dos avanços das técnicas vão ter um reflexo mais contundente a partir da compreensão de que a informatização é um novo modo de organização do trabalho, no qual o papel operante do tempo real coloca em constante simultaneidade.

Paralelamente ao desenvolvimento global das técnicas, é possível perceber o processo de *convergência dos momentos*⁷⁰, através da sincronia do global com o fragmento, da parte com o todo. É nessa relação que a noção de tempo real ganha realidade trazendo a vida social, política e aos negócios. A eficácia do uso adequado do tempo e do espaço acaba por ampliar o poder das firmas capazes de utilizá-los. Neste contexto, surgem cidades eletronicamente interligadas, em uma rede instantânea por onde passam informações econômicas, sociais e culturais, que são tanto locais como globais.

Conforme Silva (2002, p. 15), pode-se afirmar que

A revolução tecnológica das telecomunicações via informática criou não só um ambiente artificial – a cidade eletrônica – como também tem impactado na cidade real. As principais cidades do país e do mundo já estão reestruturando seu espaço, em face das grandes empresas transnacionais que demandam a inserção dos lugares em um espaço de fluxos globais, como é o caso da Volkswagen, em Resende (RJ). Do ponto de vista da força de trabalho, a cultura da rede já altera a geografia dos trabalhadores. Tradicionalmente, a cidade real é diferenciada internamente entre o local de trabalho e a residência. Hoje alguns empresários já promovem a utilização da própria casa do trabalhador como um pequeno escritório acessado à rede central da empresa e ao mundo.

Assim, é possível identificar o quanto o ciberespaço é um espaço técnico, proporcionando alterações e mutações no espaço geográfico. Mas, mesmo que essas transformações sejam mais visíveis no âmbito das infra-estruturas, é inegável, que o ciberespaço, ao mesmo tempo, potencializa verdadeiras *revoluções culturais*

⁷⁰ Ibid., p. 148.

nas relações sociais cotidianas e faz com que conceitos cristalizados sejam revistos, a partir da convergência dessas suas duas características transformadoras.

Assim, em pleno século XXI, o homem parece estar vivendo as possibilidades idealizadas para futuro em termos de técnica. A evolução acelerada das tecnologias de comunicação somada a uma oferta, cada vez maior, de serviços *online*, têm configurado novas formas de pensar o tempo e o espaço, redesenhando o espaço geográfico.

Mais uma vez, resgata-se Santos (1996, p.45), quando o autor comenta que

As técnicas participam na produção da percepção do espaço, e também da percepção do tempo, tanto por sua existência física, que marca as sensações diante da velocidade, como pelo seu imaginário. Esse imaginário tem uma forte base empírica. O espaço se impõe através das condições que ele oferece para produção, para a circulação, para residência, para o lazer e como condição de “viver bem”. Como meio operacional, presta-se a uma avaliação objetiva e como meio percebido está subordinado a uma avaliação subjetiva. Mas o mesmo espaço pode ser visto como o terreno das operações individuais e coletivas, ou como realidade percebida. Na realidade, o que há são invasões recíprocas entre o operacional e o percebido. Ambos têm a técnica como origem e por essa via nossa avaliação acaba por ser uma síntese entre o objetivo e o subjetivo (Santos, 1996, p.45).

Concordante com Santos (1996), a proposta de síntese entre o objetivo e o subjetivo, é central no debate do ciberespaço; pois, na mesma medida que o ciberespaço possibilita sua interpretação como meio operacional (banco, cidade, lazer), cada vez mais, também, apresenta-se como espaço percebido ou vivido, quando aumenta o número de usuários que o utilizam como *um locale*⁷¹ *digital*, ou no mínimo, nele buscam ou constituem seu *locale digital* (blogs, sites pessoais, sala de *chats*, mais recentemente o MSN Messenger, ou seus concorrentes similares – ICQ, Yahoo, Skype) para manifestar seus cotidianos, seus sentimentos e suas noções subjetivas de um espaço percebido, cada vez mais comprimido e totalizante.

Nos *blogs*, por exemplo, os usuários, manifestam-se transitando com informações de diversas partes do planeta. Afirmam suas identidades territoriais em

⁷¹ Utilizou-se o termo *locale*, por concordar com o sentido forjado por Giddens (1987 apud CLAVAL, 2002, p.31) para definir “uma unidade elementar de relações sociais, de cultura, de sentidos e de lugares compartilhados”. Optou-se pela manutenção da tradução e leitura de Claval (2002), porque ao recorrer a obra de Giddens (2003), traduzida para o português, notou-se que o termo havia sido traduzido literalmente para *local*. Nas palavras de Giddens (2003, p.138), usar *locale* ao invés de lugar estava no fato de que “[...] as propriedades dos cenários são empregadas de modo crônico por agentes na constituição de encontros através do espaço e do tempo”. No capítulo 5, buscou-se definir e explicar mais profundamente o significado do que seria o *locale digital*.

determinados momentos, ao referirem-se ao Brasil, mas por já apresentar esta noção comprimida e totalizante do espaço global e da imersão no ciberespaço, demonstram preferências culturais multiterritoriais, que vão desde a afirmação de sua descendências, passam por diversos estilos musicais e chegam a preferências esportivas praticamente inexistentes no Brasil.

Essas transformações nas concepções de tempo e espaço, tornam-se significativas uma vez que geógrafos e filósofos, entre outros pesquisadores, assumem o espaço como objeto de estudo, sendo ele o “core” das ciências sociais. Ressalta-se que a concepção centrada no espaço não ocorre de maneira generalizada no meio acadêmico, ao contrário, várias são as críticas quando se questiona o tempo como o único motor de crítica social e, portanto, responsável pela dinâmica do conhecimento científico como um todo e na Geografia em particular.

Nesse sentido, a contribuição de autores como Michel Foucault (1972), Edward Soja (1993) e David Harvey (1993) apontam a necessidade da valorização do espaço nas ciências sociais. Nessa perspectiva, Soja⁷² compartilha com Foucault o pensamento de que o “[...] espaço foi tratado como o morto, o fixo, o não dialético, o imóvel. O tempo, ao contrário, era a riqueza, a fecundidade, a vida e a dialética”. Já para Harvey⁷³, há uma crise na experiência do espaço e do tempo, “[...] na qual categorias espaciais vêm a dominar as temporais, ao mesmo tempo em que sofrem uma mutação de tal ordem que não conseguimos acompanhar”.

Essa tendência espacializadora torna-se mais significativa com o avanço das técnicas e das tecnologias de comunicação. Concorde-se com Lèvy (2000) quando esse autor associa técnica, cultura e sociedade e destaca a necessidade da interação dessas três entidades para se entender que a sociedade e a cultura não são apenas alvos da tecnologia. Para o autor, as técnicas são produzidas dentro de uma cultura, e a sociedade é, na atualidade, condicionada pela vida digital, mas, não determinada por ela.

Resgata-se Lèvy (2000, p.22), quando o autor enfatiza que

Seria a tecnologia um ator autônomo, separado da sociedade e da cultura, que seriam apenas entidades passivas percutidas por um agente exterior? Defendo, ao contrário, que a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sócio-técnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria

⁷² SOJA, 1993, p.17.

⁷³ HARVEY, 1993, p.187.

independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria.

Pode-se dizer, então, que, para os geógrafos, a técnica é um suporte fundamental para a compreensão do espaço. Ela condiciona a vida em sociedade e também cria/recria e, conseqüentemente, produz e/ou reproduz o espaço. Assim, a diferenciação dos espaços está condicionada ao meio técnico-científico-informacional no qual esta sociedade se insere. Portanto, a técnica é uma mediação importante para se entender a evolução do espaço.

Segundo Santos (1996), o meio técnico caracterizou-se pela emergência do espaço mecanizado. Esse período técnico passou a distinguir áreas, espaços e regiões em função da densidade da substituição de objetos naturais e culturais por objetos técnicos. Dessa forma, os objetos técnicos e o espaço mecanizado passam a superposicionar de forma triunfante em relação às forças naturais.

Entretanto, apesar da característica espacializadora da técnica, na ciência geográfica ainda há deficiências quanto aos aspectos teóricos e metodológicos.

Conforme destaca Santos⁷⁴, deve-se ter em mente que “[...] as técnicas têm sido, com freqüência, consideradas em artigos e livros de geógrafos, sobretudo em estudos empíricos de casos. Mas é raro que um esforço de generalização participe do processo de produção de uma teoria e de um método geográficos”.

Ao se resgatarem os trabalhos geográficos sobre o ciberespaço, pode-se afirmar que a literatura ainda é restrita no Brasil. As primeiras produções já demonstram a seriedade com que o tema deve ser abordado. Segundo Silva⁷⁵, a Geografia como ciência “[...] possibilita um viés epistemológico de interpretação do ciberespaço a partir do conceito de espaço geográfico enquanto reflexo e condição das práticas sociais. É por isso que ratificamos o ciberespaço como uma projeção do espaço geográfico”.

Nesse contexto, o ciberespaço é parte integrante da sociedade contemporânea. Logo é uma realidade que a Geografia como ciência social/espacial, deve buscar compreender, pois se o espaço geográfico é o conceito que possibilita a análise do ciberespaço, a relação espaço e técnica torna-se um dos vieses interpretativos da sociedade em rede.

⁷⁴ SANTOS, 1996, p.27.

⁷⁵ SILVA, 2002, p.21.

Santos (1996) escreve sobre o sistema técnico atual, lembrando que toda esta racionalidade que testemunhamos também reside nos territórios, não sendo apenas mudanças no âmbito social e econômico. A técnica está totalmente na evolução das práticas culturais e sociais que transmutou ou se transmuta ao longo do tempo. Esses parecem ser pontos-chaves para um processo de planetarização.

De acordo com Silva⁷⁶, “[...] o espaço urbano é, cada vez mais, caracterizado por casas-escritórios, bairros 24 horas, locais de reunião mediados eletronicamente a longa distância, sistemas de produção, comercialização e distribuições flexíveis e descentralizadas”. Isso reafirma que o diferencial de análise do espaço geográfico está em perceber que o ciberespaço é uma nova forma de potencializar as relações sociais e os avanços das forças produtivas, ou seja, uma nova forma diferenciada de (re)produção do espaço geográfico.

Se o ciberespaço é um espaço de controle e de dominação, pode-se entender que uma das suas formas de análise do conceito de território na Geografia passa pelas relações sociais e pelas forças produtivas balizadas por forte conteúdo técnico-científico-informacional, base das novas redes comunicacionais.

Nesse sentido, concorda-se com Silva (2002, p.57) para quem

O tempo instantâneo e o espaço virtual são os novos vetores que se inserem e se articulam ao ambiente construído pela sociedade em rede telemática. O ciberespaço permite inúmeras possibilidades do mundo real. Desse modo, podemos afirmar que o ciberespaço não está desconectado da realidade.

1.2.2 A Sociedade em Rede⁷⁷

Um debate fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa é aquele que se desenvolve em torno da noção de rede. Entretanto, acredita-se que esta não é o foco central. Portanto, far-se-á uma breve análise, a qual tem por objetivo identificar algumas concepções de rede, para que se possa situar a análise. Como já se mencionou, de acordo com Silva⁷⁸, “[...] o núcleo é o espaço e não o ciber”, a rede é a que nos dá a materialidade, para nossa análise geográfica.

⁷⁶ Ibid., p.34.

⁷⁷ CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 2005.

⁷⁸ SILVA, op.cit., p.25.

Parte-se da compreensão, de que a técnica é o elemento chave na produção e reprodução do espaço, a partir de seu conteúdo social. Entende-se também que a rede pode apresentar algumas armadilhas que levam a uma interpretação meramente do seu conteúdo técnico. Nesse sentido, é preciso uma análise que se ocupe do caráter social da rede, principalmente trabalhando-se sob o prisma do ciberespaço. Acredita-se que, apesar da necessidade da materialidade técnica sobre o espaço para concebê-lo, é também necessário saber como as relações sociais que ocorrem nessa grande rede das redes, o ciberespaço, estão produzindo-o, moldando-o e transformando-o.

Conforme Ueda⁷⁹, destaca-se que “[...] ao pesquisar a temática das redes, não basta considerar somente sua dimensão técnica: impõe-se também considerar os processos sociais, econômicos, políticos etc”.

É notório o caráter social que a técnica em geral e as redes em particular, demonstram, e isso acaba refletindo em uma série de pesquisas na área das ciências sociais. Segundo Dias⁸⁰, é possível reconhecer, na larga difusão do termo rede, dois sentidos; enquanto conceito teórico – utilizado em diversos campos disciplinares –, ou enquanto noção empregada pelos atores sociais.

Santos (1996) reconhecia, na noção de rede, duas matrizes centrais, a da rede como realidade material e a da rede como dado social⁸¹.

Há que se destacar que a rede como dado social não necessita de uma exclusiva análise de sua relação, de seus elementos materiais com a sociedade, ou como suporte corpóreo para as relações sociais, como sugere Santos, (1996, p.210)

Já o estudo atual (das redes) supõe a descrição do que a constitui, um estudo estatístico das quantidades e das qualidades técnicas, mas, também, a avaliação das relações que os elementos da rede mantêm com a presente vida social, em todos seus aspectos, isto é, essa qualidade de servir como suporte corpóreo do cotidiano.

Ressalta-se que não se quer desconsiderar a contribuição de Santos (1996), mas contribuir com novos debates, possibilitados pela Geografia Cultural, onde o central não é a relação da rede e seu suporte corpóreo com a sociedade, mas as

⁷⁹ UEDA, 2005, p.157.

⁸⁰ DIAS, 2005, p.11.

⁸¹ Para este trabalho concorda-se com a perspectiva da rede como dado social.

relações sociais, conseqüentemente territoriais, estabelecidas no ciberespaço e como elas estão produzindo e/ou reproduzindo as identidades dos ciberhabitantes.

Nesse sentido, algumas analogias e metaforizações são interessantes e as empregam-se na perspectiva dada por Capel (2001) ao referir-se a obra de Jorge Luis Borges⁸², e de como esse nos ensina a usá-las.

Assim, para Capel (2001, p.15), é importante enfatizar que

Es cierto que las metáforas, como las analogías, no tienen gran valor explicativo, son similitudes superficiales entre fenómenos parecidos, sin que haya principios causales internos. Pero ¡cuánta fuerza puede haber en ellas! Las metáforas hacen pensar, como hace tiempo señaló el geógrafo Yi Fu Tuan, y las de Borges más aún. Las metáforas han sido consideradas por algunos lingüistas como esenciales para el conocimiento humano, para la percepción y la construcción de la realidad y para la aparición de nuevos sentidos a través de la comparación. Las metáforas suponen alguna similitud que seleccionamos y destacamos, han sido instrumentos importantes para la comprensión del mundo.

A partir dessa consideração como ignorar a analogia de Mitchell⁸³ ao comparar a WWW a fagulha de um *Big Bang* que desencadeia algo novo, onde “[...] la World Wide Web encendió la chispa y el resultado fue una explosiva expansión exponencial, um Big Bang que es el comienzo de algo genuinamente nuevo”.

Também, nesse sentido, a utilização de metáforas é bastante utilizada na relação entre as redes técnicas, principalmente a *web* e a hierarquia urbana. Assim, Buzai (2004, p.111) compara as grandes cidades a nós de uma rede planetária

En la actualidad, los centros urbanos forman parte de un sistema mundial verdaderamente globalizado y las principales ciudades de cada estado nacional pueden ser consideradas como *nodos* a partir de los cuales se ha formado una amplia red de flujos —algunos tangibles (productos industriales, personas) y otros intangibles (información, decisiones)— a través de los cuales el sistema capitalista ha creado relaciones a nivel planetario.

⁸² **Jorge Luis Borges** (Buenos Aires, 24 de Agosto de 1899 — Genebra, 14 de Junho de 1986) foi um escritor, poeta e ensaísta argentino mundialmente conhecido por seus contos. Jorge Luiz Borges estudou e viveu na cidade de Buenos Aires capital da Argentina e morreu na cidade suíça de Genebra, onde está sepultado, por opção pessoal. Sua obra se destaca por abordar temáticas como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia (Wikipédia, 2006) disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Luis_Borges>. Acesso em 10 de julho de 2006.

⁸³ MITCHELL, 2001, p.17.

Ao se recorrer ao recurso da metáfora, acaba-se observando sua grande utilidade, para tentar explicar os novos fenômenos proporcionados pelo advento da emergência das redes. Um bom exemplo é a representação da cidade contemporânea concebida por Virilio (1993, p.10), não mais como

determinada pelo cerimonial da abertura das portas, o ritual das procissões, dos desfiles, a sucessão de ruas e das avenidas; a arquitetura urbana deve, a partir de agora, relacionar-se com a abertura de um “espaço-tempo tecnológico”. O protocolo de acesso da telemática sucede o do portão. Aos tambores das portas sucedem os dos bancos de dados, tambores que marcam os ritos de passagem de uma cultura técnica que avança mascarada pela imaterialidade de seus componentes, de suas redes, vias e redes diversas cujas tramas não mais se inscrevem no espaço de um tecido construído, mas nas seqüências de uma planificação imperceptível do tempo na qual a interface homem/máquina torna o lugar das fachadas dos imóveis, das superfícies dos loteamentos [...]

A necessidade de recorrer ao recurso da metáfora ou da analogia, talvez origine-se na dualidade identificada por Castells (2005) entre a rede e o ser. Esse autor ao analisar as transformações proporcionadas pelos avanços tecnológicos, destaca que a partir da perda de legitimidade dos sistemas políticos e da fragmentação dos movimentos sociais, emerge a identidade primária (religiosa, territorial, étnica) que se fortalece com o advento da rede, mas que acaba contrastando com seu caráter abstrato.

Nesse contexto, Castells (2005, p.41) afirma que

Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. Enquanto isso, as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas. Segue-se uma divisão fundamental entre o instrumentalismo universal abstrato e as identidades particularistas historicamente enraizadas. *Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser.*

Há que se destacar, também, pertinente a leitura de Silva (2005, p.14703) da análise feita por Castells (1999), de que

[...] as redes comunicacionais teriam um campo fértil na disseminação da cultura, do discurso e na construção de uma identidade coletiva. Principalmente sob a ótica da identidade e das relações entre Estado –

Nação e Democracia, a partir do estudo das relações de identidade cultural, movimentos sociais e políticos.

A rede como uma das referências da modernidade, ou seja, como a materialização do pensamento positivista, principalmente no discurso geográfico, largamente utilizado pelos geógrafos funcionalistas, permaneceu por longo tempo com seu conceito associado à lógica racional de representações geométricas. Nesse sentido, é ilustrativa a afirmação de Ueda (2005, p.171), ao analisar a implantação da rede telefônica no Estado do Rio Grande do Sul, de que

O discurso da modernidade esteve presente no momento de implantação e difusão de todas as redes técnicas, pois atendia aos anseios de uma classe social economicamente dominante. A difusão de telefones nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre coincidiu com um período de rápida industrialização no Estado.

Essa constante presença do discurso da modernidade pode constituir-se em uma resistência a novos paradigmas e métodos de análise, e dessa forma alguns debates entre modernidade e pós-modernidade. Ao analisar a evolução dos períodos técnicos, Santos (1996, p.210-211), comenta

A chamada pós-modernidade, este período técnico-científico-informacional, marca um terceiro momento nessa evolução. Os suportes das redes encontram-se, agora, parcialmente no território, nas forças naturais dominadas pelo homem (o espectro eletromagnético) e parcialmente nas forças recentemente elaboradas pela inteligência e contidas nos objetos técnicos (por exemplo, o computador...). Desse modo, quando o fenômeno de rede se torna absoluto, é abusivamente que ele conserva esse nome. Na realidade, nem há mais propriamente redes; seus suportes são pontos.

Concorda-se com Santos (1996), quando o autor menciona que não existem mais “propriamente redes”, uma vez que seus suportes seriam pontos. São, pois, esses pontos que estão rompendo com a lógica exclusivamente material para a análise do fenômeno da rede. Os pontos de suporte, cada vez mais estão carregando um conteúdo identitário primário, no caso do *corpus*, analisado na pesquisa. Isso ficou fortemente evidenciado nas identidades territoriais, desterritorializadas fisicamente, socialmente e culturalmente, as quais encontram seu *locale* digital no ciberespaço, para resistir e assegurar sua territorialidade, mesmo que virtualmente.

Essa resistência torna-se essencial, pois os pontos, cada vez mais, subjetivos, nessa relação indissociável com a realidade, só se tornam válidos, quando há ação. É esclarecedora a concepção de Santos (1996, p. 211), quando autor afirma que

As redes são virtuais e ao mesmo tempo são reais. Como todo e qualquer objeto técnico, a realidade independente das redes é ser uma promessa. É assim que “a rede preexiste a toda demanda de comunicação e apenas realiza a comunicação solicitada” (Ch. Pinaud, 1988, p.70). Nesse sentido a primeira característica da rede é ser virtual. Ela somente é realmente real, realmente efetiva, historicamente válida, quando utilizada no processo de ação.

Destaca-se que se propôs, neste capítulo, resgatar de forma sintética, algumas noções que elucidassem a temática proposta, ou seja, a de compreender o ciberespaço como uma rede técnica, mas também como uma rede social. Cada vez mais, observa-se que, através das relações sociais estabelecidas, produz-se e reproduz-se um outro espaço geográfico. Alguns poderão chamar de virtual, mas a virtualidade inerente ao ciberespaço, ganha cada vez mais ação e, com isso, torna-se real.

2 O SISTEMA OPERACIONAL: DISCURSO E IDENTIDADE

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial (HALL, 2005, p.47).

Para entender a óptica com que se focalizou a temática em estudo, faz-se necessária a apreensão de alguns conceitos chaves, não os únicos, mas os mais centrais na análise territorial no processo de constituição identitárias dos usuários do ciberespaço, no caso, cultura, discurso e identidade. Esses três conceitos, ou abordagens, são fundamentais para se compreender a articulação entre a teoria, a temática, o objeto e o *corpus* analítico da pesquisa.

Inicialmente, a discussão está centrada na incorporação e significação da cultura nas Ciências Sociais, e como se mencionou no capítulo 1, parte-se da concepção de ser a Geografia uma Ciência Social. Desse modo, buscou-se, no cerne de ciências como a Antropologia, a Etnologia, a Sociologia, a História, e na Geografia, como a cultura é interpretada e utilizada metodologicamente nas análises sócio-espaciais.

Dessa forma, buscou-se compreender as diversas maneiras com que a cultura foi incorporada no discurso científico. Paralelamente, as diferentes concepções e interpretações que explicam, de certa forma, uma resistência à abordagens alicerçadas em um enfoque cultural foram identificadas. A complexidade com que o enfoque cultural apresenta está diretamente associada às contradições que a noção de cultura apresentou ao longo de sua consolidação, bem como nas distintas concepções na instituição de seu conceito científico.

Assim, este capítulo resgata algumas definições do que é cultura, em um primeiro momento. Em seguida, discute como os discursos se articulam e constituem estratégias para a consolidação de um processo de negociação e trocas identitárias. Também, buscou-se, na literatura, as principais concepções de identidade e como as mesmas são constituídas, sua vinculação com a noção de cultura e seu papel espacializador. Situa-se, também, o debate em torno da questão da superação da

modernidade. Resgatam-se, portanto, algumas considerações de autores que defendem que não se estaria *além*⁸⁴ da modernidade, ou seja, ainda estaríamos vivendo sob a égide do período das luzes, ou ainda, na concepção de Latour (2004) de que *Jamais Fomos Modernos*.

Entretanto, a pós-modernidade é bastante defendida por autores⁸⁵ que a identificam no bojo das profundas transformações que atravessam a sociedade contemporânea. Nesse sentido, Silva (2001, p. 198), ao realizar a leitura de um artigo de pesquisadores australianos⁸⁶, relata a situação das transformações características da pós-modernidade, na relação, por exemplo, de professores/as e de alunos/as

Os pesquisadores australianos Bill Green e Chris Bigum (1995), num provocativo e instigante ensaio, descrevem as presentes relações entre jovens e adultos, estudantes e professores, como relações entre seres alienígenas. Com uma qualificação importante: os alienígenas somos nós, adultos/professores, e não eles. Green e Bigum também observam que nós, adultos e intelectuais, podemos teorizar o pós-moderno, mas são eles, os jovens e as crianças, que realmente vivem o pós-moderno. O que esses autores querem demonstrar é que o novo complexo cultural representado pela combinação entre a cultura popular (no sentido dos chamados meios de comunicação de massa) e as novas tecnologias de comunicação está produzindo uma transformação radical nos processos de produção de subjetividade e de identidades sociais. Na mudança de uma cultura baseada nos meios impressos para uma cultura baseada nos meios audiovisuais e nos computadores, gera-se um sujeito com novas e diferentes capacidades e habilidades. Como descrever e analisar essas mudanças?

Dessa forma, a articulação dos conceitos de cultura, discurso e identidade, estão alicerçados em uma perspectiva teórica pós-estruturalista, por esta, freqüentemente, abalar as estruturas solidificadas na razão, na ciência e na busca do progresso constante do pensamento iluminista. Esses conceitos, de certa forma, também foram forjados através de muitos esforços teóricos, de embates com uma

⁸⁴ O termo *além* foi utilizado no mesmo sentido que Bhabha (2005, p.19), o qual não significa negação do passado ou um despertar de uma nova época, mas sim que “[...] Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos no meio do século, mas, neste *fin de siècle*, encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no “além”: um movimento exploratório incessante, que o termo francês *au-delà* capta tão bem — aqui e lá, de todos os lados, *fort/da*, para lá e para cá, para a frente e para trás”.

⁸⁵ Citam-se como exemplo Soja (1993); Harvey (1993); Hall (2000 e 2005); Silva (2000 e 2001), Woodward (2000), Tonini (2002), Garbin (2003).

⁸⁶ GREEN, Gill; BIGUM, Chris. **Alienígenas na Sala de Aula**. 1995.

forma de fazer e pensar a ciência para que a mesma tenha resultados em termos de benefícios ao ser humano, embora essas sejam ainda questionáveis.

Destaca-se que é essa forma de pensar a sociedade, de fazer ciência, oriundas do iluminismo, que ainda persiste na atualidade, é que se caracterizou chamar de modernidade. As verdades inquestionáveis do iluminismo produziram um sujeito moderno que Hall (2005, p. 10) caracterizou como

[...] totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo ao longo da existência do indivíduo.

Calcada na verdade científica da razão, a modernidade iluminista estabeleceu relações binárias de poder – homem/mulher, branco/não branco, razão/sentimento, bem/mal – onde os pólos estabelecem disputas, e o elemento primeiro aparece como dominante, através da legitimação de um discurso considerado verdadeiro ou mais válido do que outro. Adotar uma perspectiva pós-estruturalista para análises é questionar o que até então parecia inquestionável. É desconstruir o que foi fixado como conceito imutável, é repor em questão sínteses acabadas, agrupamentos que se admite antes de qualquer exame, laços cuja validade é reconhecida desde o início.

Conforme Foucault⁸⁷, “[...] é preciso desalojar formas e forças obscuras pelas quais se tem o hábito de ligar entre si os discursos dos homens; é preciso expulsá-las da sombra onde reinam”.

2.1 A BIOS⁸⁸ Cultural

⁸⁷ FOUCAULT, 1972, p.32.

⁸⁸ Segundo a Wikipedia (2007) BIOS, em computação, é designada pela “[...] sigla para *Basic Input/Output System* (Sistema Básico de Entrada/Saída) que por vezes é erradamente descrito como sendo *Basic Integrated Operating System* (Sistema Operacional Básico Integrado). O BIOS é o primeiro programa executado pelo computador ao ser ligado. Sua função primária é preparar a máquina para que o sistema operacional, que pode estar armazenado em diversos tipos de dispositivos (discos rígidos, disquetes, CDs, etc) possa ser executado”. Utilizou-se o termo no subtítulo de forma análoga, por entender ser a cultura a BIOS necessária para acionar o sistema operacional: discurso e identidade.

A noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. [...] A cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza (CUCHE, 2002, p.9-10).

2.1.1 *Cultura X Civilização: o princípio*

Como se observa na epígrafe que abre o subitem deste capítulo, ao se fazer referência ao termo cultura, atrelamo-lo ao que é eminentemente humano. Na perspectiva que se iniciou o trabalho, a coerência de interpretar-se o espaço geográfico, como um espaço social, ou ao menos, produto das relações sociais, encontra conexão com a noção de cultura apresentada por Cucho (2002).

Entretanto, até a consolidação e emergência expressiva das análises culturais da atualidade, o uso e a concepção de cultura passou por uma longa trajetória. Mesmo quando se pode registrar suas primeiras aparições como uma noção, em meados do século XVIII, ela se deu em meio a um contexto de intensa efervescência intelectual na Europa, apresentando certa dicotomia entre os intelectuais franceses e alemães.

Inicialmente, o termo cultura, no século XVIII, remete a idéia de universalismo e humanismo, servindo para distinguir povos e classes. Ou seja, esse conceito estava ligado intrinsecamente às idéias iluministas, denotava portanto, à evolução, ao progresso e à educação. Entretanto, apesar de ter seu berço na Inglaterra, é no vocabulário francês que o Iluminismo vai encontrar força para repercutir suas idéias por toda Europa Ocidental. Nessa época, acreditava-se que o progresso nascia da instrução, ou seja, da cultura que se tornava mais abrangente.

Conforme Cucho (2002, p. 21), apesar da favorável associação de cultura às idéias iluministas, é no seio da intelectualidade que ele encontra sua primeira resistência de utilização

“Cultura” está então muito próxima de uma palavra que vai ter um grande sucesso (até maior que o de “cultura”) no vocabulário francês do século XVIII: “civilização”. [...] “Cultura” evoca principalmente os progressos individuais, “civilização”, os progressos coletivos. Como sua homóloga “cultura” e pelas mesmas razões, “civilização” é um conceito unitário e só é usado então no singular. Ela se libera rapidamente, junto aos filósofos reformistas, de seu sentido original recente (a palavra aparece somente no século XVIII), que designa o afinamento dos costumes, e significa para eles

o processo que arranca a humanidade da ignorância e da irracionalidade. Preconizando esta nova aceção de “civilização”, os pensadores burgueses reformadores, utilizando-se de sua influência política, impõem seu conceito de governo da sociedade que, segundo eles, deve se apoiar na razão e nos conhecimentos.

Assim, consolida-se uma visão evolucionista, onde a civilização, vista como uma necessidade da humanidade, deveria se estender aos “selvagens”, e os povos mais avançados, que segundo Cuche (2002) seriam os “civilizados”, deveriam ajudar os demais a alcançarem o progresso da civilização.

Não obstante, a visão totalizante e evolucionista, da noção de civilização e de cultura, Cuche (2002, p. 23) destaca que

O uso de “cultura” e de “civilização” no século XVIII marca então o aparecimento de uma nova concepção dessacralizada da história. A filosofia (da história) se libera da teologia (da história). As idéias otimistas de progresso, inscritas nas noções de “cultura” e “civilização” podem ser consideradas como uma forma de sucedâneo de esperança religiosa. A partir de então, o homem está colocado no centro da reflexão e no centro do universo. Aparece a idéia da possibilidade de uma “ciência do homem”; a expressão é empregada pela primeira vez por Diderot em 1755 (no artigo “Enciclopédia” da *Encyclopédie*). E, em 1787, Alexandre de Chavannes cria o termo “etnologia”, que ele define como a disciplina que estuda a “história dos progressos dos povos em direção à civilização”.

Da utilização do termo civilização na França, a aristocracia alemã importava seus hábitos e comportamentos, reproduzindo na corte o modo francês. Essa situação incomodava a burguesia intelectual alemã. Os intelectuais alemães questionavam a superficialidade da corte alemã, que estabelecia uma diferenciação de seus costumes do resto do povo, limitando-se a “copiar” a aristocracia francesa.

No entanto, apesar da adoção do termo civilização por parte da burguesia alemã, que inclusive, em algumas regiões, adotava a língua francesa como manifestação de *status*, esse não era o mesmo sentimento entre os intelectuais alemães. Para amenizar esse problema, surge, no pensamento intelectual alemão, o termo *Kultur*, que vai experimentar um sucesso inédito, principalmente devido ao seu emprego constante na oposição à aristocracia. A organização espacial da sociedade alemã, da época, era muito fragmentada; a nobreza é distante das classes médias e renega a participação política da burguesia. Diferentemente do que ocorria na França, onde havia laços estreitos entre nobreza e burguesia, esse distanciamento social alimentou um ressentimento entre os intelectuais.

Nesse sentido, Cuche (2002, p.25) argumenta

Duas palavras vão lhes permitir definir esta oposição dos dois sistemas de valores: tudo o que é autêntico e que contribui para o enriquecimento intelectual e espiritual será considerado como vindo da cultura; ao contrário, o que é somente aparência brilhante, leviandade, refinamento superficial, pertence à civilização. A cultura se opõe então à civilização como a profundidade se opõe à superficialidade. Para a *intelligentsia* burguesa alemã, a nobreza da corte, se ela é civilizada, tem singularmente uma grande falta de cultura. Como o povo simples também não tem esta cultura, a *intelligentsia* se considera de certa maneira investida da missão de desenvolver e fazer irradiar a cultura alemã.

Segundo Cuche (2002), a visão particularista de *kultur* se opunha a visão universalista de *civilização*, principalmente, em função de que enquanto a Alemanha se mostrava fragmentada e dividida em principados, a França já se consolidava como uma nação poderosa, assim como a Inglaterra, cuja unidade nacional já havia sido conquistada há muito tempo. Com a dimensão conquistada pela *Kultur* alemã, começa a se consolidar a noção de diferenças nacionais.

A noção de diferenças culturais acirra o debate *franco-alemão*, e enquanto os pensadores franceses consolidam suas teses universalistas, o particularismo dos alemães serve para o desenvolvimento de um forte nacionalismo, que irá se aproximar do conceito de nação e será fundamental à constituição do Estado-nação alemão. As diferenças entre as concepções alemã e francesa se estendem até a Primeira Guerra Mundial, onde inclusive, ideologicamente, os termos são usados como *slogans* de guerra⁸⁹.

Nesse contexto, destaca-se Cuche (2002, p.31) quando o autor argumenta que

“[...] o debate franco-alemão do século XVIII ao século XX é arquetípico das duas concepções de cultura, uma particularista, a outra universalista, que estão na base das duas maneiras de definir o conceito de cultura nas ciências sociais contemporâneas”.

⁸⁹ A intenção desse debate, neste subitem, não era fazer uma busca exaustiva e arqueológica do surgimento da noção de cultura, muito menos, de suas origens etimológicas. Buscou-se localizar um importante debate a cerca do emprego do termo cultura nas ciências sociais e como o debate franco-alemão foi decisivo nos séculos XVIII e XIX, e segue até hoje dividindo os pesquisadores contemporâneos

2.1.2 Algumas definições de cultura

O humano é um ser a um só tempo plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a uniduidade originária. [...] O homem é, portanto, um ser plenamente biológico, mas, se não dispusesse plenamente da cultura, seria um primata do mais baixo nível. A cultura acumula em si o que é conservado, transmitido, aprendido, e comporta normas e princípios de aquisição (MORIN, 2000, p. 52).

O debate à cerca do conceito de cultura é extremamente polarizado entre as visões universalista, herança da noção de civilização da escola francesa, e da visão particularista, desenvolvida no bojo da intelectualidade de língua alemã. Na *démarche* da absorção da noção de cultura, ou mesmo do esforço em estabelecer seu conceito científico, realizado pelas ciências sociais, surgiram a etnologia e a sociologia. Essas duas concepções de cultura vão se desenvolver, simultaneamente, e permear os debates dos fatos culturais.

Nesse sentido, Cucho (2002, p.33-34) afirma que

Dois caminhos vão ser explorados simultânea e concorrentemente pelos etnólogos: o que privilegia a unidade e minimiza a diversidade “temporária”, segundo um esquema evolucionista; e o outro caminho que, ao contrário, dá toda a importância à diversidade, preocupando-se em demonstrar que ela não é contraditória com a unidade fundamental da humanidade.

É constante observar que essa discussão, apesar das diferenças semânticas, continua a manter controvérsias entre os pesquisadores sociais. Nesse contexto, Duncan (2003, p.63-64) relata que

Quase todas as mais importantes teorias sobre o homem e a sociedade podem ser classificadas como holísticas ou individualistas, dependendo da natureza de suas soluções para os “problemas de ordem” na sociedade. A explicação holística *versus* individualista permanece como ponto de importante controvérsia na ciência social. Embora freqüentemente não explicita a questão em seus trabalhos, a maioria dos cientistas sociais está muito engajada nesta controvérsia. Na geografia cultural e na antropologia, a forma de holismo em torno da qual a controvérsia está centralizada é conhecida como supra-orgânica⁹⁰.

⁹⁰ O debate a cerca da concepção da cultura como um elemento supra-orgânico, bem como o debate em torno das concepções particularistas e holísticas, especificamente na Geografia Cultural serão abordados na seção 2.1.3, deste capítulo.

Se por um lado as ciências sociais foram se consolidando à luz da controvérsia entre universalistas e particularistas, por outro, seus métodos e suas heranças teóricas, muitas vezes, associadas às ciências da natureza, não apresentavam respostas satisfatórias às questões culturais. Isso porque ora se reportavam a compreender as questões culturais como a mera relação do homem e suas técnicas, ou então por superestimar a cultura ao ponto de concebê-la como uma entidade autônoma que existiria externamente aos indivíduos e seria superior a eles, e que segundo Duncan⁹¹ (2003, p.64), “[...] misteriosamente respondia a leis próprias”.

Das principais contribuições tanto de concepções universalistas quanto particularistas, destacam-se o antropólogo britânico Edward Burnett Tylor, o antropólogo alemão Franz Boas e o sociólogo francês Emile Durkheim.

Conforme Cuche (2002, p.35), a primeira definição etnológica de cultura, e o conceito científico, remetem à concepção universalista de Tylor (1971), para quem “[...] Cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo enquanto membro da sociedade⁹²”.

Entretanto, apesar das controvérsias à cerca do conceito de cultura, dos riscos de uma abordagem evolucionista, geralmente apresentada pelos universalistas⁹³, ou de abordagens particularistas que limitassem as análises a objetividade material das técnicas, ou a superestimação ontológica da cultura, e inclusive, devido ao fato de que, conforme Cuche (2002, p.109) “[...] a reflexão sobre cultura se aprofundou ao se conectar no estudo das culturas singulares e no estudo dos princípios universais de cultura”. Surgem novas necessidades de apreender a abordagem cultural nos diversos campos do conhecimento.

⁹¹ DUNCAN, 2003, p.64.

⁹² Não se teve nesse breve comentário a intenção de inventariar a *dérmarche* da noção de cultura ao longo dos séculos, por acreditar que apenas localizar a polêmica central das pesquisas culturais e estabelecer seu primeiro conceito científico, seria necessário para situar o estudo e o referencial teórico. Para aprofundar o tema consultar Cuche (2002), Semprini (1999) e Claval (1999).

⁹³ Esses pesquisadores, geralmente, apresentavam teses em que reconheciam sociedades civilizadas e primitivas, mesmo em abordagens mais contemporâneas com a *abordagem diferencial* de Lévy-Bruhl e sua noção de *mentalidade*, excluía a idéia de comunicação entre os grupos humanos, em função da diferenciação de uma *mentalidade civilizada* e outra *primitiva* (CUCHE, 2002).

Nesse contexto, a única convergência estabelecida era o fato de que a cultura era inerente ao homem. As primeiras investigações foram realizadas em sociedades autóctones⁹⁴, justamente para buscar a maior homogeneização do comportamento humano e, desta forma, buscar explicar as diferenças culturais. Assim, desenvolveram-se pesquisas em áreas rurais de países da América Latina, com os esquimós e também nas Ilhas da Oceania na busca de repostas aos fatos culturais.

Os Estados Unidos da América tornaram-se um campo fértil para as pesquisas culturais, uma vez que a diversidade cultural apresentava-se, nesse país, bastante intensa em seu processo de ocupação. Segundo Semprini (1999), cinco momentos históricos constituíram o que ele chamou de *multiculturalismo* dos Estados Unidos. Esses momentos históricos envolviam a questão indígena, o *Aphartheid*, a migração religiosa dos protestantes, a matriz anglo-saxônica e os fluxos migratórios de orientais asiáticos, como chineses e japoneses, além de latino-americanos.

Esse multiculturalismo proporcionou uma grande miscigenação, que prometia atenuar os conflitos étnicos, mas não foi o que ocorreu, pois essas diferenças étnicas e culturais, dinamizavam a sociedade exatamente na diferença e nos conflitos, e criaram o que Semprini (1999, p.146) chamou de *espaço multicultural*⁹⁵, que ele descreve como sendo

[...] antes de tudo um espaço de sentido, uma semiosfera onde a circulação dos símbolos é pelo menos tão importante quanto a circulação dos bens e outros benefícios materiais. A própria noção de “dado objetivo” não faz sentido em tal contexto dominado por representações, perspectiva individuais, tendências, e onde as identidades e as fronteiras dos grupos se negociam, se fazem e se desfazem, num processo dinâmico e interativo.

As diversidades das sociedades multiculturais, e mesmo os particularismo das sociedades autóctones condenaram as pesquisas culturais após a Segunda Guerra

⁹⁴ Conforme Larousse (2004), autóctone remete ao “[...] que é originário da região onde ocorre; nativo. Que ou o que vive ou se situa no seu local de origem; aborígene, nativo”.

⁹⁵ Conforme SEMPRINI (1999) o espaço multicultural poderia ser representado em quatro modelos: a) *político liberal clássico*; b) *liberal multicultural*; c) *multicultural maximalista*; d) *multicultural combinado*. No primeiro modelo a distinção se dá entre o espaço público e o privado, onde a diferença só poderia ser exercida na vida particular. O modelo seguinte, mundo a relação para noções de centro e periferia, onde nas culturais estabelecer-se-ia uma monocultura dominante, relegando a diferença as zonas periféricas. O terceiro modelo, é aquele que privilegia a diferença e sua construção no conflito, também caracterizado pelo autor, como modelo pós-moderno ou pós-colonial. O último, e o defendido por Semprini (1999), seria aquele em que se constitui uma semiosfera, que privilegia as trocas simbólicas associadas a grandes marcas multinacionais, aos mercados globais e a economia.

Mundial, devido a uma grande expansão dos padrões industriais, impostos pelos países desenvolvidos, que já haviam realizado sua *Revolução Industrial*. Esse processo já era, inclusive, observado anteriormente, mesmo no bojo das transformações no interior da Europa Ocidental.

Essa preocupação foi observada, e também mais sentida, pelos geógrafos, que viram o processo de expansão industrial, de maneira bastante acelerada, colocar em crise, a Geografia Cultural. Nessa perspectiva, Claval (1999, p.48), relata que

A irrupção do trator acelera as transformações: o motor a explosão e a eletricidade asseguram em toda parte o acesso a formas concentradas de energia, o que provoca uma racionalização brutal do trabalho. Foram suficientes alguns anos na França, no momento do plano Marshall, para que a mecanização fosse completa. As atrelagens desapareceram, a criação de animais para o trato cessa em regiões inteiras e os parques de máquinas abrigados sob hangares ou dispersos ao ar livre assemelham-se desesperadamente.

Entretanto, o que parecia sepultar as possibilidades culturais, ou seja, a *uniformização do mundo*⁹⁶, faz com que surja com força, e com um caráter renovar nas pesquisas culturais a questão da diferença. A padronização acelerada e global das técnicas informacionais, as transformações nas noções de espaço e tempo, bem como a constante sensação de simultaneidade faz com que se reforcem traços primários⁹⁷ de cultura. Reforçam-se sentimentos de pertença local, revitalizam-se nacionalismos, a religião passa a ser identificada como um código cultural que começa a ocupar espaço, cada vez maior na identificação de grandes massas.

Nesse sentido, Castells (2005, p.41) argumenta que

Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. O fundamentalismo religioso – cristão, islâmico, judeu, hindu e até budista (o que parece uma contradição de termos) – provavelmente é a maior força de segurança pessoal e mobilização coletiva nestes tempos conturbados. Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social.

⁹⁶ CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 1999.

⁹⁷ Gênero, etnia, raça, classe, nacionalidade, religiosidade, por exemplo.

Pode-se afirmar, então, que ganham relevância as abordagens que associam os fatos da cultura aos fenômenos sociais. Entretanto, essa nova realidade, muitas vezes, pode levar a uma concepção unificadora da cultura. Os cientistas sociais, ao realizar essa aproximação, procuram interpretar a cultura como elemento unificador e explicativo da dinâmica social, tendo na língua um código cultural relevante.

Essas interpretações podem remeter a uma concepção supra-orgânica da cultura, interpretando-a como um elemento externo às relações sociais. Nesse sentido, Cesnik; Beltrame (2005, p. 3-4) afirmam que a

[...] sociedade pode ser entendida como um sistema de inter-relações que vincula os indivíduos, as quais estão presentes pelo fato de que seus membros se organizam segundo relações sociais estruturadas, que se baseiam em uma cultura. Portanto, a cultura é o elemento primordial que dá unidade a uma sociedade e se cria com base em relações que fazem sentido nesse contexto. [...] A cultura define a sociedade pela capacidade que ela desenvolve de criar elementos que permitem à própria sociedade se reconhecer.

É exatamente dessa tendência homogeneizante que surgem tendências que privilegiam a diferença, não aquela contida em uma unidade nacional ou religiosa, mas aquelas inerentes aos conflitos internos destas supostas unidades culturais ou nacionais.

Nessa perspectiva, Schwartzman (1997, p.45), salienta que

Dizer que cada povo tem sua cultura, e que por isso são diferentes, é deixar de lado precisamente o que queremos entender, as diferenças. Dizer que as culturas são únicas e irreduzíveis é aceitar como inevitável a desigualdade e recusar o princípio básico de que a humanidade é uma só.

Não só, como na afirmação de Schwartzman, emerge a necessidade de investigar a diferença, como começam a se tornar mais enfáticas e duras as críticas às concepções universalistas de cultura. As visões universalistas encerram, nelas mesmas, uma falsa unidade e, muitas vezes, são utilizadas para garantir a dominação sobre as culturas supostamente inferiores, que estariam subordinadas e fadadas a evoluírem ao status dos dominantes.

Nesse sentido, Semprini (1999, p. 93), afirma criticamente que

O universalismo não é assim somente um engodo, mas uma impostura e uma violência. Ele pode ser realizado somente eliminando-se a diferença,

reduzindo ao silêncio as vozes discordantes e transformando em obrigação universal o que é só um ponto de vista bem particular.

O debate entre as duas formas de pensar a cultura, vindas desde as concepções franco-alemãs do século XIX, parecem se perpetuar no interior do pensamento e da pesquisas dos cientistas sociais. É bem verdade que a visão universalista perdeu espaço nas ciências sociais, bem como seu viés positivista e materialista de proceder suas análises. Entretanto, o debate contemporâneo segue permeado por essa polarização, apesar de terem surgidos pensadores que tentam escapar de uma das extremidades e apresentar outras possibilidades para o entendimento da questão cultural.

Na Geografia, a concepção de cultura e a emergência de uma Geografia Cultural renovada, remetem ao conceito mais complexo de cultura, formulado por Claval (1999, p.63)

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio.

Considerou-se pertinente trazer, também, a concepção de cultura do sociólogo francês Edgar Morin. Diferentemente das concepções polarizadoras dos fatos culturais, Morin (2000), apresenta a tese que procura uma conciliação entre uma visão universalista, baseada na materialidade das técnicas, que remetem a uma interpretação evolucionista, de caráter iluminista, e a visão particularista, que recorre a subjetividade individual do sujeito.

Morin reconhece o caráter eminentemente humano da cultura, mas ao concebê-la como sendo formada no cérebro, recorre a explicações biológicas de funcionamento do processo na mente humana e apresenta o que ele chamou de circuito cérebro/mente/cultura.

Neste contexto, Morin (2000, p.52) adverte que

O homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura. Não há cultura sem cérebro humano (aparelho biológico dotado de competência para agir, perceber, saber, aprender), mas não há mente (*mind*), isto é, capacidade de consciência e pensamento, sem cultura. A mente humana é uma criação que emerge e se afirma na relação cérebro-cultura. Com o surgimento da mente, ela intervém no funcionamento cerebral e retroage sobre ele. Há, portanto, uma tríade em circuito entre *cérebro/mente/cultura*, em que cada um dos termos é necessário ao outro. A mente é o surgimento do cérebro que suscita a cultura, que não existe sem o cérebro.

Ao referenciar sua proposta de educação para o futuro, o autor ressalva a necessidade de não se silenciar as diferenças, e lembra que não se pode procurar a unidade apenas na característica biológica da espécie que, mesmo nela, há diversidade. Ressalta também que não há só diversidade na cultura, uma vez que também as sociedades buscam formas de organização comum. Assim, Morin (2000, p.55) complexifica a idéia de cultura e consegue se diferenciar das matrizes polarizadoras da cultura, pois

Cabe à educação do futuro cuidar para que a idéia de unidade da espécie humana não apague a idéia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie *Homo sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. E a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno.

Entretanto, mesmo reivindicando uma explicação biológica para dar partida em seu circuito, Morin (2000, p. 56), ao definir cultura, nega a idéia evolucionista, e reificada⁹⁸ pela visão universalista, de que as sociedades devem evoluir do *status* de primitivas para o de civilizadas

Diz-se justamente a cultura, diz-se justamente **as** culturas. A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana,

⁹⁸ Reificação para Duncan (2003, p.63), “[...] é uma falácia através qual construtos mentais ou abstrações são entendidos como tendo substância, isto é, existência independente e eficácia causal”.

arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, **mas a cultura existe apenas por meio das culturas.**

Acreditou-se indispensável resgatar a contribuição de Morin (2000), justamente em função de sua visão complexa, mas clara, sobre a questão cultural. Assim, o autor constrói sua concepção de cultura em um caminho de via dupla, de ida e vinda, na relação da diversidade e unidade das culturas.

Mais uma vez se resgata Morin (2000, p.57) quando o autor ressalta que

O duplo fenômeno da unidade e da diversidade das culturas é crucial. A cultura mantém a identidade humana naquilo que tem de específico; as culturas mantêm as identidades sociais naquilo que têm de específico. As culturas são aparentemente fechadas em si mesmas para salvaguardar sua identidade singular. Mas, na realidade, são também abertas: integram nelas não somente os saberes e técnicas, mas também idéias, costumes, alimentos, indivíduos vindos de fora. As assimilações de uma cultura a outra são enriquecedoras. Verificam-se também mestiçagens culturais bem-sucedidas, como as que produziram o flamenco, a música da América Latina, o *rai*⁹⁹. Ao contrário, a desintegração de uma cultura sob o efeito destruidor da dominação técnico-civilizacional é uma perda para toda a humanidade, cuja diversidade cultural constitui um dos mais preciosos tesouros.

Outra contribuição importante e que reafirma a perspectiva teórica a qual foi realizada a pesquisa, é a do teórico crítico indo-britânico Homi K. Bhabha (2005). O autor ressalta a importância da diferença no debate sobre a cultura e procura localizar onde a cultura e a diferença são produzidas. Para formular sua noção de fronteira, identifica os deslocamentos proporcionados pelas migrações internacionais. Lançando mão da literatura, analisa e fala das histórias de migrantes transnacionais, que estariam construindo uma cultura marcada pela diferença.

Conforme Bhabha (2005, p.33), atualmente,

Talvez possamos [...] sugerir que histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos — essas condições de fronteira e divisas — possam ser o terreno da literatura mundial, em lugar da transmissão de tradições nacionais, antes o tema central da literatura mundial. O centro de tal estudo não seria nem a “soberania” de culturas nacionais nem o universalismo da cultura humana, mas um foco sobre aqueles “deslocamentos sociais e culturais anômalos”.

⁹⁹ N.T. Música popular moderna da Argélia. (*Le Nouveau Petit Robert*. Dictionnaires Le Robert, 1994).

Concorda-se com a distinção proposta pelo autor entre a diversidade cultural. A diversidade cultural que já se viu apresentada por Semprini (1999) e Morin (2000), não contempla a necessidade de reafirmar a concepção de diferença cultural. Nessa leitura, onde se reafirma a diferença e não a diversidade benevolente do convívio, supostamente pacífico, afirmam-se as perdas territoriais, e é possível, então, problematizar a cultura, a partir da ausência de significado social, estabelecido por uma ruptura do cotidiano, onde as referências de classes, gênero, raças, mas principalmente, de nacionalidade são suprimidas, ou no mínimo secundarizadas.

As palavras de Bhaba (2005, p.63) justificam a distinção entre diversidade cultural e diferença cultural

A diversidade cultural é um objeto epistemológico — a cultura como objeto do conhecimento empírico —, enquanto a diferença cultural é o processo da *enunciação* da cultura como “*conhecível*”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. Se a diversidade é uma categoria dialética, estética ou etnologia comparativas, a diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações *da* cultura ou *sobre* a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade. A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade. A diversidade cultural é também a representação de uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única. A diversidade cultural pode inclusive emergir como um sistema de articulação e intercâmbio de signos culturais em certos relatos antropológicos do início do estruturalismo. Por meio do conceito de diferença cultural quero chamar a atenção para o solo comum e o território perdido dos debates críticos contemporâneos. Isso porque todos eles reconhecem que o problema da interação cultural só emerge nas fronteiras significatórias das culturas, onde significados e valores são (mal) lidos ou signos são apropriados de maneira equivocada. A cultura só emerge como um problema, ou uma problemática, no ponto em que há uma perda de significado na contestação e articulação da vida cotidiana entre classes, gêneros, raças, nações. Todavia, a realidade do limite ou texto-limite da cultura é raramente teorizada fora das bem-intencionadas polêmicas moralistas contra o preconceito e o estereótipo ou da asserção generalizadora do racismo individual ou institucional — isso descreve o efeito e não a estrutura do problema. A necessidade de pensar o limite da cultura como um problema da enunciação da diferença cultural é rejeitada.

Também nesse sentido, Silva (2000c, p.73) critica a noção de multiculturalismo

Em geral, o chamado “multiculturalismo” apóia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. É particularmente problemática, nessas perspectivas, a idéia de diversidade. [...] Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas.

Essa seção teve por objetivo situar nossa perspectiva a cerca da concepção de cultura empregada na pesquisa. Reafirma-se, como Bhabha (2005), que o foco para a problematização da cultura reside no estabelecimento da noção de diferença cultural. Entretanto, considera-se que todas as contribuições apresentadas são fundamentais para a compreensão das controvérsias do debate cultural, que de uma maneira ou de outra, subsidiaram a argumentação utilizada neste estudo.

2.1.3 *Naturvölker e Kulturvölker - Primeiros passos*¹⁰⁰

Diferentemente da direção observada na consolidação das ciências sociais e da noção de cultura, que encontraram inicialmente na língua francesa e na noção de civilização, sua concepção moderna e universalista, para depois ser contraposta pela intelectualidade de língua alemã, a Geografia Cultural fez o caminho inverso. Surge na Alemanha, desenvolve-se na língua inglesa e ocupa espaço na academia francesa só recentemente.

É inegável a contribuição do geógrafo francês Paul Claval nos estudos sobre cultura. O autor realizou um trabalho extremamente abrangente na busca de identificar o processo de interação dos fatos culturais com a organização do espaço. Claval (1999) fez um resgate da produção da Geografia Cultural, enfocando, assim, três principais escolas geográficas: a alemã, a anglo-saxônica e a francesa, destacando nas mesmas, as abordagens culturais utilizadas por alguns de seus teóricos.

Claval (1999) concebe seis grandes abordagens da cultura na produção geográfica que, de certa forma, também representam seis momentos da Geografia Cultural. Um seria aquele em que a cultura é entendida como uma mediação entre os homens e a natureza; outra concebe a cultura como herança e ressalta o papel

¹⁰⁰ Nesta seção foi abordada apenas a matriz originária das abordagens culturais em Geografia, para tentar articulá-las com o desenvolvimento da noção de cultura que era forjada nas Ciências Sociais, para saber sobre o processo de declínio e renovação da Geografia Cultural, ver capítulo 1.

da comunicação; uma terceira abordagem interpreta a cultura como construção, o que possibilitaria os indivíduos a projetarem-se no futuro. Um quarto momento, é aquele com o qual a pesquisa encontra ressonância, é o que entende a cultura feita de palavras, que se articula no discurso e se realiza na representação. Também é possível conceber a cultura como fator de diferenciação social; e aquele, utilizado por Claval (1999), e também pela Geografia Cultural francesa, que utiliza a paisagem para interpretar as marcas da cultura.

Dessas possibilidades mediadas pela cultura, quer se destacar aquela em que a cultura está articulada no discurso, e realiza-se na representação. Nesse contexto, Claval (1999, p.13-14) argumenta que

O mundo no qual vivem os homens é feito de palavras e de proposições quanto de água, de ar, de pedra e de fogo. Presta-se ao discurso e abastece-se na passagem dos valores. O ambiente no qual as sociedades evoluem é uma construção que se exprime pela palavra: a lógica que os homens lhe atribuem provém, em parte, das regras que regem a composição de seus discursos. As práticas que modelam o espaço ou que são desenvolvidas no sentido de utilizá-lo misturam estreitamente o ato, a representação e o dizer. Elas visam ao mesmo tempo o ambiente material e o círculo social: agimos de acordo com aqueles que nos olham, aqueles a quem contaremos o que fazemos ou aqueles que escutaremos falar. A cultura é constituída de realidades e signos que foram inventados para descrevê-la, dominá-la e verbalizá-la. Carrega-se, assim, de uma dimensão simbólica. Ao serem repetidos em público, certos gestos assumem novas significações. Transformam-se em rituais e criam, para aqueles que os praticam ou que os assistem, um sentimento de comunidade compartilhada. Na medida em que a lembrança das ações coletivas fundem-se aos caprichos da topografia, às arquiteturas admiráveis ou aos monumentos criados para sustentar a memória de todos, o espaço torna-se território.

Os *blogs*, analisados nesta perspectiva, em certa medida, refletem bem as palavras de Claval (1999), principalmente quando se menciona as práticas que modelam o espaço. Ao mesmo tempo em que os usuários buscam o ambiente material através de *softwares* e seu PC's¹⁰¹, estabelecem seu círculo social de convivência, *postam* diariamente a espera do olhar dos seus visitantes, para conduzir seus atos, esperam ansiosamente ouvir o que eles têm para lhes falar através dos comentários, cria-se um notório sentimento de comunidade compartilhada.

¹⁰¹ PC (a) = PERSONAL COMPUTER = COMPUTADOR PESSOAL microcomputador de baixo custo com a finalidade principal de uso em atividades caseiras ou nos negócios (MICHAELIS, 2000).

Entretanto, essa visão que ganhou força no processo de renovação da Geografia Cultural, com destaque nos Estados Unidos e na Inglaterra, emergiu da crise em que encontrava-se a disciplina até os anos finais da década de 1970. Crise essa, em consequência do método e objeto de análise utilizados na Geografia Cultural do início do século XX.

Coube ao geógrafo Friederich Ratzel o emprego pela primeira vez do termo Geografia Cultural. Conforme Claval (1999, p.20), inspirado na visão evolucionista darwiniana

[...] Ratzel descobre então a geografia. Na volta de uma longa viagem aos Estados Unidos, ele defende um doutorado dedicado à imigração chinesa na Califórnia e é nomeado em Munique (1875). A partir de sua experiência americana, faz uma obra sobre a geografia dos Estados Unidos cujo tomo II é intitulado *Culturgeographie der Vereinigten Staaten von Nord-Amerika unter besonderer Berücksichtigung der wirtschaftlichen Verhältnisse*¹⁰² (1880): o termo geografia cultural é introduzido pela primeira vez.

Da capacidade de produzir cultura, na concepção naturalista de Ratzel, aparecem as noções de *Naturvölker e Kulturvölker*. Enquanto os primeiros, conforme Claval¹⁰³, eram desprovidos de técnicas que os possibilitavam transformar e dominar o meio, os segundos utilizam-se da prática da agricultura, de transportes que traziam o que não era produzido no local, e tinham no Estado o seu regulador da relação com o espaço. Nesse sentido, Claval (1999, p. 22) entendia a Geografia de Ratzel como atribuindo

[...] um lugar importante aos fatos de cultura, porque se vincula aos meios de aproveitamento do ambiente e àqueles estabelecidos para facilitar os deslocamentos. Mas esta cultura é sobretudo analisada sob os aspectos materiais, como um conjunto de artefatos utilizados pelos homens em sua relação com o espaço.

Pode-se observar, que na mesma lógica do debate das ciências sociais em geral, a Geografia Cultural aparece também enfatizando a relação do homem, através de suas técnicas, com o meio, e como seus artefatos eram mais ou menos úteis nessa relação. Embasados em uma filosofia darwinista, os geógrafos alemães

¹⁰² N.T. A geografia cultural dos Estados Unidos da América do Norte com a ênfase especialmente voltada para as suas condições econômicas.

¹⁰³ Op.Cit.

procuravam descrever as paisagens a partir da utilização dos utensílios técnicos empregados pelo homem na transformação do meio.

Dentre os principais geógrafos alemães, que enfatizaram os fatos culturais, Claval (1999) destaca Otto Schlüter, que compreendeu as paisagens culturais como sendo modeladas pelas forças da natureza e pela ação do homem. August Meitzen, que procurou desvendar o espírito dos povos, ao identificar a dimensão cultural das paisagens, produzida pela organização da vida cotidiana e das tarefas simples da agricultura. Também, Eduard Mahn, que diferenciou e mapeou a cultura da enxada e do arado, estabelecendo sua relação com a criação.

A segunda referência da Geografia Cultural foi a escola americana com Carl O. Sauer e a Escola de Berkeley. Esses pesquisadores centravam suas pesquisas em interpretar e buscar explicar os fatos culturais inerentes às populações ameríndias, latino-americanas. Buscavam identificar a diversidade de hábitat, as práticas agrícolas dos primeiros colonos e eram instigados por uma inquietação ecológica. Reivindicavam uma ligação metodológica com a Geomorfologia e concebem a cultura como supra-orgânica.

Nesse contexto, o próprio Sauer (2003, p.22-23) afirma que

A geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica. A área cultural constitui assim um conjunto de formas interdependentes e se diferencia funcionalmente de outras áreas. [...] Ele (o geógrafo) está acostumado a considerar a gênese das áreas físicas, razão pela qual pode estender o mesmo tipo de observação à área cultural, que tem uma configuração mais simples e mais exata que a área de cultura do antropólogo. A área cultural do geógrafo consiste unicamente nas expressões do aproveitamento humano da terra, o conjunto cultural que registra a medida integral do uso humano da superfície ou, seguindo Schlüter, as marcas visíveis, realmente extensivas e expressivas da presença do homem.

Dessa forma, Sauer (2003, p.25) ainda conclui, com relação ao método e objetivos da Geografia Cultural, reafirmando que sua veia evolucionista

Continua sendo, em grande parte, observação direta de campo baseada na técnica de análise morfológica desenvolvida em primeiro lugar na geografia física. Seu método é evolutivo, especificamente histórico até onde a documentação permite e, por conseguinte, trata de determinar sucessões de cultura que ocorreram numa área. [...] Os problemas principais da geografia cultural consistirão no descobrimento do conteúdo e significado dos agregados geográficos que reconhecemos, de forma imprecisa, como áreas culturais, em estabelecer quais são as etapas normais de seu

desenvolvimento, em investigar as fases de apogeu e de decadência e, desta forma, alcançar um conhecimento mais preciso da relação da cultura e dos recursos que são postos à sua disposição.

A contribuição da escola francesa tem seu expoente em Vidal de La Blache. Entretanto sua concepção de cultura e de fazer Geografia Cultural não se distinguia da dos geógrafos alemães: *cultura era aquilo que está entre o homem e o meio e que permite humanizar as paisagens*.

Segundo Claval¹⁰⁴, a cultura para os franceses “[...] é também uma estrutura geralmente estável de comportamento que interessa descrever e explicar”. Com relação à Geografia Humana francesa Claval (1999, p.40), coloca que esta

[...] ocupa desde seu nascimento um lugar importante nas realidades culturais, mas as captam numa ótica reducionista: a ênfase é colocada sobre as *técnicas*, os *utensílios* e as *transformações da paisagem*. A difusão é o único aspecto abordado da transmissão de culturas.

Dessa forma, é possível perceber que o desenvolvimento da Geografia Cultural não acompanhou o mesmo ritmo de debates que ocorriam nas Ciências Sociais, como a Antropologia, a Sociologia e a Etnologia. Isso fez com que fosse levada à crise da homogeneização das técnicas industriais, mas que também possibilitou uma renovação bastante revigorada para os debates contemporâneos.

2.1.4 O verde-amarelo da diferença

Ver como a cultura se articulou e se forjou como conceito ou noção nas ciências sociais, ou como foi apreendida para realização de pesquisas realizadas por geógrafos, geralmente remete a uma visão eurocêntrica. Os principais antropólogos, sociólogos e geógrafos são europeus ou estadunidenses, que debatem e discutem a questão da cultura a partir da sua realidade. Ou seja, a cultura brasileira acaba sendo constituída muito em função da idéia que os outros têm sobre os brasileiros, do que realmente haja uma consolidação de uma cultura própria no interior da sociedade brasileira.

¹⁰⁴ CLAVAL, 1999, p.35.

Esse fato é confirmado ao se resgatar as primeiras formulações da *intelligentsia* brasileira à cerca da cultura. As dificuldades de constituição de uma cultura brasileira são manifestadas com bastante propriedade pelo sociólogo e antropólogo brasileiro Renato Ortiz. Nesse sentido, o autor remonta as três principais teorias que foram utilizadas na perspectiva de investigar o processo formador da cultura brasileira. Segundo Ortiz¹⁰⁵, “[...] o positivismo de Comte, o darwinismo social, o evolucionismo de Spencer”.

Sob o enfoque evolucionista, as dificuldades que se apresentavam em constituir uma noção de cultura brasileira remetiam as contradições apresentadas pelo fato de o Brasil ser um país de Terceiro Mundo. A noção de cultura, na ótica evolucionista, remete a idéia de primitivos e civilizados, era extremamente complicado para *intelligentsia* brasileira estabelecer um discurso de unicidade nacional admitindo a necessidade de evoluir culturalmente ao patamar dos europeus *civilizados*.

Nesse sentido, surgem, no final do século XIX e início do século XX, as noções de meio e raça como possibilidades para o desenvolvimento de uma teoria a respeito da cultura brasileira. As primeiras combinações dessas noções remetem a definições descritas por Ortiz (2006a, p.16)

A neurastenia do mulato do litoral se contrapõe, assim, à rigidez do mestiço do interior (Euclides da Cunha); a apatia do mameluco amazonense revela traços de um clima tropical que o tornaria incapaz de atos previdentes e racionais (Nina Rodrigues). A história brasileira é, dessa forma, apreendida em termos deterministas, clima e raça explicando a natureza indolente do brasileiro, as manifestações túbias e inseguras da elite intelectual, o lirismo quente dos poetas da terra, o nervosismo e a sexualidade desenfreada do mulato.

A partir de uma inversão na importância da influência, onde o meio deixa de ser o elemento principal e a raça torna-se mais abrangente na questão cultural. Nesse momento, o símbolo nacional dos românticos da década de 1870 é substituído pela figura do mestiço. Desse debate, constitui-se a afirmação da constituição do Brasil através de três raças; o branco, o negro e o índio. Obviamente era relegado ao branco o *status* de raça superior, inclusive a política de imigração foi um esforço ideológico de branqueamento da população.

¹⁰⁵ ORTIZ, 2006a., p.14.

Nesse sentido, Ortiz (2006a, p.20) reflete que

Surge [...] um problema teórico fundamental para os “cientistas” do período: como tratar a identidade nacional diante da disparidade racial. Do equacionamento deste problema decorre a necessidade de se sublinhar o elemento mestiço. Na medida em que a civilização européia não pode ser transplantada integralmente para o solo brasileiro [...], na medida em que o Brasil duas outras raças são consideradas inferiores contribuem para a evolução da história brasileira, torna-se necessário encontrar o ponto de equilíbrio.

Na perspectiva positivista, e na via contrária dos que viam com pessimismo as diferenças raciais na constituição da cultura brasileira, Bonfim (s/d apud ORTIZ, 2006a, p. 26) opõe-se ao evolucionismo e considera “[...] a mistura racial como *renovadora*, no sentido de que tenderia a reequilibrar os elementos negativos herdados do colonizador”. Essa era uma visão crítica e que denunciava o caráter predador da colonização européia em toda a América Latina. De todas as mazelas¹⁰⁶ inerentes ao elemento colonizador, no Brasil, a conseqüência foi uma transmissão de qualidades que acabaram definindo um caráter brasileiro dócil em relação às imposições coloniais.

Resgata-se novamente Ortiz (2006a, p.25-26), quando o autor assinala que é possível identificar duas qualidades transmitidas pelo colonizador

[...] o conservadorismo e a falta de espírito de observação. O conservadorismo decorre da posição do colonizador, que procura, custe o que custar, manter a tradição que lhe assegura o poder. Explica-se dessa forma o horror com que os brasileiros encaram todo projeto de mudança social; o apego às tradições conservadoras traduz na verdade uma dificuldade em se colocar diante do progresso social. [...] A falta de espírito de observação corresponderia a uma incapacidade de se analisar e compreender a própria identidade brasileira. O abuso dos “chavões e aforismos consagrados” (o bacharel), a imitação do estrangeiro seriam fatores que contribuiriam para o florescimento dessa miopia nacional.

Assim, a noção de raça e mestiçagem dá lugar a noção de cultural, fazendo que houvesse uma estreita ligação entre o que seria popular e o que seria nacional. Dessa forma, atrelava-se o traço típico das raças inferiores (negros, índios e mestiços) a um conceito incipiente de cultura brasileira. Esse esforço torna-se mais

¹⁰⁶ Segundo Bonfim (s/d apud ORTIZ, 2006a, p.25) “[...] lutas contínuas, trabalho escravo, estado tirânico e espoliador”.

evidente a partir dos anos 30 com o Estado Novo, quando se intensificam os esforços em conciliar o popular e o nacional.

Nesse sentido, há uma constituição de símbolos do que seria nacional, como por exemplo, o carnaval, o futebol e o samba. Entretanto, fica evidente, como argumenta Ortiz (2006b), que esses símbolos só ganham um caráter de brasilidades, a partir dos anos 30 do século XX, em função de sua popularização.

Antes da década de 30 ninguém podia imaginar o Brasil como o país do carnaval, do futebol, da mulata e do samba. Por vários motivos. O carnaval, não é o carnaval popular que é importante, o carnaval importante é o carnaval da elite, carnaval veneziano. Portanto, não para se fundar a identidade de povo nos elementos da elite. O futebol tinha a mesma coisa, era prática da elite vinda da Inglaterra. Foi necessária uma popularização desses eventos, para que nos anos 30 eles fossem tomados como sinônimo de povo. O samba e a mulata também não podiam ser considerados símbolos de identidade nacional, por que no contexto da teoria raciológica e racista, a mulata necessariamente era inferior a branca.

Entretanto, principalmente, com os estudos realizados no ISEB¹⁰⁷ uma nova concepção de relação do popular forjava-se no bojo da concepção terceiromundista, segundo Ortiz¹⁰⁸, inspirada nas leituras de Marx e Hegel, pretendia conceber uma cultura nacional na reflexão sobre o conflito colonizador/colônia, enquanto essas reflexões, no mesmo período, impulsionaram movimentos nacionalistas de independência de países africanos, como a Argélia. No Brasil, as idéias isebianas contribuíram, de certa forma, para amenizar os conflitos que pudessem se originar de uma identidade autêntica.

¹⁰⁷ Conforme Wikipédia (2006), “O **Instituto Superior de Estudos Brasileiros** ou **ISEB** foi um centro de estudos criado em 14 de julho de 1955 (Decreto nº 37.608) pelo então presidente Café Filho. Foi extinto pelo golpe militar de 1964, e muitos de seus integrantes, os *isebianos*, foram exilados do Brasil. Funcionou como núcleo irradiador de idéias e tinha como objetivo principal a discussão em torno do desenvolvimentismo e a princípio a função de validar as atuações do estado, durante o mandato de Juscelino Kubitschek; era, ao menos num primeiro momento, fortemente influenciado pelo Estado, ou um instrumento deste. A tônica dos debates travados era centrada sempre nos rumos a serem tomados para o desenvolvimento nacional, e na construção de uma ideologia do desenvolvimento, que pudesse por sua vez orientar a burguesia na condução do processo de transformação e desenvolvimento econômico, social e cultural brasileiro. O ISEB é em alguns momentos apontado como um centro de estudos com tendências para um discurso socialista, o que não poderia ser menos verdadeiro, visto que os integrantes com exceção de Vieira Pinto e W. Guilherme, não viam qualquer possibilidade de construção nestes moldes, e quando o faziam era sempre de maneira moderada, apontando a necessidade de um embasamento numa ideologia do desenvolvimento e a possibilidade da diminuição das contradições sociais quando o estágio de uma sociedade industrialmente desenvolvida fosse atingida”. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Superior_de_Estudos_Brasileiros> Acessado em 10 de dezembro de 2006.

¹⁰⁸ ORTIZ, 2006a.

Os intelectuais e uma sólida classe média, cooptada pela elite dirigente, serviam de interlocutores de uma cultura brasileira que pregava o progresso. Criase, dessa forma, uma dicotomia com as classes subalternas, que representavam formas culturais que remontavam a um passado distante através do folclore. Essa dicotomia pode ser um indício da concentração de trabalhos de Geografia Cultural inspirados no folclore, nas festas populares e nas manifestações religiosas¹⁰⁹.

Procurou-se trazer esse esforço de estabelecer os momentos de consolidação da cultura brasileira não por acreditar no estabelecimento de unicidade brasileira, até por não se acreditar ser a cultura uma entidade ontológica, mas por que são aspectos importantes no estabelecimento das diferenças que marcam o indivíduo brasileiro, principalmente, em relação as suas representações simbólicas.

Dessa forma, acredita-se que antes de buscar uma cultura única brasileira, faz-se necessária uma reflexão sobre o processo de construção identitária do brasileiro, na perspectiva de compreender quais os discursos que mais influíram na configuração de uma pluralidade cultural que acaba se refletindo no cotidiano, mas também nas longínquas moradas de brasileiros no exterior, e se no ciberespaço, através de seus *blogs* e discursos reafirmam esses discursos ou expressam uma mudança identitária.

2.1.5 Cibercultura¹¹⁰

Mas, o que é cultura? Primeira resposta, um pouco abstrata: uma cultura é *uma rede de correspondência entre sistemas simbólicos*. Esses sistemas simbólicos podem ser, por exemplo, as línguas, as religiões, as leis, as organizações políticas, as regras de parentesco, os papéis sociais, os usos regrados do corpo, a estruturação do espaço e do tempo, os sistemas técnicos, etc. Porém, nem os sistemas simbólicos nem a rede que lhes corresponde formariam uma cultura, se não fossem atualizados e encarnados por pessoas (LÉVY, 2000, p.22).

As tecnologias informacionais que popularizam e aceleram a transmissão de dados, informações e recursos audiovisuais têm, através das redes de computadores, transformado consideravelmente as formas de estabelecimento das

¹⁰⁹ Ver Maia (1999), Capalbo (1999), Rosendahl (1999 e 2003),

¹¹⁰ LÉVY, 2000.

relações sociais. Nessa perspectiva, se a cultura é intrínseca as relações estabelecidas pelos indivíduos em sociedade, é compreensível a necessidade de se investigar a noção de cultura que se constrói nas representações simbólicas, que ganham mobilidade planetária, criando novas significações identitárias produzidas no ciberespaço.

Desde o início deste capítulo, vem-se discutindo a questão da cultura e sua absorção nas ciências sociais enquanto conceito válido para as análises das ciências como a Antropologia, a Sociologia e a Geografia, principalmente. Na *démarche* do debate, viu-se que as principais questões que se colocam, na questão da cultura, são as controvérsias entre as visões particularistas e universalistas, em um primeiro momento histórico, seguindo-se, posteriormente por debates entre a materialidade cultural das obras humanas (suas técnicas) e as representações simbólicas que se inscrevem na memória coletiva, ou mesmo no espaço, mas que carregam significações específicas.

Ao se discutir sobre cultura do ciberespaço, ou seja, a *cibercultura*, ou ainda a *cultura digital*, poderia se imaginar que as dicotomias paradigmáticas da questão cultural seriam suprimidas. Entretanto, ao se identificar os processos de produção e representação cultural no ciberespaço, encontramos o que Lèvy (2000, p.120) caracteriza como “paradoxo central”, ou seja,

[...] *quanto mais universal (extenso, interconectado, interativo), menos totalizável.* Cada conexão suplementar acrescenta ainda mais heterogeneidade, novas linhas de fuga, a tal ponto que o sentido global encontra-se cada vez mais difícil de circunscrever, de fechar, de dominar. Esse universal dá acesso a um gozo mundial, à inteligência coletiva enquanto espécie. Faz com que participemos mais intensamente da humanidade viva, mas sem que isso seja contraditório, ao contrário, com a multiplicação das singularidades e a ascensão da desordem.

Poderia se imaginar que Lèvy compartilha da visão universalista, e que sua conexão planetária seria um estágio a ser alcançado pelos *off-lines*¹¹¹, como na concepção francesa evolucionista, de que eles evoluiriam para um status de *online*¹¹², estabelecendo uma analogia com as noções de primitivos e civilizados. Entretanto, ao forjar a noção de *universal sem totalidade*, o autor esclarece que

¹¹¹ Aqueles que não estão conectados, ou que não tem acesso ao ciberespaço.

¹¹² Seriam aqueles conectados ao Ciberespaço, ao que tem acesso a ele regularmente.

nenhuma forma de encerramento, de domínio pode ser durável no ciberespaço, ou seja, o que se busca não é uma evolução linear e progressiva.

Pode-se dizer, então, que ocorre uma multiplicação das singularidades, a expansão exponencial da diferença. Se a *démarche* da cibercultura aponta para uma conexão planetária, não significa que ela não carrega consigo toda a efervescência das diferenças identitárias, pode-se afirmar que ela as reforça.

Os grupos sociais, cujas identidades seriam secundárias ou subalternas, encontram no ciberespaço, uma grande possibilidade de amplificação, na busca de sua legitimidade, de seu reconhecimento, seja através de iniciativas coletivas de movimentos sociais, ou na busca individual de um *locale* digital para estabelecer suas trocas sociais. Essa realidade possibilita transcender os marcos de uma reivindicação local, limitada a sua localização físico-geográfica, a uma dimensão global de solidariedade, ou exclusão e repulsa, se for o caso.

Essas *mutações culturais*¹¹³ tem o intuito de amplificar as trocas simbólicas e a forma de decodificá-las, encontram ressonância em vários aspectos da cibercultura. Um deles seria a interatividade entre as pessoas e os objetos.

Segundo Costa (2003, p.13), é possível destacar que a

[...] interação [com aparelhos digitais] representa um dos aspectos mais marcantes da cultura digital, que é essa capacidade de relação dos indivíduos com os inúmeros ambientes de informação que os cercam. Esses ambientes são conhecidos como interfaces, pois se colocam entre os usuários e tudo aquilo que eles desejam obter.

O autor destaca, ainda, outros aspectos da cultura digital, como a capacidade das interfaces, dos equipamentos digitais, de prenderem a atenção do usuário, e, também, o que ele denominou de febre sem-fio, o que segundo ele, e que Negropontes (1997) já destacava na sua *Vida Digital*. Esta cultura digital proporcionará uma revolucionária forma de comunicação entre os próprios objetos.

Conforme Costa (2003, p.15), isso está correndo através da

[...] convergência de vários aparelhos, como eletrodomésticos, computadores, telefones, impressoras, televisão etc., [...] terão algumas de suas funções interligadas através da Internet e da tecnologia sem-fio

¹¹³ Lèvy (2000).

Bluetooth¹¹⁴. O principal fator que deve impulsionar essa interligação é certamente a comunicação, e não apenas aquela que se estabelece entre indivíduos, mas também a que envolve os indivíduos e uma série de serviços que podem circular entre esses dispositivos. É o que acontecerá quando sua agenda eletrônica, por exemplo, receber um e-mail de uma emissora de televisão lhe comunicando o horário de um filme que você selecionou, ou quando sua geladeira ordenar automaticamente, pela Internet, a reposição de algum produto de sua preferência que já esteja terminando.

A cibercultura definida por Lèvy¹¹⁵ trata de desmistificar algumas questões que, na maioria das vezes, podem remeter a interpretações equivocadas, como por exemplo, de que a sociedade e a cultura estariam sendo impactadas pelas novas tecnologias de comunicação. As possibilidades descritas por Costa (2003) indicam transformações significativas no cotidiano dos indivíduos. Entretanto, ao refletir sobre as conexões entre tecnologia, sociedade e cultura, é necessário a compreensão de que elas são indissociáveis e se articulam de forma interdependente.

Nesse sentido, Lèvy (2000, p.22) argumenta que

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material — e menos ainda sua parte artificial — das idéias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. Acrescentemos, enfim, que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais. Mesmo supondo que realmente existam três entidades — técnica, cultura e sociedade —, em vez de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura. Mas a distinção traçada entre cultura (a dinâmica das representações), sociedade (as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força) e técnica (artefatos eficazes) só pode ser conceitual.

¹¹⁴ Segundo a Wikipédia (2006), "**Bluetooth** é uma tecnologia de baixo custo para a comunicação sem fio entre dispositivos eletrônicos a curtas distâncias. Começou a ser desenvolvida em 1994, pela Ericsson, e a partir de 1998 pelo Bluetooth Special Interest Group (SIG), consórcio inicialmente estabelecido pela Sony, Ericsson, IBM, Intel, Toshiba e Nokia, hoje este consórcio inclui mais de 2000 empresas. O nome Bluetooth é uma homenagem ao rei da Dinamarca e Noruega Harald Blåtand - em inglês Harold Bluetooth (traduzido como dente azul, embora em dinamarques signifique *de tez escura*). Blåtand é conhecido por unificar as tribos norueguesas, suecas e dinamarquesas. Da mesma forma, o protocolo procura unir diferentes tecnologias, como telefones móveis e computadores. O logotipo do Bluetooth é a união de duas runas nórdicas para as letras H e B, suas iniciais. É usado para comunicação entre pequenos dispositivos de uso pessoal, como PDAs, telefones celulares (telemóveis) de nova geração, computadores portáteis, mas também é utilizado para a comunicação de periféricos, como impressoras, scanners, e qualquer dispositivo dotado de um chip Bluetooth". Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bluetooth>>. Acesso em: 10 nov. 2006.

¹¹⁵ LÉVY, loc.cit.

Para não cair em um determinismo técnico, Lèvy (2000, p. 25) também exemplifica que

A emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização. Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. E digo *condicionada*, não *determinada*. Essa diferença é fundamental. A invenção do estribo permitiu o desenvolvimento de uma nova forma de cavalaria pesada, a partir da qual foram construídos o imaginário da cavalaria e as estruturas políticas e sociais do feudalismo. No entanto, o estribo, enquanto dispositivo material, não é a “causa” do feudalismo europeu. Não há uma “causa” identificável para um estado de fato social ou cultural, mas sim um conjunto infinitamente complexo e parcialmente *indeterminado* de processos em interação que se auto-sustentam ou se inibem. Podemos dizer em contrapartida que, sem o estribo, é difícil conceber como cavaleiros com armaduras ficariam sobre seus cavalos de batalha e atacariam com a lança em riste... O estribo condiciona efetivamente toda a cavalaria e, indiretamente, todo o feudalismo, mas não os determina. Dizer que a técnica condiciona significa dizer que abre algumas possibilidades, que algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser pensadas a sério sem sua presença. Mas muitas possibilidades são abertas, e nem todas serão aproveitadas.

A vida digital está estreitamente ligada à velocidade com que a mídia eletrônica se transforma, e conforme Garbin (2003, p.2)

[...] fazendo com que as pessoas e discursos estejam em muitos lugares ao mesmo tempo, distâncias sejam abreviadas, imagens e sons circulem vertiginosamente, capitais se reúnam, pessoas se *aproximem* virtualmente, e, por que não dizer, *realmente*.

Segundo Lèvy¹¹⁶, “[...] a velocidade de transformação é em si mesma uma constante – paradoxal – da cibercultura”.

A leitura realizada por Veiga-Neto (1999, p.1) sobre a cibercultura de Lèvy, enfatiza que a atualidade encontra-se

[...] no limiar de uma transformação radical da inteligência¹¹⁷. [...] depois de a Humanidade ter vivido uma longa fase em que o pensamento/inteligência estava baseado na oralidade, seguiu-se uma outra fase, baseada na escrita linear; e agora, estaríamos entrando numa terceira fase, baseada na hipertextualidade. Nesse terceiro estágio, a inteligência adquire uma, digamos, dimensão coletiva.

¹¹⁶ LÈVY, 2000, p.26.

¹¹⁷ Uso a descrição de Veiga Neto (1999) para a conceptualização de inteligência de Pierre Lèvy que chamou “inteligência o conjunto canônico das aptidões cognitivas, a saber, as capacidades de perceber, de lembrar, de aprender, de imaginar e de raciocinar” (p.1).

Nessa evolução da inteligência, na terceira fase apontada pelo autor adquirem destaque os novos suportes para registro da escrita. Assim, Veiga Neto (1999, p.2) afirma que

[...] o amplo (e relativamente barato) uso do computador e da comunicação eletrônica à distância, para a criação textual, não apenas amplifica o poder e os recursos da escrita linear – fato trivial que é bem conhecido por qualquer usuário dessas tecnologias –, como, também, trivializa a lógica da hipertextualidade. Como sabemos, um hipertexto¹¹⁸ é aquele que um leitor cria a partir de um texto primário, em geral, denominado *texto fonte*, e do qual pode sair – e ao qual pode voltar – segundo suas próprias decisões e segundo as possibilidades que um sistema de *links* em rede lhe oferece.

De uma maneira mais expressiva, é possível identificar que as grandes transformações, como as que ocorreram com a passagem de uma cultura da oralidade para uma cultura escrita, poderiam estar agora em curso, através da passagem da escrita linear para a hipertextualidade e que, segundo o autor, poderia remeter a uma nova cultura de oralidade.

Conforme Lèvy (2000, p.14), há um reencontro onde

O que acontece é que, com isso, se recupera a possibilidade de ligação com um contexto que tinha desaparecido com a escrita e com todos os suportes estáticos de formação. É possível, através disso, reencontrar uma comunicação viva da oralidade, só que, evidentemente, de uma maneira infinitamente mais ampliada e complexificada. Por exemplo, é isto que observamos com o que acontece, hoje, com o hipertexto ou multimídia interativa. O importante é que a informação esteja sob forma de rede e não tanto a mensagem porque esta já existia numa enciclopédia ou dicionário.

Em trabalho anterior, Silva¹¹⁹, identifica a conexão estreita entre o hipertexto e os blogs e ilustra como o desdobramento hipertextual proposto por Lèvy pode ser manifestado, e que além da grande criatividade, podem estar carregados de significação, através de seus signos (Figura 2).

Conforme Silva (2003a, p.32),

Nos *blogs* a utilização da hipertextualidade é uma constante. Os hiperlinks dos *blogs* analisados vão desde ferramentas para incrementar as páginas até campanhas de conscientização contra o uso de drogas ou a favor de

¹¹⁸ Para LÈVY (2000, p.254) hipertexto é uma forma não-linear de apresentar e consultar informações. Um hipertexto vincula as informações contidas em seus documentos criando uma rede de associações complexas através de *hiperlinks*, ou mais simplesmente, *links*.

¹¹⁹ SILVA, Gustavo Siqueira da. **Lições de Gênero na Internet: os Blogs**. 2003.

sua legalização, contra a fome, sexo seguro, políticas, passando por *sites* preferidos, indo até os chamados *blogs* amigos. Assim, na terceira fase da evolução do pensamento, que tem como marca a hipertextualidade, os *blogs* se caracterizam e se consolidam como parte da transformação para a inteligência coletiva.



Figura 2 – Links e Banners¹²⁰ hipertextuais de campanhas divulgadas nos *blogs*
 Fonte: Silva (2003a).

É nesse ambiente simbólico que novas formas de produzir o conhecimento foram buscadas, é que se vai ao encontro de novas representações ou antigas tradições. Essa escolha não é arbitrária, não é determinada pela técnica ou pela cultura digital, mas é negociada e articulada no processo de troca e interação social, por isso atravessada por relações de poder, mas ainda estabelecida por pessoas.

2.2 Post¹²¹: discurso online

Para analisar os discursos, segundo a perspectiva de Foucault, precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas – práticas bastante comuns quando se fala em fazer o estudo de um “discurso” (FISCHER, 2001, p.198).

¹²⁰ *Banners* – Origina-se de bandeira, corporações, e na linguagem da *Web*, são as propagandas que “aparecem”, sem ter nada a ver com o assunto dos *sites* que abrimos na Rede (GARBIN, 2001, p.27). Porém, como vimos acima podem não tratarem apenas de propaganda de consumo, e sim de propagandas de ações sociais, confirmando o caráter alternativo e multi-cultural da *web*.

¹²¹ Utilizou-se esse termo no mesmo sentido dos/as *blogueiros/as* para designar o ato de publicar textos, hipertextos, imagens, em uma determinada data em seu blog.

2.2.1 Discurso: uma visão foucaultiana

Inicia-se esse subitem compartilhando da compreensão de Tonini¹²², para quem, em sua concepção foucaultiana, *discurso* é tido “[...] não apenas como a designação de signos e significados às coisas, remetendo ao que se descreve, mas como um processo de relações e práticas sociais que produzem sentido”.

Esse entendimento é necessário a partir da noção de cultura explorada nas seções anteriores, onde a maioria dos pesquisadores sociais contemporâneos a definem como conjunto de representações simbólicas. Nesse sentido, resgata-se Castells (2005, p.459) para quem

Culturas consistem em processos de comunicação. E todas as formas de comunicação [...] são baseadas na produção e consumo de sinais. Portanto, não há separação entre *realidade* e representação simbólica. Em todas as sociedades, a humanidade tem existido em um ambiente simbólico e atuado por meio dele. Portanto, o que é historicamente específico ao novo sistema de comunicação organizado pela integração eletrônica de todos os modos de comunicação, do tipográfico ao sensorial, não é a indução à realidade virtual, mas a construção da realidade virtual.

Corroborando com as palavras de Castells (2005), a concepção foucaultiana de discurso destaca que se a integração eletrônica como materialidade cultural e técnica, é constituída de uma representação de signos, ela também é uma construção social e, conseqüentemente, um espaço discursivo, ou melhor, como define Fischer um campo discursivo¹²³.

Nessa linha de raciocínio, Lopes (2002, p.29-30) enfatiza que o discurso vem sendo representado como uma construção social, resultante basicamente de dois fatores,

a) o significado é um construto negociado pelos participantes, isto é, não é intrínseco a linguagem; b) a construção social do significado é situada em circunstâncias sócio-históricas particulares e é medida por práticas

¹²² TONINI, 2002, p.28.

¹²³ Ao referir-se a classificação proposta por Maingueneau, quanto à amplitude dos conjuntos discursivos, Fischer (2001, p.13), comenta que “[...] o autor distingue universo discursivo – correspondente a todas as formulações discursivas que circulam numa dada conjuntura; *campo discursivo* - o grupo das formações discursivas em luta e *espaço discursivo* - o subconjunto de determinado campo discursivo, no qual é possível registrar presença de pelo menos duas formações, cujo embate é fundamental para a eficácia (e compreensão) dos discursos considerados”. Nesse sentido, a integração eletrônica e veiculação dos discursos representariam um campo discursivo, enquanto nos *blogs* é possível o recorte do espaço discursivo.

discursivas nos quais os participantes estão posicionados em relações de poder.

Compreende-se o discurso no sentido de Lopes (2002), articulado com o de Tonini (2002). Para a autora, o significado não é apenas a designação nominal dos signos, mas um construto gerado por relações que, normalmente, são atravessadas por relações de poder. É preciso desassociá-lo da linguagem e localizá-lo historicamente, selecionando os conflitos que marcam sua significação atual.

Retroalimentando esse debate, Foucault (1972, p.56) diz que é preciso ponderar sobre essas questões pois,

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

Para estabelecer uma investigação em nível da análise do discurso, é preciso buscar, na leitura de Foucault (1972), alguns conceitos chaves, como por exemplo, o de enunciado. Para o autor, seria possível estabelecer um “conjunto de condições de existência” a partir da limitação do discurso a um número de enunciados, em que seria possível atribuir a eles uma “função de existência”, que segundo Fischer¹²⁴ seria exercida sobre “[...] unidades como a frase, a proposição ou o ato de linguagem”.

Dessa forma, Fischer (2001, p.201) argumenta, baseada na leitura de Foucault (1972), que

O enunciado em si não constituiria também uma unidade, pois ele se encontra na transversalidade de frases, proposições e atos de linguagem: ele é “sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”; trata-se de “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que [estas] apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço”.

Na tentativa de realizar uma análise discursiva efetiva, Foucault (1972) aponta quatro fatores básicos, para buscar sua *função de existência* a que se serve na designação do conjunto de signos. Esses são um referente, um sujeito, um campo

¹²⁴ FISCHER, 2001, p.201.

associado e uma materialidade específica. Ao se analisar os enunciados em nos *blogs*, objeto da pesquisa, pode-se fazer um exercício. No excerto extraído de Hot One Mama (2006), observa-se que

O resto do mundo não entende a dimensão da nossa cultura. Muitos acham que brasileiro é sinônimo de vulgaridade. Não é incomum ver um americano, ou europeu, tentando apertar a bunda (ou partes piores) de uma mulata vestida para o Carnaval. O que eles acham é que por estarem quase nus, tudo é permitido. Eu mesma já vi num daqueles *Galas Gay* pela televisão, um gordo safado apertando os mamilos de uma menina (loura, antes que me perguntem) porque ela estava de *top less*. A menina sorriu amarelo e cobriu os peitos.¹²⁵

Através do relato deste excerto, abrem-se diversas possibilidades discursivas. Utiliza-se como referente a identificação da autora do *blog* com o ser brasileiro. Por outro lado, a visão externa, a dos americanos¹²⁶ ou a dos europeus, remete ao que ela denomina de vulgaridade. Percebe-se, então, que esse significado foi constituído por formações discursivas, que foram interpretadas como se todo/a brasileiro/a fosse vulgar. Possivelmente, tal entendimento seja resultado dos discursos propagados por veículos de comunicação. O campo associado, que não confirma o isolamento do enunciado, é justamente a indignação da brasileira, que ao discordar da vulgaridade atribuída, ressalta a “dimensão da nossa cultura”, como um discurso alternativo. Por último, a materialidade específica do enunciado, o carnaval, a sexualidade, e o próprio fato do *top less*.

Pode-se dizer, então, que esse exemplo demonstra como um discurso pode adquirir status de verdadeiro, mas também pode demonstrar que as significações são construídas socialmente através das relações de poder. Assim, quem ler a página da One Hot Mama (2006) poderá observar outras concepções sobre ser brasileiro.

No mesmo excerto, seria possível destacar outros enunciados, desconstruir outras formações discursivas como a de gênero ou a de sexualidade, mas não é esse o objetivo que se busca. Não se pode negar, pelo contrário, através dos excertos pode-se ilustrar que o processo do interdiscurso não se encerra em um

¹²⁵ Todos os excertos extraídos dos *blogs*, foram mantidos integralmente como exibidos na *web*, assim serão comuns grafias típicas de usuários de *blogs*, como *emotions* e abreviaturas. Também optou-se por grafia diferenciada para citar os excertos e assim fazer uma diferenciação das citações de autores científicos

¹²⁶ O *blog* One Hot Mama (2006) foi criado por uma brasileira que mora nos Estados Unidos.

único elemento identitário, mas na possibilidade da constituição de múltiplas identidades ou de *identidades fragmentadas*¹²⁷.

Nesse sentido, Fischer (2001, p.202) que fez esse mesmo exercício, de identificação dos quatro fatores básicos apontados por Foucault (1972), com o enunciado “o professor é antes de tudo alguém que se doa, que ama as crianças, que acredita na sua nobre missão de ensinar”, afirme que

Descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. O que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a uma certa formação discursiva.

Pode-se observar, através dos exemplos citados, tal situação quando se analisou e investigou o *corpus* da pesquisa. Os enunciados remeteram para uma significação cultural, dos sujeitos que compõem a migração brasileira no exterior e no ciberespaço.

2.2.2 Post: linkando o poder

As formações discursivas são atravessadas por relações de poder, pois um enunciado só se torna verdadeiro a partir de sua imposição sobre outro. Dessa forma, é possível perceber, na sociedade, que a busca de identificação dos sujeitos que a compõem é marcada por diferenças quase sempre conflitantes. Cita-se como exemplo, a tentativa de se estabelecer uma identidade nacional, e as organizações políticas as quais se utilizam de estratégias discursivas para tentar encerrar em uma identidade homogênea as suas diferenças culturais.

Nesse sentido Hall (2005, p.61-62), reflete que

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo *unificadas* apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural

¹²⁷ LOPES, Luiz Paulo Moita. **Identities Fragmentadas**. 2002.

O que Hall (2005) chamou de *dispositivo discursivo*, é compreendido por Cuche (2002, p.198) como *estratégias da identidade*, que se explicam através do

[...] conceito de estratégia [...] as variações de identidade, que poderiam ser chamadas de deslocamento de identidade. Ele faz aparecer a relatividade dos fenômenos de identificação. A identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente¹²⁸.

Ao referir-se as gerações de imigrantes haitianos para Nova York, Cuche¹²⁹ (2002) ilustra que, muito além de uma identidade nacional, os haitianos eram atravessados por outras relações, e essas, ao entrar em contato com a cultura estadunidense, buscava diferentes formas de negociar uma nova constituição identitária. Mas, de fato, o que ocorre não é uma opção arbitrária, ao contrário, as relações sociais estabelecidas através de estratégias discursivas, vão forjando um sujeito híbrido, ou de identificação multiterritorial.

Tonini (2002, p.28) comenta que o discurso tem

[...] o efeito de fazer com que a realidade se torne o que ele diz que ela é ou deveria ser. É por essa sua capacidade de fabricar realidade que o que é dito sobre as coisas passa a ter efeito de verdade, e dentro dessa verdade estão contidas relações de poder.

Se os discursos são legitimados, aceitos como verdadeiros, eles exercem poder e não serão transformados enquanto não houver inversão hierárquica nas forças conflitantes que dominam e são dominadas discursivamente. Transformar um

¹²⁸ Essa situação é ilustrada por Cuche (2002, p.199), ao se referir ao estudo proposto por Françoise Morin, que analisa as recomposições da identidade dos haitianos imigrados para Nova York. Segundo o autor “a primeira geração da primeira grande onda migratória (década de sessenta), vinda da elite mulata do Haiti, optará pela assimilação à nação americana, mas acentuando tudo o que pudesse evocar uma certa “brancura” e a “distinção” para se diferenciar dos Negros americanos e escapar da rejeição social. A segunda onda migratória (década de setenta), composta essencialmente de famílias da classe média (de cor negra), diante das dificuldades de integração, escolherá uma outra estratégia, a da afirmação da identidade haitiana, para evitar qualquer risco de confusão com os negros dos Estados Unidos; a utilização sistemática da língua francesa, inclusive em público, e o esforço para se fazer reconhecer como grupo étnico específico serão os instrumentos privilegiados desta estratégia. Quanto aos jovens haitianos, sobretudo os da “segunda geração”, sensíveis à desvalorização social cada vez maior da identidade haitiana nos anos oitenta nos Estados Unidos, devido ao drama dos *boat people* naufragados na costa da Flórida e da classificação de sua comunidade como “grupo de risco” no desenvolvimento da Aids, eles rejeitam esta identidade e reivindicam uma identidade transnacional caribenha, aproveitando o fato de Nova York ter se transformado, devido à imigração, na primeira cidade caribenha do mundo.

¹²⁹ CUCHE, 2002.

discurso aceito como verdadeiro, implica questionar qual identidade ele produz e legítima. Desconstruir enunciados é um questionamento de poder.

Nesse contexto, concorda-se com Tonini (2002, p.30) de que

[...] é na disputa de qual discurso é mais válido, ou de qual é mais verdadeiro que o poder se exerce, é nessa relação que as identidades serão construídas, negociadas e fixadas, a partir da aceitação de atributos selecionados ou rejeitados para compô-la, situá-la, perpetuá-la.

Essa relação pode ser exemplificada com o excerto retirado do blog Carta da Itália (2005), no qual se pode observar como o poder se estabelece nas relações de identidade.

Recentemente um amigo estive no Brasil pela primeira vez. **Voltou encantado com a geografia e a gentileza do nosso povo.** É especialmente apaixonado pela **geografia de uma mulata que conheceu em Fortaleza.** Mas também se assustou com a pobreza e a sensação de que ninguém faz nada. **Tive uma mão-de-obra imensa para esclarecer-lhe que não é apenas impressão não.** Ninguém faz nada mesmo. Quer dizer, existem entidades que fazem, mas a nossa miséria é endêmica enquanto as iniciativas são escassas. O resultado dessa equação é um enorme deficit de solidariedade (grifos nossos).

O brasileiro que mora na Itália, ao comentar a visita de um amigo, supostamente italiano, reproduz o discurso nacional, instituído na década de 1930, comentado em Ortiz¹³⁰, da *geografia mulata*. Em contrapartida, aquilo que na visão do visitante passou como uma impressão não confirmada da pobreza, é reafirmado pelo brasileiro, como sendo verdadeiro e não uma impressão, ou seja, localizando sua formação discursiva na reprodução de um discurso tido como verdadeiro, por ter sido instituído através de uma relação, de poder, de que as sociedades estabelecidas em países periféricos são miseráveis e carentes de solidariedade.

Pode-se dizer, então, que o caráter espacializante do discurso é extremamente útil para análises geográficas, principalmente quando Foucault (2006, p.158) argumenta que

Metaforizar as transformações do discurso através de um vocabulário temporal conduz necessariamente à utilização do modelo da consciência individual, com sua temporalidade própria. Tentar ao contrário decifrá-lo através de metáforas espaciais estratégicas, permite perceber exatamente

¹³⁰ ORTIZ, 2006b.

os pontos pelos quais os discursos se transformam em, através de e a partir das relações de poder.

Ao se verificar o *blog* Conexão Rio-Paris (2006), foi possível analisá-lo através de metáforas espaciais, que ajudam a extrair, do enunciado, uma identidade conflitante e submetida a relações de poder.

Cris, 20 e poucos anos, carioca **morando em Paris, cursando mestrado em química e, atualmente, estagiando. Amo dança de salão, artes e viajar.** Sinto saudade da família, do Rio, mas adoro estar vivendo com Romain!
 Para quem não sabe (acho que quase todos) eu estava ilegal no país! Eh, sinistro, não? Na verdade, meu visto do ano passado era válido até 22 de setembro. Eu deixei para pedir minha entrevista para renovar meu visto na primeira semana de setembro achando que seria fácil. Ilusão! A data mais próxima que achei foi 26 de outubro. Fiquei mais de um mês sem visto aqui. Quinta-feira fui renovar cheia de preocupações, **eles encerraram comigo por causa do meu comprovante de residência. Eu levei a carta que eu recebo do banco, o contra cheque do estágio, o imposto de renda do Romain, a carta do banco do Romain, o contra cheque dele, o contrato de aluguel do apartamento e o recibo de pagamento do mês de outubro. Tudo isso porque como o pagamento da conta de luz é feito por débito automático e nos não recebemos a conta. Acredita que eles não aceitaram nada????** Tive que voltar lá no dia seguinte com o Seguro de Casa. Vai entender... Mas a boa notícia é que eu consegui meu visto. Mais um ano garantido na França!!! =) (Grifos nossos).

Através dos excertos, publicados pela brasileira que reside em Paris, logo na sua apresentação, se observa que ela tem um discurso que remete à ideia de uma mulher emancipada, que tem como principal espaço de convivência o espaço público. Identificação bem semelhante com a das mulheres de países desenvolvidos, ou seja, uma identidade territorial desenvolvida. Mas, ao ter que circular em um espaço onde sua nacionalidade, sua fixidez identitária não podia ser ocultada, voltou a assumir uma relação de pertença a uma cultura subdesenvolvida, aos olhos dos fiscais da imigração, que colocaram empecilhos para revalidação do seu visto. Destaca-se que pela formação discursiva do enunciado não se tem uma pista de contraposição, de indignação, da brasileira às imposições arbitrárias dos fiscais franceses. Parece haver conformidade da migrante periférica que aceita o espaço que lhe é atribuído na metrópole civilizada.

Nesse contexto, a contribuição de Fischer (2001, p.207) traz pistas para a reflexão à cerca do lugar de dispersão dos discursos produzidos pelos sujeitos,

Ao analisar um discurso – mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual –, não estamos diante da manifestação de um sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem.

Recorre-se novamente a Fischer (2001, p.207), para lembrar que as diferenças produzidas nos enunciados são

[...] fundada[s] principalmente na idéia do conflito, da pluralidade de vozes que se enfrentam nos textos, é a concepção pela qual se introduz a presença do Outro no discurso. Mesmo que inicialmente ela tenha privilegiado certo determinismo, de fora para dentro, na verdade postula algo que, depois de Marx, não nos atrevemos a questionar: o homem é inconcebível fora das relações sociais que o constituem.

2.2.3 Posts e perfil

Na seção anterior, demonstrou-se, através de alguns exemplos, como na negociação identitária, as relações de poder estabelecidas são tencionadas em via de duplo sentido. Se por um lado, o discurso busca legitimidade e reafirmação no sentido Eu, que quer persuadir, cooptar o Outro, por outro, há sempre a visão que Outro tem do Eu. Essa relação é dinâmica e em última análise estabelece os deslocamentos das identidades.

Nesse sentido, retoma-se Fischer (2001, p.210), a autora salienta que

Quando Foucault diz que os enunciados são povoados, em suas margens, de tantos outros enunciados, afirma a ação do interdiscurso, da complementaridade e da luta dos diferentes campos de poder-saber, afirma a importância da análise arqueológica, segundo a qual se despreza a solenidade da ciência, para privilegiar textos e gestos nem tão inéditos assim, enunciados miméticos, banais e discretos, ao lado das grandes e luminosas originalidades.

Se é possível compreender que a significação e o sentido, das representações simbólicas, são construções sociais, de que se servem os discursos, e que só são possíveis nas relações entre os sujeitos, por serem sociais e culturais. Logo se conclui que não existe uma identidade fixa, unívoca, pura, essencial. Ela é, como argumenta Hall (2000), produzida, e no cotidiano da experiência vivida, vai

sendo forjada uma múltipla identificação nas trocas do Eu com o Outro e vice-versa. Essas relações, produzidas nas fronteiras da diferença de identidade entre o Eu e o Outro, é que vão constituir o interdiscurso.

Na concepção de Fischer (2001. p.212), pode-se compreender que

[...] considerar a interdiscursividade significa deixar que afluam as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos, os esquecimentos; enfim, significa deixar aflorar a heterogeneidade que subjaz a todo discurso. Maingueneau chega a radicalizar: para a análise do discurso, segundo ele, haveria quase um primado do interdiscurso sobre o discurso, já que a unidade a ser analisada consistiria exatamente num espaço de trocas entre vários discursos.

Outra contribuição importante na constituição desses espaços de trocas identitárias é o de Bhaba¹³¹, que os definiu como *entre-lugares*, que funcionariam fornecendo “[...] o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade”.

Assim, parte-se do pressuposto de que esses *entre-lugares*, estes locais de interdiscursividades, estabelecem fronteiras muito tênues entre as identidades, mas paradoxalmente, são combustíveis para o estabelecimento de sua dinâmica permanentemente renovadora. Da mesma forma que Fischer¹³² afirma que desde Marx o homem é inconcebível como externo as relações sociais, são elas mesmas, na sua multiplicidade cultural, que possibilitam articulações em suas margens.

A multiplicidade e a diferença, constituídas nas margens identitárias do sujeito são negociadas e articuladas a partir da noção que o Eu tem de si mesmo e da que o Outro tem dele. Dito de outra forma, no caso da brasilidade, a identidade tanto é construída na alteridade, da *dimensão cultural, do folclore, da musicalidade* que os brasileiros captam na constituição de uma identificação nacional, quanto na atribuição de vulgaridade, de violência, de miséria, que acabam se legitimando no discurso dos outros, europeus e estadunidenses, principalmente, com relação ao local de construção da brasilidade.

¹³¹ BHABHA, 2005, p.20.

¹³² FISCHER, 2001.

As relações de poder presentes em toda enunciação discursiva, estão ocultas na disputa de legitimação de significação, do que é verdadeiro para o Eu e o Outro. Nesse sentido, o Outro é uma noção essencial no processo de construção identitária, pois ele se apresenta como exterioridade, ao Eu e, geralmente, é na negação nele que se constituem as identidades mais fixas.

Nesse sentido, Ortiz (2006b) comenta que

[...] as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com afirmações sobre identidade. Dizer que “ela é chinesa” significa dizer que “ela não é argentina”, “ela não é japonesa” etc., incluindo a afirmação de que “ela não é brasileira”, isto é, que ela não é o que eu sou. As afirmações sobre diferença dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.

Compreender o caráter indissociável da identidade e da diferença é apreender a constituição do processo de identificação cultural dos sujeitos, que se dá, não exclusivamente, mas primordialmente, na relação conflitante do Eu com o Outro.

Mesmo que a relação não seja conflitante, ela ainda é atravessa por uma relação de poder, que se estabelece nos *entre-lugares*, onde se transcendem as tênues fronteiras da identidade, da diferença.

Excerto a seguir, extraído do *blog* Quimera Brasil-España (2003), reflete bem essa argumentação

Sexta feira.... ontem nem deu para escrever. Teve o típico evento do San Jaune.... todo mês a Empresa do César faz um evento diferente... ontem foi comer "jamón" con vinho na "oficina" (pra quem nao sabe, oficina é a empresa.... ja acostumei a falar oficina, nao é do carro nao, heim?)... bom voltando no assunto... comemos un jamoncito e vinhos... e depois... acabamos no "Oba oba"... **um bar brasileiro.. samba, pagode, etc.....** Quem ve isso, vai pensar que estou todos os dias de festa... mas nao é assim nao... :o) (Grifos nossos).

Ao mesmo tempo em que a brasileira, residente na Espanha, demonstra fácil adaptação à gastronomia e à língua, refere-se a sua brasilidade através de referentes culturais atribuídas como verdadeiros pelos outros, espanhóis, situando-se no espaço atribuído pela concepção de ser brasileiro deles. Esse enunciado é uma boa ilustração da relação estabelecida no *entre-lugar* da cultura brasileira e

espanhola, onde se observa uma sobreposição do discurso espanhol sobre o que é brasileiro, em relação a própria concepção do sujeito, a brasileira.

2.2.4 O discurso no ciberespaço

Sem uma análise prévia, poder-se-ia correr o risco de afirmar que a acentuada expansão das redes sociais organizadas pelos computadores, o ciberespaço, por sua vocação globalizante e por sua postulação ao status de técnica universal, estaria reproduzindo enunciados discursivos, nas relações sociais estabelecidas pelos usuários, que as identidades estão convergindo a uma cultural global homogênea. Entretanto, essa situação não se confirmou no espaço geográfico dos Estados-Nação, como também não suporta uma análise mais profunda do processo de constituição discursiva de identidades no ciberespaço.

Esse contexto pode ser compartilhado com o que afirma Castells (2006, p.44), que

A era da globalização é também a era do ressurgimento do nacionalismo, manifestado tanto pelo desafio que impõe a Estados-Nação estabelecidos como pela ampla (re) construção da identidade com base na nacionalidade, invariavelmente definida por oposição ao estrangeiro.

Também Silva (2003c, p.318) afirma que

Esse processo [globalização], ao mesmo tempo em que acentua desigualdades, fragmenta identidades em múltiplas derivações e remete ao temor do advento de uma cultura homogeneizada, paradoxalmente reativa os interesses pelo local. Em tempos de globalização, a discussão sobre as identidades torna-se cada vez mais presente. Assim, o empoderamento dos proporcionado pela Internet conduz a que se produzam discursos que não necessariamente irão refletir os sentidos hegemônicos.

Entretanto, se é possível reafirmar uma identidade primária, geralmente de nação, partir da análise dos discursos e enunciados manifestados no ciberespaço, também essa não é uma condição estática, fixa, e nem tão pouco, exclui a consolidação de identidades múltiplas. No *blog* Naked-Emotions (2005), por exemplo, é notório o sentido mais de pertencimento ao novo território, do que ao de origem pois,

Too hot to work

De volta, enfim, a uma Londres em plena onda de calor, tem feito no mínimo, 30 graus, muito sol, um forno. Cheguei há dois dias atrás, após uma longa e cansativa viagem. Nenhum problema com a imigração no aeroporto, ainda bem. **Sensação de estar voltando para casa.** Não estou com a mínima vontade de trabalhar por enquanto, ainda estou no clima de férias e o melhor a fazer é cuidar de me aclimatar com os novos ares, rever os amigos e curtir o calorão. **Foram quase 3 meses no Brasil e já estava naquela impaciência para voltar e resolver minha vida por essas terras européias mas não volto sem reconhecer o que ainda me liga ao meu país : o carinho da minha família e as cores e sabores do meu nordeste** (grifos meus)

Ao invés da reafirmação de uma identidade primária de nação, observa-se uma nítida relação de pertencimento, de casa, ao novo hábitat, ao novo país de moradia. O que se quer dizer é que se por um lado, a globalização e o avanço tecnológico da *sociedade em rede*, insinuavam a reafirmação de uma identidade de resistência, segundo os autores citados, por outro, observa-se que o ciberespaço também, abriga enunciados que contêm sentido em identidades híbridas ou aculturadas¹³³.

No caso do exemplo, Naked-Emotions (2005), intitulado *Uma Stripper em Londres*, observa-se que a atividade da brasileira que mora na Inglaterra é uma atividade de contato direto com a subjetividade cultural daquele país, os contatos diários com os indivíduos ingleses. Se adotássemos o gênero como categoria de análise poder-se-ia ter outras respostas. A relação de uma mulher, o outro do homem, em uma situação de submissão, de exposição de seu corpo para sobreviver, forjando uma identidade de subordinação, de gênero e de território, por ser brasileira. Mas esse não é o foco da pesquisa.

A situação relatada por Silva (2003c) e Castells (2005) é confirmada no *blog* denominado Blog do Bean (2006). A reafirmação de uma identificação com a brasilidade fica evidente tanto em imagem (Figura 3), quanto no enunciado do excerto abaixo

Putz, acho que o título desse post é meio propaganda enganosa. É que não quero falar de nada específico daqui, e sim de **algo que tem a ver com o Brasil**. Falo de uma das **minhas paixões, que aqui em Israel tem se mantido tão forte quanto** (ou talvez até mais). **Ah, Galo**, até quando??? Eu, um pobre atleticano do

¹³³ A referência a aculturação é feita no mesmo sentido empregado por Cuche (2002, p.115), para que é o “[...] conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre os grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos (*patterns*) culturais iniciais de um dos dois grupos”.

outro lado do mundo ouvindo a transmissão pela Rádio Itatiaia, vibrava ontem antes do jogo começar. A vinte minutos do apito inicial, escutava a torcida que lotava o estádio Independência cantando o hino do glorioso. Vibrava, vibrava muito!"Ouça o canto da massa alvinegra", disse o Willy Gonser. O repórter João Vítor Xavier foi mais além. "É emocionante, a torcida fica toda de pé...". Meu Deus, o que estou fazendo aqui? Eu, sem poder ajudar o time como mais um grito vindo da arquibancada, escutava. E vibrava. "O que é isso que as pessoas estão cantando?", perguntou um turco que estava sentado do meu lado, na sala de computador. "É futebol, meu velho. Vocês não sabem o que é isso". O resultado todos já sabem, o galo tomou de 5. Mas isso é o que menos importa. O mais engraçado é, depois de um tempo longe do meu país, descobrir quais são realmente as coisas que me fazem falta, as minhas paixões, as minhas saudades. O meu Galo, sem dúvida, é uma delas: Deus no céu e Galo na terra... (grifos meus).



Figura 3 – *Banner* de apresentação do Blog do Bean (2006)

Fonte: Blog do Bean (2006). Disponível em: <<http://blogdobebean.blogspot.com/>>.

Nos enunciados desse brasileiro que mora Israel, nota-se a vinculação com a identidade institucional brasileira do futebol. O blogueiro usa expressões que detalham sua relação com o esporte, através da transmissão da Rádio Itatiaia, via Internet, com uma riqueza que se poderia imaginar que ele realmente estava no estádio Independência.

Mais uma vez é possível identificar uma formação discursiva que remete a uma identificação ao que é positivo na brasilidade, aquilo em que o Brasil é reconhecido mundialmente, o futebol. Mas o futebol é um caso que deveria ser investigado a parte, pois na medida em que o Brasil conquistou seu espaço discursivo com o futebol, embora sua popularização e sua identificação tivesse sido atribuídas¹³⁴ em território nacional, o clube com que o blogueiro se identifica, o Clube Atlético Mineiro de Belo Horizonte, passava por uma situação de inferioridade com relação aos grandes clubes brasileiros, pois o mesmo havia sido rebaixado para a série b do Campeonato Brasileiro.

Se o ciberespaço pode refletir uma contraposição á lógica global de homogeneização técnica, econômica, política e talvez cultural, através da

¹³⁴ ORTIZ, 2006.

reafirmação de identidades subordinadas, principalmente as primárias, como as de raça, gênero, religiosidade e nação, por outro lado, pode se observar que há também uma constante e dinâmica construção identitária que vem sendo forjada nos *entre-lugares* culturais das identidades.

A língua materna¹³⁵, utilizada na redação de seus discursos, pode ter significado na identificação, mas não passam de signos se não se buscar na análise do discurso, de como histórica, social e espacialmente está sendo forjada sua identidade. Assim, o *blog* se apresenta como um local privilegiado para disseminação de enunciados carregados de sentido, formações discursivas que dão pistas e proporcionam uma troca bastante consciente em função da opinião do Outro em relação a si. Não que ele esteja na contramão de uma tendência observada por outros autores como Castells (2006), Silva (2003c) e Hall (2005), mas que apresenta singularidades que têm muito a ver com o caráter da subjetividade individual do/a blogueiro/a.

Nesse sentido, Recuero (2004, p.3), ressalta que

O blog é imbuído de personalidade. Imbuído das características e das impressões que seu autor quer dar, da maneira através da qual ele deseja ser percebido pelo leitor. A informação divulgada em um blog encontra-se imbuída da personalidade de seu autor. Os blogueiros desejam que o leitor saiba que aquele espaço é "seu". Por conta disso, elementos como a descrição pessoal do indivíduo, o uso da primeira pessoa, o uso das fotografias, a assinatura em todos os *posts*, são freqüentes.

Portanto, é essa busca intensa no olhar do outro, essa vontade de ser visto, ouvido, ou no caso lido, que movimenta a *blogsfera*. Essa relação, com seu espaço, onde o sujeito torna-se ator social, através da manifestação da sua personalidade é que traz inquietações e questionamentos. No caso da migração brasileira, pode-se encontrar pistas para a busca de respostas, não da identidade brasileira, ou se

¹³⁵ Segundo a Wikipédia (2006), "**Língua materna** é a primeira língua que uma criança aprende. Em certos casos, quando a criança é educada por pais (ou outras pessoas) que falem línguas diferentes, é possível adquirir o domínio de duas línguas simultaneamente, cada uma delas podendo ser considerada língua materna, configura-se então uma situação de bilingüismo. A expressão *língua materna* provém do costume em que as mães eram as únicas a educar seus filhos na primeira infância, fazendo com que a língua da mãe seja a primeira a ser assimilada pela criança, condicionando seu aparelho fonador àquele sistema lingüístico. A aquisição da língua materna ocorre em várias fases. Inicialmente, a criança registra literalmente os fonemas e as entonações da língua, sem ainda ser capaz de os reproduzir. Em seguida, começa a produzir sons e entonações até que seu aparelho fonador permita-lhe a articular palavras e organizar frases, assimilando contemporaneamente o léxico. A sintaxe e a gramática são integradas paulatinamente dentro deste processo de aprendizagem". Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_materna>. Acessado em 20 dez. 2006.

existe uma identidade brasileira, mas de como os brasileiros vêem os brasileiros e como os mesmos são vistos pelos indivíduos das sociedades de países, em que moram fora do Brasil.

2.3 Identidades Culturais ou Virtuais?

Precisamos vincular as discussões sobre identidade a todos aqueles processos e práticas que têm perturbado o caráter relativamente “estabelecido” de muitas populações e culturas: os processos de globalização, os quais, eu argumentaria, coincidem com a modernidade, e os processos de migração forçada (ou “livre”) que têm se tornado um fenômeno global do assim chamado mundo pós-colonial (HALL, 2000, p.108).

A partir da leitura de Hall (2000 e 2005), torna-se possível entender o conceito de *identidade*. O autor afirma que foi o projeto da modernidade que produziu um sujeito unificado, localizado solidamente como indivíduo social. As transformações estruturais e institucionais que deslocam o centro das sociedades modernas estão fragmentando e relativizando a identidade até então vista como unificada e estável. Nesse sentido, ele compreende a identidade como uma “celebração móvel”, ao comentar que “o sujeito assume identidades distintas em diferentes momentos, uma vez que essas identidades não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. Para Hall¹³⁶ “[...] dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.

O descentramento do sujeito moderno não ocorreu através de sua simples desagregação, mas segundo Hall (2005), através de um processo de rupturas nos discursos do conhecimento moderno, durante o século XX, quando ele considera cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas: as tradições do pensamento marxista, a descoberta do inconsciente por Freud, o trabalho do lingüista Sausurre, o trabalho de Foucault e o impacto do feminismo, tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social.

¹³⁶ HALL, 2005, p.13.

A idéia de descentramento remete, indubitavelmente, ao entendimento de um elemento fundamental, a diferença, no processo de constituição da identidade. É ela que dinamiza as relações sociais, que contrapõe a suposta homogeneização cultural imposta pela globalização e que localiza os atores sociais em seus espaços hierarquizados pelas relações de poder.

2.3.1 Identidade e *différance*

Parte-se do pressuposto de que pensar a identidade requer admitir a diferença. Em um exemplo lingüístico, Silva traz elementos para a compreensão do que se pretende dizer. Na sua leitura de Jacques Derrida, o autor cita o ato de procurar significados em um dicionário e assinala que ao encontrarmos uma palavra apenas se é remetido a outros signos, não se é apresentado a coisa propriamente dita. Esse adiamento da presença articula-se com a diferença, pois segundo Silva¹³⁷, p. 79), “[...] na impossibilidade da presença, um determinado signo só é o que é porque ele não é outro, nem aquele outro etc., ou seja, sua existência é marcada unicamente pela diferença que sobrevive em cada signo como traço”.

O adiamento e a diferença são sintetizados no conceito de *différance*, de Derrida (SILVA, 2000c). Nesse contexto, Hall (2000, p.106) ao traçar um paralelo entre identificação e identidade, o fá-lo compartilhando do conceito de *différance* e afirma que

A identificação é pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance*. Ela obedece à lógica do mais-que-um. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteira”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui.

¹³⁷ SILVA,2000c. p.79.

Partindo desse entendimento, Hall utiliza-se da definição de *identificação*, para fugir da caracterização naturalista, geralmente, atribuída pelo *senso comum*¹³⁸. Segundo Hall¹³⁹, em contraposição a essa definição, a identificação é vista pela “[...] abordagem discursiva [...] como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre *em processo*”. O autor ressalva que o caráter permanentemente mutável da identidade, parte dessa concepção da identificação como processo, para que se possa compreender que não se trata de conceito essencialista.

Mais uma vez compartilha-se com Hall (2000, p.108) o pensamento de que é necessária uma concepção que

[...] não [tenha] como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, “o mesmo”, idêntico a si mesmo ao longo do tempo. Ela tampouco se refere, se pensarmos agora, na questão da identidade cultural, àquele “eu coletivo ou verdadeiro que se esconde dentro de muitos outros eus – mais superficiais ou mais artificialmente impostos – que um povo, com uma história e uma ancestralidade partilhadas, mantém em comum” (Hall, 1990). Ou seja, um eu coletivo capaz de estabilizar, fixar ou garantir o **pertencimento cultural** ou uma **unidade imutável** que se sobrepõe a todas as outras diferenças – supostamente superficiais. Essa concepção aceita que as identidades não são, nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

A noção de diferença, da qual a constituição da identidade articula-se na visão do outro, da exterioridade, da negação, pode ser observada, por exemplo, ao se afirmar: “sou brasileiro”. Essa afirmação nega outras identidades, ou seja, significa que “não sou argentino”, “não sou chinês”, “não sou alemão”, isto é, ao tentar demarcar uma identidade, parte-se do pressuposto de que ela não, identifica-se com aquilo que ela não pode ser, ela se forja do exterior do sujeito (SILVA 2000c; ORTIZ; 2006b).

Conforme Silva (2000c, p.75), há uma interdependência entre diferença e identidade

¹³⁸ Conforme Hall (2000, p.106) na “[...] linguagem *senso comum* a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”.

¹³⁹ Idem.

As afirmações sobre diferenças também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.

Nesse sentido, procurando entender a utilização do termo fronteira nas afirmações de Hall (2000) e Bhabha (2005), para procurar encontrar o lugar privilegiado onde são constituídas as identidades, encontrou-se em Hissa (2002, p.34) uma argumentação sobre a diferenciação entre limite e fronteira, o autor compreende que

Fronteiras e limites, em princípio, fornecem imagens conceituais equivalentes. Entretanto, aproximações e distanciamentos podem ser percebidos entre fronteiras e limites. Focaliza-se o limite: ele parece consistir de uma linha abstrata, fina o suficiente para ser incorporada pela fronteira. A fronteira, por sua vez, parece ser feita de um espaço abstrato, areal, por onde passa o limite. O marco de fronteira, reivindicando o caráter de símbolo visual do limite, define por onde passa a linha imaginária que divide territórios. Fronteiras e limites ainda parecem dar-se as costas. A fronteira coloca-se à frente (*front*), como se ousasse representar o começo de tudo onde exatamente parece terminar; o limite, de outra parte, parece significar o fim do que estabelece a coesão do território. O limite, visto do território, está *voltado para dentro*, enquanto a fronteira, imaginada do mesmo lugar, está *voltada para fora* como se pretendesse a expansão daquilo que lhe deu origem. O limite estimula a idéia sobre a distância e a separação, enquanto a fronteira movimenta a reflexão sobre o contato e a integração. Entretanto, a linha que separa os conceitos é espaço vago e abstrato.

A noção de fronteira enquanto algo em aberto, em movimento, separa da idéia de fixidez do limite. A fronteira articula-se com a idéia de integração, de contato e é dessa forma que a compreende-se, no mesmo sentido de Hall (2000), Bhabha (2005) e Hissa (2002), que muitas vezes a referem como o local onde as identidades pós-coloniais se forjam, são negociadas, tornam-se múltiplas.

Mas a idéia de exterioridade não pode perder de vista que as identidades são constituídas nas formações discursivas. Ou seja, se as fronteiras das múltiplas identidades podem remeter para uma leitura equivocada de que a identidade seria uma entidade ontológica, que suas diversas faces, poderiam estar encerradas em limites fixos, é preciso reafirmar o caráter sempre cambiante do processo de constituição identitária.

Hall (2000, p. 109) ao argumentar sobre o local da construção das identidades lembra que

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, eles emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.

A identidade vista nessa perspectiva, leva a uma interpretação de que todas essas características de diferença, de *mais-que-um* dos signos, ela remete a necessidade de articular sua constituição na estratégia discursiva, onde, de fato os atores sociais ao se interrogarem sobre quem são, quais papéis lhes são atribuídos geram as tensões que lhes permitem situarem-se cultural e politicamente. Dessa forma, Bhabha (2005, p.84) argumenta que

Cada vez que o encontro com a identidade ocorre no ponto em que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar da identidade e da autonomia e – o que é mais importante – deixa um rastro resistente, uma mancha do sujeito, um signo de resistência. Já não estamos diante de um problema ontológico do ser, mas de uma estratégia discursiva do momento da interrogação, um momento em que a demanda pela identificação torna-se, primariamente, uma reação a outras questões de significação e desejo, cultura e política.

Como se pode observar, as identidades como resultado das práticas discursivas dos atores sociais, não só dos indivíduos, mas também das instituições, são dinâmicas, são negociadas e articuladas no discurso. Então, é possível compreender que na verdade, está-se considerando que a identidade encontra-se nos posicionamentos discursivos, que possibilitam reivindicar a noção de deslocamento, de descentramento, como demonstra Hall (2005). São nessas negociações e articulações que se torna possível o deslocamento das identidade de um posicionamento discursivo a outro, conforme se configuram as disputas de poder entre os grupos envolvidos.

Concorda-se com Lopes (2002, p.37), o qual argumenta que

[...] as identidades sociais são construídas no discurso. Portanto, as identidades sociais não estão nos indivíduos, mas emergem na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados. Também fica claro aqui que o mundo social e as

identidades não são fixos. Estão em construção, isto é, podem ser reposicionadas.

Se as identidades são construídas no discurso e as práticas discursivas alimentadas pela diferença, só é possível compreender tal dinâmica, na medida em que se compreender o processo como exclusivamente social. A diferença não é algo natural, por mais que alguns discursos tentem demonstrar que ela seja. Cita-se como exemplo, o fato de os homens terem um papel privilegiado na sociedade, em relação às mulheres, por sua força física, ou que os negros seriam uma cultura subordinada por sua inferioridade genética, em relação aos brancos. No entanto, sabe-se que a diferença é social e historicamente constituída nas práticas discursivas institucionais ou cotidianas.

Resgata-se Semprini¹⁴⁰ para ilustrar o caráter social da interdependência entre a identidade e a diferença, que “[...] antes de tudo é uma realidade concreta, um processo humano e social, que os homens empregam em suas práticas cotidianas e encontra-se inserida no processo histórico”.

Dessa relação permeada pela diferença e atravessada por relações de poder, intrínseca ao discurso, em que se constituem as identidades, não que as fixam, edifica-se o debate à cerca daquele que é o foco desta pesquisa, a identidade de nação, ou de nacionalidade. Como se destacou no início do capítulo, ao se recortar o objeto de trabalho, a identidade brasileira, se é que se pode afirmar dessa forma, surge novamente o debate que balizou os estudos a respeito da cultura. A tensão entre visões particularistas e universalistas voltam à cena, na medida em que a globalização apresenta-se como uma ameaça, ou uma alternativa, as identidades nacionais.

Conforme Hall (2005, p.76), a tensão ganha uma nova roupagem

Em certa medida, o que está sendo discutido é a tensão entre o “global” e o “local” na transformação das identidades. As identidades nacionais, como vimos, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento. Sempre houve uma tensão entre essas identificações e identificações mais universalistas.

¹⁴⁰ SEMPRINI, 1999, p.11.

Pode-se dizer, então, que essas tensões tendem a se reforçar, principalmente, com os crescentes fluxos migratórios dos países periféricos para os países centrais. A grande incidência de uma identidade consumista, imposta pelas antigas metrópoles às ex-colônias, fizeram com houvesse uma reversão nesse movimento para fora. Agora o que se observa é um grande movimento para dentro dos países centrais, de pessoas das ex-colônias, no que Hall¹⁴¹ chamou de um “[...] dos períodos mais longos e sustentados de migração *não planejada* da história recente”.

Nesse contexto, é que estão inseridas as novas formações identitárias, num novo e conflitante processo, em que se observa que se a humanidade caminha para uma conexão planetária, essa carrega consigo todo o peso da *différance*. Se o capital e as organizações políticas engendram-se cada vez mais em uma articulação permanente, através das redes técnicas. É nesse mesmo espaço que a contraposição cultural, a uma perspectiva homogeneizante, vem se reforçando, através da constituição e reafirmação de identidades subordinadas na hierarquia de poder imposta pelo discurso que, no caso, é bem particular, no que se refere ao seu ponto de difusão.

2.3.2 Identidade nacional ou identidade territorial?

A questão da identidade nacional tem sido discutida no fim do século XX e início de século XXI. A globalização, que encontra em McGrew (1992 apud HALL, 2005, p.67) o que se considera uma das mais adequadas definições,

[...] se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.

Considera-se adequada tal definição, porque o autor explicita tanto seu caráter enquanto realidade material, quanto à necessidade de compreendê-la como experiência vivida. Essa definição é utilizada por Hall¹⁴² para interpretar que essas

¹⁴¹ HALL, 2005, p.81.

¹⁴² Ibid. p.68.

“[...] novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais”.

Por outro lado, tem-se observado que as identidades nacionais ao invés de sucumbirem à compressão espaço-temporal, de deixarem-se abater pelo contato constante com as mais variadas culturas estão, cada vez mais, afirmando-se na sociedade em rede. Nesse sentido, as contribuições de Castells (2005, 2006) são relevantes. O autor identifica que uma resistência das identidades desvalorizadas e/ou subordinadas com relação àquelas posicionadas nos discursos dominantes. É o caso das identidades nacionais de países periféricos, principalmente, aqueles em que a organização social está associada à religião, ou ao menos são expressivas as representações de grupos fundamentalistas.

Desse modo, Castells (2006, p.29) argumenta que

É um atributo da sociedade, e ousaria dizer, da natureza humana, se é que tal entidade existe, encontrar consolo e refúgio na religião. O medo da morte, a dor da vida, precisam de Deus e da fé n'Ele, sejam quais forem suas manifestações, para que as pessoas sigam vivendo. De fato, fora de nós Deus tornar-se-ia um desabrigado. Já o fundamentalismo religioso é esse “algo mais” representa uma das importantes fontes de construção de identidade na sociedade em rede [...]. Quanto a seu conteúdo real, experiências, opiniões, história e teorias são tão diversas que desafiam qualquer tentativa de síntese.

Um exemplo dessa perspectiva de manifestação identitária fundamentalista pode ser observado no trabalho de Silva (2002), em que a autora cita alguns exemplos de atividades de manifestação de identidades de nação, que privilegiariam ações através do ciberespaço, confirmando a tese de Castells (2006). Entre os exemplos Silva (2002) aponta os Zapatistas¹⁴³ (Figura 4), que teriam sido os primeiros a utilizar o ciberespaço para expandir suas atividades; o movimento RAWA¹⁴⁴ (Figura 5), movimento de mulheres afegãs que utilizaram o ciberespaço para denunciar a situação de submissão a que eram expostas durante o regime Taliban e as FARC-EP¹⁴⁵ (Figura 6), grupo miliciano, de orientação marxista, que disputa o poder de alguns territórios com poder institucional da Colômbia.

¹⁴³ Os Zapatistas são um grupo guerrilheiro, radicado na região de Chiapas do México, que entre seus objetivos principais busca o reconhecimento e valorização da cultura e da população indígena.

¹⁴⁴ RAWA, segundo Silva (2002, f44), é a sigla em inglês para “Associação das Mulheres Revolucionárias do Afeganistão”.

¹⁴⁵ Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo.

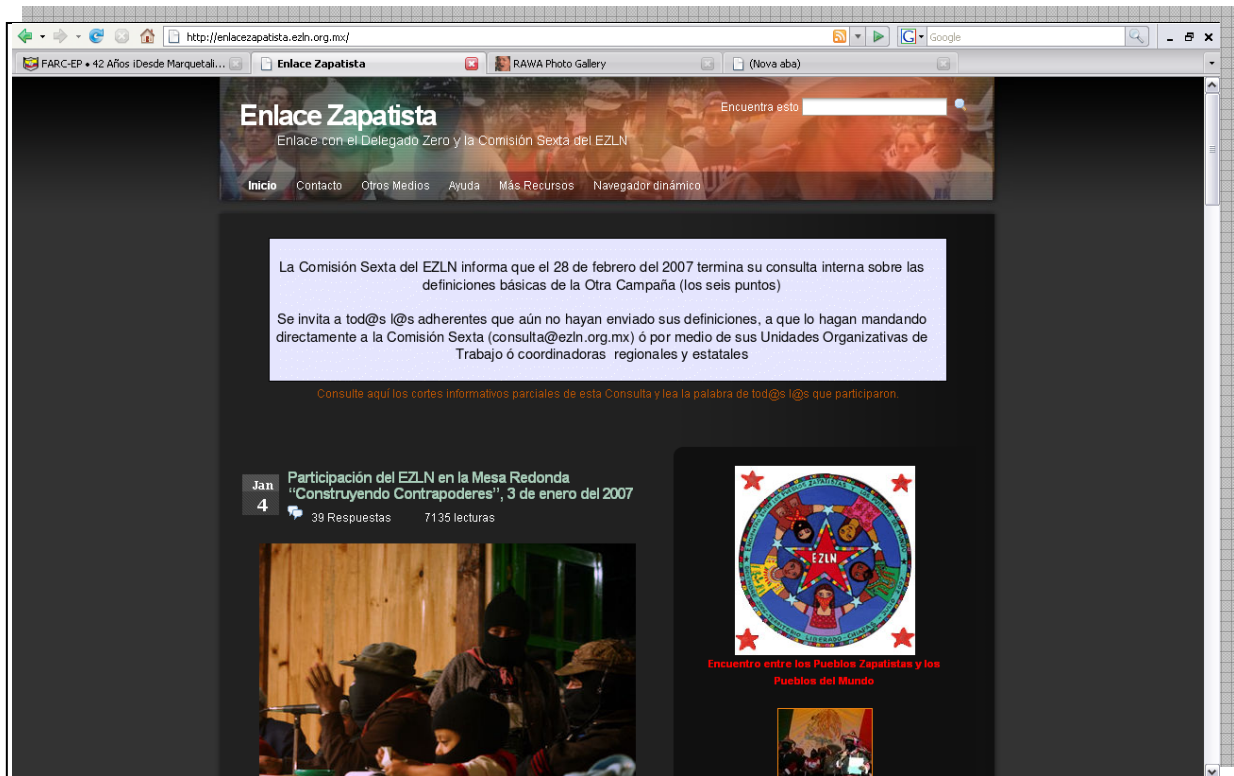


Figura 4 – Sítio oficial do EZLN

Fonte: Silva (2002, p.43). Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>>. Acesso em 19 jan. 2007.

Entretanto, pode-se observar que uma possível tendência de reafirmação das identidades nacionais, pode ser contestada. Hall (2005, p.73) esclarece que

[...] existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, “acima” e “abaixo” do nível do estado-nação. As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes. Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações *globais* começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais.

Com relação à manutenção de um fortalecimento maior, das identificações nacionais, nas questões de direitos legais e de cidadania, Santos (1996, p.128) destaca que

O resultado é a aceleração do processo de alienação dos espaços e dos homens, do qual um componente é a enorme mobilidade atual das pessoas. Aquela máxima do direito romano, *ubi pedis ibi pátria* (aonde estão os pés aí está a pátria), hoje perde ou muda seu significado. Mas o direito local e o direito internacional ainda não se transformaram, para reconhecer naqueles que não nasceram num lugar o direito de também intervir na vida política desse lugar.



Figura 5 – Web page do sítio oficial do Movimento RAWA
 Fonte: Silva (2002, p.44). Disponível em: <<http://www.rawa.org/index.php>>. Acesso em 19 jan. 2007.



Figura 6 – Web page do sítio oficial das FARC-EP
 Fonte: Silva (2002, p.48). Disponível em: <<http://www.farcep.org/>>. Acesso em 19 jan. 2007.

Outra formulação que busca trazer para o debate espacializante, de interpretar a identidade que pode por ora remeter a uma nação, é a de Haesbaert (1999 e 2004). O autor procura articular a produção simbólica da identidade com o território. A formulação de Haesbaert (1999), entretanto, não remete a uma noção de território exclusivamente material e cartografável, encerrado nos limites políticos administrativos de um Estado-nação. Por outro lado, o autor compreende como indispensável a aproximação da materialidade e da produção simbólica como elementos mediadores da construção identitária.

Nesse sentido, Haesbaert (1999, p.171) sugere que

[...] Os grupos sociais podem muito bem forjar territórios em que a dimensão simbólica (como aquela promovida pelas identidades) se sobrepõe à dimensão mais concreta (como a do domínio político que faz uso de fronteiras territoriais para se fortalecer).

Observa-se que o autor reafirma uma aproximação da constituição da identidade territorial com a identificação com um Estado-nação. Ocorre, que o projeto do Estado-nação, característico da modernidade, não encerra em si a noção de territorialidade. Entretanto, reconhece a possibilidade dos recortes territoriais sustentarem com maior eficácia a produção simbólica, necessárias ao processo de identificação.

Nessa perspectiva da identidade territorial, Haesbaert (1999, p.178-179) ressalva que

Trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. Assim, a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta *identidade parte do ou transpassa* o território. Território que pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas, desde aquela de uma paisagem como espaço cotidiano, “vivido”, que “simboliza” uma comunidade, até um recorte geográfico mais amplo e em tese mais abstrato, como o do Estado-nação.

O que se pretende com a exposição dessas formulações, aparentemente conflitantes, não é explorar as contradições entre os autores, mas justamente o contrário, ou seja, buscar uma aproximação entre suas formulações na perspectiva de usá-las nas análises do *corpus*. Assim, pode-se identificar nas argumentações de Hall (2005), Castells (2006) e Haesbaert (2004), algumas semelhanças no que se

refere a como classificar as identidades que se constituem na atualidade, em um mundo globalizado onde as tensões parecem apontar, no caso da identidade territorial, para uma relação conflitante entre global e o local.

A proposta de Hall (2005) pode ser dividida em dois momentos. O primeiro, no qual ele localiza o posicionamento do sujeito, com relação a sua identidade e seu posicionamento histórico na sociedade, os quais, chamou de sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

Conforme Hall (2005, p.11-13), os três sujeitos podem ser descritos como

O **sujeito do iluminismo** estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou *idêntico* a ele – ao longo da existência do indivíduo. [...] A noção de **sujeito sociológico** refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com *outras pessoas importantes para ele*, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. [...] De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na *interação* entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o *eu real*, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais *exteriores* e as identidades que esse mundo oferecem. [...] O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. [...] Esse processo produz o **sujeito pós-moderno**, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma *celebração móvel*. [...] É definida historicamente, e não biologicamente. (Grifos meus)

Na localização proposta pelo autor, é fácil identificar um sujeito do iluminismo com um contexto de consolidação do Estado-nação, onde se é “francês”, “italiano”, “inglês” ou “alemão”, por exemplo, e sempre durante sua vida o sujeito será um e não outro. O sujeito sociológico já admitia a possibilidade de contato e trocas simbólicas, entretanto, o sujeito agora terá o seu *eu real* formado na interação com outras culturas. Agora continuará sendo “francês”, “italiano”, “inglês” e “alemão”, mas poderá aprender um pouco como ser “brasileiro”, “argelino”, “indiano” ou “mexicano”, pois os contatos agora são mais densos. Mas é o sujeito pós-moderno que vai experimentar a máxima interação cultural, proporcionado pelo ciberespaço e pela constante inovação tecnológica nas comunicações.

É o sujeito pós-modernos que está no centro das possíveis direções que podem ser assumidas pelo processo da globalização. É ele que experimenta as novas sensações de tempo-espaco, é ele que busca um posicionamento discursivo em que reafirme sua identidade, ou que a desterritorialize, ou que o coloque num posicionamento multiterritorial.

O segundo momento refere-se as três possíveis conseqüências da globalização nas identidades nacionais, que são apontadas por Hall (2005, p.69), como

a) As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do *pós-moderno global*. b) As identidades nacionais e outras identidades *locais* ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização. c) As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar.

Estas colocações de Hall (2005) é uma primeira aproximação com a proposta de Castells (2006). O autor também identifica três possibilidades de constituição identitária. Uma seria a *identidade legitimadora*, que se aproxima das identidades nacionais de Hall (2005), e que estariam sendo homogeneizadas no processo de globalização, e com isso, guardariam um posicionamento binário entre as identidades dominantes e as identidades dominadas.

Outra a identidade admitida pelo autor é a de *resistência*, onde se encontra a similaridade com conseqüência apontada por Hall (2005) com as identidades nacionais que se reforçam pela resistência a globalização, quando atores tencionam um posicionamento mais privilegiado nas relações de poder. Por último, o que Castells (2006) denomina de *identidade de projeto* a qual se aproxima do declínio das identidades nacionais em prol do surgimento de identidades híbridas.

Para Castells (2006, p.24) é possível a distinção entre três formas e origens de construção de identidade, que são definidas como

Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais, tema este que está no cerne da teoria da autoridade e dominação de Sennett, e se aplica à diversas teorias do nacionalismo. *Identidade de resistência*: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos, conforme propõe Calhoun

ao explicar o surgimento da política de identidade. *Identidade de projeto*: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social.

Já Haesbaert (2004), ao discutir as possibilidades abertas pela globalização, em termos de identidades, destaca as identidades territoriais, as quais se associam com as *identidades territorializadas*, aquelas constituídas em um espaço simbólico e material de origem e que marcam a identificação territorial com este espaço, mesmo quando se perde o contato físico com este; as *identidades desterritorializadas*, consideradas aquelas identidades que são levadas nos movimentos migratórias, principalmente, mas que acabam sendo assimiladas pelas novas identificações culturais no contato e na interação; e as *identidades reterritorializadas ou multiterritoriais* que ao interagirem com novas culturas se utilizariam de aspectos de sua identidade territorial original, de nação por exemplo, mas também absorveriam novas identificações desse contato, em tempo de globalização, multiterritorial.

Nesse sentido, Haesbaert (1999, p. 184) exemplifica sua formulação argumentando que

[...] grupos culturais migrantes podem não apenas entrecruzar sua identidade no confronto com outras culturas, mas também levar sua territorialidade consigo, tentando reproduzi-la nas áreas para onde se dirigem. É o caso dos gaúchos, habitantes do Sul do Brasil que, ao migrarem para o Norte-Nordeste do país, buscam manter territórios em escala local sob seu domínio, reproduzindo ali, ao mesmo tempo, profundos laços com os processos de globalização (principalmente de ordem cultural) com sua região de origem.

Procurou-se estabelecer uma aproximação entre os autores (Figura 7), com relação ao entendimento da identidade, e as conseqüências da globalização sobre a mesma. Mesmo se utilizando na pesquisa, a terminologia identidade territorial, baseada em Haesbaert (1999), compreende-se que ela não está dissociada das noções de identidade nacional de Hall (2005) e que essas são constituídas na perspectiva da globalização e das formas de constituição identitárias de Castells (2006).

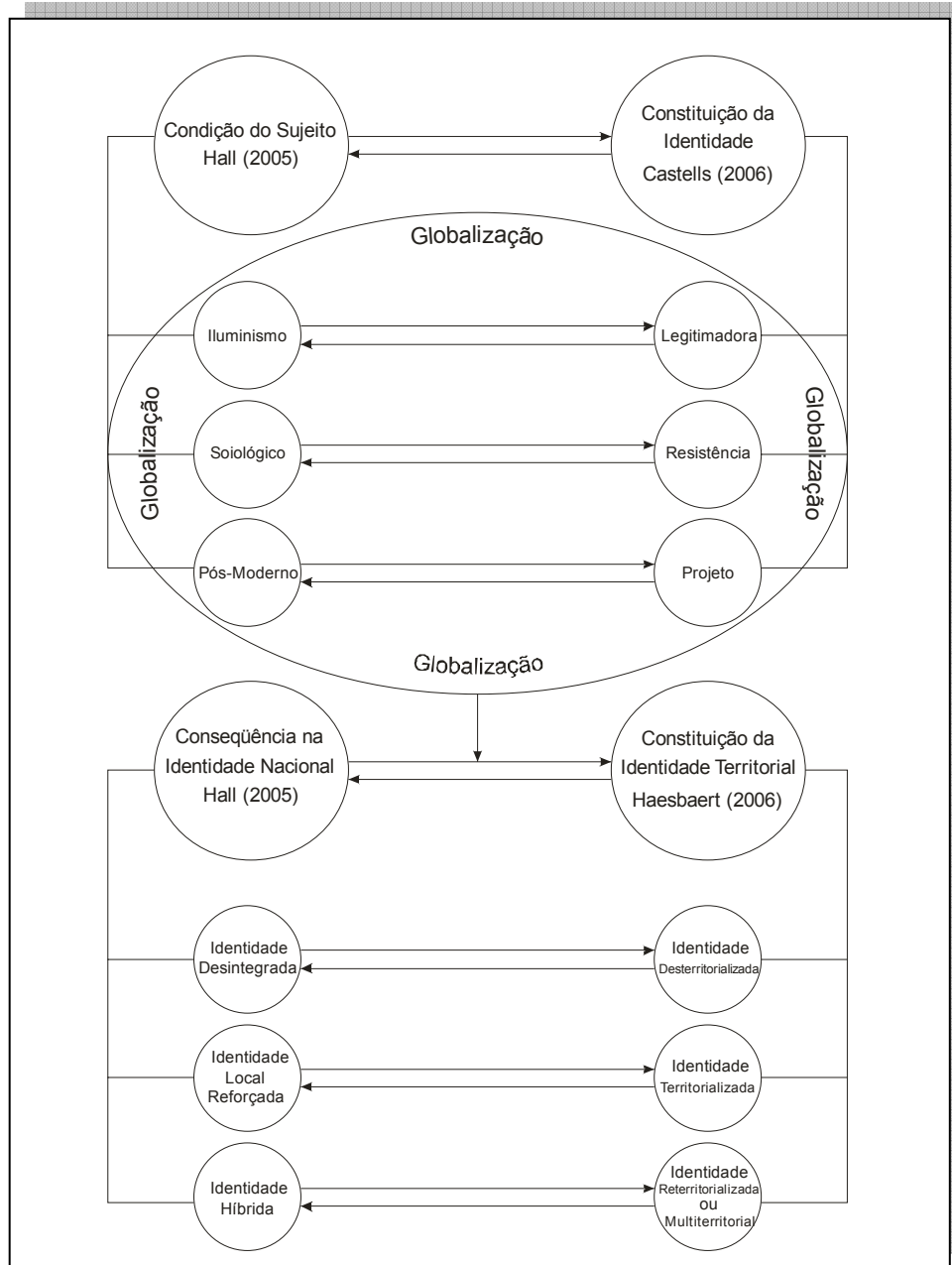


Figura 7 – Esquema demonstrativo da aproximação das definições de identidade em Hall (2005), Castells (2006) e Haesbaert (2004)
 Organização: Silva; Gustavo Siqueira da.

2.3.3 Identidade no ciberespaço

Dentre os entendimentos sobre Internet, parece importante a divisão proposta por Costigan (1999 apud GARBIN, 2003, p.23), em duas categorias de pesquisa em Ciências Sociais. Para esse autor a primeira categoria remete

[...] às habilidades de procurar e recuperar dados de grandes armazenamentos de dados (mercado acadêmico, bibliotecas e todo fluxo de informação que nelas circulam) uma vez que estes guardam grande quantidade de informações históricas e outras.

A segunda categoria de pesquisa apontada por Costigan (1999 apud GARBIN, p. 23, 2003), é a utilizada nesta pesquisa. Para o autor ela “[...] se volta para as capacidades de comunicação interativa da Internet, como por exemplo, *e-mails* e salas de bate-papo, que são formas de comunicação baseada em texto escrito, com variações de tempo, distância e audiência”.

Nesse sentido, encontram-se os *blogs*, que apesar de serem formas assíncronas de comunicação, ou seja, não ocorrem em tempo real, mas que permitem ao/a internauta publicarem determinado texto, ilustrado ou não com imagens, e este conteúdo ser comentado posteriormente por qualquer internauta ao acessar o *blog*, podendo ser ou não respondido pelo/a *blogueiro/a*. É nessa relação que se estabelece o jogo e a manifestação das identidades dos adolescentes, que as produzem, reproduzem, negociam e as trocam.

A flexibilidade das identidades no ciberespaço e a expansão das comunidades midiáticas são compreendidas por Maffesoli (1996 apud NUSSBAUMER, 2002, p.67) de duas formas, a da “[...] *lógica da identificação* que estaria, na sociedade pós-moderna, substituindo a *lógica da identidade* que prevaleceu durante toda a modernidade”. Para Nussbaumer¹⁴⁶, o autor aponta uma ambigüidade nas manifestações identitárias, que estariam deslocando-se da identidade em direção à identificação, pois, “[...] de um lado, na sua prática, são alternativas, anunciam o que está nascendo; de outro, na sua verbalização, podem fazer referência à representação que têm à sua disposição”.

Na questão das identidades e identificações territoriais de nacionalidade essa interpretação é significativa, pois como se pode observar, as manifestações identitárias nos *blogs*, transitam exatamente nesse sentido, entre as tradicionais, ou legitimadoras, que se referem e representam identidades disponíveis de territorialidade, e as pós-modernas, que buscam alternativas identitárias, considerando a constante pressão multilateral, multicultural e, conseqüentemente, mutiterritorial que é exercida sobre o sujeito.

Nesse sentido, Nussbaumer (2002, p.67) argumenta que

¹⁴⁶ NUSSBAUMER, 2002, p. 67.

De acordo com Maffesoli, é somente porque o mundo “deve ser isso ou aquilo que o indivíduo deve ter uma identidade” (1996, p.305), trata-se de um pensamento de ordem. Hoje seria preciso refletir o sujeito a partir de um outro modo de abordagem, o da alteridade, dos “outros em torno de mim, ou dos outros em mim-mesmo” (idem). Seria preciso, também, considerar que o indivíduo se constrói a partir da relação, na e pela comunicação, e “assim como há identificações sucessivas, em função dos diferentes momentos da comunicação, pode haver identificações de diversas facetas da própria pessoa” (ibidem, p.311). Além disso, como explica André Lemos (2001), “no ciberespaço a identidade é ambígua, não existindo certezas (sexo, classe, raça) para a determinação das formas de interação. Sem um corpo como âncora, não há identidade fechada, mas identificações efêmeras e sucessivas”.

A citação anterior evidencia a importância da investigação em torno de uma perspectiva cultural. Se as identidades são produzidas, fixadas, negociadas em função de uma concepção de mundo e de sociedade pré-estabelecida, é necessário buscá-las e interpretá-las em sua construção, para que seja possível desconstruí-las podendo assim, analisá-las a partir das diferenças que são produzidas na sociedade, através das práticas e instituições sociais.

Segundo Recuero (2004), os *blogs* podem ser constituídos de duas maneiras, aqueles mantidos por duas ou mais pessoas, os coletivos; e os que são organizados por um único usuário, os individuais. Para analisar o processo de constituição identitária, assim como Recuero (2004), foi focada a atenção nos *blogs* individuais.

Na perspectiva da identificação, os *blogs* guardam uma acentuada relação com o íntimo, muitas vezes, deslocando e reentrando as fronteiras dos espaços públicos e privados. Isso revela-se no momento que os/as *blogueiros/as*, inserem, edificam seu *blog* no ciberespaço. Questões íntimas, pessoais, privadas tornam-se públicas, a medida em que cresce a audiência, a visitação do seu *loca*le digital.

Conforme Döring (2003 apud RECUERO, 2004, p.2), páginas pessoais, como os *blogs*, poderiam ser compreendidas como elementos identitários de um indivíduo, onde o

O comum aos conceitos de "identidade cultural", "identidade narrativa", "self múltiplo", "self dinâmico" e "self dialógico" é o foco da construtividade, mudança e diversidade. Precisamente os aspectos que são encontrados nas páginas pessoais. A página pessoal está sempre "em construção", pode ser regularmente atualizada para refletir as últimas configurações do self.

Os *blogs* funcionam como uma presença do "eu" no ciberespaço, mas também servem de localização, de morada no “ciberespaço”. Conforme Recuero

(2004) “[...] é preciso ser ‘visto’ para existir no espaço dos fluxos. É preciso constituir-se parte dessa sociedade em rede, apropriando-se do ciberespaço e constituindo um “eu” ali”.

Ainda Recuero (2004), afirma que

Além disso, os blogs (como também são conhecidos), possuem outra característica importante: São pessoais. Isso significa que as informações não são simplesmente colocadas no website, mas que alguém as coloca, que funcionam como a voz e o pensamento de si. São opiniões, relatos, informações e textos escritos do ponto de vista de alguém.

Portanto, os *blogs* são imbuídos de personalidade, de características e de impressões que seu autor quer dar. Representa a maneira através da qual ele deseja ser percebido pelo leitor. A informação divulgada em um blog encontra-se imbuída da personalidade de seu autor. Os/as blogueiros/as desejam que o/a leitor/a saiba que aquele espaço é “seu”. Por conta disso, elementos como a descrição pessoal do indivíduo, o uso da primeira pessoa, o uso das fotografias, a assinatura em todos os posts, são freqüentes.

Assim, pode-se observar a riqueza de enunciados discursivos, quer em suas publicações textuais, quer em suas ilustrações, que podem ser explorados na busca de interpretar os processos de constituição da identidade territorial. O exemplo exposto abaixo pode ser interpretado como uma identidade do sujeito iluminista, onde a identidade nacional se desintegra, se desterritorializa.

O blog, *Holandesa’s Memories*, mantido por uma paraense, radicada na Holanda desde seus 17 anos de idades, hoje ela tem 31 anos, já nasce sob uma perspectiva legitimadora, que busca um universalismo na homogeneização. Filha de pai holandês e mãe belga, incorporou, ou melhor posicionou-se no discurso da globalização cultural homogênea. Mantém a língua como resquício cultural, embora faça várias chamadas em seus *posts* e intitule o *blog* em língua inglesa.

Nas palavras de *Holandesa’s ... Memories* (2007), ao relatar sua chegada no novo território, fica evidente o processo

Sendo a filha caçula de uma família internacional, empresarial e ambiciosa, a minha verdadeira família no Brasil se resumia no dia-à-dia aos meus amigos de escola e as minhas 2 irmãs adotivas em casa. Naquela época, não se passava um dia sem nos falarmos, sem nos vermos, sem estendermos a mão um para o outro. E por isso, tão grande foi o vazio que tomou conta de mim quando eu cheguei na Holanda e me ví completamente **sem amigos**. Pensei que seria apenas uma questão

de pouco tempo até eu fazer novas amizades, mas foi pura ilusão. Depois de quase 1 ano na Holanda e pensando para aprender o *índioma* eu comecei na escola numa turma só de Holandeses. Pensei que tinha chegado a hora de então me entrosar com os Holandeses, fazer novas amizades e assim melhorar a minha vida. Novamente, eu me iludí. Afinal de contas, quem é que queria fazer amizade com uma adolescente mais velha do que eles e que falava o idioma deles como se fosse uma "mongolóide"?... Ninguém... Os anos foram passando, 3, 4, 5 anos e a essa altura, eu já tinha me acostumado com vazio... Entrei pra faculdade e notava os mesmos olhares de sempre. A essa altura, eu já estava imune e nem me importava mais, mesmo que eu já tivesse mudado o meu estatus de "mongolóide" para *buitenlander**. À essa altura, eu simplesmente me dedicava aos meus objetivos e o resto eu empurrava com a barriga... Mas foi naquele ano, já depois de 5 anos bem ralados na Holanda e um relacionamento ruim na bagagem, que as coisas começaram a mudar. Nessa altura eu conheci Amore e seus dois grandes amigos: o Cle e o Kits. Acho que no início eles também fizeram como todos os Holandeses fazem "*de kat uit de boom kijken*"** para o meu lado, mas hoje em dia... a amizade é mútua. E na faculdade eu conheci um grupo de mulheres bem diferente. Elas: **Lydia, Ilja, Cindy e Marijke** me mostraram que nem todos os Holandeses são realmente farinha do mesmo saco e produzidos na mesma fábrica com a etiqueta *made in Holland*.

De uma identificação territorial de resistência, ao chegar, a igualar todos os holandeses, a partir da negação, do outro, do não ser como eles, a *bloqueira*, passa a conviver com o que ela chama de diferentes, sua vida passa a ser mais prazerosa, encontra um romance com um daqueles "que pareciam vir com etiqueta *made in Holland*", É nesse sentido, da experiência vivida, das sensações que se buscou identificar as transformações territoriais das identidades constituídas no seio da migração brasileira.

3 SOFTWARE¹⁴⁷ TERRITORIAL

Como se demonstrou em capítulos anteriores, o trabalho situa-se no marco da Geografia Cultural, mais especificamente naquela que se consolidou na língua inglesa e que alguns autores, como Claval (1999) e Silva (2003b), denominaram *New Cultural Geography*. Nessa perspectiva, o questionamento de métodos e teorias cristalizadas na *démarche* do pensamento geográfico são a tônica do debate e do foco analítico da pesquisa.

Dessa forma, Silva (2003b, p.33-34) argumenta que

Durante muito tempo a abordagem do espaço na geografia esteve centrada nos estudos dos espaços político-institucionais, nos processos de produção e acumulação da riqueza e na concepção de cultura como uma instância supra-orgânica. É a partir das críticas estabelecidas na nova geografia cultural que se abre a possibilidade de novas abordagens que exigem um novo conjunto de métodos. Essa corrente geográfica permite o pensar de um espaço complexo, composto por múltiplos processos diferentes e simultâneos, coloca em evidência a relatividade das escalas de abordagem do espaço, a dúvida do tempo linear e, definitivamente, coloca em cheque as noções de progresso, desenvolvimento e evolução, argumentando os limites da produção do conhecimento geográfico a partir dos conceitos da modernidade.

A complexidade do espaço, a multiplicidade e simultaneidade dos processos, permitem uma reflexão, a respeito da necessidade de uma abordagem espacial no marco das ciências sociais. Nesse contexto, Santos¹⁴⁸ afirma que “[...] no momento atual, aumenta em cada lugar o número e a frequência dos eventos. O espaço torna-se mais encorpado, mais denso, mais complexo”. Essa característica do que poderia se chamar de uma paisagem pós-moderna, coloca em questão algumas referências cristalizadas, naturalizadas no pensamento geográfico como a questão do território.

Portanto, ao optar-se pela categoria analítica do território, faz-se-o na perspectiva da Nova Geografia Cultural. Não se quer limitá-lo ao entendimento de que é apenas palco dos atores sociais, ou então, encerrá-lo nos limites institucionais

¹⁴⁷ Como se observou em Lèvy (2000), *software* é “[...] um programa de computador, que consiste de um conjunto de instruções em linguagem de máquina que controlam e determinam o funcionamento do computador e de seus periféricos”. Por isso, utilizou-se o termo no título, no sentido de que as concepções territoriais são intrusão em linguagens simbólicas que controlam e determinam o funcionamento do espaço.

¹⁴⁸ SANTOS, 1996, p.162.

de uma determinada área, mas elevá-lo a uma dimensão de referência simbólica, de quais significados são articulados na busca de uma identificação territorial.

Utilizou-se esse capítulo para elucidar, de maneira mais eficaz, a compreensão de como a questão da territorialidade se articula nas formações discursivas e opera na constituição de identidades. Assim, procurou-se, inicialmente, estabelecer o recorte na definição do território, para se compreender com ocorrem os processos que remetem à territorialidade, à desterritorialidade e à reterritorialidade. Também, buscou-se na matriz teórica, principalmente na geográfica, como estas noções vêm sendo abordadas pelos geógrafos.

3.1 O Software Território

[...] trata-se da já antiga confusão que resulta principalmente da não explicação do conceito de território que se está utilizando, considerado muitas vezes sinônimo de espaço ou de espacialidade, ou, numa visão ainda mais problemática, como a simples e genérica dimensão material da realidade (HAESBAERT, 2004, p.25)

A primeira concepção de território foi originalmente elaborada pela Etologia¹⁴⁹, mais precisamente através dos estudos dos naturalistas do final do século XVIII. O território era então concebido com base no comportamento das espécies animais e vegetais como sua localização, distribuição, domínio e defesa de um espaço imediato. Ao se explorar etimologicamente o sentido de território, chega-se a derivação do termo latino *terra* e a correspondência com o termo *territorium*.

Segundo Machado (1997, p.17) destaca-se que o termo território

[...] se constrói pela adição à 'terra' do sufixo 'torium', que designa o lugar de um substantivo qualquer: dormitório, lugar de dormir; território, lugar da terra, âmbito terrestre localizado. O que se enfatiza com o sufixo é o sentido de localização do termo original, é a localização de uma determinada porção do espaço superfície, formas e limites.

Da confusão destacada por Haesbaert (2004) na epígrafe, observa-se que o autor critica a abordagem meramente material do território. Compartilha-se da

¹⁴⁹ Etologia é a ciência que estuda o comportamento dos seres vivos.

reflexão do autor uma vez que se compreende que a significação do território é muito mais simbólica do que material. Nesse sentido, é possível apreender na leitura de Haesbaert (2004), que a *démarche* do conceito de território acabou por dimensioná-lo de forma muito abrangente e sob diversas perspectivas de abordagem.

Dessa forma, observa-se que as variantes polissêmicas do conceito de território vão desde uma definição que parte da Etologia, até a proposta de constituição de um território em nível psicológico. Entretanto, não se pode imaginar que ao se interpretar o território geograficamente as polissemias se minimizam, ou são suprimidas, pelo contrário, no cerne do debate geográfico as tentativas de definir o conceito de território são bastante amplas.

Haesbaert (2004, p.39-40) adverte sobre possíveis reduções em nível da Geografia

Mas não pensemos que esta polissemia acaba quando adentramos a seara da Geografia. Ela é bem visível no verbete do dicionário *Lês mots de la Géographie*, organizado por Roger Brunet e outros (1993: 480-481). Ele reúne nada menos do que seis definições para território. Uma delas se refere à “malha de gestão do espaço”, de apropriação ainda não plenamente realizada; outra fala de “espaço apropriado, com sentimento ou consciência de sua apropriação”; uma terceira se refere à noção ao mesmo tempo “jurídica, social e cultural, e mesmo afetiva”, aludindo ainda a um caráter inato ou “natural” da territorialidade humana; por fim, um sentido figurado, metafórico, e um sentido “fraco”, como sinônimo de espaço qualquer. Uma outra definição é a que evoca a distinção entre rede, linear, e território, “areal” (de área), na verdade duas faces de um mesmo todo, pois o espaço geográfico é sempre areal ou zonal e linear ou reticular, o território sendo feito de “lugares, que são interligados”.

Assim, se a apropriação do conceito de território pela Geografia não elimina as distintas abordagens que são realizadas com esse conceito, discutir identidades territoriais torna-se uma tarefa tão complexa quanto situar as bases territoriais que permeiam a compreensão utilizada nesta pesquisa. Ao trazer algumas concepções e definições do conceito de território, buscou-se aproximar a mais adequada à perspectiva teórica da pesquisa. Entretanto, acredita-se ser importante a apresentação de algumas definições do conceito de território que não se alinham à pesquisa, mas contribuem para delimitar aquela que foi utilizada no trabalho.

Justifica-se tal assertiva, na medida em que as dificuldades encontradas, principalmente, nos vieses metodológicos da Geografia, em aproximar os conceitos

em questão, especificamente, território, cultura e identidade. Nesse sentido, Silva (2000a) argumenta que

Tem sido difícil construir uma relação entre cultura e território, porque o arsenal metodológico desenvolvido pela ciência geográfica ainda é restrito e experimental para abordar com maior precisão tais problemas. A tradição de descrição e de objetividade da geografia dificultam ao profissional lidar com a relatividade das questões que se colocam quando se defronta com a diversidade cultural. Primeiro, porque o conhecimento de uma cultura exige que o pesquisador se envolva nos códigos que determinam as relações culturais e, em segundo lugar, porque é necessário aceitar a experiência de vida expressa no discurso dos indivíduos evitando enquadrá-la a partir da realidade objetiva do pesquisador, o qual deve admitir as diferentes realidades que correspondem a diferentes apreensões individuais ou grupais de seu mundo. [...] Neste sentido, a análise das categorias geográficas que dependem de padrões culturais poderia ser refinada, através de um diálogo contínuo com as ciências sociais, que lidam há mais tempo com estas questões como a antropologia, a sociologia do conhecimento e a história.

Entretanto, esforços teóricos na Geografia brasileira não deixaram de ser realizados. A grande contribuição à cerca do debate do território, na atualidade, cabe ao geógrafo Rogério Haesbaert. O autor, ao questionar as inúmeras definições para o conceito de território, parte de um recorte onde reconhece três matrizes principais.

A síntese de Haesbaert (2004, p.40) aponta para as seguintes vertentes

1) política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado. 2) cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como produto da apropriação/valorização simbólica em relação ao seu espaço vivido. 3) econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo.

No pensamento geográfico, é notório o reconhecimento por parte dos pesquisadores de que as primeiras concepções de território reivindicavam sua materialidade e na necessidade de encerrá-lo em suas esferas político ou jurídico-política. Mesmo uma concepção de caráter econômico traz consigo uma necessidade inevitável de que o território ainda é visto como mero recorte areal.

Em sua proposta de *Um Outro Território*, Ortiz (2005, p.49), alerta para uma concepção materialista de território, a qual pode ser identificada

[...] nas Ciências Sociais [como] uma forte tradição em se pensar o espaço na sua relação imediata com o meio físico. A evolução da Geografia, a escola de Ratzel, entre outras, é pródiga em exemplos dessa natureza. No entanto, mesmo quando nos afastamos do determinismo geográfico, cuja influência foi grande entre os pensadores brasileiros no final do século XIX, está presente a idéia de território identificado aos limites de sua materialidade.

A perspectiva geográfica mais clássica, assentada na noção ratzeliana de “espaço vital”, trata a questão territorial sob a lógica de que o aspecto sócio-cultural estava associado às dependências dos recursos de um espaço concreto, circunscrito ao plano do Estado. O enfoque territorial ratzeliano, difundido principalmente por seus discípulos, concebe o Estado como extensão por excelência a comportar a designação de território. Para o geógrafo Raffestin¹⁵⁰, “[...] todo o projeto ratzeliano é sustentado por uma concepção nomotética”, ou seja, uma acepção totalitária de Estado. O autor ainda considera que a obra de Ratzel é “estadocêntrica”, sustentando que ela atribui ao Estado a exclusividade do poder. Portanto, o poder, nessa perspectiva, é unilateral e absoluto.

É importante ressaltar que quando se pensa em "território", emerge a questão do poder. Na maioria das vezes, poder e território se confundem, são intrínsecos. Esse é o aspecto mais evidente que se encontra na literatura sobre o assunto. Raffestin (1993, p. 143-144.), afirma que

[...] o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela abstração), o ator territorializa o espaço [...] o território é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela relações de poder.

Nessa linha de penamento, como comprovou Foucault (1972), o poder se faz presente em toda relação. Portanto, ele não pode ser reduzido a um ente. Dessa forma, o poder atravessa todo o aparato estatal e mantém interações, invariavelmente marcadas por conflitos, com diversas instâncias políticas e sociais, da modesta a mais complexa, mas de forma alguma se limita à escala do Estado. Assim, o recorte espacial em que se exerce um controle reclama o estatuto de território.

¹⁵⁰ RAFFESTIN, 1993, p.12.

Conforme destaca Trindade Júnior¹⁵¹, “[...] o território pressupõe relação de poder na ampla acepção do termo, entre duas categorias de agentes ou coligações deles (redes), e destas para com o espaço”.

Tal concepção de território é compartilhada por Souza¹⁵², para quem “[...] o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. O que é assinalado por esse autor é o caráter flexível do que possa ser o território, pois,

[...] o território é um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre 'nós' (o grupo, os membros da coletividade ou 'comunidade', os insiders) e os 'outros' (os de fora, os estranhos, os outsiders).

Em outras palavras, os territórios são construídos e desconstruídos socialmente. Para Souza¹⁵³, “[...] territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica”. O caráter periódico que permite a constante construção e desconstrução dos territórios são processos desencadeados por relações sociais e culturais, que são atravessados por relações de poder.

Santos; Silveira (2001) consideram o território uma “extensão apropriada e usada”. O termo “território usado” antecipa-se a uma redundância enfatizando a relevância desta noção. Para esses autores, a categoria “território usado” permite sistematizar teoricamente o entendimento do conceito território. E seu valor concerne ao caráter empírico a que essa abordagem remete.

Assim, as práticas sociais são conduzidas pelo conjunto de regras e normas instituídas e pelo sistema de representações vigentes em cada sociedade. Códigos distintos para cada segmento social fazem a densidade de um espaço ser maior ou menor, muito embora, a condução das regras e normas instituídas não estabeleça práticas sociais harmônicas e automáticas. Essa situação remete, geralmente, a conflitos e disputas no estabelecimento dos territórios dos grupos sociais.

Entretanto, as novas características de um mundo cada vez mais interconectado, somadas ao estabelecimento conflitante dos territórios, maximizam

¹⁵¹ TRINDADE JR. 1998.

¹⁵² SOUZA. 1995, p.78.

¹⁵³ Ibid, 179.

as contradições que emanam da referência de identidade territorial moderna, qual seja, o Estado-nação. Para Patrício (2005, p. 224), é possível identificar que

[...] a crescente internacionalização da vida económica e social, sobretudo na dimensão política transnacional, parece exigir, pelo menos em termo económicos, tempos de acção e reacção que tendem a provocar situações de possível subversão ou, pelo menos, subalternização da componente territorial no conjunto das relações sociais. Aceitando, pelo menos ao nível dos princípios, que a resolução de muitos problemas se situa aquém ou além das fronteiras nacionais, parece lógico admitir que o Estado-nação se tem vindo a revelar “demasiado pequeno para a resolução de grandes problemas e demasiado grande e distante para entender e resolver capazmente os pequenos problemas de ordem local” (BELL *in* CRUZ, 1992: 838). Será lícito pensar, no entanto, que fenómenos de crescente globalização e a consciência generalizada da sua imparável dinâmica arrastarão a derrocada de um mundo de bandeiras, línguas, religiões, fronteiras e tradições?

Dessa forma, tende-se a acreditar que haveria a derrocada do significado do território, em prol de um sentimento de não pertença materializado na expressão “cidadão do mundo”. A visibilidade de um mundo homogeneizado culturalmente parece não encontrar guarida na produção intelectual das Ciências Sociais, uma vez que se observa a crescente afirmação das identidades territoriais.

Nesse sentido, Patrício (2005, p.226) ressalva que

Apesar da repetida denúncia de um provável declínio das identidades, a par da correspondente subalternização do território, como consequência inevitável da progressiva standardização, quer nivelando diferenças, quer destruindo espaços de referência, quer dilatando espaços de contigüidade ou de proximidade, o fim anunciado das comunidades territoriais parece, assim, definitivamente adiado. De resto, a continuada afirmação de identidades comunitárias alternativas apenas confirma e reforça a crescente importância da vertente cultural e o crescente investimento emotivo, quer em termos de *patrimónios de herança*, quer em termos de diversidade cultural identitária, tornando pouco credíveis cenários de completa homogeneização num mundo transformado, segundo Treitschke “numa mixórdia cosmopolita e primitiva”.

Entretanto, é possível articular o território e a identidade, principalmente, nacional, tendo-se como referência o espaço, mas sem cair nas armadilhas de igualar ambos os conceitos. Nesse sentido, é pertinente o argumento de Binda (2004), o qual compreende que

O espaço pode ser o ponto de partida para pensar o território, apesar do risco de se enveredar por discussões sobre categorias locais, ou de possibilitar abordagens materialmente determinadas. Para tentar evitar tais desvios, proponho tomar o espaço tão somente como suporte físico que é

territorializado: relações são estabelecidas, criando limites e canais de comunicação, proximidades e distâncias, interdições, fronteiras seletivamente permeáveis conforme a lógica territorial do grupo que territorializa uma dada porção de espaço. Dizer que uma forma específica de ocupação espacial traduz-se em território é falar de práticas sociais que regulam o uso do espaço, visto aqui como "matéria-prima".

Esse entendimento do espaço como suporte material territorializado é visto por Raffestin¹⁵⁴ como espaço representado, que “[...] é uma relação e que suas propriedades são reveladas por meio de códigos e de sistemas sêmicos”. Esses códigos são construídos pela própria sociedade e à medida que a trama territorial torna-se mais difusa, mais códigos vão sendo incorporados. O traçado territorial, apropriado e controlado, pressupõe delimitações. Seus limites abrangem um espaço regulamentado (subjacente a regras e normas) por aparatos jurídico-políticos e ideológico-culturais. A normatização do espaço também advém dos sistemas de representações, variando segundo os grupos sociais atuantes, mediados geograficamente pelas formas e objetos dispostos no espaço e seus usos.

Partindo de uma complexa noção de utilidade, Raffestin¹⁵⁵ afirma que “[...] a representação só atinge no espaço aquilo que é suscetível de corresponder às ‘utilidades’ sociais *latu sensu*”. Os limites territoriais são também resultantes de representações que um indivíduo ou grupo detêm de determinada área geográfica.

Na mesma via, Offner; Pumain (1996 apud SANTOS, 2005, p. 58-59) esboçam a noção de território que

É definido como uma construção social dotada de sentido e mesmo de existência por um grupo social [...]. O território é um momento de negociação, endógeno e exógeno à população concernida, que produz a identidade coletiva através de manifestações diferentes do lugar e de sua consciência. O território é apropriação. Através dele uma população define o que, no espaço, revela de um uso legítimo, prático e simbólico. O território é memória: ele é o marco temporal da consciência de estar em conjunto [...]. O território é regulação: não há identidade sem regras, implícitas ou explícitas, impostas ou consentidas, modulando as trocas entre si e com os outros. A partir de um mesmo espaço pode-se construir territórios múltiplos, disjuntos ou superpostos, conflituais ou não, de uns em relação aos outros.

Entende-se que o território, mesmo partindo da apreensão de signos e códigos, não pode prescindir de uma base material, pois esta constitui condição para estabelecimento das relações sociais. Essa noção de território, que se inscreve no

¹⁵⁴ RAFFESTIN, 1993, p.44.

¹⁵⁵ *Idem*.

campo dos sentidos e da sensibilidade humana, perpassa por um conjunto de significações mediadas, sobretudo, pela paisagem, e é recorrente, por exemplo, à relação que as sociedades indígenas mantêm com uma natureza sacralizada, orientadora de rituais e práticas cotidianas (LIMA, s/d).

Nesse contexto, Santos (2005, p.59) argumenta que

Território é aqui concebido não somente como suporte material, como também expressão e portador de práticas e representações simbólicas e culturais. Ao possibilitar uma ação à distância, a circulação em redes mobiliza e altera os territórios onde tem seus pontos de referência e conexão. [...] Território é, ainda, apropriação. A consciência de estar em/ser um grupo, que porta uma identidade coletiva, é marcada por referências espaciais/temporais: um personagem, a natureza, um acontecimento, uma situação, tornam-se marcos coletivos que fundam um lugar social; partilhado e apropriado pela memória comum, o lugar se torna território. Assim, o território carrega uma dupla dimensão: os atributos espaciais – contigüidade e dispersão; e os atributos simbólicos – memória e identidade coletiva.

A questão do território, na perspectiva adotada, parece consensual, abordada em sua perspectiva simbólica. Entretanto, as conseqüências da globalização sobre os processos de identificação territorial suscitam questionamentos difíceis de serem respondidos. Se o território constitui-se da referência simbólica e, no caso, da nacionalidade, isso remete a uma identificação cada vez menos fixa e enraizada em um solo-superfície. As técnicas e as redes¹⁵⁶, através das possibilidades criadas pela simultaneidade, são uma ferramenta a proporcionar mais velocidade a esse processo.

Entretanto, na questão do território, o ciberespaço, enquanto técnica universalizante, demonstra através do espaço vivido dos usuários que o caminho seguido é o da afirmação identitária. Por exemplo, o site objeto de estudo dessa pesquisa, *O Mundo Pequeno* (2006), já tem uma demonstração desse sentimento de pertença simbólico em seu título: *índice de blogs de brasileiros pelo mundo*. O site não sai procurando *blogs* para referenciar em sua web page, ele está lá, como uma terra a ser “habitada”, um refúgio. São os brasileiros que procuram o site e se cadastram. Ao acessar o site *Mundo Pequeno*, o internauta tem a certeza de que não encontrará *blogs* de outras nacionalidades (argentinos, europeus, chineses, japoneses, africanos, entre outras), mas encontrará *blogs* de brasileiros que residem

¹⁵⁶ No caso se referem principalmente as redes técnicas de telemática, ou o próprio ciberespaço. As redes funcionais, como transportes e comunicações.

em países dos cinco continentes. Essa característica demonstra que os brasileiros, ao escolherem esse site, fazem-no por ele permitir uma identificação imediata com o Brasil, ou seja, eles manifestam sua identidade territorial no ciberespaço. Entretanto, esse processo não se encerra apenas em estabelecer esse primeiro território, bastante óbvio para quem passa por uma ruptura cultural.

Bozzano (2000, p.64), por sua vez, afirma que:

o território não é a natureza e nem a sociedade, não é a articulação entre ambos; mas é natureza, sociedade e articulação juntos. Neste cenário, cada processo adotará uma espacialidade particular. [Salienta-se] a superposição de temporalidades e espacialidades num dado território: em um mesmo território, em uma cidade ou em uma região, podemos ler e identificar tempos geológicos, meteorológicos, hidrológicos, biológicos, sociais, políticos, psicológicos, econômicos, cada um com seus ritmos, suas durações.

Através da complexidade, é que Bozzano¹⁵⁷ entende o território como "[...] um objeto complexo, que existe na medida em que nós o construímos, combinando nosso concreto real com nosso concreto pensado". Por isso, o real, o pensado e o possível emergem como instâncias metodológicas para se compreender o território.

Pode-se dizer, então, que a concepção de território-processo transcende à sua redução a uma superfície-solo e às características geofísicas para se instituir como um território de vida pulsante, de conflitos, de interesses diferenciados em jogo, de projetos e de sonhos. Esse território, então, além de um território-solo é, ademais, um território econômico, político e, principalmente, cultural.

Essa característica cultural, ao contrário da econômica e política, vem resistindo a uma homogeneização global. Se por um lado, tem-se assistido a consolidação de uma economia cada vez mais planetária, mas não horizontal, e a práticas políticas cada vez mais universais, por outro lado, são nos processos, dinâmicos, de constituição cultural, que se observa a maior resistência à uma homogeneização, há uma emergência da *différance*.

Nesse contexto, Ortiz (2005, p.67-68) reflete sobre a transversalidade enfocando que:

A idéia de transversalidade nos permite ainda repensar algumas questões. Refiro-me ao tema da centralidade e do enraizamento. As culturas fisicamente enraizadas em um território têm uma noção exata de seus

¹⁵⁷ BOZZANO, 2000, p.65.

contornos. Elas se estruturam a partir de um núcleo, irradiando-se até os confins de suas fronteiras. É bem verdade que esta centralidade não implica, necessariamente – como no caso das sociedades indígenas –, um espaço homogêneo. As chamadas “grandes civilizações” se estendem por um território amplo, mas, no seu interstício, estão inseridas culturas diversas (basta olharmos a civilização islâmica). Não obstante, sua centralidade encontra-se claramente definida.

Portanto, as idéias de transversalidade e centralidade expostas por Ortiz (2005) conduzem a compreensão da *différance*, como a existência de uma centralidade de referência, homogeneizada para os outros, mas bastante diversa em seu interior. Além das sociedades islâmicas, outro exemplo instrutivo dessa questão mas constituído pela divisão internacional do trabalho, pode ser encontrado em Badie (1996 apud PATRÍCIO, 2005, p.229), ao referir-se a inserção da Ásia Oriental nas relações globais. O autor questiona o que significa a mesma um vez que se criam

verdadeiros territórios económicos diferenciados, reflexos de novas desigualdades e de uma divisão do trabalho que confere ao Japão a produção dos bens mais sofisticados, aos NIPs a dos bens intermediários e aos países do ASEAN, bem como às zonas costeiras chinesas, a dos bens de consumo de massa?

Recorrendo a escala do indivíduo a questão do poder, observada nos exemplos anteriores, é expressa culturalmente nas relações sociais, onde, conforme Silva (2000a), pode-se dizer que:

[...] as práticas desenvolvidas pelos indivíduos, ou grupo de indivíduos, está intimamente relacionada com o exercício do poder, no qual um grupo impõe aos demais seu modo de vida e através deste domínio reproduz a cultura e garante sua perpetuação. O espaço é evocado para articular e reforçar a aceitação e participação no código cultural da classe dominante.

Nesse sentido, Guatari; Rolnik (2000, p.323), ao definir os conceitos de *territorialidade/desterritorialização/reterritorialização*, fazem-no a partir de um entendimento de território em que

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma

série de comportamentos, de investimentos, nos tempos sociais, culturais, estéticos, cognitivos.

A possibilidade de uma abordagem alicerçada na fenomenologia é apresentada por Holzer. Esse autor, na leitura de Silva¹⁵⁸ (2000a), “[...] demonstra que existem possibilidades de constituição de territórios fora de uma ordem planejada por que detém poder político e econômico”. Essa concepção apresenta certa similaridade com a proposta desta pesquisa, uma vez que, ao se considerar a dimensão simbólica do território, ele, mesmo que o significado desse simbolismo remeta a um espaço pré-estabelecido, pode ser constituído fora do recorte material político-jurídico do Estado-Nação.

Nesse contexto, pode-se inferir alguns questionamentos, ou seja, como imaginar que o *corpus* da pesquisa poderia simplesmente se *desterritorializar*? Será que os brasileiros, ao residirem no exterior, renegam seus referenciais territoriais? Será que por romperem com um espaço vivido enraizado na sua memória se rendem ao processo avassalador de homogeneização cultural? Ou então, ao recorrerem ao ciberespaço, técnica universal e universalizante, fazem-no na perspectiva de demonstrar uma identidade desterritorializada?

É bem possível que as respostas para essas questões sejam negativas. Como já se salientou, ao localizar o *corpus* de análise da pesquisa no site *Mundo Pequeno* observar-se que os brasileiros buscam nele uma referência territorial, uma identificação com a brasilidade, ou seja, procuram não desintegrar o vínculo da sua identidade territorial.

No ciberespaço, ao contrário de uma primeira impressão, como por exemplo, de que as identidades, principalmente territoriais, estariam se fragmentando, ou melhor, se desestabilizando nas novas noções de tempo e espaço materializadas pelas tecnologias informacionais. Na verdade, observa-se, em uma primeira análise, que os brasileiros buscam, através dessas novas possibilidades, a reafirmação de uma identificação territorial.

Chama-se a atenção para o fato de que os brasileiros ao buscarem reafirmar sua identidade territorial no ciberespaço, não ficam apenas no ato de se cadastrarem no site. É necessário compreender que a bagagem cultural, a experiência vivida e o referencial territorial adquirido ao longo da vida dos usuários

¹⁵⁸ SILVA, 2000a, online.

estão sendo processado no contato com as novas culturas, com as novas experiências e com as novas referências territoriais. É possível afirmar o caráter de *locale* digital dos blogs, porque se a concepção de território é alicerçada na noção de lugar, como espaço privilegiado das relações sociais, é nesse sentido que os mesmos podem ser concebidos.

Para ilustrar essa situação, retoma-se Silva (2000a) e sua leitura de Holzer, o qual argumenta que o território

[...] pode ser visto como um conjunto de lugares, onde se desenvolvem laços afetivos e de identidade cultural de um determinado grupo social, que o território não precisa ser necessariamente fechado a partir de uma delimitação rígida de fronteiras. Nesse sentido, “a concepção de território tem como base o *lugar*, este sim um conceito essencial para a formulação de um *mundo* pessoal ou intersubjetivo”. Propõe que “a territorialidade é melhor compreendida através das relações sociais e culturais que o grupo mantém com esta trama de lugares e itinerários que constituem o seu território”.

A discussão proposta pelo autor encontra subsídios na constituição de novas concepções territoriais como a territorialidade, a desterritorialização e reterritorialização, em função desses termos apresentarem ligação com os processos de identificação, bem como, com os de trocas culturais e os de relações sociais.

No entanto, isso não significa que esses processos não continuem atravessados por relações de poder.

Por outro lado, não se trata de uma visão extremista como a esboçada por Sénécal (1992 apud PATRÍCIO, 2005, p.227), onde autor entende que

A retrospectiva da recente literatura das publicações científicas em geografia põe em confronto duas leituras dos factos do território; a **primeira** coloca o acento [tónico] sobre a capacidade das sociedades se atribuírem representações, símbolos, uma maneira de compreender e traduzir a sua própria história e o seu ambiente, tendo como resultado, finalmente, a expressão de uma identidade, quer espacial, quer comunitária; a **segunda** anuncia o declínio das identidades e o fim dos territórios sob as forças da estandardização, que nivelam as diferenças até à destruição dos espaços de referência e do quadro de vida, cujo efeito mais sentido acaba por ser a mobilidade dos indivíduos: contigüidade e proximidade dilatam-se num novo ambiente tecnológico que reduz a nada o critério da distância. O indivíduo constrói então o seu próprio espaço de referência, identifica-se a lugares que não correspondem já ao seu bairro, à sua região, nem mesmo ao seu país. Ele experimenta, antes de mais, redes, trajectos, deslocando-se em corredores (rodoviários, ferroviários, aéreos) dum ponto a outro, ligando

lugares separados por grandes distâncias. As redes de comunicação sofisticadas (telefonia, cabo, telemática) acentuam ainda mais a inadequação entre o indivíduo e o seu meio ambiente imediato. [...] Pode-se concluir que o estudo da vida quotidiana e da sua projecção sobre o espaço, tanto das suas formas mentais como das suas práticas vividas, conduz a aspirar ao fim das comunidades e, por extensão, de toda identidade territorial estável (Grifos nossos).

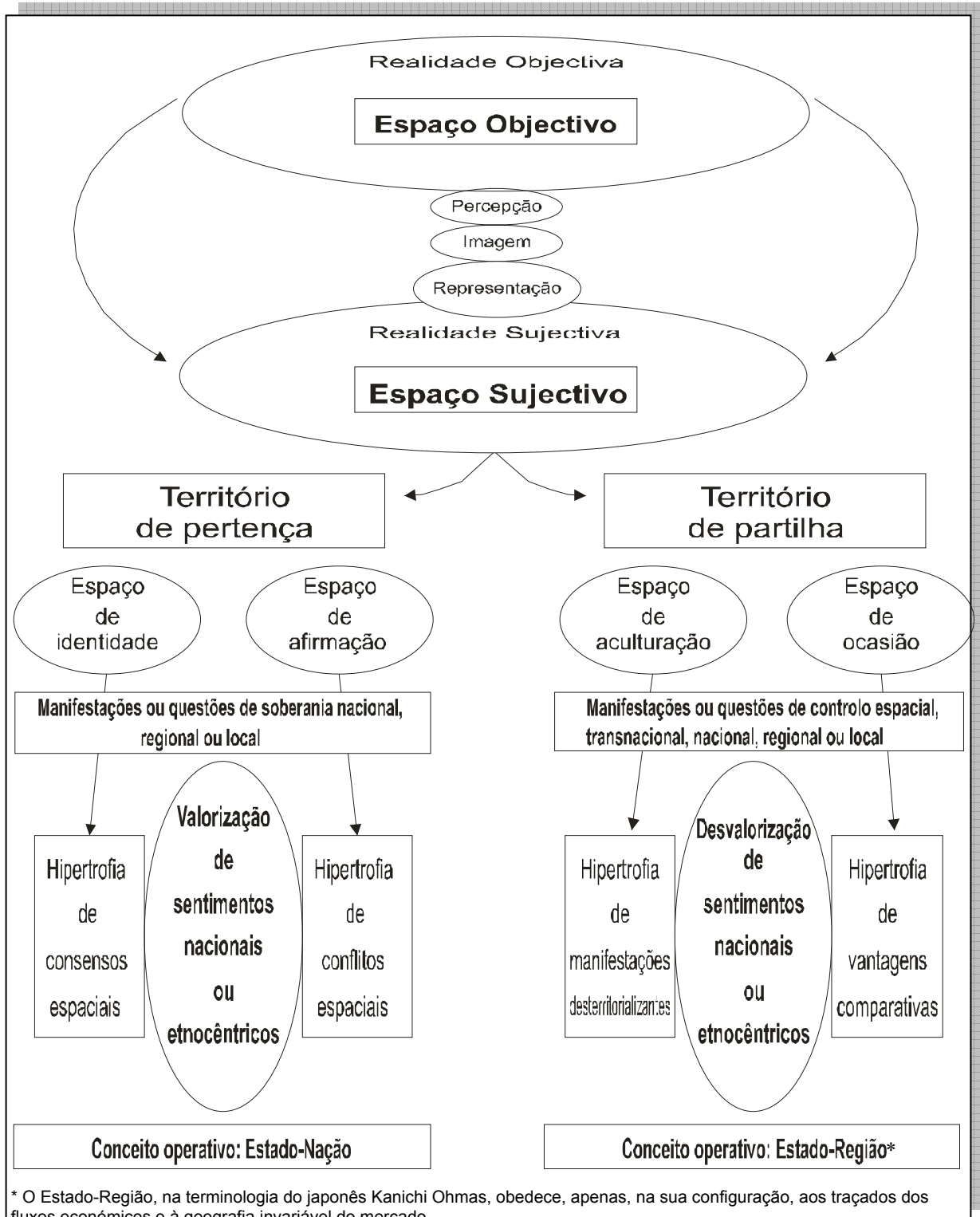
As mobilidades migratórias, as avançadas redes técnicas acabam por proporcionar novas sensações de tempo e espaço aos indivíduos. Entretanto, como se pode observar, nem sempre haverá um fim da referência territorial, ou supervalorização da identidade como propõe Patrício (2005) com seus *territórios de pertença* e *territórios de partilha*.

No esquema elaborado pelo autor, observa-se que o mesmo trabalha os conceitos em dois pólos que aparentam não ter uma relação intermediadora, uma transição que permitissem uma terceira via, que garantisse o carácter de processo (Figura 8).

Dessa forma, Patrício (2005), ao definir os territórios de pertença e de partilha, estabelece uma clara e rígida diferenciação entre aquilo que se acredita poderia ser chamado de *identidade territorial* e *identidade desterritorializada*. O que se quer chamar atenção é que algumas vezes, ao se polarizar o debate nesses dois extremos, pode-se limitar a análise.

Onde estão os pontos de contato entre os conceitos operativos? Se trata, na elaboração de Patrício (2005), de um espaço subjetivo, portanto, mais dinâmico e relativo, do que sua definição dicotômica. Nesse contexto, observa-se que as diversas possibilidades de interpretar o território acabam por dificultar a elaboração e a articulação entre o espaço e a cultura na perspectiva da identidade. Entretanto, tal tarefa pode ser realizada devido alguns procedimentos metodológicos.

Primeiro, na perspectiva da *New Geography Cultural* é possível lançar mão da análise dos discursos manifestados, geralmente, a partir da experiência vivida dos brasileiros no exterior através da publicação e atualização de seus blogs e; segundo, por se afastar do conceito materialista de território e através da aproximação de outras fontes das Ciências Sociais, como a Antropologia e a Sociologia, que permite estabelecer as categorias de análise a partir de novas concepções territoriais como a territorialidade, a desterritorialização e reterritorialização.



* O Estado-Região, na terminologia do japonês Kanichi Ohmas, obedece, apenas, na sua configuração, aos traçados dos fluxos económicos e à geografia invariável do mercado.

Figura 8 – Diferentes acepções do espaço subjectivo como realidade social
 Fonte: Patrício (2002 apud PATRÍCIO, 2005, p.233).

3.2 O Menu¹⁵⁹ da Territorialidade

De acordo com a nossa perspectiva, a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores, sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele. (RAFFESTIN, 1993, p.158).

Da mesma forma que o conceito de território apresenta suas primeiras tentativas de sistematização a partir dos naturalistas, a noção de territorialidade também tem neles sua gênese. Dessa forma, a discussão em torno da noção de territorialidade, parte da analogia do comportamento animal. Conforme Raffestin¹⁶⁰ “[...] a identificação da noção de territorialidade coloca problemas”. O autor reafirma que a noção de territorialidade, por ter surgido com os naturalistas, acabou por ocupar os pesquisadores com a noção de territorialidade animal e não com a noção de uma territorialidade humana.

Na perspectiva naturalista, a idéia de territorialidade animal era muito bem desenvolvida e, segundo Raffestin¹⁶¹, seus principais representantes a definiam como “[...] a conduta característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e defendê-lo contra os membros de sua própria espécie”.

Nesse sentido, Haesbaert (2004, p. 36) contribui para uma nova perspectiva da noção de territorialidade, ao afirmar que:

Apesar de uma relativa negligência das Ciências Sociais com relação ao debate sobre o espaço e, mais especificamente, sobre a territorialidade humana, pelo menos desde a década de 1960 a polêmica sobre a conceituação de território e territorialidade vem se colocando. Já em 1967, Lyman e Scott, num instigante artigo faziam um balanço sociológico da noção de territorialidade, considerada, sintomaticamente, “uma dimensão

¹⁵⁹ Conforme o Dicionário Digital MICHAELLIS (2000) menu remete à uma lista de opções ou programas disponíveis para o usuário; escolha de comandos de uma lista de opções apresentadas para o operador. Escolheu-se este título para o subitem, porque assim como nos *blogs* e no sentido utilizado para menu em informática, este pressupõe opções. Da mesma forma a territorialidade, marcada por relações de poder, oferece aos atores sociais opções de identificação em sua multidimensionalidade do “vivido”.

¹⁶⁰ RAFFESTIN, 1993, p. 159.

¹⁶¹ Idem.

sociológica negligenciada”. Fica evidente através deste texto não apenas a pouca consideração da Sociologia para com a dimensão espacial/territorial mas, sobretudo, a falta de diálogo entre as diversas áreas das Ciências Sociais. A Geografia, por exemplo, a quem deveria caber o papel principal, estava completamente ausente daquele debate.

Raffestin¹⁶², ao procurar identificar a emergência da territorialidade humana, identificou que “[...] na tradição americana a territorialidade é definida como um fenômeno de comportamento associado à organização do espaço em esferas de influência ou em territórios nitidamente diferenciados”. Nesse sentido, Machado¹⁶³ complementa que Raffestin ao discutir a delimitação de territórios “[...] inclui bem mais do que uma simples relação com a área, pois esta é mediatizada pelas relações entre os homens, e não uma pura e simples relação entre homem e meio”. Assim, conforme Machado¹⁶⁴, “[...] a territorialidade corresponde às ações sociais desenvolvidas por vários agentes sociais em uma determinada área geográfica em um dado momento histórico”.

A relação da noção de territorialidade com a dimensão simbólica e cultural da sociedade é evidente em quase toda literatura¹⁶⁵. Uma das mais utilizadas e bem elaboradas é a de Bonnemaïson (2002). O autor parte da leitura das concepções *neodarwinianas* de territorialidade animal, conseguindo estabelecer uma sólida noção de territorialidade humana.

Ao descrever a concepção de territorialidade animal, Bonnemaïson (2002) destaca espaços fortemente pré-estabelecidos, como núcleo ou “zona de segurança” e periferia ou “área fronteira”, que quanto mais afastada do núcleo mais perigosa, quase sempre fatal para os indivíduos ou grupos de indivíduos que a atravessam. Essa leitura permite observar territorialidades eminentemente estanques, que delimitam territórios fixos e fechados.

A contribuição de Bonnemaïson (2002, p.99) está exatamente no seu esforço em estabelecer uma territorialidade humana, que não fosse apenas uma adaptação da concepção de territorialidade animal, pois para ele

As sociedades humanas têm uma concepção diferente do território. Ele não é obrigatoriamente fechado, não é sempre um tecido espacial unido nem

¹⁶² RAFFESTIN, 1993, p.159.

¹⁶³ MACHADO, 1997, p.27.

¹⁶⁴ Ibid. p.28.

¹⁶⁵ Sack (1986); Raffestin (1993); Machado (1997); Haesbaert (1999 e 2004); Bonnemaïson (2002); Patrício (2005).

induz a um comportamento necessariamente estável. A experiência da Oceania revela que, antes de ser uma fronteira, um território é sobretudo um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários.

Seguindo seu raciocínio, Bonnemaïson (2002, p.99) estabelece uma relação de contraste entre as situações de enraizamento e de migrações ou viagens, onde

[...] essa relação, estabelecida a partir de uma dosagem de duas noções contrárias, é evidentemente bastante variável de acordo com os estatutos sociais, os gêneros de vida, as épocas e os tipos de sociedade. A territorialidade se situa na junção dessas duas atitudes; ela engloba simultaneamente aquilo que é fixação e aquilo que é mobilidade – dito de outra maneira, os itinerários e os lugares.

Em outra perspectiva, Haesbaert (2004, p. 73) diz que a territorialidade seria utilizada para ressaltar as questões de ordem simbólico-cultural do debate a cerca do território, mas também,

[...] além da acepção genérica ou sentido lato, onde é vista como a simples “qualidade de ser território”, é muitas vezes concebida em um sentido estrito como a dimensão simbólica do território. Ao falar-se em territorialidade estar-se-ia dando ênfase ao caráter simbólico, ainda que ele não seja o elemento dominante e muito menos esgote as características do território. Muitas relações podem ser feitas, a partir do próprio sufixo da palavra, com a noção de identidade territorial. Isso significa que o território carregaria sempre, de forma indissociável, uma dimensão simbólica, ou cultural em sentido estrito, e uma dimensão material, de natureza predominantemente econômico-política.

Elaborando sua concepção de territorialidade humana, Sack¹⁶⁶ afirma que “[...] territoriality will be defined as *the attempt by an individual or group to affect, influence, or control people, phenomena, and relationships, by delimiting and asserting control over a geographic area*. This area will be called the *territory*”. Essa perspectiva situa-se no plano do poder, denotando, pois, a ênfase política desta noção de territorialidade e que, de certa forma, supervaloriza a dimensão material.

Entretanto, Sack¹⁶⁷ acrescenta “[...] territorial boundary may be the only symbolic form that combines a statement about direction in space and a statement about possession or exclusion”. Esse autor reconhece três condições interdependentes contidas em sua definição de territorialidade: uma classificação por

¹⁶⁶ SACK, 1986, p.18.

¹⁶⁷ Ibid. p.21.

área, uma forma de comunicação por fronteira e uma forma de coação ou controle. A única forma simbólica concebida por Sack (1986), é a da fronteira territorial.

Na relação com o outro, estão incluídas não apenas os processos vinculados à esfera política e da produção, mas também, e talvez de forma mais incisiva, elementos culturais como a lingüística, a moral, a ética, a religião, enfim, o conjunto complexo de padrões de comportamento, dado pelas crenças, instituições e valores espirituais e materiais que são transmitidos coletivamente e que caracterizam uma dada sociedade. A territorialidade é construída socialmente e seu uso histórico tem sido realizado de forma cumulativa, ou seja, através das experiências e experimentações processadas ao longo da história de uma sociedade.

Dessa forma, pode-se afirmar que a territorialidade se realiza como possibilidade de recriação, pelos próprios grupos, de territórios originais que atendam não só as aspirações de reprodução material, como também à expressão das especificidades culturais que efetivamente mobilizam os grupos sociais.

Se a territorialidade corresponde às ações, é preciso compreender que essas são produzidas no bojo das relações sociais. Assim, concorda-se com Machado¹⁶⁸, de que as relações sociais não são apenas vinculadas à produção, mas a elementos culturais, que compreendem um “[...] conjunto complexo de padrões de comportamento, dado pelas crenças, instituições e valores espirituais materiais que são transmitidos coletivamente e que caracterizam uma dada sociedade”.

Nesse sentido, Raffestin (1993, p.162) identifica que

Enquanto os economistas sempre tendem a homogeneizar o espaço, os geógrafos, por seu turno, homogeneizam a sociedade. Eis por que pensamos que a análise da territorialidade só é possível pela apreensão das relações reais recolocadas no seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal.

Entretanto, alguns autores, ao proporem o debate sobre a territorialidade do ciberespaço, parecem querer conciliar a emergência do conceito desse novo espaço de produção e reprodução social e cultural, ao fim dos territórios, ao fim de uma referência simbólica e material com uma identidade local. Esse debate tem sido a tônica no que diz respeito às identidades territoriais no ciberespaço. Entretanto, deve-se ter o cuidado para não se polarizar essa temática em concepções extremas,

¹⁶⁸ MACHADO, loc.cit.

nem de supervalorização identitária e nem de equiparação do espaço virtual com a desterritorialização.

Importante contribuição para esse debate é fornecida por Silva (2000b, p.14), quando o autor aponta pistas de como seria esse processo de identificação territorial no ciberespaço:

É necessário, portanto, uma renovação conceitual sobre a definição de um território a partir dos limites reais da identidade cultural de um grupo social. Na rede não há fronteiras para as territorialidades expressas pelas tribos eletrônicas. Na rede, diversos grupos de pessoas se identificam e passam a ter uma relação afetiva com um espaço virtual que não deixa de ser uma forma de territorialização. A idéia do territorialismo associado ao enraizamento às fronteiras físicas e ao controle político desaparece. A chave eletrônica dá acesso à rede e a novos territórios culturais imaterializados que se colocam no limiar do próximo século.

Também Costa; Souza (2005), acreditam que

[...] o ciberespaço, onde acontece a cibercultura, é um ambiente de pertencimento, onde há a identificação por área e de origem. Em muitos momentos, as identificações ligadas às antigas tecnologias de identificação (identidade, cpf, nacionalidade, etc) são solicitadas para que novas identificações sejam realizadas no ciberespaço, permitindo o acesso às tribos da cibercultura, e atribuindo novas identidades.

Esse autor identifica dois novos processos de constituição da territorialidade, o primeiro se refere ao local por onde se distribuem os servidores que viabilizam o ciberespaço. Segundo Costa; Souza¹⁶⁹ está “[...] surgindo uma nova territorialidade física, que se relaciona à localização dos servidores que armazenam as informações, sujeitos que estão às territorialidades de ordem tradicional para sua instalação”.

Uma segunda territorialidade é operada pela linguagem, que não só dá acesso aos espaços do ciberespaço, como também são códigos culturais de aceitação e rejeição na cibercultura, e segundo Costa; Souza (2005), é

[...] uma territorialização pela linguagem, que sustenta, opera e concede existência aos programas, àquele espaço do ciberespaço. A identificação por esse ou por aquele software, por essa ou aquela interface gráfica. Mais do que isso, as tribos da cibercultura estipulam seus rituais de iniciação, por meio dos quais o indivíduo passa a ter pertencimento a uma nova comunidade, assumindo posturas e comportamentos relacionados àquela

¹⁶⁹ COSTA; SOUZA, 2005, online.

tribo, sendo que a territorialidade que está aí presente não é a de um país, uma cidade ou um recorte físico geográfico contínuo.

Existe pois, uma gama de possibilidades desencadeadas pela emergência do ciberespaço, principalmente as geográficas, que devem, no mínimo, serem averiguadas, pois conceitos estão sendo questionados. Cita-se como exemplos os que ainda não estão sólidos dentro da própria ciência geográfica, como o de território. Há a necessidade de se rever sua concepção e validade conceitual que deles derivam. Não se trata aqui, de compartilhar a compreensão de *terra arrasada*, mas sim de demonstrar que as possibilidades de interpretar e articular conceitos como cultura e território, em tempos pós-modernos, são inúmeras e estão à espera de novas formas de operação, cabendo, pois, à ciência esse exercício teórico/metodológico.

Assim, ao se estabelecer a compreensão das relações sociais, inerentes à territorialidade, no ciberespaço, observa-se o mesmo processo de conformação do conjunto *complexo de padrões de comportamento*. Não se pode ignorar que interagem no ciberespaço uma enorme variedade de culturas, níveis sociais, credos religiosos e políticos. Acrescente-se a isso, o fato de que as novas tecnologias informacionais amplificam as interações humanas. Como as identidades culturais são constituídas, negociadas, trocadas, enfim, estabelecidas territorialmente nas relações sociais que produzem e reproduzem o espaço geográfico. Com o advento do ciberespaço, essas relações começam a experimentar novas formas de estabelecimento, mais amplificadas ou múltiplas, surgindo a necessidade da discussão de novos conceitos como é o caso da desterritorialização.

3.3 O Menu da Desterritorialização

Pelas colocações anteriores, admite-se que a territorialidade é o resultado das ações sociais oriundas das interações culturais em dado tempo e espaço. E o que seria então a desterritorialização?

Na elaboração de Santos (1996), é possível explicar, através das técnicas, o que se pode considerar como uma noção de desterritorialização. Quando as técnicas eram eminentemente locais, nas sociedades primitivas, e com a

inexistência da comunicação entre os grupos humanos, particularizava-se os pontos habitados do planeta, caracterizando-se uma população, pelas técnicas, sistema político e regime econômico local. É importante destacar que, nesse momento, os sistemas técnicos eram locais. Somente a partir das trocas entre os grupos, as quais ocorriam de forma desigual e impondo técnicas distintas, pois certos grupos detinham determinadas, enquanto outros grupos detinham outras, é que começou a se desencadear os processos que hoje se pode denominar desterritorialização e reterritorialização das técnicas.

A partir da possibilidade de contato entre os grupos humanos, tudo é compartilhado mutuamente, respeitando-se, no entanto, o avanço técnico de cada sociedade. Todo esse processo vai assumir um caráter global, quando o planeta passa a ser a área de atuação da técnica, que então se transforma num meio universal e uniforme. Tal fato só é possível mediante os avanços de todas as sociedades. Entretanto, sabe-se que esse avanço ocorre de maneira desigual, principalmente na perspectiva cultural.

Dessa forma, os avanços técnicos, exatamente pela sua capacidade de alcance global, poderiam estar causando um rompimento entre o real e o imaginário. Para Ortiz (2005, p.52), tal ruptura encontra-se na discussão sobre desterritorialização, e critica afirmações do tipo

[...] “o espaço esvaziou-se”, “o mundo já não possui fronteiras”. Alguns autores, diante das descobertas tecnológicas, em particular da realidade virtual, chegam a imaginar que o horizonte entre a fantasia e a realidade teria sido rompido. A noção de espaço pois, no seu ocaso. As distâncias se encurtaram a tal ponto, que já não faria mais sentido afirmar sua existência. Não apenas as fronteiras entre as nações teriam sido ultrapassadas, até mesmo o mundo da fabulação se confundiria ao real.

Apesar de se estar trabalhando na perspectiva cultural, isso não significa que as questões da identificação territorial e, conseqüentemente, as definições de desterritorialização, encerram-se na cultura. O trabalho de Haesbaert (2004), por exemplo, faz um denso inventário dos usos da desterritorialização na contemporaneidade, identificando três dimensões da mesma: uma econômica, uma política e outra simbólica e cultural. Para o *corpus* deste trabalho, deteve-se na dimensão cultural. Entretanto, acreditou-se ser importante, ao menos apresentar, as características das outras dimensões identificadas.

A primeira dimensão descrita por Haesbaert (2004, p.173-174) é a econômica, onde o autor identifica três perspectivas possíveis

1) Num sentido mais amplo, a desterritorialização é vista praticamente como sinônimo de globalização econômica [...], na medida em que ocorre a formação de um mercado mundial com fluxos comerciais, financeiros e de informações cada vez mais independentes de bases territoriais bem definidas, como as dos Estados nações. 2) Numa interpretação um pouco mais restrita, a ênfase é dada ao [...] chamado capitalismo pós-fordista ou capitalismo de acumulação flexível, flexibilidade esta que seria responsável pelo enfraquecimento das bases territoriais ou, mais amplamente, espaciais, na estruturação geral da economia, em especial na lógica locacional das empresas e no âmbito das relações de trabalho [...]. 3) Num sentido ainda mais restrito, desterritorialização seria um processo vinculado notadamente ao [...] setor financeiro, onde a tecnologia informacional tornaria mais evidentes tanto a imaterialidade quanto a instantaneidade (e a superação do entrave distância) nas transações, permitindo assim a circulação de capital (puramente especulativo) em "tempo real".

Das três interpretações da desterritorialização em uma perspectiva econômica, observa-se que as mesmas vão da equiparação ao processo de globalização, passam por uma restrição apenas as desregulamentações produtivas, principalmente fabris e, por fim, aquela que se aproxima mais concretamente do que seria uma desterritorialização econômica, ou seja, a fluidez do sistema financeiro, proporcionada pela tecnologia informacional.

Essa primeira dimensão da desterritorialização é importante, na medida em que permite compreender que o capital especulativo, embora o produtivo também, não necessita de bases territoriais definidas. As bolsas de valores operam hoje praticamente 24 horas por dia, pois quando se encerra o pregão de Tóquio, abre-se o de Nova Iorque. Dessa forma, os capitais financeiros circulam em busca de reprodução independentemente do território, pois o que lhe interessa são as melhores condições de acumulação. As tecnologias informacionais proporcionam que essas diferenças de fuso horário, distância física, sejam superadas na sua cruzada em nova roupagem imperialista.

Nesse sentido, Ortiz (2005, p.57) aponta algumas possibilidades de interpretar a desterritorialização, incluindo a dos economistas, mas também evidenciando outras, onde

[...] a espacialidade das coisas, dos objetos, do meio ambiente e, por que não dizer, do imaginário coletivo transborda os seus limites. Nesse sentido, o movimento de desterritorialização se aplica não só às cidades globais, como as definia Sassen, e à produção automobilística, querem os

economistas, como também à criação de lugares particulares (*shopping centers*, aeroportos, grandes avenidas etc.), às identidades planetárias (movimento ecológico ou étnico) e a uma memória "internacional-popular" (constituída pelas imagens-gesto veiculadas mundialmente pela mídia). Espaço que se articula, se mistura e muitas vezes determina espaços de outra natureza.

Na dimensão política, Haesbaert (2004) associa a desterritorialização e ressalta sua importância à Ciência Política, articula com a Geografia Política, justificando a relação entre poder e espaço, bastante difundida no conceito tradicional de território, vinculado a soberania estatal. Nessa perspectiva, o autor identifica que a desterritorialização estaria associada à perda de poder por parte dos Estados. Isso estaria ocorrendo em função da emergência das empresas transnacionais, da velocidade com que se deslocam os fluxos econômicos, com a privatização de espaços e empresas públicas.

Na leitura de Strange, Haesbaert (2004, p. 202) descreve a análise de quatro hipóteses da perda de poder do Estado para as corporações transnacionais

Em primeiro lugar, ela comenta os processos de privatização neoliberal (incluindo os do ex-bloco socialista) que levaram à perda de controle do Estado sobre indústrias, serviços, comércio e mesmo sobre a pesquisa e as inovações tecnológicas. Em segundo lugar, numa visão mais conservadora, afirma ela que as empresas transnacionais fizeram mais pela redistribuição de riqueza e empregos nos países periféricos do que os programas oficiais de ação governamental. Muitos conflitos de interesses, em terceiro lugar, deixaram de ser resolvidos pelos governos e passaram a ser geridos no interior das próprias empresas. Por fim, os Estados, "desregulamentadores", também perderam no seu poder de controle fiscal e taxaço de lucros das empresas. O resultado é que não só as empresas invadiram searas antes de domínio quase absoluto dos governos, como passaram a exercer uma espécie de poder paralelo.

Mesmo na perspectiva política, é notório o papel que o ciberespaço apresenta no suposto enfraquecimento dos estados, pois associado às novas tecnologias de informação acaba por explicar a desterritorialização política. Nesse sentido, Newman (1998 apud HAESBAERT, 2004, p. 204) lembra que "[...] o impacto da globalização econômica e do ciberespaço da informação é visto como o principal fator a produzir a desterritorialização do Estado e a correspondente remoção das fronteiras.

Por sua vez, Ortiz (2005, p. 64,) ao destacar o caráter desterritorializado dos modos de vida, associa-os ao *marketing global* e menciona o ciberespaço como espaço privilegiado de livre circulação da cultura.

O modo de vida de vários grupos sociais é hoje em boa medida desterritorializado. Os estudos e os cálculos dos publicitários, dos homens de *marketing*, mostram isso muito bem. Alguns comportamentos em relação ao consumo e à maneira de organização da vida são análogos em Tóquio, Paris, Nova Iorque, São Paulo ou Londres. São essas semelhanças que possibilitam aos administradores das transnacionais refletirem e agilizarem uma estratégia de persuasão e de vendas em escala planetária. Aos mesmos modos de se comportar, se divertir, se deslocar, corresponde um *marketing* global. Pedacos de estratos espaciais de consumo, distribuídos de maneira desigual pelo planeta, são dessa forma aproximados. O cinema, a mídia, a publicidade e a televisão confirmam essa tendência. Talvez por isso a insistência em falarmos em "espaço" publicitário, mediático e, mais recentemente, Ciberespaço. Em todos os casos estão claros os símbolos, as mensagens; enfim, a cultura circula livremente em redes desconectadas deste ou daquele lugar.

A uma desterritorialização corresponde uma reterritorialização. São processos indissociáveis que ocorrem, geralmente, em escalas distintas. Não se quer caracterizá-los como processos cíclicos de determinação absoluta, pois também comportam rupturas. E é nesse sentido que Haesbaert (2004), ao associar o ciberespaço na perspectiva da desterritorialização política, o fá-lo sempre mencionando como processo, que denominou des-re-territorializador.

Na vinculação do ciberespaço, nesse processo, Haesbaert (2004, p. 204-205) destaca

Juntamente com a análise das empresas responsáveis pelo controle e/ou difusão da informação pelo mundo, encontra-se o tipo de tecnologia envolvido e a forma com que a informação é difundida, ou seja, a formação daquilo que se convencionou chamar de ciberespaço no novo espaço técnico-informacional planetário. É fundamental, portanto, dentro dos processos de globalização econômica, discutir o papel do chamado ciberespaço no enfraquecimento do domínio ou da "soberania territorial" dos Estados e, conseqüentemente, de suas fronteiras. O ciberespaço é central tanto na compreensão da fluidez financeira e da fragilização das fronteiras quanto da aceleração dos processos de "hibridização" cultural. Tendo o cuidado de não cair num "determinismo tecnológico", é indispensável reconhecer o papel crescente das tecnologias informacionais nos processos de desterritorialização.

Apesar da dimensão política da desterritorialização não se distanciar de uma concepção política e cultural, é na perspectiva cultural que se assenta a análise proposta. E mesmo trocando-se a perspectiva, concorda-se com Haesbaert (2004), no qual mantém-se a necessidade de uma compreensão de processo. Ao reivindicar a ambivalência desterritorializadora-reterritorializadora, também na perspectiva cultural, Haesbaert (2004, p.215) argumenta que

Prioritária ou não, antecedendo ou não a política, a dimensão cultural sempre esteve presente nos processos de formação territorial. A carga identitária ou simbólica, naquilo que Anderson (1989) denominou "comunidades imaginadas" (mas nunca somente imaginadas), apareceria hoje com uma ênfase raramente vista. Os territórios modernos por excelência, os do Estado-nação, estariam marcados por uma "comunidade imaginada" calcada na figura de um indivíduo nacional-universal capaz de impor-se sobre as diversas "comunidades" baseadas na diferenciação étnica dos grupos sociais. Lado a lado, porém, se reinventam símbolos e identidades nacionais, estruturados para consolidar a homogeneização da nova "nação-Estado". Daí que a criação dos Estados-nações modernos e, conseqüentemente, das sociedades nacionais, é, do ponto de vista cultural, da mesma forma como vimos para a dimensão política, um movimento ambivalente, concomitantemente desterritorializador e reterritorializador.

Em tentativa anterior de sistematizar a questão da desterritorialização, Haesbaert (2002), também identificou cinco importantes interpretações de desterritorialização, baseadas na economia, cartografia, tecnologia informacional, política e cultura. Ao descrever a desterritorialização em uma abordagem cartográfica, o autor destaca, nessa abordagem, uma diminuição ou anulação do espaço, ou do "fator geográfico". Haesbaert (2002) identifica que há uma aproximação muito grande entre esta posição e, aquela que identifica na simultaneidade de um espaço conectado, que vê a desterritorialização em uma "superabundância de espaço".

Esse paralelo subsidia a crítica à definição de desterritorialização de Lèvy (2000), e partindo da mesma, Haesbaert (2002, p.130), argumenta que:

[...] ele [Pierre Lévy (1998)] afirma que, na cibercultura contemporânea, a "tradição" se situa na "sincronia ideal do ciberespaço", pois "a cibercultura encarna a forma horizontal, simultânea, puramente espacial da transmissão. Para ele, o tempo é uma decorrência. Sua principal operação é conectar no espaço, construir e estender os rizomas do sentido". Uma leitura da desterritorialização como domínio da imaterialidade: em parte se confunde com a anterior (ou se torna seu pré-requisito), ao enfatizar o domínio das relações imateriais, que prescindem de bases materiais. O território é visto antes de tudo como o espaço concreto em que se produzem ou se fixam os processos sociais. Esta "ciber-desterritorialização" é a visão defendida por muitos estudiosos do chamado ciberespaço, envolvido por relações sem referencial espacial concreto, um pouco na linha de O'Brien (1992), quando este fala no "fim da Geografia" pelas conexões informacionais que permitem a pretensamente livre circulação financeira planetária.

Essas interpretações sobre desterritorialização são muito importantes, pois são aquelas em que se observa que a mesma está intimamente ligada à introdução das técnicas informacionais na sociedade. Na primeira, concorda-se que na verdade

ocorre uma *superabundância de espaço*¹⁷⁰. Para Haesbaert¹⁷¹, tal fato é decorrente a partir do momento em que “[...] a rede de energia elétrica e a rede telefônica, ou simplesmente o aparelho de computador e o aparelho de telefone, são suficientes para “conectar” com o resto do mundo”.

Etimologicamente, a palavra *cyberspace* remete a idéia de *espaço de controle*. Portanto, Haesbaert¹⁷² ao mencionar a *sociedade de controle* de Deleuze (1997/1990), questiona o caráter bastante amplo de controle, e adota a noção foucaultiana de sociedade disciplinar, para introduzir o debate da desterritorialização no ciberespaço

Como afirmou o próprio Foucault, a sociedade moderna é uma “sociedade disciplinar por oposição às sociedades propriamente penais”, anteriormente dominantes, instaurando assim “a idade do controle social” (Foucault, 1991, p.86). O que devemos, na verdade, é distinguir que tipos de controle estão agora dominando, sem dúvida controles muito mais velados, sutis e disseminados (para alguns, “desterritorializados”), e, paralelamente, que tipos de território (reterritorializações) são produzidos como espaços onde ou através dos quais se realiza este controle.

Apesar de questionada, a noção de controle é bastante utilizada na *sociedade disciplinar* foucaultiana e é o controle exercido na sociedade moderna que acaba por adquirir novas nuances, a partir da introdução das tecnologias telemáticas. As formas de controle social estabelecidas a partir das novas tecnologias apontam para uma nova noção de vigilância, que interfere nas relações sociais contemporâneas. Bauman (1999 apud HAESBAERT, 2004, p.265) comenta que a vigilância na sociedade contemporânea “[...] desprende os vigilantes de sua localidade. transporta-os pelo menos espiritualmente ao ciberespaço, no qual não mais importa a distância, ainda que fisicamente permaneçam no lugar”.

Nesse sentido, o ciberespaço, tanto etimologicamente, quanto em sua característica, acaba por convergir para a noção de um espaço de controle, mas também, um espaço onde as relações sociais, assim como no espaço geográfico, são atravessadas por relações de poder.

Em relação ao poder, Lèvy (1996, p.21) alerta para as interações virtuais, com sua intensidade a qual pode estabelecer uma situacionalidade diretamente proporcional entre poder e desterritorialidade:

¹⁷⁰ LÈVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: Por uma Antropologia do Ciberespaço**. 1999.

¹⁷¹ HAESBAERT, 2004, p. 269.

¹⁷² Ibid., p.264.

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente. Recortam o espaço-tempo clássico apenas aqui e ali, escapando a seus lugares comuns “realistas”: ubiquidade, simultaneidade, distribuição irradiada ou massivamente paralela. A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar (graças às interações em tempo real por redes eletrônicas, às transmissões ao vivo, aos sistemas de telepresença), continuidade de ação apesar de uma duração descontínua (como na comunicação por secretária eletrônica ou por correio eletrônico). A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. Mas, novamente, nem por isso o virtual é imaginário. Ele produz efeitos. (...) Os operadores mais desterritorializados, mais desatrelados de um enraizamento espaço-temporal preciso, os coletivos mais virtualizados e virtualizantes do mundo contemporâneo são os da tecnociência, das finanças e dos meios de comunicação. São também os que estruturam a realidade social com mais força, e até com mais violência.

Também, sobre as relações de poder e a característica de espaço de controle do ciberespaço, Haesbaert¹⁷³ comenta sobre as possibilidades de controlar territórios descontinuamente, e sem a necessidade de uma mobilidade física, mas alerta para a necessidade de se conhecer a linguagem tecnológica, ou saber decodificar os códigos de restrição. Assim como no espaço geográfico, é preciso adquirir uma série de linguagens e *códigos* para se ter acesso a espaços diferenciados, o ciberespaço também é marcado por esta característica, entretanto, antes de ser constituído por uma estrutura socialmente instituída, dele próprio emerge formas peculiares de linguagens e *códigos*.

Trata-se, poderíamos afirmar, de uma outra forma de desterritorialização na imobilidade (física). Na verdade, as próprias noções de mobilidade e imobilidade se confundem. O poder via novas tecnologias de informação faz com que se possa exercer “controle” sobre territórios muito distantes, e a descontinuidade de nossos territórios se torna muito mais corriqueira. Comandar uma firma a distância, ou mesmo, num outro plano, “comandar um corpo” a distância, realizando, por exemplo, uma sofisticada operação cirúrgica, já não faz mais parte da ficção. Nossas ações (ou, pelo menos, a de determinados grupos privilegiados) se tornaram, assim, muito mais poderosas, dependendo, é claro, do meio informacional que estiver ao nosso alcance. Quer dizer, antes de acionar estes mecanismos de interferência a distância e exercer o controle que eles proporcionam, temos de dominar os meios, ou seja, ter acesso à tecnologia e conhecer sua linguagem — ou, no mínimo, “dispor de uma senha”.

¹⁷³ Ibid., p.268.

Do debate em torno do ciberespaço emerge a noção de virtual. Nesse sentido, a contribuição de Lèvy (1996, p.15) é significativa, pois o autor busca a origem da palavra afirmando que:

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes.

Desta forma, Lèvy (1996, p.17-18) é sem dúvida um dos principais teóricos do ciberespaço, da virtualização e da cibercultura. Novamente resgata-se este autor pois o mesmo remete a importante contribuição no debate do que seria o virtual. Nas suas definições de virtualização pode-se encontrar:

A virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização. (...) A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. (...) a virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor. Se a virtualização fosse apenas a passagem de uma realidade a um conjunto de possíveis, seria desrealizante (...). A virtualização é um dos principais vetores da criação de realidade.

Da definição de Lèvy (1996), surge uma polêmica bastante instigante, sugerida por Haesbaert (2004). No entanto, concorda-se com o filósofo francês, mas também em parte com a crítica de Haesbaert (2004, p. 273), principalmente com a conseqüente idéia de território fixo, material, que sugere a similaridade de virtual e desterritorialização proposta por Lèvy (1996):

A questão, aqui, é que a noção de desterritorialização em Lèvy, ao se confundir com virtual, nos traz implicações bastante problemáticas. Em primeiro lugar, desterritorialização equivaleria a desmaterialização, pois embora nem todo elemento imaterial seja virtual, todo virtual é não-material. Neste caso, ver o território como “substrato material” da sociedade, por exemplo, seria de uma extrema simplificação. Por outro lado, associar desterritorialização com a “não-presença” da virtualização significa igualmente sobre-valorizar a dimensão concreta do território como um “aqui e agora” bem delimitado, não admitindo um território construído através de conexões (em rede) que articulam espaços na descontinuidade.

A ressalva que se faz a crítica de Haesbaert (2004), é que esse autor parece não admitir a constituição de territórios, no ciberespaço, por consequência das relações sociais mantidas virtualmente, caracterizando como idealistas as *Virtuals Communities*¹⁷⁴. Entretanto, a crítica de Haesbaert (2004) é válida no sentido de que a dimensão cultural do território não pode ser vista apenas considerando-se sua materialidade espacial. No caso da formulação de Lèvy (1996), o que Haesbaert (2004) salienta, é que o caráter desterritorializador do ciberespaço, não pode ser simplesmente vinculado a sua virtualidade. Concorda-se que a virtualização desterritorializadora de Lèvy (1996) simplifica a noção de território. Porém, tanto sua proposta de virtual, como de cibercultura¹⁷⁵, trazem subsídios para compreender como as territorialidades ao interagirem com grande intensidade no ciberespaço desterritorializam-se e reteritorializam-se, no sentido proposto por Santos (1996).

Dessa forma, não se tem a pretensão de apresentar uma discussão acabada e conclusiva, tampouco questionar a contribuição de grandes autores. O que se pretende é utilizá-los como referências balizadoras da presente pesquisa na perspectiva de identificar o processo de desterritorialização no ciberespaço.

No entanto, é necessário saber se existe vínculo desterritorializador com as identidades virtuais, no qual é notável a inserção dos *blogs* entre os migrantes brasileiros. Esses são utilizados com os mais diferentes sentimentos, mas servem primordialmente para localizar o/a internauta no ciberespaço. Essa localização continua sendo desterritorializada, pois a localização geográfica tem um caráter secundário, ajuda a identificar seus “proprietários”, no caso como brasileiros, e servirá para estudarmos suas identidades virtuais ou reais. Nesse sentido, Nussbaumer (2002) na leitura de Jauréguiberry, esclarece os dois extremos da manipulação identitária.

O primeiro caso, conforme Nussbaumer¹⁷⁶, seria o do aprisionamento no virtual em função do real social, que ocorre quando o indivíduo se aprisiona “[...]”

¹⁷⁴ RHEINGOLD, Howard. **The Virtual Community: Table of Contents.** (livro). Disponível em: <<http://www.well.com/user/hlr/vcbook/index.html>>. Acessado em 07 de setembro de 2003.

¹⁷⁵ Para entender a utilização do termo cibercultura, é necessário a apreensão das definições de Pierre Lèvy na obra homônima, para ciberespaço e cibercultura. Para esse autor ciberespaço “é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”, ou seja, a infraestrutura material da comunicação digital, o universo de informações abrigadas por ela e os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (1999, p.17). Já a cibercultura define “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (ibidem).

¹⁷⁶ NUSSBAUMER, 2002, p.66.

numa prática compulsiva da Internet e desenvolve uma atitude esquisofrênica-autista, à imagem dos Otakus¹⁷⁷. A construção de identidades virtuais, nesse caso, seria uma maneira de escapar à depressão”

No segundo caso, Nussbaumer¹⁷⁸ argumenta que o processo de construção identitária é o da “[...] experimentação crítica dos limites do *eu*, aquele que o indivíduo experimenta diferentes eus virtuais, para melhor se situar, traduzida por uma vontade de escapar das imagens impostas pela sociedade e um desejo de existir de outra maneira”.

Fugindo ou resistindo, as pessoas encontram nos *blogs* a possibilidade de desenvolver sua criatividade ou sua terapia. Ao criar um *blog* abre-se uma janela para o mundo, onde o/a *blogueiro/a* agora situado no ciberespaço pode compartilhar sentimentos, conhecimentos, informações, enfim, estabelecer relações com todos que agora os “visitam”. Mas os visitam em uma primeira intenção por serem brasileiros, e até por demonstrarem uma identidade territorial reafirmada, mas que se encontram desterritorializadas em outro território, em outro referencial simbólico-cultural-espacial, mas que também podem estar constituído uma outra identidade, indissociável de uma desterritorializada, ou seja, uma identidade reterritorializada, que se apropriou de novos signos, mas que, mantendo os referenciais anteriores, agora criam um híbrido territorial.

3.4 O Menu Multiterritorial

Com a dominância do componente rede na constituição de territórios, assim como a fluidez crescente dos espaços, proporcionada pelo “meio técnico-científico-informacional” contemporâneo (Santos, 1996), podemos afirmar que o mundo “moderno” das territorialidades contínuas/contíguas regidas pelo princípio da exclusividade (...) estaria cedendo lugar hoje ao mundo das múltiplas territorialidades ativadas de acordo com os interesses, o momento e o lugar em que nos encontramos (HAESBAERT, 2004, p.337).

Como se pode perceber a questão do território, essa associada ao processo de constituição identitária, torna-se algo dinâmico, em movimento, não pode ser

¹⁷⁷ *Otakus* – “Adolescentes japoneses que passam várias horas por dia num universo fictício e chegam a considerar a vida fora da Internet (off-line) secundária” (Jauréguiberry apud NUSSBAUMER, 2002, p.66).

¹⁷⁸ Idem.

pensado como algo estanque, encerrado em uma classificação fixa. Sempre a uma desterritorialização corresponde uma reterritorialização. São processos indissociáveis que ocorrem, geralmente, em escalas distintas. Não se quer caracterizá-los como processos cíclicos de determinação absoluta, pois também comportam rupturas. Muitas sociedades indígenas foram exterminadas sem que, de fato, uma reterritorialização se efetivasse (LIMA, s/d).

A reterritorialização é constituída às margem da territorialização hegemônica, comportando geralmente delimitações mais bem definidas. Um ator ou grupo quando desterritorializa outro, usando para tanto certas estratégias, imprime concomitantemente uma reterritorialização para si mesmo, enquanto que o outro perfaz, também, uma reterritorialização em outra escala de atuação, redefinindo parcelas de suas práticas sociais. Práticas essas que são pautadas pela experiência anterior que o desenraizou, que o desterritorializou. A desterritorialização é o movimento de referência, no sentido que ela dá início ao processo.

Nesse sentido, Santos (2006, p. 152) demonstra como ocorre essa justaposição, utilizando-se do exemplo das técnicas.

Ao longo da história, as trocas entre grupos e, sobretudo, as trocas desiguais, acabam por impor a certos grupos as técnicas de outros grupos. Entre aceitação dócil ou reticente, entre imposição brutal ou dissimulada, a escolha é, entretanto, inevitável. É assim que conjuntos inteiros ou pedaços de técnicas se incorporam a outros pedaços, mudando-lhes os antigos equilíbrios e acrescentando elementos externos às histórias até então autônomas. Pode-se, então, referir a uma *desterritorialização* das técnicas, que após se instalarem no seu novo meio e formarem sistema com as técnicas preexistentes, conhecem o que se pode intitular de *reterritorialização*.

O processo de reterritorialização não significa um retorno aos padrões anteriores à desterritorialização. Constitui um movimento de renovação calcado em novos valores. Os constantes movimentos de desterritorialização e reterritorialização correspondem, numa ampla acepção, ao movimento da vida, ou movimento dialético de infinita dinâmica social.

Nessa relação dinâmica, onde a territorialização torna-se apenas o princípio desencadeador do processo de identificação territorial, Haesbaert (2004, p.344) propõe, mesmo experimentalmente, sua noção de multiterritorialidade

Deste modo, a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e

de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma "multiterritorialidade". A principal novidade é que hoje temos uma diversidade ou um conjunto de opções muito maior de territórios/territorialidades com os/as quais podemos "jogar", uma velocidade (ou facilidade, via Internet, por exemplo) muito maior (e mais múltipla) de acesso e trânsito por essas territorialidades - elas próprias muito mais instáveis e móveis - e, dependendo de nossa condição social, também muito mais opções para desfazer e refazer constantemente essa multiterritorialidade.

Essa situação remete à compreensão de que estariam disponíveis no espaço múltiplas territorialidades, que acabam por ser acessadas a partir de uma desterritorialização, quer por mobilidade, no caso da pesquisa, quer pela imersão no ciberespaço, a procura de territorialidades fluídas. Nesse sentido, compreende-se que a reterritorialização, na verdade, prenuncia a constituição de identidades multiterritoriais.

Nesse contexto, Bonnemaïson (2002, p. 129) ilustra a disponibilidade das territorialidades através da indissociabilidade entre espaço e território

A flutuação dos territórios no espaço reflete assim o jogo das forças sociais dominantes. Contudo, espaço e território não podem ser dissociados: o espaço é errância, o território é enraizamento. O território tem necessidade de espaço para adquirir o peso e a extensão, sem os quais ele não pode existir; o espaço tem necessidade de território para se tornar humano. Existe aí uma espécie de relação dialética, pois cada um dos dois termos é, ao mesmo tempo, complemento e portador de significados contrários. Da união dos contrários deveria surgir um termo de síntese, ou pelo menos uma noção que os aproximasse.

Dessa maneira, Patrício (2005, p. 231), ao fazer a leitura de Bonnemaïson compartilha de sua visão de *superabundância do espaço* em detrimento à supressão do território. Entretanto, adverte sobre uma persistência territorial manifesta no que denominou *nova reterritorialização*.

Embora admitindo que "as nossas sociedades contemporâneas produzem cada vez menos território e cada vez mais espaço [...e que] o indivíduo se toma errante e já não enraizado" (BONNEMAISON, 1981: 261) e embora considerando que o Estado-nação, enquanto território de referência está em vias de perder, segundo alguns, a sua '*diferenciação agregadora*' perante aquilo a que Daniel Bell chamaria uma '*desagregação unificadora*', (BELL, 1976, in FORTUNA, 1991: 276) parece poder considerar-se como verdade adquirida, a persistência da territorialidade ou até de uma nova '*reterritorialização*'.

Em outra perspectiva, Silva (2000b, p.13), ao transpor para o ciberespaço, mais precisamente para cidade digital, a disponibilidade de múltiplas territorialidades, explica que

Desse modo, ordem e desordem são parte integrante dos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, já que a existência da cidade eletrônica não implica um controle centralizado, e sim uma desordem expressa em múltiplas conexões heterárquicas.

Entretanto, mesmo em atividades simples, o ciberespaço manifesta seu aspecto de espaço de controle através de senhas, cartões, permissões. Esse espaço de controle possibilita a vivência de múltiplas territorialidades. Espaços materiais que servem como base para ações de ócio e relaxamento tornam-se ao mesmo tempo territórios de conexões financeiras. Cita-se como exemplo os pagamentos que são realizados das residências via internet como contas de água, luz, cartão de crédito ou fazer transferências bancárias. Somadas a esse contexto, uma paisagem ocupada por migrantes de diversas partes do mundo possibilitam uma relação empírica com o processo de desterritorialização e reterritorialização.

A multiterritorialidade vivida por Haesbaert (2004, p. 351-352) é descrita com propriedade e riqueza de detalhes

[...] quando, em meu quarto, faço um telefonema ou conecto a Internet e me comunico com minha família no outro lado do mundo, no Sul do Brasil, trocando afetividade e orientando-os no sentido de receberem a contribuição mensal que lhes envio e, desta forma, intervindo diretamente na sua própria territorialização, meu quarto adquire uma outra conotação enquanto território. Ele deixa de ser simplesmente meu local de repouso e passa a ser também o local privilegiado da minha "glocalização" no mundo. Sua "densidade" (e, de certa forma, também, "vulnerabilidade") informacional passa a ser tão importante quanto seu papel como base material de que disponho para a recuperação física cotidiana. Para usufruir toda essa multiterritorialidade, preciso de muitos cartões, chaves e senhas, ou seja, tanto ciberconexões (como no caso do computador) quanto "permissões" para ser admitido nessas zonas ou *relais* - como bibliotecas, academias de ginástica, cinemas, e também nos dutos, como para entrar no *tube*, o metrô londrino. [...] Estamos num grande labirinto de *ins* e *outs*, desterritorializações e reterritorializações. Este movimento significa possibilidades, acesso, abertura, mas também, ao mesmo tempo, significa exclusão, grandes exclusões espaciais de vastas áreas e, assim, de mobilidade e relacionamento humano através da cidade. Quando abro os circuitos de meu território-rede londrino e vou, num final de semana, ver um filme curdo num cinema chamado Rio, numa área habitada por muitos imigrantes africanos chamada Hackney, posso ver um pouco mais, num nível bastante simples, o que significa des-reterritorialização ou, numa expressão mais adequada, a conformação de minha multiterritorialidade. Mais ainda, quando cruzo a cidade de Parsons Green, no sudoeste, até Stepney Green, no leste, para visitar a família de meu amigo bengali, estou

efetivamente me des-reterritorializando em meio a duas diferentes cidades ou, ainda mais, literalmente, entre o Ocidente e o Oriente dentro da mesma Londres.

O caráter cosmopolita de cidades como a descrita pelo autor, mas também como Nova Iorque e Tóquio, adquirem um caráter desterritorializado mais propício pelo seu papel centralizador político-econômico-cultural, do que necessariamente tenham uma característica reterritorializadora. Isso é observado na medida em que essas três cidades desempenham um papel fundamental no processo de globalização capitalista.

Nesse sentido, é importante resgatar Ortiz (2005, p.55), quando o autor faz sua interpretação de Saskia Sassen, salientando que nesses três centros urbanos

[...] se concentram os escritórios das grandes empresas industriais, comerciais e financeiras; se encontramos produtores de serviços (publicidade, agência de seguros, mídia etc.), em boa parte responsáveis pela terceirização e pela especialização das atividades. Diante da globalização do mercado, da fragmentação da produção, da deslocalização do trabalho, da flexibilidade das tecnologias, as instituições econômicas transnacionais se rearticulam, determinando lugares de comando de suas atividades planetárias. A cidade global é, portanto, um núcleo articulador do capitalismo mundial. A rigor, nenhuma dessas cidades pode ser entendida dentro de suas próprias fronteiras. Internamente, elas se dilatam, e abrangem a área metropolitana em seus respectivos países; externamente, constituem uma rede, um conjunto dinâmico, composto por pólos interativos. Algumas atividades "faltam" em Londres, e se "complementam" em Tóquio; outras, vice-versa, são mais rarefeitas, ou florescentes, em Nova Iorque.

A descrição do caráter econômico dessas três cidades permite refletir sobre uma característica desterritorializante das mesmas, pois se elas se articulam centralmente no comando do processo de globalização, elas também se articulam culturalmente criando o que se poderia chamar de *artificialização cultural*, ou seja, em Londres pode ser mais fácil comer comida indiana do que em Nova Delhi, ou mais fácil assistir uma partida de futebol da seleção brasileira em Tóquio do que em São Paulo, ou ainda assistir artistas brasileiros no *Brazilian Day* de Nova Iorque do que em cidades interioranas do país.

O aspecto desterritorializante e centralizador, característico dessas cidades, não está dissociado da mobilidade migratória de pessoas oriundas de diversos países, mas especialmente das ex-colônias inglesas, para Londres, da América Latina, para Nova Iorque, e do sul e sudeste asiático para Tóquio, tornando esse movimento dinâmico e diverso culturalmente.

Os autores reconhecem que todo esse processo poderia ter se desencadeado de outra forma se não houvesse sido acompanhado por um intenso movimento migratório. A multiterritorialidade das migrações acaba por configurar de maneira humanizada a nova paisagem pós-moderna. No caso desta pesquisa, ela será abordada na perspectiva da migração brasileira pelo mundo.

Nesse sentido, Haesbaert (2004, p.354-355) explica que

De qualquer forma, sem dúvida um dos exemplos mais característicos de multiterritorialidade é aquele construído através das grandes diásporas de migrantes, com papel cada vez mais relevante no mundo contemporâneo. Elas representam historicamente uma das formas pioneiras de multiterritorialidade na medida em que o deslocamento e a dispersão espacial de pessoas pertencentes a um grupo com forte identidade cultural através do mundo promovem múltiplos encontros entre "diferentes", muito antes do advento dos meios de transporte rápidos e da comunicação instantânea.

Assim, como se pode observar na investigação dos *blogs* de brasileiros que residem no exterior, confirma-se o papel das migrações na ilustração da constituição das multiterritorialidades culturais. Entretanto, vem-se afirmando desde o início do trabalho, que isso não se dá de forma homogênea. São as diferenças que dinamizam esse processo, são elas que disponibilizam as múltiplas territorialidades no espaço.

Nesse contexto, compartilha-se do pensamento de Haesbaert (2004, p. 372), na definição de que as questões do nosso século são de complexas reterritorializações e não da desterritorialização total e de tudo, pois

[...] finalmente, parece que podemos provar o contrário da tese de Virilio de que a desterritorialização seria a grande questão desta passagem de século. Mais do que isto: o que está dominando é a complexidade das reterritorializações, numa multiplicidade de territorialidades nunca antes vista, dos limites mais fechados e fixos da guetoificação e dos neoterritorialismos aos mais flexíveis e efêmeros territórios-rede ou "multiterritórios" da globalização. Na verdade, seria mais correto afirmar que o grande dilema deste novo século será o da desigualdade entre as múltiplas velocidades, ritmos e níveis de des-re-territorialização, especialmente aquela entre a minoria que tem pleno acesso e usufrui dos territórios-rede capitalistas globais que asseguram sua multiterritorialidade, e a massa ou os "aglomerados" crescentes de pessoas que vivem na mais precária territorialização ou, em outras palavras, mais incisivas, na mais violenta exclusão e/ou reclusão socioespacial.

No ciberespaço as diferenças podem e tendem a serem suprimidas, e algumas pesquisas¹⁷⁹ mostram que se pode realmente constituir várias identidades por afinidades, dando a impressão, em uma análise superficial, de homogeneidade. Entretanto, todas elas demonstram que é na diferença que se pode identificar os processos que constituem a identidade, que mesmo uma identidade territorial no ciberespaço não está dissociada de todas as questões apresentadas, elas sim contribuem para o entendimento de como a migração brasileira contribui e se apresenta na paisagem pós-moderna. Como as identidades e as referências territoriais brasileiras são processadas no contato com outras culturas? O advento do ciberespaço não só permite essa investigação, como agrega novas condições de análise desse processo. E com isso temos uma reafirmação identitária? Os membros da migração brasileira perdem significativamente o referencial territorial? Ou os brasileiros ao vivenciarem suas experiências acabam constituindo um híbrido cultural ou usufruem de múltiplas identidades territoriais?

Essas são algumas das questões que instigaram a pesquisa e que serão respondidas no capítulo 5.

¹⁷⁹ Garbin (2001); Nussbaumer (2002); Silva (2003).

4 CIBERESPAÇO LINKANDO A SOCIEDADE

O ciberespaço, temática e *corpus* da pesquisa¹⁸⁰, possibilita novas formas de investigação, pois se constitui tanto em espaço de relações sociais, como de produção do conhecimento. Entretanto, existem algumas controvérsias em sua aceitação, principalmente por parte da Geografia, uma vez que o debate se desenvolve à luz do entendimento da característica material ou imaterial do ciberespaço.

Parte-se do pressuposto de que o ciberespaço deva ser entendido como uma imensa rede técnica, a qual oferece a base material através da interconexão dos computadores e da infra-estrutura física de cabos, fibras ópticas, entre outras, necessárias para seu funcionamento. Entretanto, é nessa base material que o jogo das identidades se desenvolve. É na ausência de referências territoriais, ou ao menos, na sua secundarização, que a *différance* é produzida na identificação individual e múltipla dos/das *blogueiros/as*.

No caso da migração brasileira, pode se observar o quanto o ciberespaço contribui para a análise do processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização a que estão submetidos os migrantes brasileiros. Se no século passado a manutenção do vínculo territorial era dificultado economicamente, quer pelos altos custos dos transportes, ou das telecomunicações, atualmente essa barreira foi transposta, e cada vez mais, as pessoas buscam, através do ciberespaço, sua reafirmação identitária e a constituição de uma identidade cultural híbrida.

A definição de ciberespaço, a qual se compartilha, poderia ser contestada, na medida em que os PC's e a própria rede mundial de computadores surgem como materialização de uma filosofia alicerçada na lógica matemática e na razão. Por outro lado, o ser humano, ao se apropriar dessa técnica, humanizou-a, espacializou-a e, na atualidade, o ciberespaço é uma realidade incontestável e irreversível. Cada vez mais as pessoas buscam serviços *online*, o *e-commerce* cresce, as comunicações convencionais (telefone, carta, etc.) são substituídas em progressão

¹⁸⁰ Através dos *blogs*.

geométrica pelas formas de comunicações interativas proporcionadas no ciberespaço (chats, Messenger, Orkut, e-mail e *blogs*).

Neste capítulo, buscou-se a articulação dos conceitos propostos, na matriz teórica, com o ciberespaço. Discute-se como o mesmo pode contribuir em novos processos de constituição identitária; como o ciberespaço se relaciona com as noções territoriais e como a cultura é produzida no espaço virtual. Inicialmente, realizou-se um breve histórico à cerca da introdução dos computadores na sociedade contemporânea. No segundo momento, analisa-se como esse mesmo processo ocorreu em relação à Internet. Também, identificou-se como a Internet se instaurou no Brasil e como a mesma se encontra atualmente.

Posteriormente, resgatam-se as diversas definições de ciberespaço, ou pelo menos, aquelas que se considerou mais significativas, para subsidiar a perspectiva em que ele se articula com a proposta de trabalho. Também, caracterizou-se os *blogs* de maneira sistemática, no intuito de identificá-lo como o *locale* digital do ciberespaço. Paralelamente, destacam-se contribuições a cerca do que seria a constituição da *blogsfera*, bem como, os resultados de pesquisas e artigos que utilizaram-se de *blogs* como seu corpus de análise.

4.1 O Embrião Digital

É a partir do computador que a noção de tempo real, um dos motores fundamentais da nossa era, torna-se historicamente operante. Graças exatamente, à construção técnica e social desse tempo real é que vivemos uma instantaneidade percebida, uma simultaneidade dos instantes, uma convergência dos momentos (SANTOS, 1996, p.148).

Os ancestrais dos PC's, que se conhece atualmente, são descritos por autores como Pierre Lèvy (2000), Don Tapscott (1999), Nicholas Negroponte (1997), como enormes estruturas que exigiam espaços físicos compatíveis a seu tamanho, com capacidade de processamento e armazenamento limitada, e a codificação e decodificação em bits eram realizadas por cartões perfurados. Desta característica, condicionava-se um uso restrito da informática a fins científicos, militares e governamentais.

Entretanto, o uso e fins iniciais dos computadores têm muito a ver com o momento histórico em que os mesmos foram introduzidos. Lèvy (2000) aponta que os primeiros computadores surgiram nos Estados Unidos e na Inglaterra, e eram um pouco mais que “imensas calculadoras”. Tinham essa característica no período da 2ª Guerra Mundial (1939-1945). A idéia inicial surgiu quando um oficial americano, visitando uma área de combate, pensou na possibilidade de existir uma máquina que pudesse substituir os cálculos, até então feito à mão, da trajetória dos tiros da bateria em pleno campo de batalha. Tem-se, assim, a gênese dos primeiros computadores atendendo a fins exclusivamente militares.

Para Silveira (2001, p.11), é difícil precisar o surgimento dos computadores em única data:

[...] mas foi após a Segunda Guerra Mundial que tivemos o primeiro indício da constituição do turbilhão informacional. Até então, o computador era uma gigantesca máquina de calcular, ou melhor, de processar certo volume de dados. Muita coisa aconteceu até que se tornasse a principal ferramenta da comunicação e ocupasse papel de destaque na terceira revolução tecnológica, a revolução da informação.

Dessa forma, surge, o que é considerado pela maioria dos autores, como o primeiro computador. O Eletronic Numeral Integrator and Calculator (ENIAC), construído nos Estados Unidos, na Universidade de Pensilvânia, em Filadélfia, entre o período de 1943 e 1946. Os méritos de sua criação são atribuídos a John Mauchly, pelo projeto lógico e a J. Presper Eckert, pela engenharia. O ENIAC pesava em torno de 30 toneladas e tinha 18.000 válvulas, sendo o mais complexo aparelho eletrônico já construído até então. A programação era feita pela ligação direta de fios através de centenas de pinos e chaves e, por isso, poderia levar horas a preparação do ENIAC para “rodar” um programa. O ENIAC foi importante porque provou que um computador totalmente eletrônico era viável, incentivando, assim, a pesquisa subsequente em novos projetos mais aperfeiçoados. Com o fim da 2.ª Guerra Mundial, o ENIAC não chegou a prestar serviço bélico. No entanto, sua importância foi expressiva, pois o mesmo conseguia realizar em torno de cinco mil somas e 3,5 milhões de multiplicações por segundo (Figura 9) (NEGROPONTES, 1997; TAPSCOTT, 1999; SILVA, 2000b; LÈVY, 2000; SILVEIRA, 2001, CASTELLS, 2004; CARVALHO, 2006).

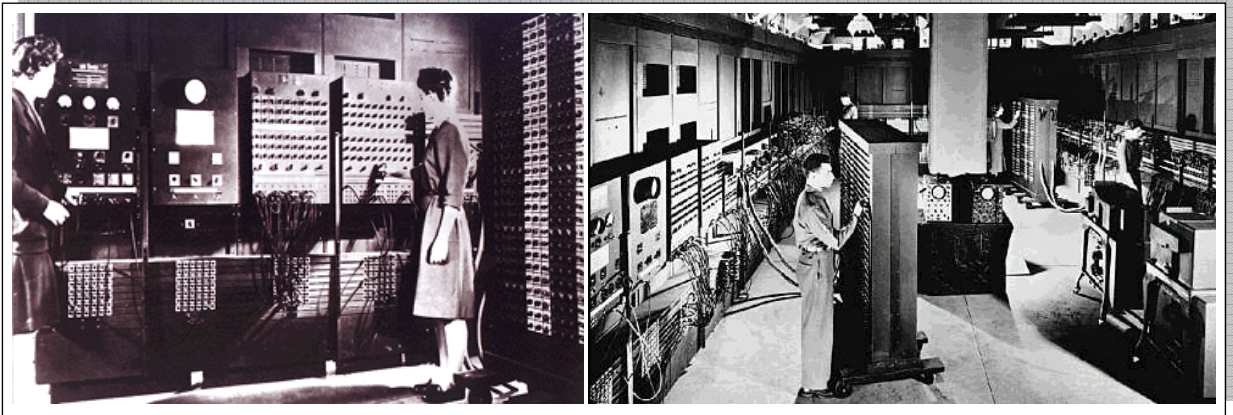


Figura 9 – ENIAC sendo operado

Fonte: http://oficina.cienciaviva.pt/~pw020/g3/historia_e_evolucao_dos_computad.htm

Conforme Silva (2000b, p.4), o resultado das experiências como o primeiro computador possibilitaram idealizar sua universalização

Toda experiência obtida por Eckert e Mauchly, com esta máquina primitiva rendeu, em 1951, a primeira versão comercial dos computadores. O Universal Automatic Computer (UNIVAC), era capaz de ler 7.200 caracteres por segundo. Este era infinitamente superior ao ENIAC, sobretudo porque a sua sigla primeira era UNIVERSAL.

Sobre o UNIVAC, Silveira (2001, p.11) descreve-o como

[...] a primeira máquina a processar dados numéricos e alfabéticos. Iniciando seu funcionamento em 1952, o UNIVAC armazena 1.024 palavras de 44 bits com um *clock* de 1 MHz, bem menos do que uma miniagenda eletrônica encontrada hoje nas bancas dos camelôs nas ruas das grandes cidades.

As mudanças pelas quais o computador passou, desde o seu surgimento até os dias de hoje, são marcadas por alguns momentos bem específicos como o surgimento dos microprocessadores, sua popularização e sua redução física a microcomputador e o surgimento da Internet¹⁸¹. A criação do microprocessador é creditada a Ted Hoff, em 1971 e, segundo Silveira¹⁸² multiplicou “[...] inúmeras vezes a capacidade de processamento das primeiras máquinas. Isso viabilizou a redução do tamanho dos computadores.

¹⁸¹ Ver item 4.2.

¹⁸² SILVEIRA, 2001, p.12.

Dessas transformações, a redução física dos computadores teve seu grande salto de qualidade creditado ao engenheiro da Hewlett-Packard e ao jovem da área de marketing, Steven Wozniak e Steve Jobs, respectivamente, que fundaram em 1976 a Apple Computer e receberam um financiamento da Intel, o qual permitiu a materialização da primeira versão dos PC's atuais. Após esse movimento, Silveira (2001, p.11) conta que os dois

Em 1978, criaram o Apple II, um microcomputador “caseiro”, com monitor colorido e *drive* para disquete. Alguns analistas acreditam que o estouro de vendas do Apple II deve ser creditado ao lançamento de uma planilha de cálculo criada especialmente para aquele computador, o VisiCalc. Este *software* assegurou que escritórios e pequenas empresas se interessarem imediatamente pelo novo e estranho computador.

Com surgimento desse computador, outra variável foi decisiva para sua disseminação: a velocidade. A velocidade com que as tecnologias informacionais se propagaram pelo planeta, não foi experimentada por nenhum outro avanço técnico já desenvolvido pelo homem. Essa característica faz dos computadores e da informática um marco significativo para a humanidade, pois sua maior contribuição é o processamento rápido da informação, o que nos leva a refletir sobre a dependência e a submissão do homem pela lógica e pela razão. Percebe-se que, desde a criação dos computadores, esses buscaram, incessantemente, a realização positivista de acelerar a lógica dos conhecimentos.

Essa lógica passa a ser dissolvida a partir da consolidação dos PC's. Com o grande sucesso da Apple, a poderosa IBM, que segundo Silveira¹⁸³ havia ridicularizado a idéia de Steve Jobs e Steven Wozniak, voltou-se para o mercado dos PC's e ao se associar ao jovem Bill Gates, tornou-se possível o surgimento do “[...] IBM-PC, Personal Computer, que vai conter em seu interior o MS-DOS, sistema operacional desenvolvido pela Microsoft. Estão postos os ingredientes para o computador se tornar um utensílio essencial a vida das pessoas”.

Entretanto, o surgimento dos primeiros PC's conforme Lèvy¹⁸⁴, nasceram na “efervescência da *contracultura*” “[...] que apossou-se das novas possibilidades técnicas em um verdadeiro movimento social”. A sociedade e a cultura não são apenas alvos da tecnologia. Para o autor, as técnicas são produzidas dentro de uma

¹⁸³ Idem.

¹⁸⁴ LÈVY, 2000, p.31.

cultura e em determinados momentos históricos. Na atualidade, a sociedade está condicionada pela “vida digital”¹⁸⁵, mas ainda não determinada por ela totalmente.

Segundo Lèvy (2000, p.31-32), esse “verdadeiro movimento social” transformou o caráter do computador que

[...] iria escapar progressivamente dos serviços de processamento de dados das grandes empresas e dos programadores profissionais para tornar-se um instrumento de criação (de textos, de imagens, de músicas), de organização (banco de dados, planilhas), de simulação (planilhas, ferramentas de apoio à decisão, programas para pesquisa) e de diversão (jogos) nas mãos de uma proporção crescente da população dos países desenvolvidos.

Também está associada à consolidação dos PC's o desenvolvimento da multimídia, que segundo Lèvy (2000, p.32), tem prenunciada sua contemporaneidade na década de 1980. Com ela,

A informática perdeu, pouco a pouco, seu status de técnica e de setor industrial particular para começar a fundir-se com as telecomunicações, a editoração, o cinema e a televisão. A digitalização penetrou primeiro na produção e gravação de músicas, mas os microprocessadores e as memórias digitais tendiam a tornar-se a infra-estrutura de produção de todo o domínio da comunicação. Novas formas de mensagens “interativas” aparecem: este decênio viu a invasão dos videogames, o triunfo da informática amigável (interfaces gráficas e interações sensório-motoras) e o surgimento dos hiperdocumentos (hipertextos, CD-ROM).

A vida digital está estreitamente ligada à velocidade com que a mídia eletrônica se transforma, o que conforme Garbin¹⁸⁶, faz com que as “[...] pessoas e discursos estejam em muitos lugares ao mesmo tempo, distâncias sejam abreviadas, imagens e sons circulem vertiginosamente, capitais se reúnam, pessoas se *aproximem* virtualmente e, por que não dizer, *realmente*”.

Segundo Lèvy¹⁸⁷, “[...] a velocidade de transformação é em si mesma uma constante – paradoxal – da cibercultura”, pois segundo o autor

Ela explica parcialmente a sensação de impacto, de exterioridade, de estranheza que nos toma sempre que tentamos apreender o movimento

¹⁸⁵ A transformação de elementos físicos em dados eletrônicos, somada a crescente inserção de componentes eletrônicos no cotidiano das pessoas e a possibilidade de movê-los a velocidade da luz configuram o que NEGROPONTE (1997) chamou de *Vida Digital*.

¹⁸⁶ GARBIN, 2003, p.2.

¹⁸⁷ LÈVY, op.cit., p.27.

contemporâneo das técnicas. Para o indivíduo cujos métodos de trabalho foram subitamente alterados, para determinada profissão tocada bruscamente por uma revolução tecnológica que torna obsoletos seus conhecimentos e *savoir-faire* tradicionais (tipógrafos, bancário, piloto de avião) — ou mesmo a existência de sua profissão —, para as classes sociais ou regiões do mundo que não participam da efervescência da criação, produção e apropriação lúdica dos novos instrumentos digitais, para todos esses a evolução técnica parece ser a manifestação de um “outro” ameaçador.

A história do surgimento dos computadores confirma a tese de Santos (1996). Esses surgiram como equipamentos militares, institucionais e científicos em uma data científica, mas, só algumas décadas mais tarde, efetivamente, começou-se a contar sua idade histórica. O autor, ao definir suas noções de *Idade Científica* e *Idade Histórica*, as quais seriam atribuídas ao momento em que a técnica é criada e ao em que a técnica se incorpora a sociedade, respectivamente, argumenta sobre a necessidade de compreender a indissociabilidade das técnicas e da sociedade.

Conforme Santos (1996, p.47), só quando a técnica é utilizada pela sociedade que ela ganha sentido:

Na realidade, é aqui que a técnica deixa de ser ciência para ser propriamente técnica. Esta somente existe quando utilizada. Sem o sopro vital da sociedade que a utiliza, o que há é talvez um objeto, uma máquina, mas não propriamente uma técnica.

Entretanto, para que a técnica não seja somente objeto, e nesse sentido o computador, que em seus primeiros usos, era mais uma máquina que uma técnica, foi preciso fazer alterações em sua estrutura. Essas alterações estruturais no computador são notadas por Silveira¹⁸⁸, como o que o tornou “[...] um veículo de comunicação [somente] quando se ligou a um monitor e um teclado. Só assim o computador passou a interagir com o seu usuário”.

Munidos de potentes microprocessadores, reduzidos adequadamente a microcomputadores, agora ligado a *hardwares* que permitem a interatividade dos usuários, o terceiro momento da consolidação do computador, apontado por Silveira (2001), o surgimento da Internet vai ratificar a apreensão das técnicas informacionais no cotidiano da humanidade.

¹⁸⁸ SILVEIRA, 2001, p.11.

4.2 Tecendo a teia

Se os PC's foram fruto de um movimento contra-cultural, o surgimento da Internet também passou por um processo semelhante. Mesmo que tenha se originado na mesma perspectiva que o computador, para uso militar, científico e governamental, a Internet também se demonstrou uma eficaz ferramenta para produção cultural. É nesse sentido que Castells (2004, p. 25) argumenta que

A criação e desenvolvimento da Internet é uma extraordinária aventura humana. Mostra a capacidade das pessoas para transcender as regras institucionais, superar as barreiras burocráticas e subverter valores estabelecidos no processo de criação de um novo mundo. Serve também para reafirmar a idéia de que a cooperação e a liberdade de informação podem favorecer mais a inovação do que a concorrência e os direitos de propriedade.

A origem da rede mundial de computadores remonta a corrida espacial da Guerra Fria. Logo após o lançamento ao espaço do primeiro satélite artificial, o *Sputnik*, pela União Soviética, militares e pesquisadores norte-americanos criam a Advanced Research and Projects Agency (ARPA)¹⁸⁹. Surgia, assim, a idéia de interconectar os vários centros de computação de modo que o sistema de informações norte-americano continuasse funcionando mesmo que um desses centros, ou a interconexão entre dois deles, fosse destruído.

Essa preocupação era justificada pela tensão provocada pela Guerra Fria, mais especificamente pelo desembarque de mísseis com ogivas nucleares em Cuba. Nesse contexto, Silveira (2001, p.12) descreve que

O presidente norte-americano Dwight Eisenhower cria, no mesmo ano [de lançamento do *Stunik*], a ARPA. Seu objetivo: pesquisar e desenvolver projetos militares que recuperem a vanguarda tecnológica norte-americana. Nesse processo, a ARPA articula a RAND Corporation (especializada em defesa) e ambas iniciam um estranho processo de contratação de acadêmicos e cientistas, muitos dos quais ligados aos ideais pacifistas dos precursores da contracultura. Idéias consideradas visionárias são absorvidas pelos militares em um momento de crise e de empenho máximo para superar o "inimigo vermelho". Em 1962, a crise dos mísseis em Cuba

¹⁸⁹ Segundo Castells (2004, p.26) o “[...] Departamento de Defesa dos EUA fundou esta agência de projectos de investigação em 1958 para mobilizar recursos provenientes fundamentalmente do mundo universitário, com o fim de alcançar a superioridade tecnológica militar sobre a União Soviética”.

quase levou o mundo à guerra nuclear. O braço-de-ferro entre norte-americanos e soviéticos em torno da implantação de uma base de mísseis com ogivas nucleares a alguns quilômetros dos Estados Unidos, na ilha comandada por Fidel Castro, acirrou o equilíbrio do terror, aumentando as possibilidades de um confronto nuclear. Para evitar que as comunicações fossem interrompidas em um ataque com armas nucleares, a RAND Corporation chamou o engenheiro Paul Baran, que produziu o relatório denominado *Sobre a comunicação distribuída*.

A rede desenvolvida pela ARPA, em 1969, foi batizada com o nome de ARPANET (*Advanced Research Projects Agency Network*). Nos anos 1970, as universidades e outras instituições, que faziam trabalhos relativos à defesa, tiveram permissão para se conectar à ARPANET. Em 1975, existiam aproximadamente 100 sites (LÉVY, 2000; SILVA, 2000b; SILVEIRA, 2001; CASTELLS, 2004; CARVALHO, 2006).

Ao comparar qualitativamente ARPANET com o lançamento do *Sputnik* soviético, Castells (2004, p.26) argumenta que esta era

[...] um programa menor surgido de um dos departamentos da agência ARPA, a denominada Divisão de Técnicas de Processamento de Informação (IPTO: Information Processing Techniques Office), fundada em 1962, com base numa unidade preexistente. O objetivo deste departamento, segundo a definição do seu primeiro director, Joseph Licklider, um psicólogo reconvertido em técnico informático no MIT, era estimular a investigação no campo da informática interactiva.

Ao identificar as intenções governamentais e as tecnologias utilizadas no desenvolvimento da ARPANET, Castells (2004, p.26), argumenta que

Para estabelecer uma rede informática interactiva, o IPTO baseou-se numa tecnologia revolucionária de transmissão de telecomunicações, o *packet-switching*, desenvolvido de forma independente por Paul Barran na Rand Corporation [um centro de investigação e análise (*Think tank*) californiano, colaborador assíduo do Pentágono] e por Donald Davies, no Laboratório Nacional de Física da Grã-Bretanha. O desenho de uma rede de comunicações flexível e descentralizada era uma proposta da Rand Corporation ao Departamento de Defesa para construir um sistema de comunicações militar, capaz de sobreviver a um ataque nuclear – no entanto e na realidade, este não foi nunca o verdadeiro objectivo por detrás da criação da ARPANET. O IPTO utilizou esta tecnologia de *packet-switching* no desenho da ARPANET.

Entretanto, como acontece na maioria das questões científicas, alguns discursos se cristalizam e se naturalizam como verdades. Com o desenvolvimento

da Internet não foi diferente. Muitas vezes, os usuários parecem reproduzir a naturalidade da Microsoft, como se ela própria fosse o resultado de todo esse movimento que constitui a *web*.

No entanto, vários foram os projetos, extintos ou ainda em andamento através de sistemas operacionais e dos softwares, que foram experimentados e que são utilizados para acessar a rede mundial de computadores. O próprio caráter do ciberespaço, atualmente, é muito mais corporativo, como tivesse sido privatizado, do que há alguns anos atrás quando se podia navegar com muito menos solicitações de cadastros e senhas de acesso do que atualmente.

Dessa forma, outras redes buscavam se desenvolver a sombra da ARPANET. A rede controlada pelos militares restringia o acesso às demais comunidades, como por exemplo a comunidade acadêmica. Assim, se ARPANET representa o berço militar da Internet nos Estados Unidos, ela também teve contribuições fundamentais do meio acadêmico que irá constituir a *Computer Science Research Network* (CSNET).

Conforme Carvalho (2006, p.28), foi preciso a comunidade acadêmica se organizar e reivindicar sua conexão a ARPANET, processo que começou em 1979 quando

[...] um grupo de seis universidades norte-americanas começou a se organizar para criar uma rede acadêmica que pudesse atender aos seus departamentos de ciência da computação, nos quais estavam os pesquisadores mais interessados no uso de redes de computadores. Havia mais de 120 departamentos de ciência da computação nas universidades nos Estados Unidos e apenas cerca de 10% destes possuíam acesso à ARPANET, que nessa época contava com mais de 60 nós. Esse grupo, após algumas reuniões, solicitou o patrocínio da *National Science Foundation* (NSF), a fundação governamental de apoio à pesquisa nos Estados Unidos, para a criação da *Computer Science Research Network* (CSNET), uma rede de pesquisa para interligar os pesquisadores em ciência da computação, algo, inclusive, que a própria NSF havia sugerido anos antes (HAFNER, 1996, p. 241).

Além da ARPANET e da CSNET, várias outras redes iam desenvolvendo paralela e espontaneamente. Sobre algumas destas, Castells (2004, p.28-29), faz importante descrição, explicando a importância de um processo descentralizado na consolidação da Internet;

Contudo, a ARPANET não foi a única fonte para a construção da Internet como a conhecemos hoje. A forma actual da Internet é também resultado de uma tradição de interligação informática autónoma e alternativa. Um dos componentes desta tradição foram as BBS (Bulletin Board System) que surgiram da ligação em rede de computadores pessoais (PC's) em finais dos anos 70. Em 1977, dois estudantes de Chicago, Ward Christensen e Randy Suess, criaram um programa a que chamaram MODEM e que lhes permitia transferir ficheiros entre os seus PC's, e outro, em 1978, o Computer Bulletin Board System, que permitia aos PC's arquivar e transmitir mensagens e decidiram tornar os dois programas do domínio público. Em 1983, Tom Jennings, um programador que na altura trabalhava na Califórnia, criou o seu próprio programa BBS, o FIDO, e pôs em marcha uma rede de BBS, a FIDONET. [...] Em 1981, Ira Fuchs da City University of New York e Greydon Freeman da Universidade de Yale, iniciaram uma rede experimental baseada no protocolo IBM RJE, construindo assim uma rede para utilizadores da IBM, concentrados principalmente nas universidades que, por referência a um slogan da IBM, se chamou BITNET¹⁹⁰ (*Because It's There* - porque está ali, querendo também dizer *Because it's time* - porque está na hora). Quando a IBM cortou os financiamentos, em 1986, a rede manteve-se graças às quotas dos utilizadores. Actualmente tem 30.000 nós activos.

Entretanto, apesar de ser necessária a compreensão de todo o processo de participação de académicos e a criação de diversas redes, o marco referencial do que pode ser considerado o surgimento da Internet, é credito a ARPANET, e segundo Silveira (2001, p. 13), ocorre quando esta

[...] em 1969. consegue interligar quatro centros universitários dos Estados Unidos: Stanford, Berkeley, UCLA e Utah. Estava surgindo a Internet, a partir de um projeto do Departamento de Estado norte-americano, cujo nascimento esteve diretamente vinculado à Guerra Fria e ao temor de um ataque nuclear.

Em uma primeira etapa, interligaram-se quatro pontos: o Instituto de Pesquisas de Stanford, Universidade da Califórnia (UCLA) e a Universidade de Utah. O nó da UCLA foi implantado em setembro de 1969 e os cientistas fizeram a demonstração oficial no dia 21 de novembro. Por volta do meio-dia, um grupo de pesquisadores se reuniu no Departamento de Ciência da Computação da

¹⁹⁰ Conforme Carvalho (2006, p. 30), a Bitnet “[...] diferente da ARPANET (restrita às instituições aprovadas pelos militares) e da CSNET (restrita aos departamentos de ciência da computação), a BITNET não tinha restrição de acesso, apenas o propósito de uso não poderia ser comercial. A estrutura da rede estava montada de forma que cada computador se ligava, via modem, somente a um outro, através de um enlace de 9600 bps. Era uma rede para comunicação por email, que oferecia listas de distribuição de mensagens, transferência de arquivos e mensagens instantâneas. A BITNET, que diferente da CSNET, não tinha apoio do governo, chegou ao início dos anos noventa como a maior rede em utilização no mundo, conectando mais de mil universidades e instituições de pesquisa em mais de cinquenta países (inclusive o Brasil) nos quais também se conectou com algumas outras redes que usavam a mesma tecnologia e filosofia como a NetNorth (Canadá), *European Academic and Research Network* (EARN, Europa) e ASIANET (Japão).

universidade e acompanhou o contato feito por um computador com outro situado a 450 quilômetros de distância, no laboratório Doug Engelbart, no Instituto de Pesquisas de Stanford (SILVA, 2002).

As conexões cresceram em progressão geométrica. Em 1971, havia algumas conexões de redes locais. Três anos depois, essas já chegavam a 62 e, em 1981, quando ocorreu o batismo da Internet, eram 200. Criava-se, dessa forma, um dos procedimentos, o qual, mais tarde, foi responsável pelo início da maior revolução tecnológica assistida até hoje, e que alimenta o período técnico-científico-informacional atual.

Apesar do pioneirismo da ARPANET e da comunidade acadêmica, científica e militar estadunidense, é importante destacar, conforme explica Silveira (2001, p. 14), que mesmo que tenha sido idealizada e projetada nos Estados Unidos, a Internet também teve contribuições de pesquisadores de outros países

Isso não significa que outras redes de computador não existissem. A França começou a conectar todo o seu território em uma rede de videotexto, com terminais não-inteligentes, denominada Minitel, em 1981. O Brasil, nos anos 80, também experimentou a ligação de computadores e terminais de modo muito semelhante ao modelo Minitel. Por outro lado, a ligação em uma única rede de todas as demais redes de computador só se intensificou depois de 1989, com a queda do Muro de Berlim e com a destruição do bloco soviético.

Silveira (2001, p.14) faz importante distinção da *web* e como se deu o seu processo dinâmico de consolidação da Internet, que para o autor é

[...] uma conexão mundial de todas as diferentes redes de computador. Uma aplicação foi decisiva para a rápida popularização da Internet: o sistema de hipermídia para obter informações por meio da rede conhecida como WORLD WIDE WEB, o hoje famoso *www* ou simplesmente *Web*. Inventado pelo Cern (Laboratório Europeu de Física de Partículas), por iniciativa do pesquisador inglês Tim Berners-Lee, que queria criar um sistema de hipertexto para uso interno do laboratório. A comunidade de internautas logo assumiu o novo invento. Em 1991, é conectado à rede o primeiro servidor de *Web*. O sucesso foi total. Marc Andreessen, estudante de Illinois, e seu amigo Eric Bina, em 1993, criaram o navegador que permitiu a explosão da *Web*, o Mosaic. Hoje bilhões de páginas em hipertexto ocupam o espaço virtual da Internet.

Todo esse contexto de participação, de trocas de experiências, da participação de diversos acadêmicos, e de certa liberdade para criar, constituiu uma situação fundamental para o que Lèvy (2000, p.32) denominou de movimento sócio-cultural:

No final dos anos 80 e início dos anos 90, um novo movimento sócio-cultural originado pelos jovens profissionais das grandes metrópoles e dos campi americanos tomou rapidamente uma dimensão mundial. Sem que nenhuma instância dirigisse esse processo, as diferentes redes de computadores que se formaram desde o final dos anos 70 se juntaram umas às outras enquanto o número de pessoas e de computadores conectados à inter-rede começou a crescer de forma exponencial. Como no caso da invenção do computador pessoal, uma corrente cultural espontânea e imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento tecno-econômico. As tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento.

A emergência do ciberespaço, como já se mencionou, não só se desenvolveu sob uma forte efervescência intelectual, científica e tecnológica, como também das várias elaborações de *softwares* e sistemas de comunicações. Toda essa diversidade traz com ela também resistências à adoção do ciberespaço como temática de estudo. Vários são os argumentos, mas o mais propagado e defendido, na tentativa de descaracterizar a validade científica do ciberespaço, é aquele de que as interconexões seriam privilégios de poucos, de que maioria da população sofre exclusão digital.

Nesse sentido, compartilha-se do pensamento de Lèvy (2000, p. 11), quando o autor lembra que:

Aqueles que denunciam a cibercultura hoje têm uma estranha semelhança com aqueles que desprezavam o rock nos anos 50 ou 60. O rock era anglo-americano, e tornou-se uma indústria. Isso não o impediu, contudo, de ser o porta-voz das aspirações de uma enorme parcela da juventude mundial. Também não impediu que muitos de nós nos divertíssemos ouvindo ou tocando juntos essa música. A música pop dos anos 70 deu uma consciência a uma ou duas gerações e contribuiu para o fim da Guerra do Vietnã. É bem verdade que nem o rock nem a música pop resolveram o problema da miséria ou da fome no mundo. Mas isso seria razão para “ser contra”?

A argumentação de Lèvy (2000) é significativa e faz refletir sobre a resistência em abordar o caráter científico do ciberespaço. A primeira reflexão que se deve fazer

é que, antes de negá-lo, é preciso explorá-lo. Se ainda não é fornecida à totalidade da população mundial o acesso ao mesmo, não se pode ignorar a velocidade com que o ciberespaço se dissemina sobre os cinco continentes. Também, não se tem respostas precisas se o ciberespaço vai contribuir na solução das mazelas sociais da humanidade. No entanto, é inegável que ele se apresenta como uma ferramenta de combate dada sua velocidade de propagação.

Nesse sentido, Silva (2003a, p.34) traz, através da leitura de diversos autores, importante paralelo da velocidade de disseminação da *web*, com outras tecnologias, destacando

[...] outra característica da *web* é a velocidade com que ela se propaga pelo mundo, conforme TAPSCOTT (1999), “a Internet está entrando nos lares tão rapidamente quanto a televisão o fez na década de 50” (p.3). Ainda Rôças *apud* GARBIN (2001) compara a velocidade da evolução da *web* com outras mídias, enquanto “a Internet precisou de apenas cinco anos para se tornar *global*, contra 13 anos da TV e 38 anos do rádio” (p.24). O caráter global é a essência da Internet, pois, nascida nos Estados Unidos na década de 60, com fins militares, não é mais americana. “Trinta e cinco por cento de seus nós encontram-se fora dos Estados Unidos, e essa é a porção que está crescendo depressa” (NEGROPONTE, 1997, p.174).

A afirmação de Negroponte (1997) pode ser confirmada uma década mais tarde através de dados que demonstram essa tendência. O site Internet World Stats (2007) apresenta um completo relatório do número de usuários de Internet em cada país do planeta permitindo algumas reflexões e conclusões à cerca do desenvolvimento global do acesso ao ciberespaço.

O Internet World Stats (2007) dividiu o planeta em sete regiões, Ásia, Europa, América do Norte, América Latina, África, Oriente Médio e Oceania¹⁹¹. Apesar de ter sua origem Estadunidense, observa-se que o acesso ao ciberespaço já não é majoritariamente realizado por estes.

Levando-se em conta a população absoluta, poderia se imaginar que qualitativamente essa realidade seria ilusória. Obviamente, há contrastes e diferenças, mas os números relativos estão crescendo (Figura 10).

¹⁹¹ Na América do Norte não está incluído o México; no contexto da Europa todos os países comunitários representam uma única unidade; e os países do Oriente Médio são: Arábia Saudita, Bahrein, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Palestina, Qatar e Síria.

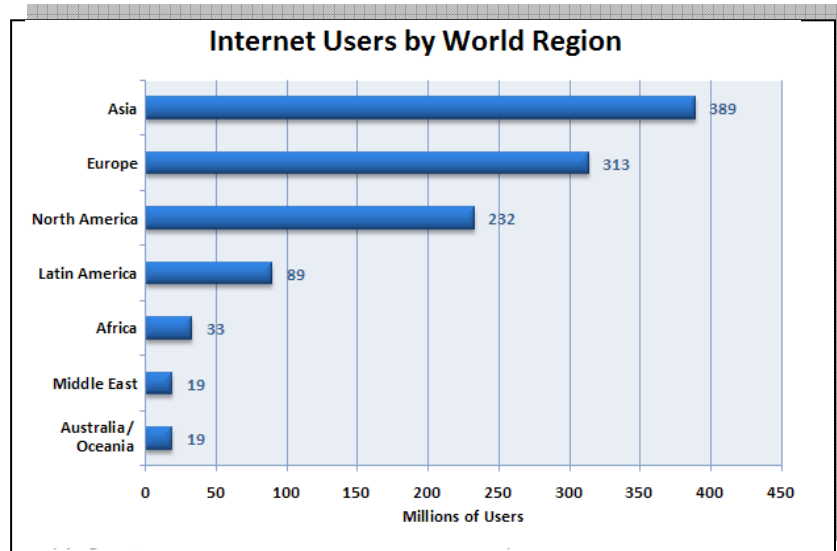


Figura 10– População absoluta de usuários de Internet por região (2007).
 Fonte: Internet World Stats (2007). Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/>>. Acesso em: 26 fev. 2007.

Como se pode observar na Figura 11, o maior número absoluto de usuários de Internet encontra-se na Ásia, por este continente apresentar os países mais populosos, seguindo-se da Europa e para só então aparecer a América do Norte. Em uma primeira análise, poder-se-ia ter duas impressões. Uma a de que a Ásia só possui o maior número de usuários por ter maior contingente populacional e, outra a de que há uma tendência de expansão do acesso ao ciberespaço em países que estariam atrasados em seu desenvolvimento. O site Internet World Stats (2007), que monitora a evolução de usuários internet, apresenta, em gráfico, a representação percentual onde se pode confirmar o predomínio de usuários asiáticos.

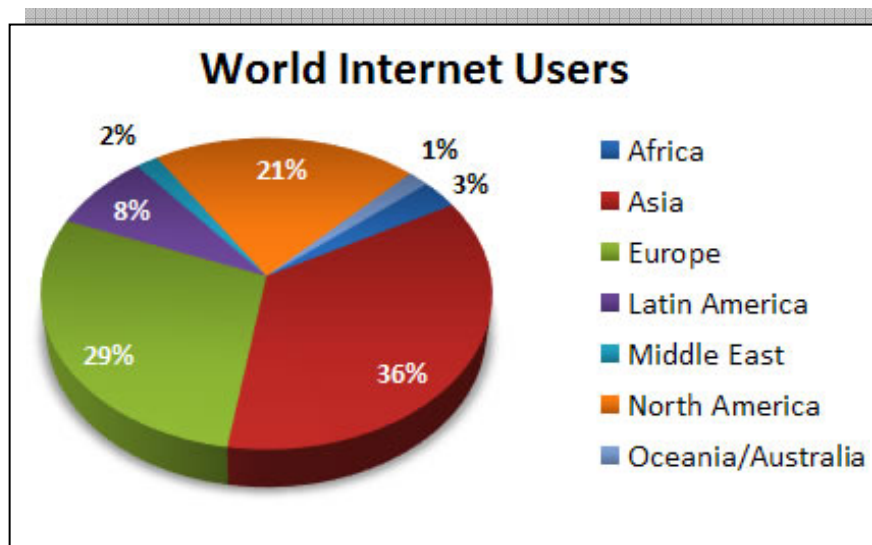


Figura 11 – Gráfico demonstrativo do percentual de usuários de Internet por região no mundo (2007)
 Fonte: Internet World Stats (2007). Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/>>. Acesso em: 26 fev. 2007.

Entretanto, essa primeira impressão não resiste a uma análise qualitativa mais específica, ou seja, se quantitativamente existe um amplo domínio asiático, tanto absoluto quanto percentual, ao se explorar outras variáveis, como por exemplo, o percentual de penetração da Internet na população da região, retorna-se à uma hegemonia norte-americana. Na figura 13, observa-se que os números absolutos e percentuais de população não são proporcionais aos de usuários de Internet (Figura 12).

World Internet Usage and Population Statistics						
World Regions	Population (2007 Est.)	Population % of World	Internet Usage, Latest Data	% Population Penetration	Usage % of World	Usage Growth 2000-2007
Africa	933,448,292	14.2 %	32,765,700	3.5 %	3.0 %	625.8 %
Asia	3,712,527,624	56.5 %	389,392,288	10.5 %	35.6 %	240.7 %
Europe	809,624,686	12.3 %	312,722,892	38.6 %	28.6 %	197.6 %
Middle East	193,452,727	2.9 %	19,382,400	10.0 %	1.8 %	490.1 %
North America	334,538,018	5.1 %	232,057,067	69.4 %	21.2 %	114.7 %
Latin America/ Caribbean	556,606,627	8.5 %	88,778,986	16.0 %	8.1 %	391.3 %
Oceania / Australia	34,468,443	0.5 %	18,430,359	53.5 %	1.7 %	141.9 %
WORLD TOTAL	6,574,666,417	100.0 %	1,093,529,692	16.6 %	100.0 %	202.9 %

NOTES: (1) Internet Usage and World Population Statistics were updated on Jan. 11, 2007. (2) Demographic (Population) numbers are based on data contained in the world-gazetteer website. (3) Internet usage information comes from data published by Nielsen//NetRatings, by the International Telecommunications Union, by local NICs, and other other reliable sources.

Figura 12 – Quadro demonstrativo das estatísticas de população e usuários de Internet por região (2007)

Fonte: Internet World Stats (2007). Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/>>. Acesso em: 26 fev. 2007.

Ao se analisar a Figura 12, é possível destacar duas situações distintas. A primeira, refere-se aos números absolutos, na Ásia, que representa 56,5% da população mundial, o acesso ao ciberespaço só é realizado por 10,5% dessa população, enquanto que na América do Norte, que representa apenas 5,1% dos habitantes do planeta, 69,4% utilizam regularmente a Internet. Esse contraste que expõe as grandes desigualdades entre os denominados países desenvolvidos e os subdesenvolvidos. Enquanto nos países de primeiro mundo as técnicas e as tecnologias são praticamente universais, nos outros são privilégios de alguns.

Também na figura 13, observa-se que a tendência de expansão de usuários de Internet ocorre de forma contrária a primeira situação. Os índices de crescimento

de usuários do ano 2000 para o de 2007, demonstraram números significativos, como 625,8% para África e 490,1% para o Oriente Médio, ou seja, mesmo as regiões menos desenvolvidas estão acessando o ciberespaço em uma velocidade cada vez maior.

Mesmo significativos, os números do índice de crescimento de usuários de Internet do ano de 2000 para o de 2007, o Oriente Médio e África são as regiões do planeta que apresentam o menor índice de penetração das tecnologias digitais em suas populações (Figura 13).

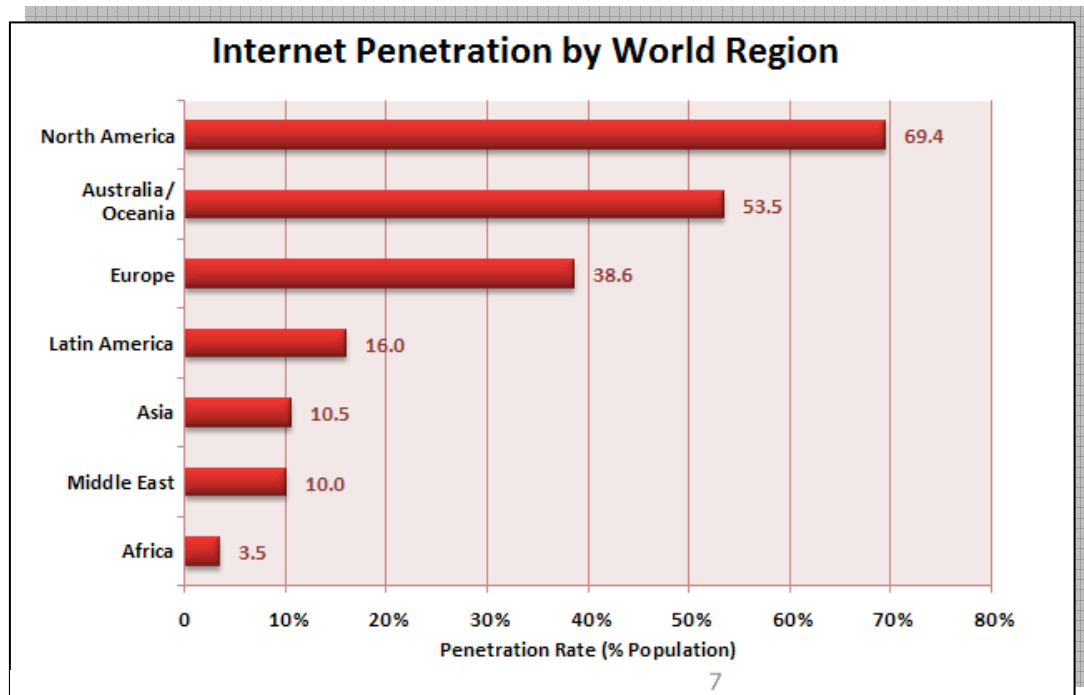


Figura 13 – Gráfico demonstrativo do percentual de usuários de Internet em cada região do mundo (2007)
 Fonte: Internet World Stats (2007). Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/>>. Acesso em: 26 fev. 2007.

Os dados da Figura 13 tornam-se muito úteis, na medida em que se pode identificar que é diferente ser internauta na América do Norte e na África, ou seja, acessar o ciberespaço em países como a Suécia (74,7% da população têm acesso) e os Estados Unidos (69,4%) torna-se algo mais comum e essencial do que na Libéria (0,03%), no Afeganistão (0,1%) e no Iraque (0,2%), onde muitas vezes o acesso torna-se algo parecido com ficção científica (INTERNET WORLD STATS, 2007).

Essa situação pode ser verificada quando da seleção do *corpus* da pesquisa, uma vez que a mesma refletiu essa realidade, pois o maior número de *blogueiros/as* brasileiros/as residem nos Estados Unidos, o que os tornou a maior amostra do trabalho. No entanto, também se confirmou a tendência de expansão da Internet nos

países subdesenvolvidos, pois se encontrou *blogueiros/as*, também na Índia e nos Emirados Árabes Unidos: que contrastam significativamente o “ser *ciberhabitante*”, em um país e no outro.

O que se quer demonstrar com essas análises é que enquanto nos países desenvolvidos, ou com altos índices de usuários de Internet, *o/a blogueiro/a* é só mais um trabalhador, um estudante, que está naquele país tentando perspectiva de vida melhor, nos países subdesenvolvidos, muitas vezes, o acesso à Internet pode estar associado a um poder econômico e social mais elevado. Dessa forma, *o/a brasileiro/a* podem apresentar distinções na sua forma de relação com o ciberespaço, de acordo com seu destino na migração brasileira.

Outro aspecto que se considerou importante abordar, foram os índices de crescimento percentual de usuários por país. Utilizando-se como referência os países em que residiam *os/as blogueiros/as* investigados e os dados do Internet World Stats (2007), construiu-se um quadro demonstrativo, da população, do número de usuários, do percentual de usuários dentro de cada país, o quanto cada país representa, em percentual de usuários de Internet, dentro da sua região e, percentual de crescimento de internautas do ano de 2000 ao ano de 2007, em cada país.

Além disso, para demonstrar a realidade em foco, utilizou-se, além dos países em que residem *os/as brasileiros/as* investigados, aqueles que apresentavam números extremamente significativos no percentual de crescimento dos usuários de Internet de 2000 para 2007. Dessa forma, distribuíram-se os países verticalmente no quadro em ordem decrescente do índice percentual do crescimento de usuários de Internet entre os anos de 2000 e 2007.

Como se abordou no capítulo 2, nas contribuições de Castells (2005 e 2006), existe uma tendência que contraria a homogeneização global da cultura, que é apontada pelo autor, como os fundamentalismos religiosos e que também se manifestariam na rede. Nesse sentido, o fato de os dois países em todo o mundo que apresentam os maiores índices percentuais de aumento de usuários de internet de 2000 para 2007 serem islâmicos e fundamentalistas, chamou a atenção. Observando os números de Irã e Síria, pode-se fazer uma primeira reflexão de que em sua cruzada anti-ocidente, esses países despertam para as novas possibilidades de divulgação de seus ideais no ciberespaço (Figura 14).

Os dados confirmam a grande velocidade de disseminação do ciberespaço pelo planeta. Também, demonstram que, cada vez mais, estende-se aos países subdesenvolvidos o acesso a ciberespaço. Como se observou, o movimento de crescimento de usuários de Internet se desacelera nos países desenvolvidos e se acelera, expressivamente, nos subdesenvolvidos. Esse movimento adquire importância maior na medida em que quanto mais fortes são os indícios de uma suposta supremacia da homogeneização cultural, paradoxalmente, o avanço e universalização do acesso ao ciberespaço proporcionam a emergência da *différance*.

Estáticas de usuários de Internet e de população mundial por países					
Países	População	Usuários de Internet em Jan 2007	% de usuários no país	% de usuários no continente ou região	Crescimento % de usuários 2000-2007
Síria ¹⁹²	19,514,386	1,100,000	5.6 %	5.7 %	3566.7 %
Irã ¹⁹³	70,431,905	7,500,000	10.6 %	38.7 %	2900.0 %
Egito	72,478,498	5,000,000	6.9 %	15.3 %	1011.1 %
Índia	1,129,667,528	40,000,000	3.5 %	10.3 %	700.0 %
Romênia ¹⁹⁴	21,154,226	4,940,000	23.4 %	27.7 %	517.5 %
China	1,317,431,495	132,000,000	10.0 %	33.9 %	486.7 %
Argentina	38,237,770	13,000,000	34.0 %	21.3 %	420.0 %
Brasil	186,771,161	25,900,000	13.9 %	42.5 %	418.0 %
Chile	15,818,840	6,700,000	42.4 %	11.0 %	281.2 %
França	61,350,009	30,837,592	50.3 %	12.3 %	262.8 %
Espanha	45,003,663	19,204,771	42.7 %	7.7 %	256.4 %
Portugal	10,539,564	7,782,760	73.8 %	3.1 %	211.3 %
Israel	7,237,384	3,700,000	51.1 %	19.1 %	191.3 %
Holanda	16,447,682	10,806,328	65.7 %	4.3 %	177.1 %
Bélgica	10,516,112	5,100,000	48.5 %	2.0 %	155.0 %
Reino Unido	60,363,602	37,600,000	62.3 %	15.0 %	144.2 %
Suíça	7,523,024	5,097,822	67.8 %	1.6 %	138.9 %
Líbano	4,556,561	700,000	15.4 %	3.6 %	133.3 %
Itália	59,546,696	30,763,848	51.7 %	12.3 %	133.1 %
Estados Unidos	301,967,681	210,080,067	69.6 %	90.5 %	120.3 %
África do Sul	49,660,502	5,100,000	10.3 %	15.6 %	112.5 %
Alemanha	82,509,367	50,616,207	61.3 %	20.2 %	110.9 %
Dinamarca	5,438,698	3,762,500	69.2 %	1.5 %	92.9 %
Emirados Árabes Unidos	3,981,978	1,397,200	35.1 %	7.2 %	90.1 %
Japão	128,646,345	86,300,000	67.1 %	22.2 %	83.3 %
Coréia do Sul	51,300,989	33,900,000	66.1 %	8.7 %	78.0 %
Canadá	32,440,970	21,900,000	67.5 %	9.4 %	72.4 %
Finlândia	5,275,491	3,286,000	62.3 %	1.3 %	70.5 %
Suécia	9,107,795	6,800,000	74.7 %	2.7 %	68.0 %

Figura 14 – Quadro demonstrativo das estatísticas de usuários de Internet e da população mundial por país (2007).

Fonte: Internet World Stats (2007). Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/>>. Acesso em: 26 fev. 2007.

Organização e montagem: Silva, Gustavo Siqueira da.

¹⁹² País com maior aumento percentual mundial de usuários de Internet de 2000 a 2007. Está inserido na região do Oriente Médio (INTERNET WORLD STATS, 2007).

¹⁹³ País sem *blogueiro/a* investigado na pesquisa, apresentado apenas pelo alto índice de aumento percentual de usuários de Internet do ano de 2000 para o ano de 2007.

¹⁹⁴ País sem *blogueiro/a* investigado na pesquisa, apresentado apenas por apresentar o maior índice de aumento percentual de usuários de Internet do ano de 2000 para o ano de 2007, dentro da Comunidade Comum Européia (INTERNET WORLD STATS, 2007).

4.3 A conquista do ciberespaço brasileiro

A história da Internet no Brasil começou em 1991 com a Rede Nacional de Pesquisa (RNP), em uma operação acadêmica subordinada ao Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT). Até hoje, a RNP é o backbone a qual envolve instituições e centros de pesquisa como a FAPESP, FAPERJ, FAPEMIG, entre outras, bem como laboratórios e núcleos de pesquisa.

Sobre a o papel pioneiro da RNP, Carvalho (2006, p.136-137) comenta que

Até pouco antes da privatização da Internet nos Estados Unidos, o Brasil ainda tinha na RNP o seu único backbone disponível, além de ser o único provedor de acesso com alcance nacional. A RNP atendia cerca de 500 instituições de ensino e pesquisa no Brasil e uma comunidade estimada em 50 mil usuários. O Alternex, como único provedor fora da rede acadêmica, basicamente, atendia usuários do Rio de Janeiro e de São Paulo; possuía cerca de 1700 usuários no início de 1995 e, no final desse mesmo ano, chegou a ter 6000 usuários.

Oscar Sala, professor da Universidade de São Paulo (USP) e conselheiro da FAPESP, em 1988, desenvolveu a idéia de estabelecer contato com instituições de outros países para compartilhar dados por meio de uma rede de computadores. Assim, chegou ao Brasil a BITNET.

Conforme o site Terra (2007), a idéia do Professor Oscar Sala se materializou na rede que:

[...] conectava a Fapesp ao Fermilab, laboratório de Física de Altas Energias de Chicago (EUA), por meio de retirada de arquivos e correio eletrônico. O serviço foi inaugurado oficialmente em 1989. Em 1991, o acesso ao sistema, já chamado Internet, foi liberado para instituições educacionais e de pesquisa e a órgãos do governo. Nessa época ocorriam fóruns de debates, acesso a bases de dados nacionais e internacionais e a supercomputadores de outros países, além da transferência de arquivos e softwares. No entanto, tudo estava reservado a um seleto grupo de pessoas.

Nesse sentido, Carvalho (2006, p.85), destaca que

O projeto da FAPESP resultou na construção da *Academic Network at São Paulo* (ANSP), a primeira rede acadêmica no Brasil, que interligou algumas instituições de ensino e pesquisa no Estado, cuja conexão com a BITNET, através de um circuito de 4800 bps, começou a funcionar experimentalmente a partir de novembro de 1988. Através da rede ANSP, a

BITNET passou a ter mais cinco nós no Brasil: USP (BRUSP), UNICAMP (BRUC), UNESP (BRUESP), IPT (BRIPT) e FAPESP (BRFAPESP), conectadas entre si via Embratel (RENPAAC). O acesso à BITNET foi oficialmente inaugurado no Estado de São Paulo em abril de 1989.

Importante contribuição para o entendimento de como se desenvolveu o processo de implementação da Internet no Brasil é dado por Fillipo; Sztajnberg (1996). Esses autores, em seu livro *Bem-vindo à Internet*, dividem esse processo em duas fases: uma acadêmica e outra comercial. Com relação a fase acadêmica, Fillipo; Sztajnberg¹⁹⁵ argumentam que a “[...] Internet no Brasil teve seu berço em universidades e centros de pesquisa”. Desde o início da década de 80, esforços vinham sendo realizados no intuito de se desenvolver uma rede de computadores no Brasil. Entretanto, foi só na década de 90 que a mesma se concretiza através do Laboratório Nacional de Redes de Computador (LARC), criado especialmente para desenvolvê-la.

É importante salientar que das reuniões e debates entre as instituições acadêmicas, como o CNPq, com a EMBRATEL e a Secretaria Especial de Informática (SEI), começam a surtir efeitos e resultados. Assim, em 1988, três projetos ganham destaque. Segundo Fillipo; Sztajnberg (1996, p.342), tiveram resultados positivos os projetos:

[...] o do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) no Rio de Janeiro, o da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e o da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em setembro de 1988 o LNCC conectou-se à Bitnet através da Universidade de Maryland, em College Park, usando para isto uma linha dedicada de 9.600 bps. Anterior à liberação da Embratel, o projeto do LNCC contornou o problema do acesso por parte de outras entidades, oferecendo o serviço de linha discada a qualquer pesquisador formalmente reconhecido pelo CNPq. Em novembro era a vez da FAPESP, que se ligou ao Fermi National Laboratory, em Chicago, a 4.800 bps. Com conexão para as redes Bitnet e HEPNet, a FAPESP já considerava em seu projeto a interligação de instituições de todo o estado. A UFRJ passou a ter acesso à Bitnet em maio de 1989 através da UCLA, em Los Angeles, também a 4.800 bps.

Destes resultados positivos, associados à liberação de restrições por parte da EMBRATEL e da criação de um grupo de trabalho pelo MCT, começa a ser planejada uma rede nacional que deveria evitar o que ocorreu inicialmente, ou seja, a conexão entre as instituições de São Paulo e Rio de Janeiro tinham que ser realizadas através dos Estados Unidos.

¹⁹⁵ FILLIPO; SZTAJNBERG, 1996, p.342.

Segundo Filippo; Sztajnberg (1996, p.343), os resultados apresentados pelo grupo de trabalho ao MCT:

[...] que, já em 1989, apoiava o projeto da RNP. O lançamento oficial da RNP, para o qual também contribuiu a FAPERGS – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, deu-se em 1990. Seguindo em paralelo ao projeto da rede nacional, as ilhas de conectividade do Rio de Janeiro e São Paulo aos poucos foram se tornando pólos de concentração para onde outras instituições se dirigiam quando queriam ter acesso à rede[...] Em 1991 foi estabelecida uma conexão entre LNCC e FAPESP, interligando, finalmente, os Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Também data deste ano a primeira conexão à Internet, feita pela FAPESP [...]. No fim de 1991 quase todos os estados tinham pelo menos uma conexão com esta estrutura. [...] O único serviço de abrangência realmente nacional era o Correio Eletrônico.

A estrutura de conexões entre instituições acadêmicas existente em 1991 era bem distribuída e contava com um número significativo de instituições. Entretanto, a fora a utilização do correio eletrônico, a conexão à rede era realizada através de São Paulo ou Rio de Janeiro. Importante notar na estrutura dessa rede o caráter concentrador da FAPESP e LNCC, que articulavam instituições de outros Estados. Entretanto, já se observava que a localização geográfica dos nós era secundária. Assim, instituições de um mesmo Estado não precisavam estar conectadas ao mesmo pólo. No caso do Rio Grande do Sul, a UFRGS estava conectada a FAPESP e a UFSM e a FURG ao LNCC (Figura 15).

A consolidação da RNP proposta pelo LARC era balizada por um debate à cerca da utilização das tecnologias de protocolos OSI/ISO e TCP/IP. O que se pretende nesse subitem é apenas estabelecer o contexto histórico do desenvolvimento da Internet no Brasil, portanto, não se deteve em questões técnicas¹⁹⁶.

Superadas as controvérsias técnicas, após vários debates o projeto da RNP é efetivado, e seu lançamento oficial, segundo Carvalho (2006, p. 89-90):

[...] foi feito pelo Secretário Especial de Ciência e Tecnologia, Décio Leal Zagottis, durante sessão especial no Congresso de Informática da SUCESU, em São Paulo, em setembro de 1989, no qual a RNP dispôs de um stand de demonstrações junto ao espaço das universidades, onde instalou computadores e circuitos de comunicação de dados. Para garantir o sucesso do evento, membros do grupo de trabalho se reuniram para providenciar a infra-estrutura física, preparar palestras e painéis técnicos e

¹⁹⁶ Para saber mais sobre o debate a cerca da utilização das tecnologias de protocolos OSI/ISO e TCP/IP consultar Filippo; Sztajnberg (1996), Silveira (2001), RNP (2001), Carvalho (2006).

realizar demonstrações da rede, através do envio de mensagens de correio eletrônico usando o protocolo X.400.

Salienta-se que só a partir de 1991 é que começam a ser projetadas as propostas de operar com um *backbone* nacional e, em 1992 nasce o primeiro *backbone* da RNP, e de acordo com Filippo; Sztajnberg (1996, p.347) a estrutura:

[...] foi se expandindo gradualmente a partir da segunda metade do ano de 1992. Dela faziam parte Brasília e as capitais de dez estados: Bahia, Ceará, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Cada ponto de presença possuía pelos menos duas conexões distintas, permitindo caminhos diferentes no caso de falha de uma delas. Em maio de 1993, a primeira conexão de 64Kbps a longa distância, entre São Paulo e Porto Alegre, foi estabelecida. Seguiram-se a ela o anel Rio, São Paulo e Brasília

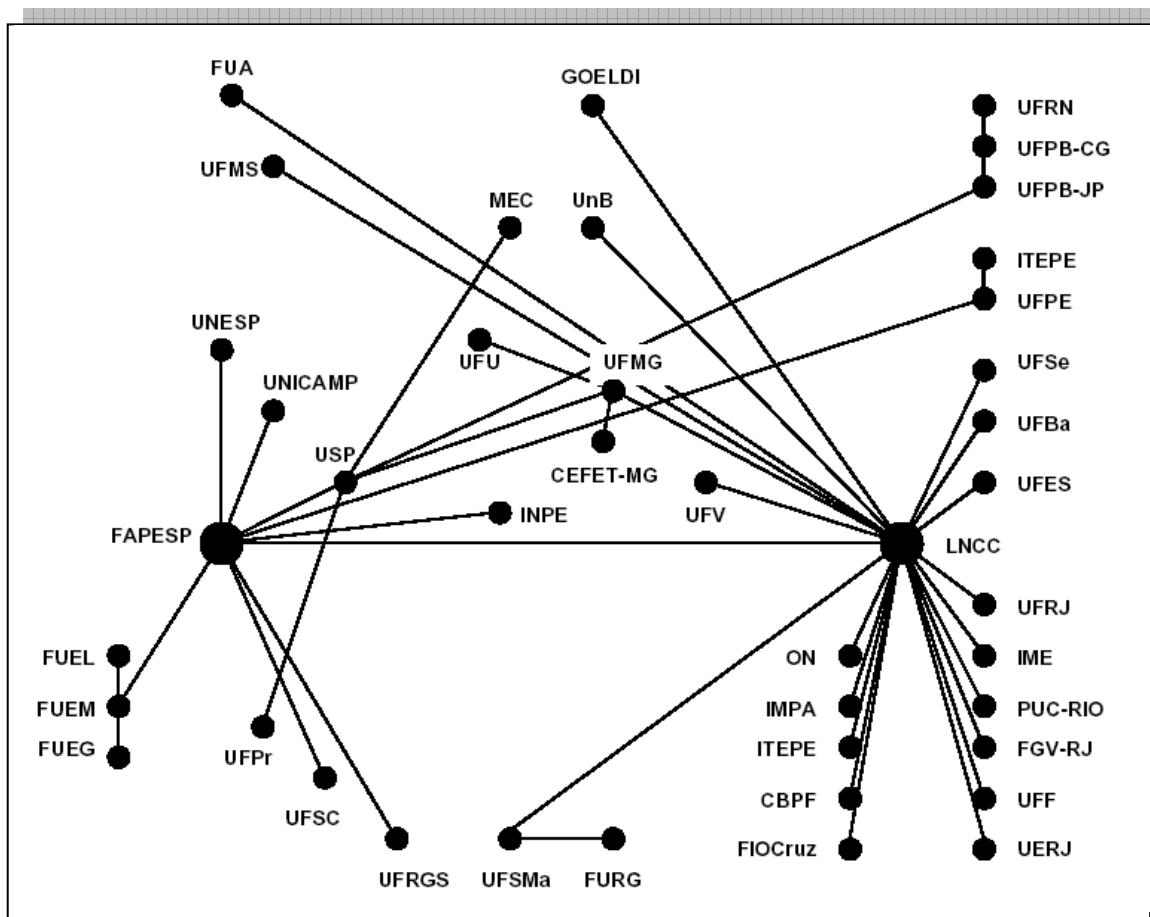


Figura 15 – Conexões existentes no Brasil em 1991.

Fonte: Filippo; Sztajnberg (1996)

Pela figura 16, pode-se visualizar a intensidade de desenvolvimento do *backbone* da RNP, que em 1994 operava as principais conexões entre Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Brasília a 64 kbs (kilobites por segundo). Já em

2006, as conexões ampliaram-se para 10 capitais a velocidades entre 2,5 e 10 Gbps, apresentando-se 20 mil vezes mais rápida em apenas 12 anos.

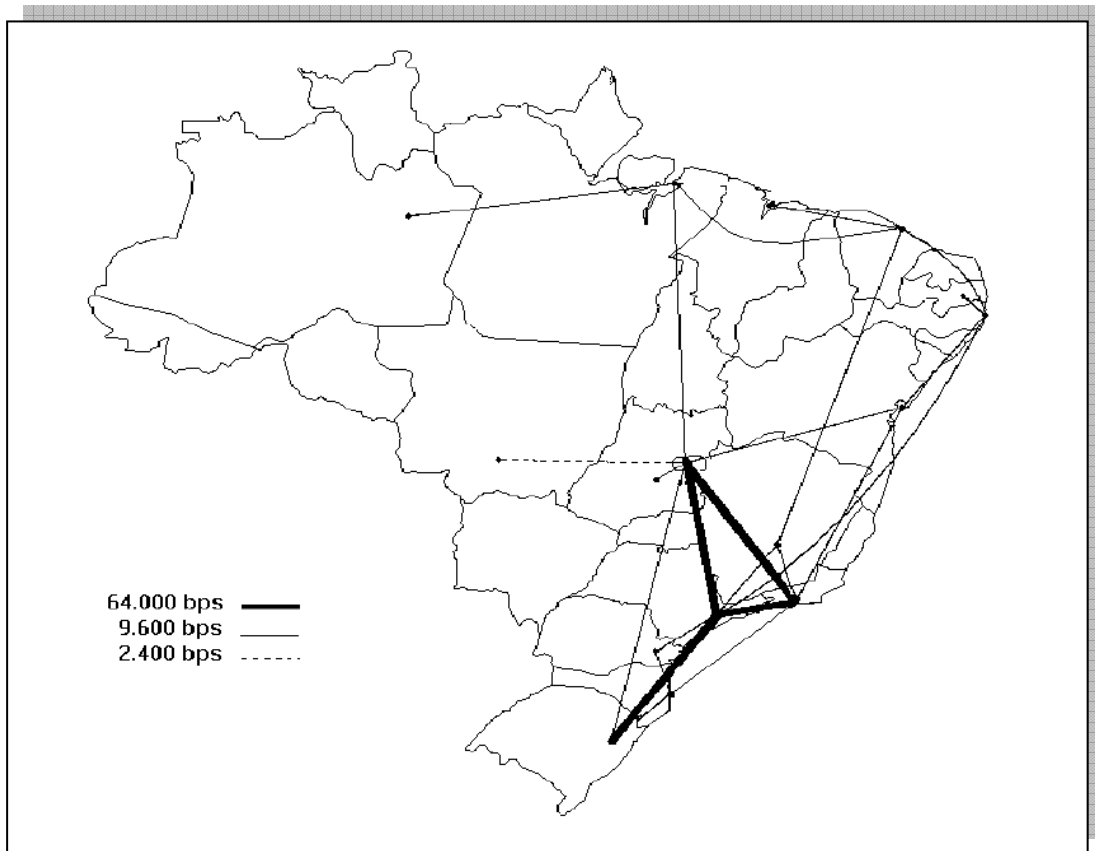


Figura 16 – Backbone da RNP em 1994
 Fonte: Filippo; Sztajnberg (1996)

A distribuição do *backbone* da RNP no Brasil reflete, de certa forma, a mesma desigualdade regional, característica do país. Os principais PTT's¹⁹⁷, com tecnologia de maior velocidade no tráfego de dados concentram-se no sul e sudeste do país. Dos dez PTT's com velocidade de tráfego entre 2,5 e 10 Gbps (Gigabites por segundo) seis estão nos sete estados das duas regiões (Figura 17).

¹⁹⁷ A noção de ponto pode ser substituída pela idéia nó. Nesse sentido Filippo; Sztajnberg (1996, p.14-15), propõem a substituição partindo do exemplo do que significam os pontos de uma rede em vários prédios de uma universidade, e que para os autores podem ser entendidos como um “[...] nó da malha da rede, não sendo possível saber que recursos computacionais estão disponíveis em cada prédio: ele pode possuir um único computador, uma rede ou uma rede de redes. Ao vermos um ponto na figura de um backbone, devemos pensar então como uma entidade que está ligada à rede e esquecer quais recursos computacionais existem nela. Assim como mostramos o exemplo de um prédio de uma universidade, um nó poderia ser uma cidade, um estado ou todo um país. A figura do backbone de uma rede é sempre a de uma malha de interligação, capaz de representar redes de âmbitos bem diferentes. O termo nó significa então um local que está conectado à rede, e suas características dependem do contexto em que se estiver falando”.

Em 1994, no dia 20 de dezembro, a EMBRATEL lança o serviço experimental a fim de conhecer melhor a Internet. A fase comercial da Internet no Brasil tem no ano de 1995 o seu marco. Os ministérios das Comunicações e da Ciência e Tecnologia criaram, por portaria, a figura do provedor de acesso privado à Internet e liberaram a operação comercial no Brasil. Em 1996, muitos provedores começaram a vender assinaturas de acesso à rede. Salienta-se que em 1995 foi possível, pela iniciativa do Ministério das Telecomunicações e Ministério da Ciência e Tecnologia, a abertura ao setor privado da Internet para exploração comercial da população brasileira (Filippo; Sztajnberg, 1996).

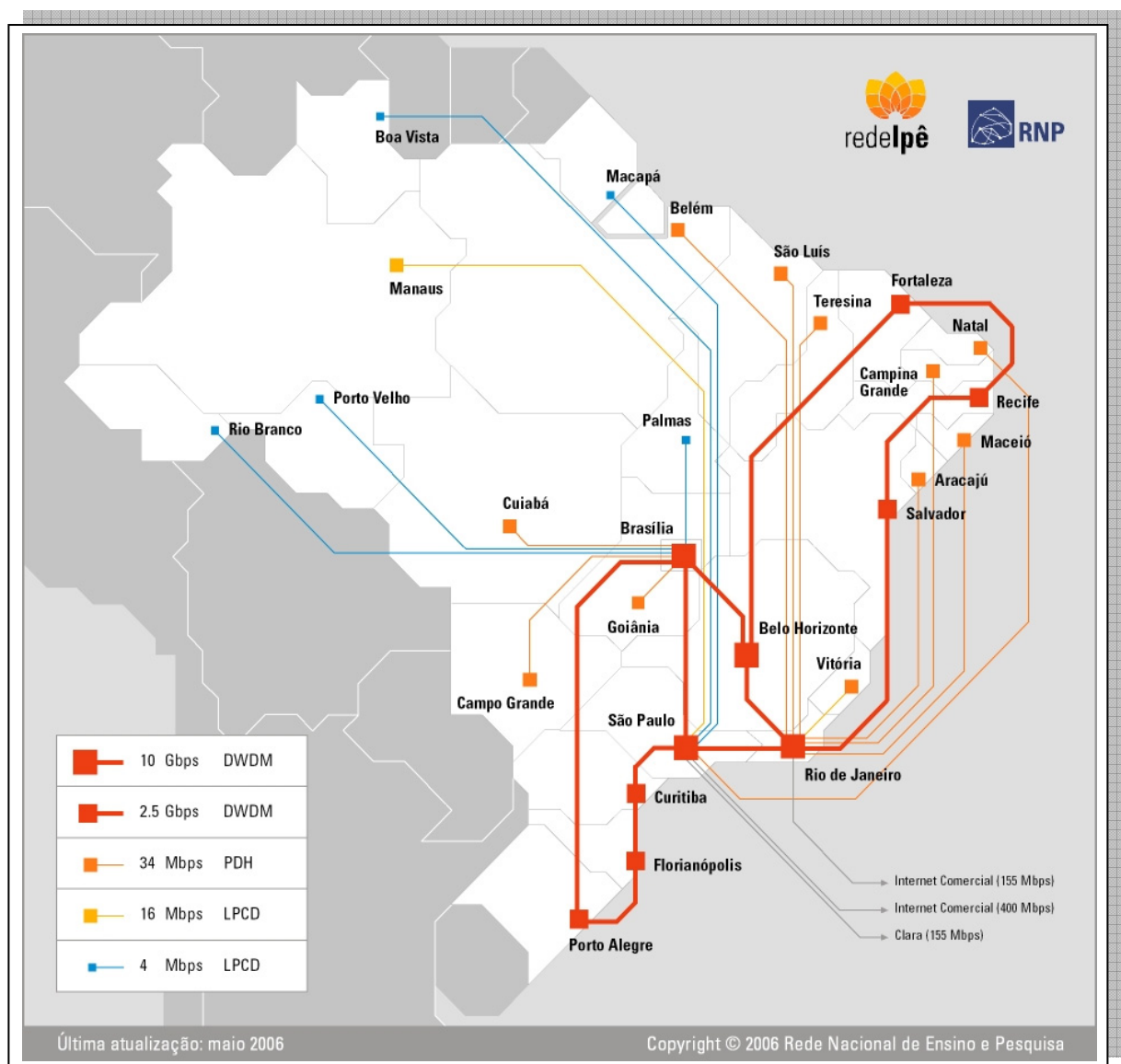


Figura 17 – Mapa da distribuição do *backbone* da RNP em 2006.

Fonte: RNP (2001). Disponível em < http://www.rnp.br/_media/graficos/bkbrnp.jpg>. Acesso em 27 fev. 2007.

As primeiras conexões discadas realizadas no Brasil exigiam muita paciência do usuário, segundo o site Terra (2007):

Quando implementada, a velocidade de acesso à Internet era de 4.800 bits por segundo (bps). Uma conexão discada hoje pode ser 11 vezes mais rápida ou mais. Hoje o internauta pode perder a paciência quando um site demora 30 segundos para abrir. Mas, há dez anos, era comum uma única página demorar de 15 a 20 minutos para surgir na tela. As linhas de transmissão eram limitadas e nem se pensava em conexões via fibra óptica.

Os primeiros sites brasileiros eram de notícias. Posteriormente, surgiram os de compras, entretenimento e pesquisa. Assim, a rede nacional começou a se expandir, tendo como clientela o público da classe média que se beneficiava de e-mail e as salas de bate-papo (chats) os quais foram dois dos principais carros-chefe para a popularização da Internet. A forma de comunicação entre as pessoas mudou tanto no ambiente de trabalho quando na vida particular. Nesse campo, aliás, os chats permitiram uma inovação nos relacionamentos: o namoro e o sexo virtual. As pessoas passaram a se conhecer pela Internet para, depois, marcar encontros na vida real.

É importante salientar que a velocidade da evolução da *web* no Brasil não é diferente da expansão global. Segundo dados da ANATEL no ano de lançamento da Internet comercial no Brasil, existiam 50 mil. Na atualidade, os números variam, mas segundo o site e-commerce.org (2007), chega-se a 30 milhões de pessoas, conectadas a rede em casa, no trabalho ou em locais públicos, o que corresponde a 16% da população total no Brasil (Figura 18).

Quantidade de Pessoas Conectadas a web no Brasil						
Série Histórica 1997 -2007						
Data da Pesquisa	Pop. total IBGE (milhões)	Internautas (milhões)	% da População Brasileira	Nº de Meses (base=jan/96)	Crescimento Acumulado (base=jul/97)	Fontes de pesquisa Internautas
2006 /dez	188,6	30,01	16%	106	2.508%	InternetWorldStats
2005 /jan	185,6	25,90	13,9%	106	2.152%	InternetWorldStats
2004 /jan	178,4	20,05	11,5%	95	1.686%	Nielsen NetRatings
2003 /jan	176,0	14,32	8,1%	83	1.143%	Nielsen NetRatings
2002/ago	175,0	13,98	7,9%	78	1.115%	Nielsen NetRatings
2001/set	172,3	12,04	7,0%	67	947%	Nielsen NetRatings
2000/nov	169,7	9,84	5,8%	59	756%	Nielsen NetRatings
1999/dez	166,4	6,79	7,1%	48	490%	Computer Ind. Almanac
1998/dez	163,2	2,35	1,4%	36	104%	IDC
1997/dez	160,1	1,30	0,8%	24	13%	Brazilian ISC
1997/jul	160,1	1,15	0,7%	18	-	Brazilian ISC

Figura 18 – Quantidade de pessoas conectadas a web no Brasil de 1997 – 2007. e-commerce.org. Disponível em: <<http://www.e-commerce.org.br/STATS.htm>>. Acesso em 27 fev. 2007.

Outros números interessantes sobre a atual condição do Brasil em termos de acesso ao ciberespaço dizem respeito a expansão de *hosts*¹⁹⁸. O Brasil figura entre os dez países com o maior número de *hosts* no mundo. Em janeiro de 2006, o Brasil superou o Reino Unido em número *hosts*. É importante salientar que o número de *hosts* não é igual ao número de usuários, pois um *host* pode ser utilizado por vários usuários. Por exemplo, pode se ter em casa ou no escritório uma rede com 5 cinco PC's ligados a Internet por meio de roteador¹⁹⁹, dessa forma se tem cinco usuários (PC's) e um *host* (roteador). Assim, pode-se deduzir que quanto maior o número de *hosts* em um país, maior será o número de usuários. No Brasil, o número de usuários de Internet é pelo menos cinco vezes maior que o número de *hosts* (Figura 19).

Posição dos países por número de hosts				
	País	Julho 06	Janeiro 06	Class. Jan 06
1º	Estados Unidos*	279.618.693	257.273.594	1º
2º	Japão (.jp)	28.321.846	24.903.795	2º
3º	Itália (.it)	13.060.369	11.222.960	3º
4º	Alemanha (.de)	11.859.131	9.852.798	4º
5º	França (.fr)	9.166.922	6.863.156	6º
6º	Holanda (.nl)	8.363.158	7.258.159	5º
7º	Austrália (.au)	7.772.888	6.039.486	7º
8º	Brasil (.br)	6.508.431	5.094.730	9º
9º	Reino Unido (.uk)	6.064.860	5.778.422	8º
10º	Polônia (.pl)	4.367.741	3.941.769	11º
11º	Taiwan (.tw)	4.320.310	3.943.555	10º
12º	Canadá (.ca)	3.934.223	3.622.706	12º
13º	México (.mx)	3.426.680	2.555.047	14º
14º	Suécia (.se)	2.958.435	2.817.010	13º
15º	Bélgica (.be)	2.870.770	2.546.148	15º
16º	Finlândia (.fi)	2.821.504	2.505.805	16º
17º	Espanha (.es)	2.520.711	2.459.614	17º
18º	Suíça (.ch)	2.442.659	2.125.269	19º
19º	Dinamarca (.dk)	2.415.530	2.316.370	18º
20º	Noruega (.no)	2.173.385	2.109.283	20º
21º	Austria (.at)	2.062.035	1.957.154	21º
22º	Rússia (.ru)	1.979.924	1.628.987	22º
23º	Argentina (.ar)	1.612.423	1.464.719	23º
24º	Índia (.in)	1.543.289	838.139	29º
25º	Portugal (.pt)	1.509.922	1.378.817	24º
26º	Turquia (.tr)	1.313.135	794.795	32º
27º	República Tcheca (.cz)	1.267.265	993.778	26º
28º	Israel (.il)	1.251.881	1.212.264	25º
29º	Hungria (.hu)	1.090.113	894.800	28º
30º	Nova Zelândia (.nz)	1.050.197	971.900	27º

* (.edu, .us, .mil, .org, .gov, .com e .net)

Figura 19 – Quadro de Classificação dos países de acordo com número de *hosts*.

Fonte: Network Wizards 2006

¹⁹⁸ Segundo a Wikipédia (2007), em informática, “[...] host é qualquer máquina ou computador conectado a uma rede. Os hosts variam de computadores pessoais a supercomputadores, dentre outros equipamentos, como roteadores. Todo host na internet precisa obrigatoriamente apontar (representar) um endereço IP”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Host>>. Acesso em 27 fev. 2007.

¹⁹⁹ Segundo a Wikipédia (2007), um “[...] roteador ou router ou encaminhador é um equipamento usado para fazer a comunicação entre diferentes redes de computadores. Este equipamento provê a comunicação entre computadores distantes entre si e até mesmo com protocolos de comunicação diferentes”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Host>>. Acesso em 27 fev. 2007.

A evolução do número de *hosts* no Brasil demonstra, de certa forma, a velocidade com que o Brasil emergiu no ciberespaço. Da mesma forma que a evolução do *backbone* da RNP em doze anos apresentou uma fantástica evolução quantitativa e qualitativamente, o aumento no número de *hosts* brasileiros demonstra o quanto, cada vez mais, o Brasil está presente no ciberespaço: no intervalo de nove anos cresceu de cerca de 100.000 *hosts*, em janeiro de 1997, para quase 8 milhões em janeiro de 2007.

A posição do Brasil, em relação à outros países do mundo, no número de *hosts*, também demonstra como houve uma inserção sólida do país no ciberespaço. Da 19.^a posição que o Brasil ocupava em janeiro de 1998, passou para 11.^a em janeiro de 2001, alcançou a 8.^a colocação em 2004, oscilou entre a 9.^a posição nos anos seguintes e se firmou na 8.^a colocação que mantém em 2007. Nas Américas, só os Estados Unidos, país com o maior número de *hosts* no mundo, aparece a frente do Brasil (Figuras 20 e 21).

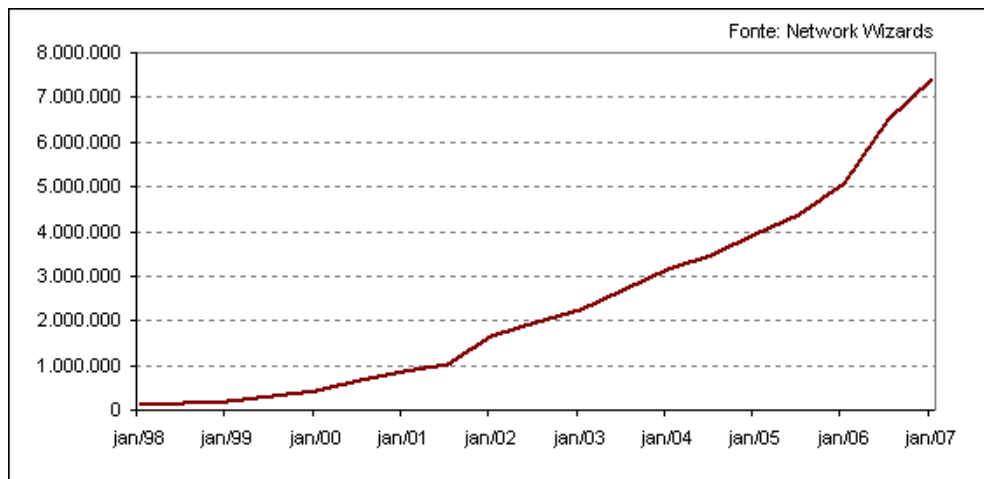


Figura 20 – Evolução do número de hosts do Brasil (1998 -2007).
 Fonte: CETIC.br::hosts. Disponível em: <<http://www.cetic.br/hosts/index.htm>>. Acesso em 27 fev. 2007.

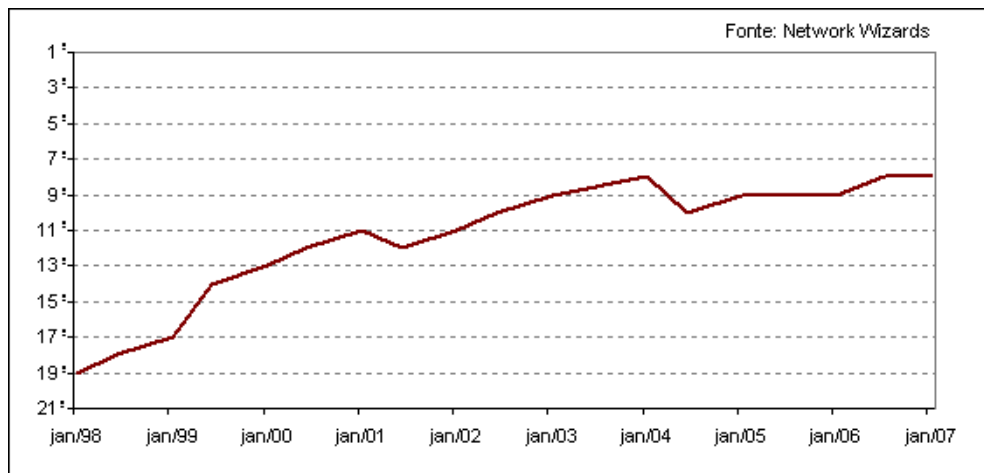


Figura 21 – Evolução da posição do número de hosts do Brasil em relação ao mundo (1998 -2007).
 Fonte: CETIC.br::hosts. Disponível em: <<http://www.cetic.br/hosts/index.htm>>. Acesso em 27 fev. 2007.

Outro aspecto que se considera importante é a distribuição regional dos usuários de Internet e do volume de acesso. Seguindo o padrão de regionalização brasileiro, a maior concentração de usuários da Internet encontra-se na região sudeste com 64%, seguido por 18% da região sul. Essas duas regiões abrigam 82% de todos os usuários de Internet no Brasil, ficando as demais regiões com os 18% restantes. Com relação o percentual da população com acesso ao ciberespaço, em 2002, os maiores índices também eram das regiões Sul e Sudeste, entretanto, a região Centro-Oeste aparece com um índice mais significativo, muito provavelmente, por nela situar-se a capital brasileira (Figura 22).

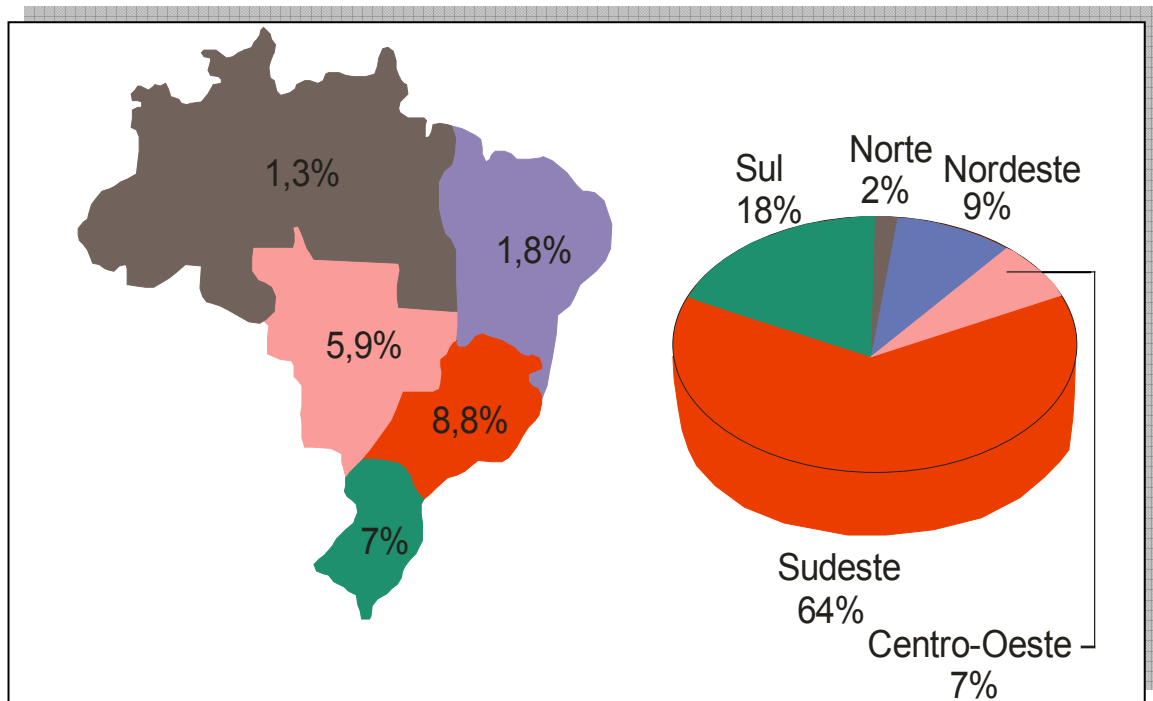


Figura 22 – Acesso (esquerda) e distribuição de internautas por regiões brasileiras (2002).
Fonte: Grupo Telefônica no Brasil (2002) a partir de dados do Ibope e IBGE (2000).

A velocidade dos acontecimentos no ciberespaço ou, ao menos, a impressão de simultaneidade proporcionada pelo tempo real, bem como o constante crescimento de usuários fazem com que os dados da Figura 23 já sejam obsoletos. Entretanto, acreditou-se importante apresentá-los considerando que o mais importante não são os seus valores absolutos e sim sua variação espacial.

A inserção da Internet no Brasil demonstra como a questão foi tratada com seriedade no país. Tal fato proporcionou que Brasil ocupe, na atualidade, lugar de destaque no cenário mundial.

Considerando o crescimento do ciberespaço no Brasil, pode-se inferir que a relação dos brasileiros com a Internet tem um grande potencial, conseqüentemente, o sentimento de saudades, de pertença ao território agora distante, sejam minimizados pelas infovias do ciberespaço.

4.4 Ciberespaço da *différance*

Governments of the Industrial World, you weary giants of flesh and steel, I come from Cyberspace, the new home of Mind. On behalf of the future, I ask you of the past to leave us alone. You are not welcome among us. You have no sovereignty where we gather. [...] In China, Germany, France, Russia, Singapore, Italy and the United States, you are trying to ward off the virus of liberty by erecting guard posts at the frontiers of Cyberspace. These may keep out the contagion for a small time, but they will not work in a world that will soon be blanketed in bit-bearing media (BARLOW, 1996).

Não é [uma questão de linha] entre o real e o irreal – é entre o real e o real. A única razão pela qual vemos essa dicotomia [entre o real e o virtual] é porque somos velhos (Gibson 1996 apud KOEPESELL, 2004, p.130).

A temática do ciberespaço é assunto recente nos estudos geográficos. Entretanto, é tema difundido e tratado com profundidade por outros ramos da ciência em geral e das ciências sociais e humanas em particular.

Constantes debates e novas expressões como *Direito no Ciberespaço*, *Exclusão Digital*, *Cidades Digitais*, são incorporadas ao cotidiano e passam a fazer parte de questões contemporâneas, ou mesmo, pós-modernas.

Pretendeu-se, com este trabalho, trazer para o cotidiano este debate, no qual o tempo e o espaço, termos tão usuais na Geografia, experimentam transformações em suas concepções. A possibilidade de estar em qualquer lugar a qualquer momento, traz noções de *tempo real* e *espaço virtual* e conduz à eminência de analisar esta nova forma de produzir e reproduzir o espaço geográfico. As características de simultaneidade e presença não são algo que se possa imaginar como futurista ou que está para acontecer.

Apesar de o ciberespaço não ter atingido seu ápice de desenvolvimento, e que por isso ainda gera um contingente de excluídos, concorda-se com Cesnik; Beltrame (2004, p.118) de que

Essa exclusão, no entanto, faz parte de um processo de desenvolvimento das sociedades; situação semelhante viveu a invenção da escrita para inserir a cultura oral ou adaptar as pessoas à invenção do telefone. Até hoje alguns cidadãos são “excluídos” da linguagem escrita, e estima-se que somente 20% dos seres humanos possuem telefone. Nenhum desses fatos constitui argumento sério contra a escrita [...] ou o telefone.

Pode-se dizer, então, que se há exclusão digital, essa é utilizada no intuito de descaracterizar a validade do ciberespaço, em função de que poucas pessoas têm acesso a ele. Esse argumento é combatido com inúmeros projetos de inclusão digital. Além, de todo processo desencadeado pela veloz propagação do ciberespaço, várias iniciativas vêm sendo tomadas, tanto do ponto de vista privado como governamental.

Sobre o avanço do ciberespaço, Silva (2003a, p. 39) destaca que:

Apesar de autores como Pierre Lèvy e Elisabete Garbin apontarem para os contrastes sociais, onde a maioria das pessoas no planeta sequer tem acesso ao telefone ou ao PC, concordo com eles quando afirmam não ser esses os argumentos para sermos contrários à cibercultura. Na perspectiva de popularização do ciberespaço, GARBIN (2003) lembra a “explosão do acesso gratuito em 1999/2000” (p.27), e ainda lembro, cibercafés²⁰⁰, vias públicas²⁰¹, lanhouses²⁰², serviços que cada vez mais conectam um número crescente de pessoas a *web*.

Sabe-se que o avanço do ciberespaço é inegável e toma-se como exemplo uma experiência em nível global a qual vem ganhando destaque em vários países, que são os *telecentros*. Esses são descritos por Silveira (2001, p.33-34) como:

A forma mais ampla de acesso físico ao computador e à Internet. [...] Esta experiência foi amplamente empregada na Escandinávia e dali se espalhou para vários países do mundo. Um telecentro é um espaço físico em que são alocados alguns computadores conectados à Internet para uso comunitário, em geral gratuito. São sinônimos de telecentro os termos *telecottage*, centro comunitário de tecnologia, *teletienda*, oficina comunitária de comunicação, clube digital, cabine pública, infocentro, entre outros. Os badalados

²⁰⁰ Espaços públicos, onde além de poderem encontrar amigos e poderem realizar refeições ou lanches, o usuário pode conectar-se a Internet a um preço médio de R\$ 3,00 a hora de navegação.

²⁰¹ Espaços bastante novos, onde não há cobrança de tarifa para conexão, o usuário chega faz seu cadastro e pode utilizar a Rede sempre que tiver uma máquina disponível ou houver marcado horário previamente. Em Santa Maria/RS, uma experiência pioneira ocorre na Casa de Cultura, onde algumas máquinas conectadas a Web estão disponíveis à população para serem utilizadas gratuitamente.

²⁰² Casas de jogos, onde vários computadores conectados em rede permitem que dois ou mais jogadores participem de uma mesma partida simultaneamente. O termo lanhouse vem de “LAN ou lan = LOCAL AREA NETWORK = REDE DE ÁREA LOCAL rede onde vários terminais e equipamentos estão todos dentro de curta distância uns dos outros (a uma distância máxima de 500 m, por exemplo, no mesmo edifício), e podem ser interconectados por cabos” (MICHAELLIS, 2000).

cibercafés também são telecentros, mas em geral cobram pelo da Internet e estão localizados em regiões mais nobres das cidades.

Nesse contexto, um bom exemplo de inclusão digital são os telecentros da cidade de Porto Alegre/RS. Segundo a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2006) existem 33 telecentros distribuídos pela cidade. Sobre esse projeto destaca-se a contribuição de Ueda (2004), para quem estas experiências não tratam apenas de proporcionar o acesso ao ciberespaço, pois os telecentros:

[...] son importantes, pues son espacios que la población tiene disponible las tecnologías de la información y pueden ascender a la sociedad de la información. Ellos tendrán derechos y oportunidades de aprender y utilizar las tecnologías. Superando los límites entre el equipamiento (el ordenador) y la apropiación del mismo, dando oportunidades a que los ciudadanos mejoren sus condiciones de vida y estimulen a la democratización de la información en un sentido más solidario. Haciendo que la ciudad tenga espacios colectivos y que los ciudadanos luchen por una sociedad más justa y un otro mundo posible para todos, promoviendo la inclusión de social a través de la inclusión digital.

Mesmo não tendo atingido seu ápice, o ciberespaço se propaga em alta velocidade. Os números demonstrados nos itens anteriores²⁰³ apontam uma velocidade crescente no aumento de pessoas que estão se conectando ao ciberespaço. Na atualidade, os países que têm os menores índices percentuais de população com acesso ao ciberespaço, são os que apresentam os maiores índices de crescimento no número de cibernautas. Essa expansão vem sendo observada não apenas nos últimos anos, pois segundo Cano et al (2004, p.9) destaca-se que

Desde o lançamento da WWW (cerca de 1993) até hoje, o número de computadores na Internet cresceu aproximadamente 130 vezes (<http://www.nw.com>), e continua a crescer num ritmo bastante rápido. [...] Os dados recolhidos mostram que em agosto de 1981 havia apenas 213 servidores conectados, passando a 171,63 milhões em janeiro de 2003. O crescimento tem sido exponencial.

É difícil não admitir que as sociedades estão passando por profundas transformações e que o advento do ciberespaço tem ampliado as mesmas. Assim, como em outros momentos na história, foram marcos de transformações significativas nas sociedades de seu tempo, as técnicas informacionais apontam

²⁰³ Reveja os itens 4.2 e 4.3 deste capítulo.

para novas formas de compreender o mundo pós-moderno e de vivenciá-lo. Essas inovações tecnológicas possibilitam novos arranjos na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, Cesnik; Beltrame (2004, p. 120) dimensionam que

[...] a criação do *ciberespaço* terá uma influência cultural sobre a sociedade semelhante à que teve a invenção da escrita sobre as sociedades orais. A escrita possibilitou que as sociedades orais conhecessem a produção de pessoas que residiam a milhares de quilômetros e foi fundamental para o intercâmbio cultural. Mais recentemente, depois de algumas escritas locais terem sido impostas sobre alguns povos, cada vez mais somos impelidos a conhecer uma segunda língua, sendo hoje o inglês uma das mais difundidas.

É unânime, em toda bibliografia consultada, a afirmação de que a primeira vez em que o termo ciberespaço (*cyberspace*) foi utilizado, remonta a Novela Ciberpunk *Neuroromancer* de 1984, de William Gibson. Nessa obra, o ciberespaço que o autor quer sugerir, não simplesmente apareceu pronto, no final da década de 80. Ele tem origem no século 19, quando o desperdício de tempo passa a fazer parte das preocupações "modernas". Paralelamente, o ciberespaço insere-se em nova importância com a globalização orientada ao consumo do capitalismo.

Nesse contexto, é interessante resgatar Gibson (1984 apud KAMINSK, 2000)²⁰⁴, quando o autor destaca que:

O ciberespaço era a última fronteira. As brilhantes e enredadas teias de datas nas maciças redes de computadores do mundo estavam a mercê do saque. Case tinha vinte e quatro anos. Aos vinte e dois, fora um cowboy do Interface, um dos melhores ases de computadores do Spraw urbano, que se estendia pela Costa Leste da América do Norte. Ladrão, trabalhava para ladrões, ligado a uma consola de computador que projectava (sic) a sua consciência incorpórea na matriz das redes mundiais de computadores. Roubava segredos aos computadores das empresas, vendendo-os ao maior licitador.

A mais "concreta" localização do início do ciberespaço é a invenção do telégrafo na primeira metade do século 19, que foi celebrada, como realçou James Carey (s/d apud KAMINSK, 2000) como o "[...] mais simples e mais importante ponto a respeito do telégrafo é que ele marca a separação entre 'transportação' e 'comunicação'". O autor salienta que não é a introdução dos computadores que marca o início da produção do ciberespaço, mas a preocupação em agilizar a

²⁰⁴ Texto retirado de <<http://www.exclusao.hpg.ig.com.br/texto%20-%20kaminski01.htm>>, Publicado em Revista Consultor Jurídico, 21 de outubro de 2000. Disponível em <<http://www.conjur.com.br>>.

comunicação entre longas distâncias. Ou seja, a redução do tempo que uma mensagem leva entre sair do emissor e chegar ao receptor.

Dessa primeira noção de ciberespaço emergem outras. Cada pesquisador acaba definindo-o de acordo com sua concepção e seus propósitos. Entretanto, um dos principais teóricos do tema, o filósofo francês Pierre Lèvy, inclusive salienta-se que sua influência se faz sentir também no meio geográfico. Para Haesbaert (2004, p. 271), o autor é “[...] provavelmente o principal teórico da ‘desterritorialização’ no ciberespaço”.

Ao se resgatar algumas das concepções de ciberespaço, destaca-se que apesar do caráter recente do mesmo no meio geográfico, este já vem sendo debatido por outras áreas do saber. Assim, antes de se ajustar este termo à lente geográfica, faz-se necessário interpretar algumas dessas concepções.

Conforme Serra (1996), a palavra ciberespaço

Etimologicamente, [...] é formada a partir de cyber (que significa "homem do leme", "piloto", e que também integra o termo "Cibernética", que designa o "estudo dos mecanismos de controlo no animal e na máquina") e de espaço - o que dá, desde logo, a ideia do cyberspace como "espaço do controlo". Mas esta etimologia não explica, por si só, porque é que o termo de Gibson, introduzido quase casualmente, pela sua "sonoridade", ganhou em poucos anos tal voga e importância - o mesmo não acontecendo com outras palavras ou expressões que são, frequentemente, utilizadas como sinónimas de cyberspace, como por exemplo cyberia, espaço virtual, mundos virtuais, dataspace, domínio digital, reino electrónico, esfera da informação, etc.

Serra (1996) menciona dois grandes passos no debate da problemática de definição do ciberespaço, na I Conferência sobre Ciberespaço, de 1990, na Universidade do Texas, em Austin, e a publicação do livro *Cyberspace: First Steps*, de Michael Benedikt, o qual descreve o caráter atual e a necessidade de uma abordagem sobre o tema, afirmando que “[...] uma primeira conclusão que se impõe é, que o Ciberespaço é um projecto aberto e a levar à prática”. Também Lemos (1996) enfatiza a atualidade da temática, comentando que “[...] a fronteira pela qual a sociedade redefine noções de espaço e de tempo, de natural e de artificial, de real e de virtual, o ciberespaço é uma das grandes questões do século que se aproxima”.

A temática ciberespaço também foi objeto de definição pela Unesco. Para ela, o ciberespaço é um novo ambiente humano e tecnológico de expressão, informação e transações econômicas. Consiste em pessoas de todos os países, de todas as culturas e linguagens, de todas as idades e profissões fornecendo e requisitando

informações. Uma rede mundial de computadores interconectada pela infraestrutura de telecomunicações que permite à informação em trânsito ser processada e transmitida digitalmente.

Entretanto, uma das principais definições de ciberespaço é a de Lèvy (2000). O autor, antes de manifestar sua definição, também credita a William Gibson, em 1984, a invenção da palavra “ciberespaço”. Para Lèvy (2000, p. 92), o ciberespaço de Gibson era designado pelo:

[...] universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Em *Neuromancer*, a exploração do ciberespaço coloca em cena as fortalezas de informações secretas protegidas pelos programas ICE, ilhas banhadas pelos oceanos de dados que se metamorfoseiam e são trocados em grande velocidade ao redor do planeta. Alguns heróis são capazes de entrar “fisicamente” nesse espaço de dados para lá viver todos os tipos de aventuras. O ciberespaço de Gibson torna sensível a geografia móvel da informação, normalmente invisíveis.

Apesar de fazer referência à ficção de Gibson, Lèvy (2000, p. 92-93) define o ciberespaço considerando o mesmo como: “[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, possibilitando “o acesso à distância aos diversos recursos de um computador”. São os chamados *downloads*²⁰⁵ e *uploads*²⁰⁶, popularizados com a expansão dos arquivos de áudio no formato *mp3*²⁰⁷, que possibilitaram a aquisição de músicas através da Internet.

Dentre outros aspectos que caracterizam o ciberespaço, encontram-se o correio eletrônico, que segundo Lèvy (2000, p.94-95) é uma das funções “[...] mais importantes e mais usadas”, onde, “[...] cada pessoa ligada a uma rede de computadores pode ter uma caixa postal eletrônica identificada por um endereço especial. Também, Lèvy (2000, p.99) destaca o papel das conferências eletrônicas, caracterizando-as como “[...] um dispositivo sofisticado que permite que grupos de

²⁰⁵ *Download* – é o processo pelo qual um arquivo é transferido de um computador remoto para uma máquina local. Em outras palavras, toda vez que você clica em um link para copiar um programa da Internet para sua máquina, está fazendo um download (Lèvy, 1999, p. 259).

²⁰⁶ *Upload* – é o processo contrário do download, no qual um usuário transfere arquivos de sua máquina para a Internet – por exemplo, para criar ou expandir um site na Web no qual ele tenha permissão para fazer mudanças (Lèvy, 1999, p. 259).

²⁰⁷ *MP3* – para Garbin (2001, p.26) “traduzido para português, pode-se dizer que se trata de um formato musical que revolucionou a distribuição de músicas pela Internet, por dois motivos: reduz o tamanho de arquivos de áudio, sem perda de qualidade, e é aberto, isto é, pode ser usado livremente (não é propriedade de nenhuma empresa)”. *MP3* é a abreviatura de *MPEG*, ou *Moving Picture Express Group 1 Layer 3* – que se desenvolveu o formato.

peças discutam em conjunto sobre temas específicos”. Ainda Lèvy (2000) faz referência ao *Groupware*²⁰⁸, as comunicações através de mundos virtuais compartilhados e as navegações, essa última definida pelo movimento de *clicks* sobre os hiperdocumentos que se desejam consultar.

A interconexão e o acesso a distância, fazem com que, conforme Silva²⁰⁹, “ocorra a transformação de elementos físicos em dados eletrônicos”, que se somando à crescente inserção de componentes eletrônicos no cotidiano das pessoas com a possibilidade de movê-los à velocidade da luz configuram o que Negroponte (1997) chamou de *Vida Digital*. Esse autor, em sua obra²¹⁰, enfatiza o quanto de cooperação e colaboração se obtém no ciberespaço, construindo uma nova vida digital, apesar de Silva²¹¹ considerar que “[...] não seria uma nova vida e sim um cotidiano²¹² um espaço vivido”.

Considerando as características apontadas por Lèvy (2000) e da compreensão de cooperação e de espaço vivido foi possível ao autor definir a cibercultura, que segundo ele apesar de cada vez mais popularizada é menos totalizável. Ou seja, se o ciberespaço é cada vez mais global, a cibercultura é cada vez mais marcada pela *différance*.

Essa situação é descrita por Lèvy (2000, p.118), como

O principal evento cultural anunciado pela emergência do ciberespaço é a desconexão desses dois operadores sociais ou máquinas abstratas (muito mais do que conceitos!) que são a universalidade e a totalização. A causa disso é simples: o ciberespaço dissolve a pragmática da comunicação que, desde a invenção da escrita, havia reunido o universal e a totalidade. Ele nos leva, de fato, à situação existente antes da escrita – mas em outra órbita – na medida em que a interconexão e o dinamismo em tempo real das memórias on-line tornam novamente possível, para os parceiros da comunicação, compartilhar o mesmo contexto, o mesmo imenso hipertexto vivo.

²⁰⁸ Segundo Lèvy (2000, p.100), pode-se definir um *groupware* quando “[...] sistemas de indexação e de pesquisa são integrados a elas e todas as contribuições são gravadas, [e] as conferências eletrônicas funcionam como memórias de grupo”.

²⁰⁹ SILVA, 2003a, p.30.

²¹⁰ NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. 1997.

²¹¹ SILVA, op.cit., p.53.

²¹² De acordo com Santos (1997, p.157) o papel que a informação e a comunicação alcançaram em todos os aspectos da vida social, o cotidiano de todas as pessoas se enriquece de novas dimensões. Entre estas, ganha relevo a sua dimensão espacial, ao mesmo tempo em que este cotidiano enriquecido se impõe como uma espécie de quinta dimensão do espaço banal, o espaço dos geógrafos.

Partindo dessa descrição, o autor estabelece a diferenciação necessária entre o universal e o planetário. Assim, Lèvy (2000, p. 119) resume a cibercultura em algo que

[...] dá forma a um novo tipo de universal: o universal sem totalidade. E, repetimos, trata-se ainda de um universal, acompanhado de todas as ressonâncias possíveis de serem encontradas com a filosofia das luzes, uma relação profunda com a idéia de humanidade. Assim, o ciberespaço não engendra uma cultura universal porque de fato está em toda parte, e sim porque sua forma ou sua idéia implicam de direito o conjunto dos seres humanos.

Pelas definições apresentadas, observa-se que o ciberespaço vem freqüentando inúmeros debates e produções em áreas como a comunicação, as letras, a filosofia, entre outras. Nos estudos geográficos, é significativa e pioneira a contribuição de Batty (1997). O autor, ao propor uma Geografia Virtual, estabelece quatro tópicos centrais para análise: espaço/lugar, c-espaco, ciberespaço e ciberlugar.

Nesse contexto, Silva (2003c, p. 30) descreve que

O ciberespaço se caracteriza, de um lado, pela representação das novas relações sociais em rede de computadores, e, de outro lado, pela simulação (fazer com que algo exista), que é, de fato, apenas uma possibilidade de exercício do real, uma configuração espacial onde os objetos concretos, as ações inserem-se de uma maneira nova.

É na perspectiva das relações sociais em rede e das simulações que Batty (1997) estabelece a articulação de seus tópicos. Ao buscar um enfoque geográfico para a nova configuração espacial da sociedade contemporânea, fá-lo partindo do entendimento de que a inserção dos computadores não pode ser interpretada de forma simplificada.

Nesse sentido, Batty (1997, p.337) afirma que

Computers of course are simply the vehicles that are directly associated with computation, and as computation itself is pervasive across all media, traditional bounds posed by the constraints of space and time are fast being changed, in scale and scope, qualitatively as well as quantitatively.

Os avanços em interfaces gráficas e nas representações, cada vez mais fiéis, da realidade na tela do computador, possibilitadas pelo constante desenvolvimento de *softwares*, são elementos fundamentais na constituição de uma Geografia Virtual.

Tanto as simulações, cada vez mais realistas, chegando próximas às sensações eminentemente humanas, através da realidade virtual (RV), como a crescente precisão dos Sistemas de Informações Geográficas (SIG's), parecem estar transportando o mundo real para dentro do computador.

Esse movimento é descrito por Batty (1997, p. 338) que identifica, por exemplo, que

Games are often manifestly geographical in that they either attempt to constitute a fictional reality or even portray a real reality, but in either event the portrayal is virtual. Practical applications for more prosaic purposes such as work often attempt to put the geography of the real world into the computer and analyze, model and predict it; the classic example in contemporary geography being geography information systems or GIS. Putting real geography and inventing fictional geography inside the computer is thus our first benchmark for virtual geography.

Dois exemplos típicos dessa condição são o game de RV, *Sim City* e, o serviço recentemente lançado pela Google, o *Google Earth* que possibilita localizar imagens de qualquer parte do globo, com resolução que permite identificar carros estacionados nas ruas. Entretanto, essas possibilidades ganham mais intensidade a partir da associação da computação gráfica com sistemas de comunicações. Essa situação estaria possibilitando imaginar novas geografias (Figuras 23, 24 e 25).

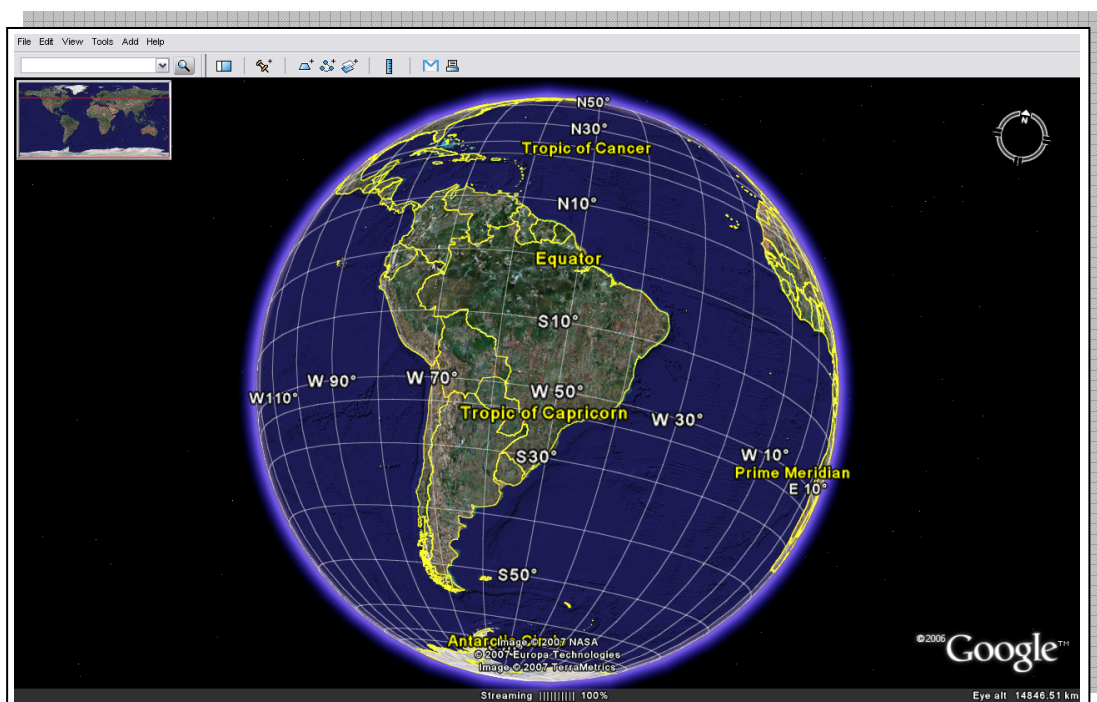


Figura 23 – Interface de apresentação do software *Google Earth* (2007).
Fonte: Software *Google Earth* (2007)



Figura 24 – Visualização do Estádio Olímpico do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, com a utilização do Software *Google Earth* (2007).
Fonte: Software *Google Earth* (2007)

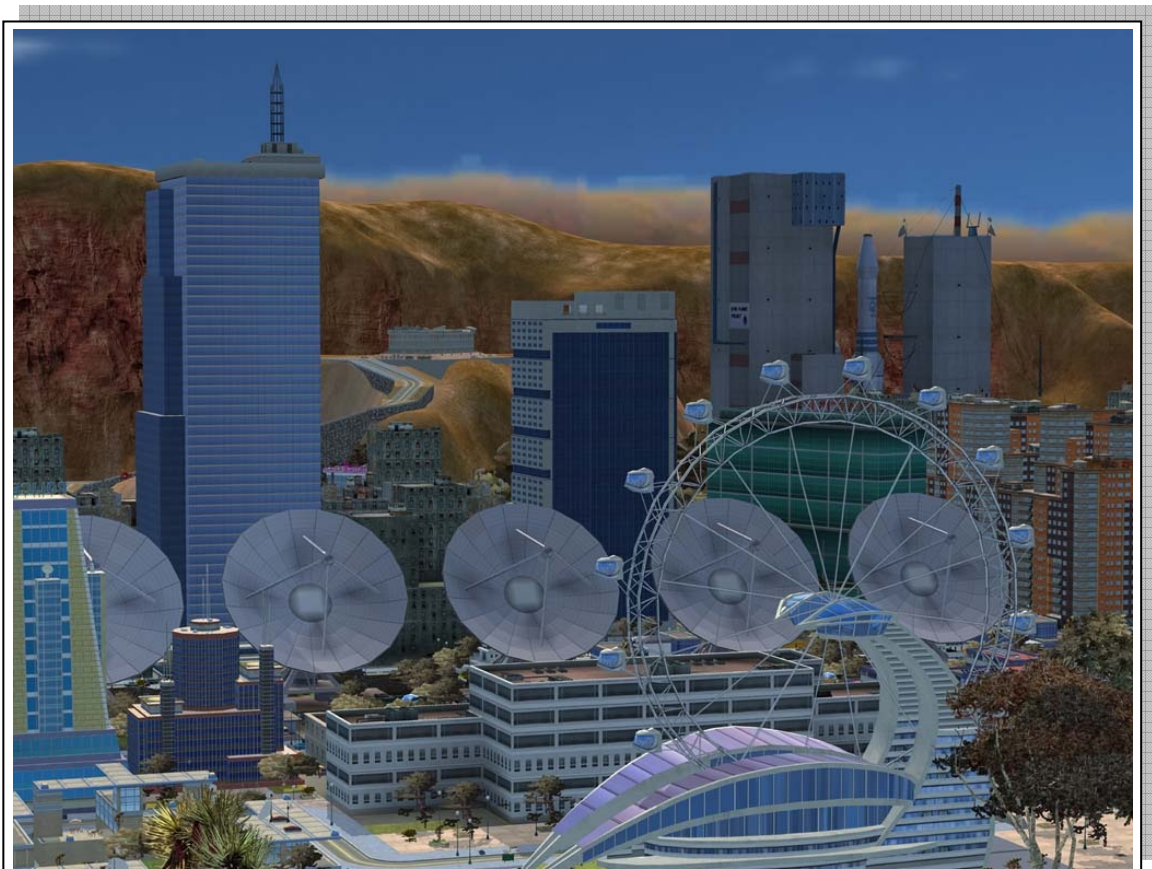


Figura 25 – Cidade Virtual criada no game *Sim City 4*
Fonte: Gamespot (2007). Disponível em:
<http://image.com.com/gamespot/images/2007/021/930964_20070122_screen009.jpg>. Acesso em 01 mar. 2007.

Desta forma, Batty (1997, p. 339-340), exemplifica as transformações na Geografia e a necessidade de diferenciar a Geografia de dentro do computador daquela Geografia de dentro das redes de computador, e argumenta que

Real geographies are being changed through virtual communications while virtual geographies are being invented over the net that have little or no resemblance to the geography of reality. [...] However, we will begin by defining clear differences between geography inside computers and geography inside computer networks, which are both distinct from the geography of computers and the geography of networks. On top of this, there is a new geography of everywhere that is being created by the very acts of embodying computation within networks and within the material infrastructure of society itself.

Ao tentar estabelecer sua Geografia Virtual, ou conforme Silva (2002) a Cibergeografia, Batty (2007, p. 340) lança mão do conceito tradicional de espaço e lugar e propõe três novos conceitos e sua articulação:

Place/space: the original domain to explain of geography abstracting place into space using traditional methods; **C-space:** abstractions of space into c(omputer)space, inside computers and their networks; **Cyberspace:** new spaces that emerge from c-space through using computers to communicate; and **Cyberplace:** the impact of the infrastructure of cyberspace on the infrastructure of traditional place.

O que Batty (1997) propõe em sua definição é que se partindo do lugar e do espaço tradicional, pode-se compreender o c-espaço que seria aquele que está dentro dos computadores, aquele que ocorre na computação gráfica, nos programas de SIG, nos ambientes de RV. São criações que ocorrem dentro do computador e que, na maioria das vezes, tendem a reproduzir a Geografia Real. É quando se associam os computadores as comunicações que se cria um novo espaço, o ciberespaço, que segundo Batty (1997, p. 343-344) seria

[...] interactivity between remote computers defines cyberspace. The move from nodes to nets requires more than simply links that swap information, for cyberspace is only created through communications that link purposeful agents which, to all intents and purposes at present, are humans.

Se a interatividade dos computadores em rede cria o ciberespaço, o autor vai definir o *cyberplace* como a infra-estrutura necessária para possibilitar a conexão das máquinas, cabos, fibras óticas, satélites, *mainframes*, servidores, etc. Assim, o autor articula seus conceitos que se tornariam dinâmicos exatamente em suas fronteiras,

pois seriam as zonas de contato entre ela que garantiriam o caráter cíclico de sua produção (Figura 26).

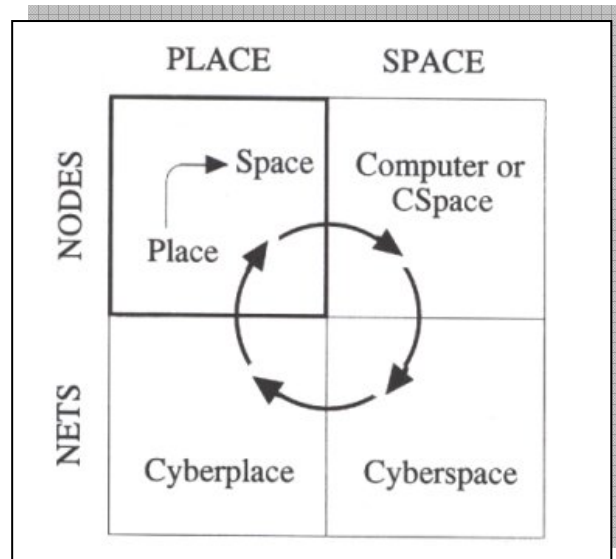


Figura 26 – Sistema de representação geográfica de Batty (1997)
Fonte: Batty (1997)

Concorda-se com a crítica de Silva (2002), sobre as limitações da proposta de Batty (1997), quando a autora comenta que:

A sugestão de Batty para novos conceitos como c-espço e ciberlugar parece não ter correspondência com as discussões teórico-metodológicas que se travam na Geografia. O lugar passou a ser sinônimo de local da infra-estrutura do ciberespaço e o espaço geográfico se resumiu ao espaço do computador e suas redes.

Entretanto, não se teve a mesma interpretação de que Batty (1997) estaria propondo uma redução do espaço geográfico ao espaço do computador. O que se concorda é que limitar o lugar ao local da distribuição infra-estrutura do ciberespaço torna-se uma redução bastante simplista. O lugar, como já se viu, é um lugar dinâmico de relação entre as pessoas, é onde ocorrem as consolidações identitárias, principalmente territoriais. Assim, como Batty (1997) definiu que o ciberespaço ocorre a partir da indissociabilidade da ação humana, o lugar também carrega essa característica, intimamente ligada às relações sociais.

No âmbito da Geografia, outra contribuição importante à cerca da temática do ciberespaço é a de Capel (2001). O autor define o ciberespaço como um novo espaço a ser explorado e povoado. Nesse sentido, Capel (2001, p. 50) afirma que

El ciberespacio es una tierra incógnita, una tierra nueva para conquistar y poblar, que está siendo conquistada y poblada. Metáforas enraizadas en la cultura americana del norte y del sur y que tiene aquí tantas resonancias (tierra libre para colonizar y poblar, nuevos contextos sociales, dinamismo) se ponen en circulación de nuevo para ese espacio virtual, un espacio que está por dominar tras la ocupación del espacio terrestre, y en el que, como en éste, aparecen pioneros que colonizan nuevas regiones y que incluso crean nuevas ciudades, como Geocities, se plantean problemas de propiedad y de acceso a ciertos lugares o informaciones, cuatros o piratas informáticos, policías que velan por la legalidad en esse nuevo espacio, sistemas sanitarios para enfrentarse a los virus.

A metaforização realizada por Capel (2001) encontra ressonância com a pesquisa proposta, pois considera-se que o ciberespaço é uma possibilidade aberta para um novo espaço a ser habitado, conquistado. O autor também reflete sobre as implicações geográficas do ciberespaço na sua relação com o espaço geográfico.

Ao relacionar o ciberespaço e o espaço geográfico, Capel (2001, p.50) identifica que

Esse espacio virtual es un espacio totalmente nuevo, que no existía antes. Una realidad paralela a la real. No tiene realidad física, solo existe en la comunicación electrónica, en los ordenadores , en los flujos eléctricos. Es un espacio immaterial pero con muchos atributos del espacio real, aunque también con otros totalmente nuevos.

Consegue-se resgatar em Capel (2001) maior afinidade quando o autor identifica que se estariam tencionando as relações sociais no ciberespaço, que a secundarização da distância geográfica estaria sendo convertida em outro valor, e que estaria ocorrendo a estabilidade dos espaços reais em prol da dinamização dos espaços virtuais. E, nesse contexto, Capel (2001, p. 51) afirma que estariam surgindo “[...] problemas nuevos sobre la percepción, la identidad y la representación social”.

Nessa perspectiva, compartilha-se do entendimento de Capel (2001, p. 54) quando esse autor afirma que

Son muchos los que ya piensan que lá difusión actual de los ordenadores e internet están afectando profundamente a la manera como pensamos y aprehendemos la realidad, que la realidad se desmaterializa y que lo que sucede en la pantalla es tan real o a veces más que el mundo real, que lo virtual es ya real, aunque sea outra dimensión de la realidad. En cierta manera puede defenderse que aunque se trate de una realidad inmaterial no por ello deja de existir: está ahí y el usuario puede entrar y moverse en ella. Y de hecho aunque sea inmaterial influye en el comportamiento real. Es muy posible que los comportamientos que se realizan o se aprenden en el mundo virtual tengan efectos sobre el mundo real: se puede aprender a

manipular el espacio virtual y aplicar eso al espacio real, como hacen los cirujanos o ingenieros, se desarrollan instintos nesesinos o de ayuda, formas de percepción, se facilita o se dificulta la relación social, etc. Sin Duda, se está ampliando la dimensión del espacio y se están construyendo nuevas geografías.

Pode-se afirmar que, para Capel (2001), o ciberespazo não apresentar limites nas possibilidades de configurar uma paisagem pós-moderna. O ciberespazo, esse novo espazo de relações sociais, de aprendizado, de experiências vividas, ao contrário do que pregavam alguns, não suprime o espazo geográfico, mas como já se abordou em Santos (1996), está tornando-o mais denso, mais encorpado.

Na perspectiva da Geografia Cultural, o ciberespazo é reivindicado por Mizrach (s/d), que argumenta sobre o seu caráter eminentemente cultural:

I mention this because today humans are busy erecting a new kind of landscape which is *totally* artificial: what many, following science fiction writer William Gibson, have called **cyberspace**. (Gibson 1984.) Though it can be used to simulate and model 'nature,' it also can exhibit properties never found in this or any other world. This new kind of space that people are coming to inhabit is curious in many ways. For one thing, it is a "no-space" because it is nowhere: a "consensual hallucination" in which people interact with widely distributed data through textual and visual representations. The laws of physics do not apply in cyberspace, and thus neither do standard limitations on human modes of locomotion, self-representation, or capabilities. Cyberspace is a cultural landscape where rivers can flow uphill and forests can be made of crystal trees - or things infinitely far more bizarre. Since these new virtual worlds we are creating are cultural products, they are logical objects of study for cultural geography.

Mitchell (2001), apesar de não utilizar o termo ciberespazo ao discutir as relações da revolução digital na estruturação da vida urbana contemporânea, descreve a *cidade em rede*. Em sua *e-topia*, o autor compara a conexão digital das cidades com diversos movimentos técnicos de outros períodos, destacando que se “[...] trata de un viejo guión representado por nuevos actores. El silício representa el acero moderno e Internet es el nuevo ferrocarril”.

No contexto social, Mitchell (2001, p. 27) argumenta que

La conexión intraurbana digital favorece la larga evolución de las poblaciones humanas desde agrupaciones aisladas de viviendas más o menos independientes hasta la ciudades conectadas, altamente integradas, en las que múltiples infraestructuras de carreteras, tuberías y cables suministran servicios centrales a los edificios y eliminan los residuos.

No Brasil, uma das pioneiras na discussão sobre o ciberespaço é Silva (2000b; 2002 e 2005). Pode-se considerá-la como a primeira geógrafa a tratar do assunto, em sua pesquisa intitulada “A (ciber) Geografia das Cidades Digitais”.

A dificuldade de abordar uma temática bastante inovadora não pode remeter a visões idealistas pois, segundo Silva (2002, p.35)

Quando se fala em ciberespaço é comum pensar em algo que não nos é palpável, imaterial, um lugar distante de nossa realidade, onde relações sociais, culturais, econômicas ao se estabelecerem se fazem no imaginário, “algo de outro mundo”, um ambiente futurístico, um divertido desenho animado dos Jetsons, criação de Bill Hanna e Joe Barbera. Essa é uma visão idealista do tempo e do espaço. Algumas tentativas de explicar o ciberespaço esbarram numa postura idealista, com todos os seus matizes, ou seja, procuram negar a realidade objetiva do espaço como forma de existência da matéria (Figura 27).

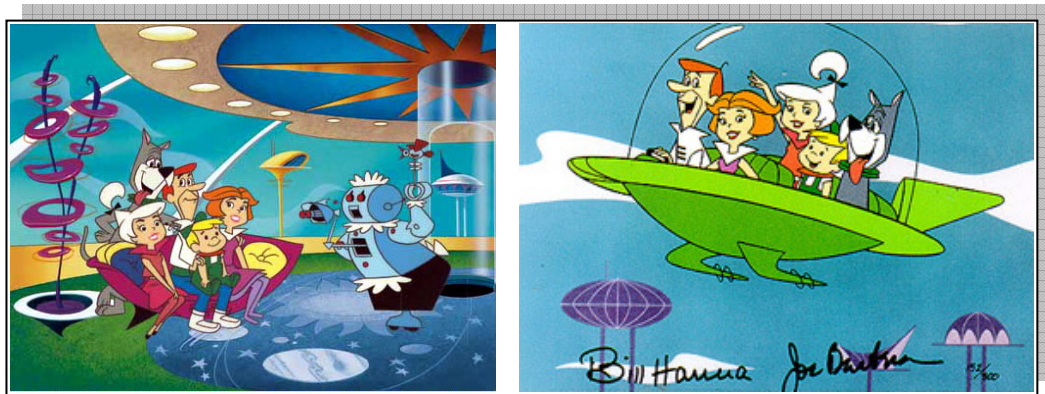


Figura 27 – Idealização de uma sociedade futurística
Fonte: Silva (2002)

Em seu trabalho, Silva (2002) coloca definições de ciberespaço, coletadas em sites da Internet. Cita-se, por exemplo, a definição encontrada no dicionário dos Hackers²¹³, designa ciberespaço como “[...] o conjunto das redes de computadores interligadas e de toda a atividade aí existente. É uma espécie de planeta virtual, onde as pessoas (a sociedade da informação) se relacionam virtualmente, por meios eletrônicos”.

Outra definição extraída da Internet, por Silva (2002, p. 51) é a do Guia das bibliotecas Universitárias na Internet²¹⁴, que define o ciberespaço como: “[...] um espaço, como a Internet, no qual as pessoas interagem por meio de computadores

²¹³ Habitualmente (e erradamente) confundido com "cracker", um hacker é, pela última definição dada, um "Problem Solver" - aquele que resolve problemas. Um cracker é aquele que direciona sua atividade para a pirataria e invasão de sistemas e computadores alheios. Disponível em: <http://geocities.yahoo.com.br/florindo_marques/hacker/ataques02.html>

²¹⁴ Endereço eletrônico: <http://www.geocities.com/Athens/Crete/9883/glossrio.htm>

conectados”. Uma característica distinta do ciberespaço é que a comunicação é independente de distância física.

Apesar da secundarização da localização geográfica, nas tentativas de definição do ciberespaço, ou mesmo, na identificação da materialidade da interconexão das redes de computadores, é preciso lembrar, conforme Silva (2002, p.53), que:

Do ponto de vista geográfico, o importante é sempre ter em mente a indissociabilidade entre espaço real e ciberespaço. As pessoas ligadas em redes podem interagir com outros indivíduos em várias partes do planeta, ao mesmo tempo, no ciberespaço. Mas ainda assim, estamos falando de espaço geográfico.

Outra geógrafa que também tem trazido essa temática no bojo de seu trabalho é Carvalho (2002) que define o Ciberespaço como

[...] um novo meio em que todos os conhecimentos humanos estão confluindo gradativamente, é um espaço de virtualidades que se projetam em nosso cotidiano e nos dão asas, multiplicando as possibilidades inerentes ao próprio mundo.

Nesse contexto, resgata-se mais uma vez Silva (2002, p. 53) quando a autora, em sua definição de ciberespaço, destaca que

Apesar de várias tentativas de definição, podemos compreender que o Ciberespaço é um espaço, resultado de uma rede técnica e de novas relações sociais. A dinâmica imaterial do ciberespaço é apoiada no avanço das forças produtivas do sistema capitalista, na sua busca incessante de aumentar a velocidade de rotação do capital e das transações mercantis e financeiras em escala planetária e é também resultante das tecnologias voltadas para a Guerra, como a Internet. Para tanto, todo um investimento em tecnologia de informação se apresenta. As grafias deixadas pelas técnicas no atual estágio de produção social do espaço se expressam nos sistemas de satélites, cabos de fibra ótica, teleportos, rede de computadores com inovações constantes em softwares, hardwares etc.

Pode-se afirmar, então, que as novas tecnologias informacionais, resultado do avanço da técnica, ganham, cada vez mais, força no cotidiano contemporâneo. Como se pode perceber, as tentativas de definição do ciberespaço muitas vezes apontam para uma compreensão de que ele associa-se à estrutura física e material das redes de computadores, suas memórias, a infra-estrutura de cabos e fibras

ópticas que garantem o tráfego dos dados. Por outro lado, é notável a compreensão de muitos pesquisadores do ciberespaço de que esta é uma visão simplista.

Da mesma forma que as relações sociais são o motor dinâmico da produção e reprodução do espaço geográfico, o ciberespaço também é permeado por um crescente tecido social, que se estabelece através de inúmeras ferramentas. Essas relações sociais são virtuais enquanto permanecem estabelecidas no ciberespaço, mas elas ocorrem, e em grande parte, potencializam relações sociais no espaço geográfico.

4.5 Locale Digital, dinamizando a *blogsfera*, consolidando o ciberespaço

A vontade de ser encontrado na *web*, de ter seu endereço no ciberespaço e de poder ter comentado seu conteúdo se proliferou com a explosão dos *blogs*. Esse sentimento era suprido anteriormente com a criação de sites pessoais, porém, esses exigiam conhecimentos técnicos de linguagens específicas como o HTML.²¹⁵ Se anteriormente só os detentores de certo conhecimento (HTML) adquiriam seu *locale* digital, com o *blog*, a moradia digital se proliferou entre aqueles que não dominavam a técnica necessária para sua construção. Assim, a Internet continua promovendo e popularizando suas funções a um número diariamente crescente de pessoas.

O mesmo entendimento sobre os *blogs* é apresentado por Recuero (2004) quando o autor enfatiza que

Eles se caracterizam, principalmente, pela forma, baseada em microconteúdo, na organização cronológica e em freqüente atualização (pequenas quantidades de textos publicadas periodicamente e atualizadas em função do tempo - o mais recente no início da página) e são populares pela facilidade de publicação na Internet (dispensam o conhecimento de ferramentas como o HTML, e simplificam o processo de construção de um site pessoal).

Para GARBIN (2003, p.1) a palavra *blog*

²¹⁵ HTML – “Hypertext Markup Language (linguagem de marcação hipertextual). Uma coleção de comandos de formatação que criam documentos hipertextuais ou, mais simplesmente, páginas da Web. Toda página da *Web* é criada a partir de código HTML, que é transmitido para o navegador (browser) do usuário. O navegador interpreta então os comandos de formatação e exibe na tela um documento contendo texto formatado e gráficos” (LÉVY, 2000, p.254).

[...] deriva de weblog – ferramenta na internet que permite qualquer usuário se cadastrar e ter um espaço próprio para escrever o que quiser. Weblog, vulgo “blog”, consiste em um diário onde os registros cotidianos podem ser inseridos na forma de notícias, literatura, análises, etc, sobre os mais diversos temas. O *blog*, por ser uma espécie de “veículo de comunicação pessoal”, tem como característica a informalidade”.

Definições semelhantes para os *blogs* são encontradas no site Blogger Brasil (GLOBO.COM, 2003), em Silva (2003a, 39-40) e Garbin (2003) os quais destacam que

[...] *blog* é uma abreviação de weblog, qualquer registro freqüente de informações pode ser considerado um *blog* (últimas notícias de um jornal *online* por exemplo). Entretanto, o processo de popularização do acesso a Rede, somado a necessidade do seu lugar digital, faz com que “a maioria das pessoas utilize os *blogs* como diários pessoais, porém um *blog* pode ter qualquer tipo de conteúdo e ser utilizado para diversos fins. Uma das vantagens das ferramentas de *blog* é permitir que os usuários publiquem seu conteúdo sem a necessidade de saber como são construídas páginas na Internet, ou seja, sem conhecimento técnico especializado.

Concorda-se que uma das principais e pioneiras funções do ciberespaço é o correio eletrônico. Entretanto, outras formas de utilização da web se desenvolvem desde sua consolidação, na década de 1990, até a atualidade. Entre essas funções, pode-se citar, além do correio eletrônico, os bancos *online*, os quais permitem, entre outros serviços, realizar transferências, pagamentos, entre outros. As *idades digitais*, que se apresentam na web oferecendo informações sobre sua infraestrutura, bem como serviços interativos com instituição administrativa, sites de compras, que permitem, aos usuários, realizarem compras, desde cremes dentais até imóveis sem precisar sair de casa; os *messengers*, ferramentas de comunicação gratuitas que identificam usuários que estão *online* no mesmo momento; o *Orkut*, comunidade virtual que permite localizar qualquer usuário cadastrado aproximando pessoas que estão distante ou que há muito tempo não se encontram, os *chats*, salas de bate-papo muitas vezes disponibilizadas por afinidades e os *blogs*.

De todos os serviços e ferramentas online, é notável a expansão alcançada pelos *blogs*. Entretanto, desde as definições que caracterizavam o *blog* como “diário *online*”, até constituição da *blogsfera*, muitas transformações ocorreram.

Segundo Blood (2000) as primeiras aparições de *blogs* datam de 1998, embora o termo tenha sido usado pela primeira vez 1997, só em 1999 ocorreu a

primeira compilação de uma lista de 23 weblogs conhecidos, era o *big bang* da *blogsfera*.

Conforme Blood (2000), a primeira iniciativa de constituir uma *blogesfera* coube a

Jesse James Garrett, editor of Infosift, began compiling a list of "other sites like his" as he found them in his travels around the web. In November of that year, he sent that list to Cameron Barrett. Cameron published the list on Camworld, and others maintaining similar sites began sending their URLs to him for inclusion on the list. Jesse's 'page of only weblogs' lists the 23 known to be in existence at the beginning of 1999. Suddenly a community sprang up. It was easy to read all of the weblogs on Cameron's list, and most interested people did. Peter Merholz announced in early 1999 that he was going to pronounce it 'wee-blog' and inevitably this was shortened to 'blog' with the weblog editor referred to as a 'blogger.'

Conforme foram se expandindo, os *blogs* começaram a serem notícias em outras mídias, mais populares, como por exemplo jornais e programas de televisão. Uma definição do *blog* foi disponibilizada, em matéria do jornal *Diário de Santa Maria*²¹⁶ de 2003, quando Oliveira (2003) descreve que

Postar, template, blogueiros e por aí vai. O dicionário dos blogs, **o diário dos tempos modernos**, parece não ter fim. E a onda de escrever sobre o próprio umbigo também. Os "escritores" de hoje não usam mais papel e caneta. É no computador que estão escondidos os anseios dos novos autores (*grifos nossos*).

Sobre a popularização dos *blogs*, Garbin (2003, p.1) relata, exemplificando como tem sido constantemente utilizados por jovens do mundo inteiro, e destaca a ênfase dada por outras mídias

Ligo a televisão num sábado qualquer e assisto, num canal aberto, a um programa²¹⁷ destinado ao público juvenil, que trata de um assunto da moda entre jovens conectados na Internet: os **blogs**... Abro o jornal impresso do dia²¹⁸ e leio uma nota: *Iraquiano conta seu drama em site da Internet*. A notícia refere-se aos registros de um iraquiano, sob o *nickname Salam Pax*, que em árabe e em latim quer dizer "Paz", o qual depois de alguns dias sem acesso à web, volta a fazer registros em seu **blog** sobre a vida diária em uma cidade sob bombardeio americano, *blog* esse que está sendo

²¹⁶ Jornal de publicação diária em Santa Maria, que abrange demais municípios da região central do Estado do Rio Grande do Sul.

²¹⁷ A referência de GARBIN (2003, p.1) é "ao programa regional semanal "Patrôla" destinado ao público juvenil, veiculado pela RBS TV aos sábados, canal aberto da Rede Globo de Televisão, que tem como uma de suas características a informalidade.

²¹⁸ Jornal Zero Hora de 25 de março de 2003, em sua sexta página.

acessado por milhões de usuários de Internet do mundo inteiro interessados em seu drama cotidiano.

A definição do *blog* como diário *online* ou virtual, também é encontrada em matéria da revista de circulação nacional, *Época*. Essa é a definição clássica para o *blog*, segundo Amorim; Vieira (2006, p.98), na qual os autores encontram que o *blog* é:

[...] um diário mantido por qualquer um na internet. A palavra parece ter surgido pela primeira vez em 1997, quando o internauta John Barger chamou seu diário pessoal na rede de “weblog”, algo como “registro na web”. Em 1999, outro navegante [Peter Merholz] resolveu fazer uma brincadeira. Quebrou o termo em dois, para gerar o trocadilho “we blog”, ou “nós ‘blogamos’”. Aí a palavra “blog” pegou. Tornou-se **sinônimo de qualquer diário ou registro mantido na internet**. Você vai lá, escreve um texto, publica uma foto, um filme, põe links para o que mais julgar interessante na rede e pronto. Está feito seu blog.

Encontra-se uma definição, ou no mínimo uma caracterização para o diário, em matéria sobre o tema, intitulada *Segredos e Confidências*, publicada no jornal *A Razão*²¹⁹, no qual Dutra (2003) utiliza termos que remetem ao entendimento de intimidade, de privado, e argumenta que:

Papéis de bala, letras de música, fotos, recados, cartas, bilhetes, poemas e pensamentos. O que há de tão importante nas agendas das meninas, aqueles objetos que guardam confidências e segredos e que, geralmente, são “intocáveis”? Motivo de curiosidade entre os amigos, as agendas registram os fatos mais marcantes da vida das adolescentes. A estudante Vanessa Dutra Machado, de 15 anos, já teve a agenda “roubada” pelos colegas. Ao contrário do que poderia sentir grande parte das amigas, ela não se importou muito. [...] No entanto, o mesmo não ocorreu com uma colega da estudante. “Eu tinha cartas de uma amiga, que os meninos acabaram lendo. Tinham segredos dela e coisas sobre mim. Ela ficou muito chateada com o que aconteceu”.

Essa é uma concepção clássica de um diário tradicional, um local onde se guarda segredos, e que geralmente, tem seu uso atribuído a pessoas do sexo feminino. Em que pese a discussão espacial à cerca do gênero, onde o espaço público é atribuído ao sujeito masculino, espaço do trabalho, espaço da vida pública, e o espaço privado, do lar, das tarefas domésticas, das atribuições de mãe, ao feminino, o diário, em sua versão tradicional, encerra essa distinção bem marcante.

Entretanto, com o surgimento dos *blogs*, inicialmente dominados pelo sexo feminino, até mesmo pela sua associação direta com o diário tradicional, o sentido

de privado perde seu significado. A caracterização de espaço privado, de segredos e confidências, agora ganha caráter de espaço público com os *blogs*. Nesse sentido, Amorim; Vieira (2006, p.98) destacam que essa mudança:

Tradicionalmente, os diários eram escritos em pequenos cadernos por quem queria manter as coisas em segredo. Pois na internet eles se transformaram em manifestações públicas e coletivas. Um faz referência ao outro. Um comenta o outro. Um se inspira no outro. E essa multidão de blogs que se entrecruzam e se relacionam ficou conhecida como *blogsfera*.

A multidão de *blogs* a que se referem os autores está diretamente ligada a um crescimento constante e a uma fantástica velocidade. Para ilustrar a velocidade do crescimento da *blogsfera*, destacam-se os números publicados no mês de julho de 2006, por Amorin; Vieira (2006, p.98), que afirmavam que:

O número de blogs em todos os idiomas é hoje 60 vezes maior do que era há três anos e já ultrapassou a marca de 40 milhões de páginas. De acordo com o site Technorati, que cataloga e faz buscas em blogs no mundo inteiro, são criados 75 mil blogs por dia. Isso dá uma média de um novo blog por segundo. Há um blog para cada 25 pessoas on-line.

Menos de seis meses mais tarde, em dezembro de 2006, os números já apresentam alterações significativas, tanto em termos absolutos, quanto na média diária de *blogs* criados. Nessa perspectiva, Angerami (2006) não só ilustra os dados como destaca as transformações qualitativas no significado dos *blogs*, relatando que:

As estatísticas mais recentes, divulgadas pelo site Technorati, apontam que são criados nada mais nada menos do que 100 mil novos blogs por dia. O número total de blogs já alcança a considerável marca de 57 milhões. Eles funcionam como uma vitrine para mostrar para o mundo inteiro o que você quiser. E, se no início, a maioria usava a ferramenta para falar de questões pessoais, hoje tem muita gente que descobriu neles uma forma de mostrar suas habilidades profissionais. Mas, com tanta concorrência, como se destacar?

Ao mesmo tempo em que cresce em progressão geométrica o número de *blogueiros/as*, crescem, na mesma proporção, as diferentes finalidades de criação de um *blog*. Dessa forma, Amorim; Vieira (2006, p.101-102) destacam que

²¹⁹ O jornal diário *A Razão* é uma publicação da cidade de Santa Maria e abrange outros municípios da região central do Estado do Rio Grande do Sul.

Hoje, os blogs deixaram de ser meros “diários on-line”. Eles dão notícias, contam piadas, fazem política, criam arte e podem ser considerados até literatura. [...] Os blogs interferem na cultura, na carreira, nas empresas, na política, enfim, em todas as áreas da vida. O poder de fogo deles já chegou perto de derrubar um presidente dos Estados Unidos. Em janeiro de 1998, o Drudge Report, blog de um americano que mal acabara de concluir o ensino médio e ganhava dinheiro vendendo camisetas, publicou a informação de que a revista americana *Newsweek* havia omitido uma reportagem acerca do envolvimento sexual de Bill Clinton com sua estagiária. Ele soube do caso Monica Lewinsky por meio de uma dica passada por um de seus leitores.

Outro aspecto que se pode destacar, é a mobilidade com as redes sem fio (Wi-Fi) proporcionam. Se, como se constatou, a velocidade com que se propagam os *blogs* vêm causando transformações significativas nas formas de sociabilização e, mesmo, de disponibilizar informações omitidas pelos meios de comunicação tradicionais, essas condições podem ganhar agora o status de *ao vivo*.

Nesse contexto, Pellanda (2006, p. 201-211) destaca que os *blogs* associados à mobilidade têm reforçado seu caráter jornalístico, e que

O relato do diário passa a ser a narração de conteúdos que estão sendo vivenciados em tempo real, e não mais experiências contadas somente quando se tem um computador disponível. Este conteúdo pode ser tanto de caráter pessoal como jornalístico. Diversos casos de Blogs que reportam eventos e acontecimentos começam a ser gerados de aparelhos com o laptops, celulares (telemóveis) ou palmtops. [...] O ambiente móvel tem amplificado esta tendência de usuários editores colocando a possibilidade de narração dos fatos vividos no ambiente real. Se os Blogs já potencializam diversos tipos de diálogos, os Blogs móveis, ou Moblogs, são narrações instantâneas de fatos com publicações instantâneas.

O grande diferencial dos *blogs* é o seu caráter de sociabilidade, uma das vantagens apresentada pelos *blogs* é poder dispensar o uso de técnicas e linguagens de programação avançadas para serem contruídos. Agrega-se a isso uma velocidade de propagação e as possibilidades de interatividade as quais têm como resultado a constituição de inúmeras redes de sociabilidade. A soma de todas essas redes convencionou-se chamar de *blogsfera*. Apesar de amplamente utilizada a *blogsfera* apresenta distintas definições para seu conceito. As primeiras definições podem ser encontradas na Wikipédia (2007), disponibilizada em língua inglesa e italiana. A versão italiana da *blogsfera* praticamente limita sua definição ao referente a *blog*, definindo a *blogsfera* como

[...] è un neologismo che riguarda, nell'ambito di internet, l'insieme dei blog. I blog (o diari in rete) sono fortemente interconnessi: i bloggers (o bloggisti o

blogonauti) leggono blog altrui, li linkano (creano dei collegamenti), e li citano nei propri post (messaggi). A causa di ciò i blog fra loro interconnessi hanno sviluppato una propria cultura. Si può notare una certa assonanza con il termine Biosfera.

Entretanto, a versão inglesa da Wikipédia (2007) apresenta uma definição mais aprofundada, a qual se tem que

The term blogosphere was coined on September 10, 1999 by Brad L. Graham, as a joke. It was re-coined in 2002 by William Quick, and was quickly adopted and propagated by the warblog community. As of 2006, some people still treat the term blogosphere as a joke; however, National Public Radio's programs Morning Edition, Day To Day, and All Things Considered have used the term several times to discuss public opinion. The term bears a similarity to a much older word, "logosphere". In the Greek roots, "logo" means "word," and "sphere" can be interpreted as "world," resulting in "the world of words," the universe of discourse. The term also recalls the pronunciation and the meaning of the term "noosphere". The notion of a blogosphere is an important concept for understanding blogs. Blogs themselves are essentially just the published text of an author's thoughts, whereas the blogosphere is a social phenomenon. What differentiates blogs from webpages or forums is that blogs can be part of a shifting Internet-wide social network formed by many links between different blogs. The blogosphere is emerging as a gauge of public opinion and cultural memes, and has been cited in both academic and non-academic work as evidence of rising or falling resistance to globalization, voter fatigue, and many other phenomena.

Da definição inglesa de *blogosphere*, três elementos podem ser destacados: o caráter escalar de sua dimensão; a definição de *mundo dos discursos* e sua aproximação com a noção de noosfera²²⁰ e a diferenciação com o *blog* e sua definição como fenômeno social. A versão italiana para a *blogsfera* não é desprezível e reforça o caráter da interconexão entre os/as *blogueiros/as*. Menciona o papel dos *links* criados entre eles e que dinamizam a *blogsfera*. A relação manifestada com a biosfera reafirma a essência, eminentemente, cultural das relações, pois, se na biosfera tem-se o espaço de relação de todos os seres vivos, na *blogsfera* são possíveis as relações de todos/as *blogueiros/as*.

²²⁰ Segundo a Wikipédia (2007), "A **Noosfera** pode ser vista como a "esfera do pensamento humano", sendo uma definição derivada da palavra grega *vouç* (*nous*, "mente") em um sentido semelhante à atmosfera e biosfera. O conceito da noosfera é atribuído ao filósofo francês Teilhard de Chardin. Segundo ele, assim como há a atmosfera, a geosfera e biosfera, existe também o mundo ou esfera das idéias, formada por produtos culturais, pelo espírito, linguagens, teorias e conhecimentos. Seguindo esta linha de pensamento, alimentamos a noosfera quando pensamos e nos comunicamos. A partir de então, o conceito de noosfera foi revisto e conseqüentemente sendo previsto como o próximo degrau evolutivo de nosso mundo, após sua passagem pelas posteriores transformações de geosfera, biosfera, "tecnosfera" (temporária e em andamento) e, então, a noosfera". Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Noosfera>>. Acesso em: 12 fev. 2007.

Entretanto, os três elementos destacados da *blogosphere* são importantes na medida em que permitem algumas reflexões. A primeira é a idéia de escala. Quando se fala em biosfera, logo se remete à idéia de planeta. Quando se refere a *blogsfera*, também se pode remeter à idéia de conexões planetárias. Também se pode observar que a *blogsfera* é constantemente reduzida à escala dos usuários imediatos de um serviço, de um país e de um estado. Dessa forma, pode-se dizer que a *blogsfera* investigada foi a do *Mundo Pequeno*, e não a *blogsfera* dos/as brasileiros/as que residem no exterior, pois existem outros dispositivos que concentram outros *blogs* que não são os analisados.

Por outro lado, a *blogsfera* fornece uma noção para definir a escala de análise em futuras pesquisas. Ou seja, delimitar uma *blogsfera* para análise. Nesse sentido, um exemplo bastante significativo é a *I Enquisa a blogueiros/as galegos/as*. Essa pesquisa realizada na região da Galícia, na Espanha, levanta uma série de dados sobre os/as *blogueiros/as* e sua relação com os de outra e região e de todo país.

Nesse sentido, Garrido (2006), ao relatar as diferentes escalas de pesquisa, reivindica a *blogsfera* para limitar cada uma delas, e explica

Así, realizáronse tres enquisas diferentes, unha á **blogosfera galega**, outra á **hispana** e outra á **catalana**, mantendo estas enquisas o mesmo cuestionario e variando só algún dos bloques de preguntas, como o caso do bloque de “Sociolingüística” desta enquisa que nos ocupa. [...] Pese a que na teoría a **blogosfera galega** é una das comunidades de blogueiros máis integrada, isto non se pon de manifesto nas diferentes variabeis empregadas para medir a “rede social” dos blogueiros galegos.

Outra definição esclarecedora da *blogsfera*, na distinção escalar, é encontrada em Cerezo (2006, p. 217) que, em seu glossário, define-a como

Término usado para referirse a la totalidad de weblogs, traducción del término en inglés *blogosphere*. En ocasiones el concepto *blogsfera* se utiliza para referirse al conjunto de todos los blogs, en otras se utiliza para referirse a agrupaciones parciales de blog, como por ejemplo la *blogosfera hispana*, la *blogosfera política*, etc. La *blogosfera*, en tanto que espacio de comunicación compartida, es resultado de la interconexión de los blogs a través de mecanismos como los *hiperenlaces*, los comentarios, etc.

O segundo aspecto da definição inglesa para a *blogsfera*, sua caracterização como “mundo dos discursos” é bastante interessante, pois é nesta perspectiva que os *blogs* tornam-se investigáveis cientificamente. A partir dos discursos manifestados em seus *posts*, ocorre a identificação com a noosfera, pois, esta como

“esfera das idéias formada por produtos culturais, pelo espírito, linguagens, teorias e conhecimentos”, é muito próxima não só da *blogsfera*, como do ciberespaço.

A definição inglesa para a *blogsfera* apresenta uma distinção entre ela e os *blogs*. No entanto, discorda-se dessa distinção, pois, não se acredita que o *blog* é apenas texto. Concorde-se com definição de fenômeno social para *blogsfera*, mas não se pode reduzir ou suprimir o papel social do *blog*, pois, é nele, em seus comentários e links, como argumenta Cerezo (2006), que está a dinâmica da *blogsfera*, e é essa característica que permite definir o *locale* digital.

Partindo dessas premissas, pôde-se identificar quatro momentos que permitiram forjar tal termo. No primeiro, considerou-se o trabalho de Silva (2003a) o qual já mencionava o *blog* como lugar digital. O segundo teve como base a leitura de Santos (1996), em sua discussão acerca do global e do local. No terceiro, resgatou-se na leitura de Giddens (2003), o qual substituiu o local por *locale*, por acreditar ser o segundo termo mais adequado e, por último, ou seja, o quarto momento foi organizado reportando-se a definição de Batty (1997) do ciberlugar.

O primeiro momento, é aquele em que a definição aparece mais “solta”. Isso ocorre em Silva (2003a), quando o autor se utilizou dos *blogs* para identificar as identidades de gênero. Dessa forma, esboçou-se a definição desses por serem o “lugar digital” no ciberespaço. Silva (2003a) definia *blog* na perspectiva de os usuários de internet buscarem um espaço para serem encontrados, serem identificados, enfim, se sentirem parte do novo mundo. Era uma definição quase metafórica ou análoga ao espaço material.

Entretanto, ao se buscar outros subsídios para a pesquisa, encontrou-se em Santos (1996), elaborações significativas para tentar consolidar o “o local digital”. O autor, ao discutir o global e o local, na perspectiva das técnicas, identifica que o global acaba por se constituir no espaço da racionalidade, enquanto o local seria o espaço da escassez. Assim, quanto mais racional e técnico a caracterização de um espaço, mais global e desterritorializado, quanto mais escasso em termos técnicos, mais localizado e territorializado o espaço se torna.

Nesse contexto, Santos (1996, p. 247) afirma que:

O fato de que a produção limitada de racionalidade é associada a uma produção ampla de escassez conduz os atores que estão fora do círculo da racionalidade hegemônica à descoberta de sua exclusão e à busca de formas alternativas de racionalidade, indispensáveis à sua sobrevivência. A racionalidade dominante e cega acaba por produzir os seus próprios limites.

O ciberespaço, enquanto técnica universal, é global e racional, um espaço da racionalidade. Entretanto, a *blogsfera*, ao fomentar “a intensidade das relações sociais”, ao reafirmar discursos de um espaço de escassez, seja pela limitação das técnicas disponíveis, seja pelo caráter dispensável da linguagem HTML, acaba por expressar no *blog* o local, entendendo-o como o local da interrelação e não de escassez.

Admitindo-se de que o *blog* era o lugar digital, iniciou-se uma busca mais aprofundada através desta pesquisa. Assim, ao realizar a leitura de Claval (2002) e Giddens (2003), chegou-se ao *locale* digital. Acreditou-se ser mais adequado o termo *locale*, mantido em sua pronúncia original. Ele designa o que Giddens (1987 apud CLAVAL, 2002, p.31), define como “[...] unidade elementar de relações sociais, de cultura, de sentidos e de lugares compartilhados”, e por considerar que o *locale* tem “[...] limites mutantes e não se confunde nem com um ponto nem com uma área específica”, por isso *locale* e não lugares.

O último momento de consolidação da convicção da validade de constituir o *blog* como *locale* digital, vem da leitura de Batty (1997). Esse autor cria o conceito de ciberlugar, que para ele, são os espaços físicos onde se instalam os equipamentos necessários para viabilizar o ciberespaço. Acredita-se que este é um conceito equivocado, pois, com já se demonstrou no item anterior, o lugar pressupõem outro significado, para a Geografia, do que o mero suporte físico.

Então, por que o *blog* não é o ciberlugar? Porque, como se demonstrou nesses quatro momentos, a definição do *locale* digital vem sendo constituída no decorrer do tempo, e se teve contato com a definição de ciberlugar de Batty (1997) posteriormente, entretanto, sua noção serviu para consolidar a definição proposta.

O *locale* digital, poderia, então, ser definido como porção do ciberespaço, onde se privilegiam as relações sociais e culturais, na perspectiva de constituir espaços de racionalidade alternativa, sem limites definidos, e que encontra no *blog*, sua principal representação.

O sentido dado ao *locale* digital poderá ser percebido com maior intensidade ao se ir ao seu encontro, ao explorá-lo empiricamente. E isso será realizado no próximo capítulo quando, ao se investigar os *locales* digitais dos brasileiros, contata-se que eles acabam cumprindo exatamente esta função. O *locale* digital funciona como espaço privilegiado na (re) construção das referências identitárias de pessoas que estão longe dos seus símbolos e memórias, que estão longe da sua antiga territorialidade.

5 NÃO SOU BRASILEIRO, NÃO SOU ESTRANGEIRO...

Antes de iniciar as análises, que permitiram localizar os processos de constituição das identidades territoriais, considerou-se pertinente traçar um perfil sócio-cultural dos/as *blogueiros/as* investigados. Dessa forma, identificou-se variáveis de gênero, idade, motivos de saída do Brasil, profissão, cidade de origem e país de destino dos/as brasileiros/as, duração do *blog*, local onde foi criado o *blog* e como esses indicadores de perfil podem contribuir com as análises.

Estabelecido o perfil dos/as *blogueiros/as*, partiu-se para a análise dos processos de constituição identitário. Baseado na perspectiva da metodológica da New Geography Cultural, buscou-se, através dos discursos manifestados nos *blogs*, falas que pudessem apontar para a compreensão de como são operadas as identidades dos/as migrantes brasileiros/as. Essa busca ocorre articulada com o entendimento de que as identidades podem ser territorializadas, desterritorializadas ou reterritorializadas.

Realizou-se uma reflexão sobre a articulação proposta, ou seja, verificou-se as perspectivas que a temática apresenta. Sabe-se que a mobilidade humana no território nacional e por outros países sempre ocorreu. Os brasileiros que se deslocam para outros países enfrentam dificuldades em constituir uma identidade territorial uma vez que os contatos culturais sempre oferecem resistência, o que acaba se tornando um desafio. Entretanto, com a emergência das novas tecnologias informacionais e o advento do ciberespaço, esse processo é minimizado. Nesse sentido, têm-se algumas preocupações, como verificar qual é o papel do ciberespaço nesse processo? Como o ciberespaço intervém no processo de identificação territorial? Essas são questões desafiadoras e para as quais se apresentam reflexões no sentido de esclarecê-las e/ou aprofundá-las.

5.1 Quem são eles/as então? Primeiro perfil

As análises realizadas partiram, inicialmente, da Figura 28 construída com os indicadores de perfil dos usuários dos *blogs* analisados. Ela também ilustra o universo

dos/as *blogueiros/as* e suas principais características. A partir dessas informações foi possível realizar as análises preliminares no sentido de verificar quem são os brasileiros que integram a diápora? De onde vêm? Para onde vão e por que se deslocam?


























































<i>País</i>	<i>Estado de Origem</i>	<i>Sexo</i>	<i>Idade</i>	<i>Profissão</i>	<i>Motivo da Saída</i>	<i>Criado em:</i>	<i>Criado no/a</i>	
Egito		Sorocaba	F	27	Jornalista	Trabalho (incerto)	Set 2003	
Argentina		São Paulo	F	29	Designer de Bijouterias	Casamento	Mai 2004	
Chile		Porto Alegre	F	40	Formada Engenharia	Casamento	Jun 2004	
Canadá		Leme	M	31	Não Identificada	Casamento	Mai 2004	
Estados Unidos		Rio de Janeiro	M	27	Engenheiro	Estudo Doutorado	Mai 2002	
		Duartina	M	60	Gerente Restaurante	Trabalho	Mai 2003	
		Campinas	F	30	Mestrado Física	Namorado, estudo	Jul 2001	
		Rio de Janeiro	F	30	Aulas de Português	Casamento Canadense	Fev 2002	
		São Paulo	F	32	Não Trabalha	Casamento	Dez 2003	
Coréia do Sul		Santo André	M	30/40	Executivo Gerente GM	Profissão	Mai 2006	
Emirados Árabes		Rio de Janeiro	F	32	Não identificada	Casamento? Profissão?	Mar 2001	
Índia		São Paulo	F		Professora Geógrafa	Casamento	Jul 2005	
Israel		Belo Horizonte	M	25	Jornalista	Profissão	Out 2004	
Japão		Goiânia	F	37	Professora	Descendência	Mar 2003	
Líbano		Rio de Janeiro	M	28	Estudante Jornalista	Estudo Mestrado	Fev 2001	
Alemanha		Diadema	M	25/30	Criador de Softwares	Visto de Trabalho	Jan 2003	
Bélgica		Goiânia	F	25/30	Jornalista	Trabalho	Fev 2005	
Dinamarca		Porto Alegre	F	34	Advogada	Casamento	Jan 2005	
Escócia		São Paulo	F	25/35	Advogada	Casamento	Fev 2005	
Espanha		Curitiba	F	25/30	Psicóloga	Estudo ficou - 29/11/89	Jan 2003	
Finlândia		Brasília	F	33	Arquiteta	Casamento	Ago 2004	
França		Rio de Janeiro	F	20/30	Mestranda Química	Mestrado	Jul 2005	
Holanda		Belém	F	31	Informática	Pai Holandês Mãe Belga	Mai 2003	
Inglaterra		Recife	F	25/30	Stipper	Visto de estudante	Mai 2002	
		Rio de Janeiro	F	32	Estudante Mestrado	Estudo	Jul 2004	
Itália		Salvador	F	28	Redatora de sites	Casamento	Ago 2003	
Portugal		Fortaleza	F	25	Contadora	Casamento	Set 2006	
Suécia		Fortaleza	F	??	Dona de Casa	Casamento	Jul 2004	
Suíça		Enseada dos Corais	F	20/30	Loja do aeroporto	Casamento	Mar 2005	

Figura 28 – Indicadores de perfil dos/as *blogueiros/as* cadastrados/as no site Mundo Pequeno (2006) Org. Silva, Gustavo Siqueira da, (2005/2006).

O primeiro dado examinado refere-se ao gênero. Do total de brasileiros/as investigados/as e que residem no exterior, a ampla maioria é do gênero feminino. Do total de *blogs* analisados, 75,80% são mantidos por mulheres e apenas 24,20% são do gênero masculino. Essa informação é significativa, pois em outra pesquisa relacionada ao perfil dos/as *blogueiros/as*²²¹ esse percentual ocorre de forma contrária. Garrido (2006) aponta que, na Espanha e nos Estados Unidos, cerca de 60% dos/as *blogueiros/as* são do gênero masculino.

É difícil precisar o motivo desta inversão. No entanto, pode-se inferir algumas hipóteses. Cita-se, como exemplo, a de que ainda prevalece a idéia de que o *blog* é um diário, e assim, seria algo essencialmente feminino. Outra hipótese refere-se ao motivo da saída. A maioria dos/as *blogueiros/as* que compõem a migração brasileira emigraram do país por terem casado com alguém do país ou continente de destino. Como a sociedade contemporânea ainda guarda forte característica patriarcal nas relações matrimoniais, essa faz com que, na maioria das vezes, as mulheres acompanhem os maridos (Figura 29).

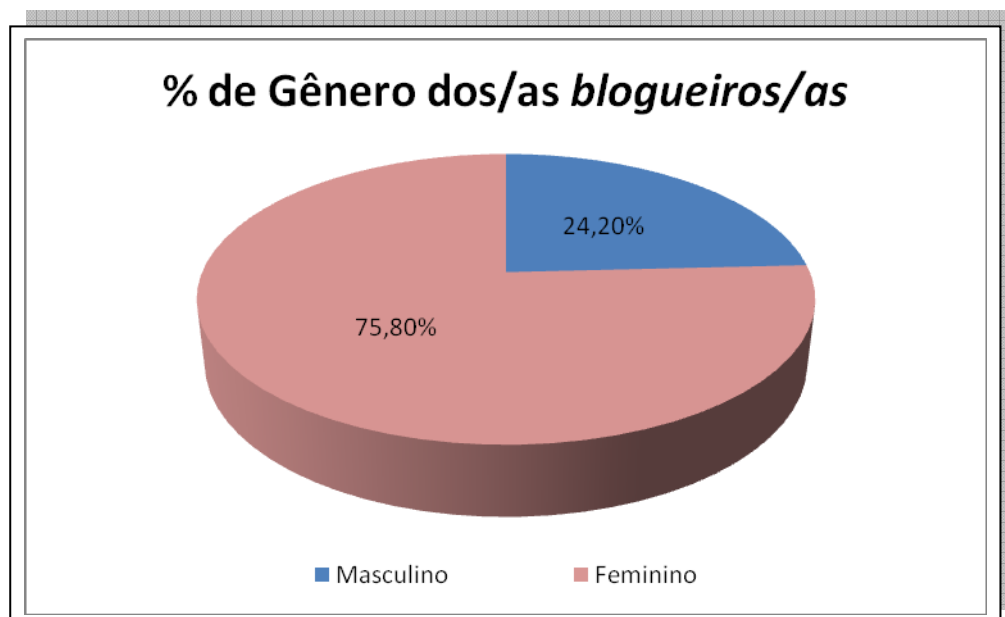


Figura 29 – Percentual de *blogueiros/as* investigados quanto ao gênero
Org. Silva, Gustavo Siqueira da, (2007).

Em relação a faixa etária dos/as *blogueiros/as* não há uma variação expressiva. Todos os/as *blogueiros/as* possuem mais de 25 anos. Tal fato pode estar associado à necessidade da maioridade para sair do país. Entretanto, poderia haver filhos/as desses/as brasileiros/as que recorreriam ao ciberespaço para

²²¹ Garrido, Fernando. *I Enquisa a bloqueros/as galegos/as*. 2006.

resgatar suas raízes culturais. Entretanto, não foi a resposta encontrada, pois, em alguns casos, os/as filhos/as são gerados/as no país de destino dos brasileiros. Esses, por nascerem em uma cultura diferente do pai ou da sua mãe, possivelmente constituirão outras referências identitárias.

A maior parte dos *blogueiros/as* situa-se na faixa entre 25 e 29 anos. Salienta-se que há equilíbrio significativo com aqueles/as *blogueiros/as* que estão entre os 30 e 34 anos. Tal situação leva a afirmar que na *blogsfera* Mundo Pequeno, os *blogueiros/as* da diápora brasileira têm majoritariamente idades entre 25 e 35 anos (Figura 30).

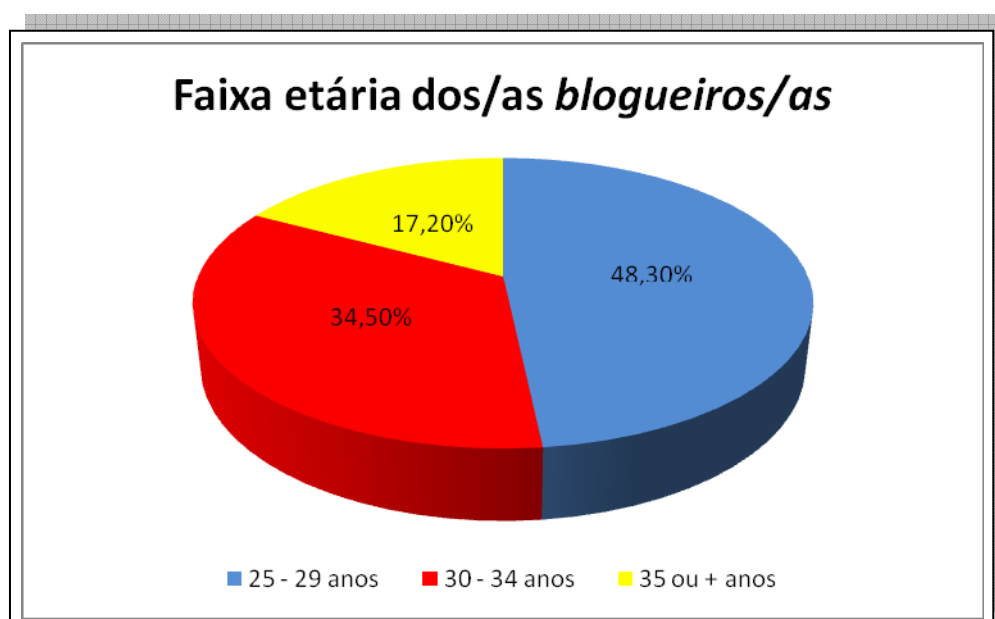


Figura 30 – Faixa etária dos/as *blogueiros/as* investigados
Org. Silva, Gustavo Siqueira da, (2007).

De acordo com os dados coletados pode-se inferir que os motivos que levam os/as brasileiros/as que mantêm um *blog* no site Mundo Pequeno a deixarem o país são basicamente três: casamento, trabalho e estudo. Na maioria das vezes, a saída acontece pelo matrimônio com alguém do país ou continente de destino. Essa é uma situação bastante curiosa mas, como se analisou no capítulo 2, está diretamente associada ao movimento de migrantes das ex-colônias para os países centrais na busca, muitas vezes, de satisfazer os anseios consumistas “plantados” pelo imperialismo capitalista do colonizador, que experimenta a reação de suas ações, em um movimento de migração não planejada de fora para dentro de seus limites territoriais.

Encontram resposta semelhante os outros motivos de saída do país por parte dos/as *blogueiros/as* do Mundo Pequeno. A busca por trabalho e qualificação profissional através de, principalmente, cursos de pós-graduação, aparecem logo após o casamento, com índices percentuais iguais (20,69%) de brasileiros que saem para almejar uma melhor posição social. Da mesma forma que, através dos casamentos, esses outros motivos que levam os/as brasileiros/as a deixar o país estão associados ao movimento global de migrantes das ex-colônias para os países desenvolvidos. Poderia ser utilizada para essa situação uma analogia ao exôdo rural brasileiro, no qual as populações camponesas, iludidas por supostas melhorias de condições vida na cidade, acabava constituindo bolsões de pobreza nas periferias urbanas. No caso do movimento migratório brasileiro, a diferença é que essa atração por melhores condições de vida, muita vezes, efetiva-se. Nesta pesquisa, tal fato ocorre em 100% do *corpus* analisado (Figura 31).

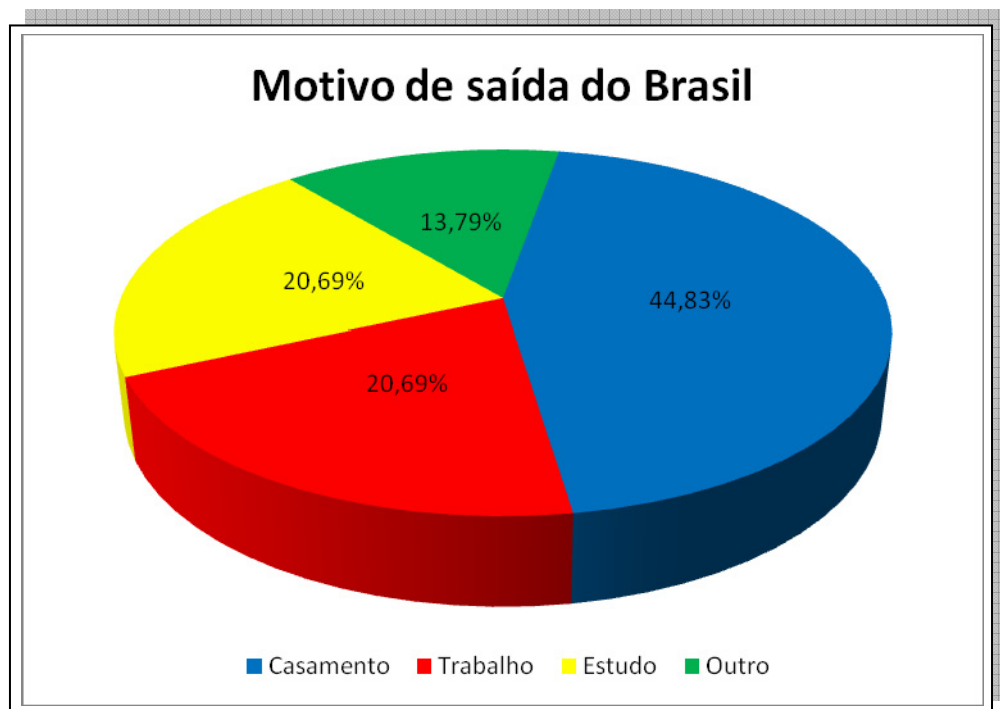


Figura 31 – Percentual dos motivos de saída do Brasil
Org. Silva, Gustavo Siqueira da, (2007).

Considerando que as razões de os/as brasileiros/as deixarem o país estão associadas à mistura étnica e cultural, e também a divisão internacional do trabalho responsável por profundas desigualdades entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Ao submeter estas questões à variável gênero, percebe-se que há significativa correlação entre elas.

Os motivos originários da migração brasileira apresentam forte diferenciação de gênero. Se as mulheres são maioria no movimento migratório, que utiliza o ciberespaço, elas saem do país reproduzindo uma relação patriarcal, acompanhando seu marido. No entanto, quando se investigaram os motivos que levam os homens a sair do Brasil, encontram-se como respostas o trabalho e o estudo.

Observando-se a Figura 32, pode-se identificar que o número maior de pessoas que saem do Brasil, e mantêm um *blog*, são mulheres, e essas não refletem a saída por uma busca independente de uma melhor situação social. Enquanto mais da metade dos homens buscam uma migração independente, as mulheres, a fazem dependendo de uma relação conjugal.

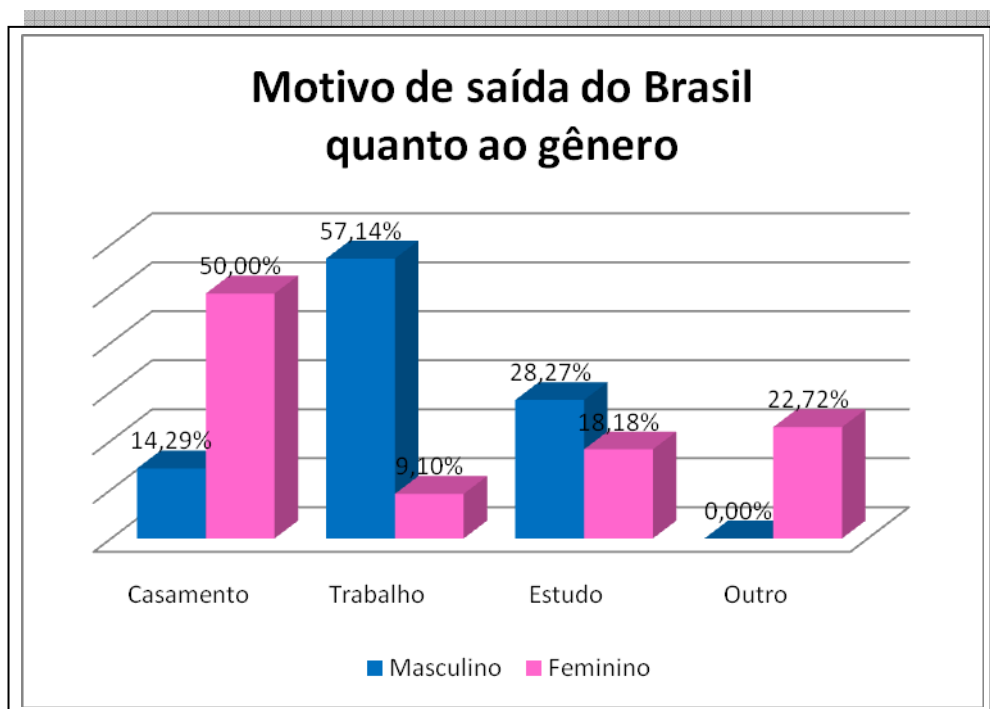


Figura 32 – Comparação dos motivos de saída do Brasil quanto ao gênero
Org. Silva, Gustavo Siqueira da, (2007)

Dessa forma, verificou-se que 57,14% dos homens migram na busca de trabalho e 28,27% de aperfeiçoamento profissional através do estudo. Quando se analisa as mulheres, tem-se em 50% dos casos que as mesmas se aventuram em “terra estrangeira” somente com um companheiro natural do país para qual estão migrando. Os motivos de trabalho e estudo para as mesmas saírem do país são bem inferiores, 9,10% e 18,18% respectivamente. Outros motivos encontrados para a

saída do Brasil são exclusivos das mulheres. Citam-se a descendência e as viagens de passeios. Essas, esporadicamente, podem se tornar permanentes.

Salienta-se que as mulheres que casam com estrangeiros e os homens que buscam melhores condições profissionais através de trabalho e estudo, saem do Brasil e, procuram, no ciberespaço, manter sua identificação com a brasilidade através da manutenção de um *blog* cadastrado no site Mundo Pequeno “o índice de *blogs* de brasileiros no exterior”. É oportuno destacar que brasileiros/as são estes/as, de onde vêm e de qual estados brasileiro eles estão saindo (Figura 33).



Figura 33 – Classificação regional segundo o meio técnico-científico-informacional
 Fonte: Silva; Silveira (2001), Adaptado do Atlas geográfico escolar. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.
 Org. Silva, Gustavo Siqueira da. Siqueira da, (2007).

Nesse sentido, mais de 60% dos brasileiros saem da região que Santos; Silveira (2001) denominaram, em sua classificação regional do Brasil, segundo o meio técnico-científico-informacional, região concentrada, composta pela região sul e sudeste. A maior procedência de brasileiros/as dessa região está diretamente associada ao número de *links* disponíveis nela para o resto do mundo. Ou seja, a

infra-estrutura de aeroportos, de sedes de grandes corporações, dos maiores centros educacionais e de pesquisa do país estão nesta região, ou seja, ela representa a melhor e maior porta de acesso ao mundo globalizado.

A região que abrange os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul representam 68,75% da procedência de brasileiros que deixam o Brasil e cadastram seu *blog* no Mundo Pequeno. O percentual de brasileiros/as que possuem *blog* e que deixam o Brasil de outras regiões é baixo, ou seja, 13,79% da região nordeste, 6,89% da região Centro-Oeste e 3,45% da região Norte deixam o país e mantêm um *blog* (Figura 34).

Se a concentração ocorre nessa região, as principais representações estaduais na migração brasileira estão nos estados de São Paulo (34,48%) e Rio de Janeiro (20,69%). Obviamente, essa situação é caracterizada pelas condições que esses estados oferecem tanto para a saída dos brasileiros como pela entrada de estrangeiros. São os principais *links*, como já se mencionou, entre o Brasil e o mundo.

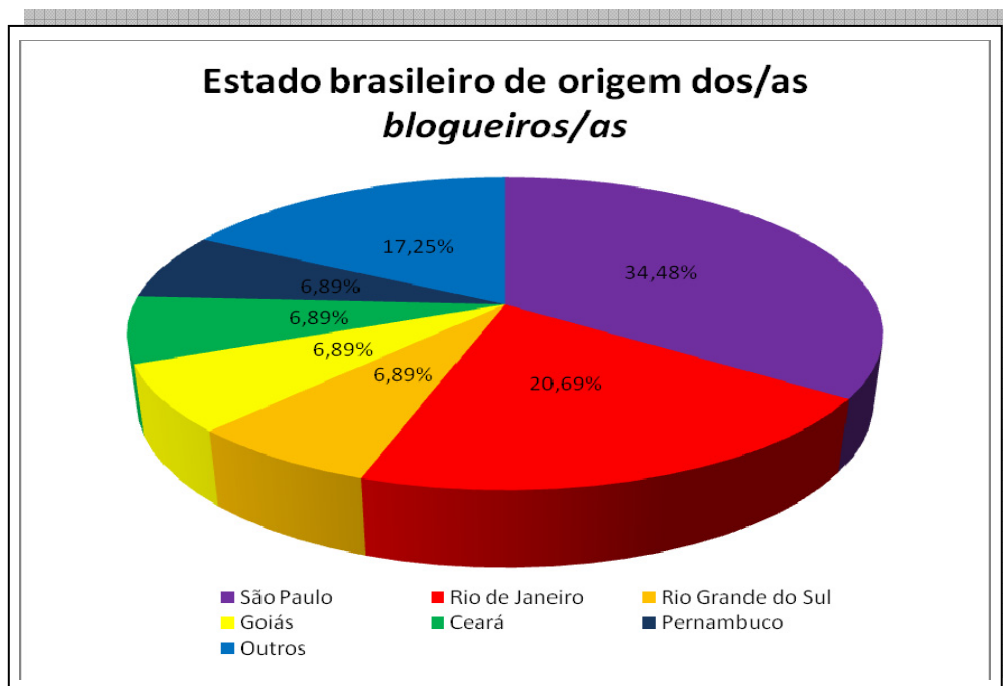


Figura 34 – Procedência dos/as migrantes brasileiros/as quanto aos Estados
Org. Silva, Gustavo Siqueira da, (2007)

Para onde vão os/as *blogueiros/as* que saem ou saíram do Brasil? Apesar de ter-se como destino principal o continente europeu, em nível nacional, o principal destino são os Estados Unidos. Isso pode ser observado nos índices entre Europa e América do Norte que representam quase que 70% do destino dos/as brasileiros/as.

Esse dado pode ser interpretado na perspectiva analisada anteriormente, de que o deslocamento das migrações ocorre hoje em direção aos países desenvolvidos. O Brasil, como país subdesenvolvido, não foge à regra: a maioria de seus migrantes procura uma melhor condição de vida em países desenvolvidos (Figura 35).

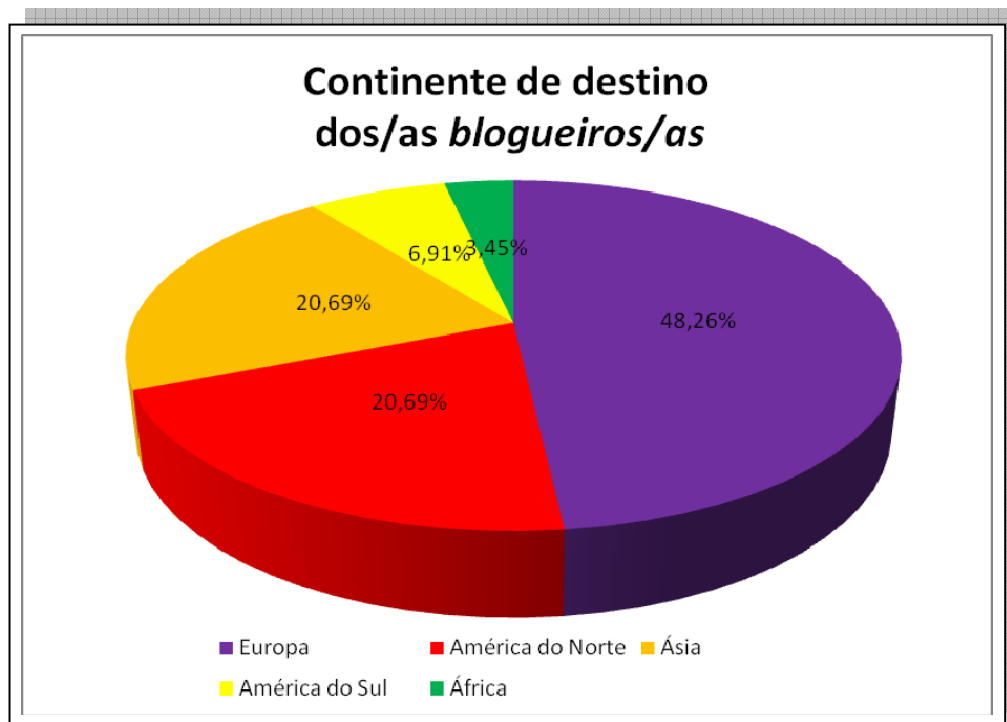


Figura 35 – Percentual dos continentes destino dos/as brasileiros/as.
Org. Silva, Gustavo Siqueira da.

Com relação à atitude de ser *blogueiro/a*, o dado duração do *blog* é bastante importante. Independentemente de onde o *blog* é criado, os/as *blogueiros/as* demonstram forte identificação com o seu novo *locale* digital. Considerando que os primeiros *blogs* datam do ano de 1997, *blogs* atualmente com duração de cinco ou mais anos de disponibilidade, no mesmo endereço do ciberespaço, são raros. Entretanto, não é o que acontece com os *blogs* dos /as brasileiros/as que compõem a migração brasileira. A grande maioria dos/as *blogueiros/as* que saem do Brasil e cadastram-se no site Mundo Pequeno já mantém o seu *blog* online há mais de dois anos.

É interessante ressaltar que o tempo de duração que o *blog* apresenta, demonstra a seriedade e a necessidade que os usuários têm de manter seu *locale* digital. Esse pode ser utilizado para exercitar a língua, manter os vínculos com as pessoas que ficaram no Brasil ou, apenas, para se comunicar com seus familiares,

O fato de se criar um *blog* faz com que os brasileiros acabem se dedicando a ele e esse passa a ter uma “vida digital” de longa duração (Figura 36).

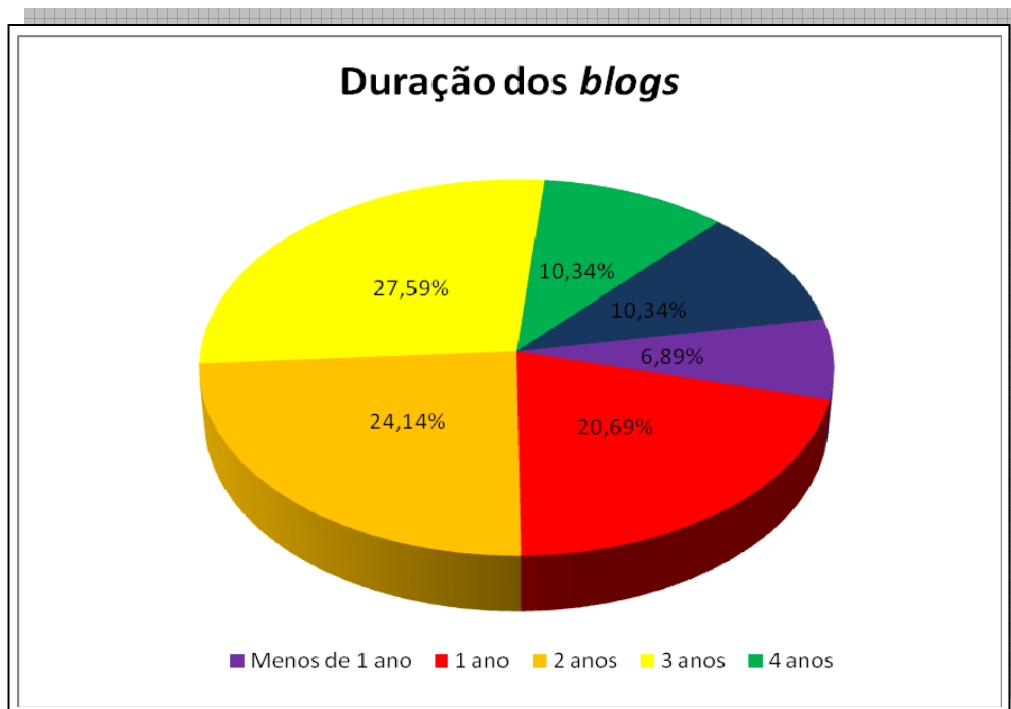


Figura 36 – Percentual dos motivos de saída do Brasil
Org. Silva, Gustavo Siqueira da. (2007).

Mesmo tendo uma longa duração os *blogs* dos/as brasileiros/as acabam dando um significado territorial a essa porção do ciberespaço. Se por um lado, a duração longa dos *blogs* poderia remeter a uma compreensão de que eles já vinham sendo mantidos desde o tempo em que os/as *blogueiros/as* se encontravam no Brasil, por outro, é exatamente o tempo de duração deles associado ao local em que são criados que fornece a dimensão mais significativa do ciberespaço, e dos *blogs* como parte deste. Assim, eles apresentam-se como um refúgio, um espaço de reafirmação de uma identificação nacional.

A necessidade de exercitar a língua, de manter contato com amigos e parentes que ficaram no antigo território, as memórias que instigam a vontade de “ser brasileiro” estimulam os/as *blogueiros/as* a se identificarem com a brasilidade. Dessa forma, não é o hábito de *blogar* que se mantém na migração, mas a vontade de manifestar a brasilidade. De maneira generalizada, pode-se dizer que essa dimensão cultural é a responsável pela construção de um *blog*. Como se pode observar, é no exterior que surgem a maior parte dos *blogs* dos brasileiros. Do total

dos/as *blogueiros/as* analisados, 82,76% criaram seu *blog* no país de destino (Figura 37).



Figura 37 – Percentual de *blogs* criados no Brasil e no exterior. Org. Silva, Gustavo Siqueira da. (2007).

Salienta-se que isso não significa que a possibilidade de criar um *blog* só ocorra no país de destino. Embora em alguns casos esse fato seja realidade²²², pois alguns/as brasileiros/as migraram antes da popularização do ciberespaço. Entretanto, o que ocorre é que o ciberespaço, na utilização dos *blogs*, possibilita novos processos na constituição tradicional da identidade dos migrantes. Em décadas anteriores, o migrante precisava conviver praticamente de forma exclusiva com a cultura local, os gastos eram maiores pois as formas de comunicação – transportes e telefonia – com seu país eram bastante caras. Na atualidade, a disponibilidade de canais possibilita a comunicação de qualquer parte do mundo com outra gratuitamente.

Nesse sentido, é notório que há a necessidade de se manter e se reafirmar o vínculo territorial. Esse é diretamente associado ao uso que os/as brasileiros/as fazem do ciberespaço. Nessa perspectiva, pode-se indagar: Será que esses brasileiros criariam um *blog* senão tivessem deixado o país? Será que o ciberespaço

²²² Ver Gajjin4ever (2006).

teria o mesmo papel para essas pessoas se elas nunca houvessem deixado o Brasil? Ciberespaço e identificação territorial parecem estar intimamente ligados.

5.2 Sou, sou brasileiro com muito orgulho no coração

Antes de se deter nas análises dos discursos dos/as *blogueiros/as* é importante destacar que se deve compreender suas manifestações identitárias como um processo, ou seja, a mesma pessoa que em um determinado discurso manifesta uma reafirmação territorial muito forte, de resistência e posteriormente, pode manifestar uma identificação cultural híbrida. Dessa forma, salienta-se que se procurou destacar os discursos que faziam referência ao Brasil e a brasilidade.

Alguns aspectos mereceram destaque, entre eles a referência do futebol, as preferências musicais, a gastronomia, as cores e a consciência da realidade social do país de origem.

Nesse contexto, identificou-se que o ciberespaço, através do *locale* digital dos *blogs*, cumpre um papel importante no processo de (re) construção da identidade territorial dos/as migrantes brasileiros/as. As relações mantidas através de *posts*, *comments* e *links* são muito dinâmicas e servem tanto para interagir com compatriotas na mesma situação, como para amenizar a distância geográfica dos familiares e amigos.

Observou-se, através das manifestações discursivas dos/as *blogueiros/as*, que o primeiro contato com o novo espaço “a ser vivido” é muito angustiante. Que a ruptura cultural e territorial ocorre, algumas vezes, de maneira traumática. Entretanto, essa situação é mais relatada por eles, mas, nem sempre é vivenciada na prática, pois, através da constituição de seu *locale* digital, muitas dessas sensações são substituídas por outras experiências mais agradáveis.

No processo de identificação territorial, a primeira manifestação, na maioria das vezes, dá-se na reafirmação da identidade cultural brasileira. Mesmo que alguns ícones não representem a universalidade brasileira e, culturalmente, nem sempre é possível, eles são reforçados no intuito de buscar a identidade e a imagem que os outros têm do Brasil. O exemplo mais marcante é o futebol, seja através das cores da seleção brasileira ou pela sua identificação com os clubes de futebol brasileiros.

Os êxitos alcançados no esporte em geral e no futebol, em particular, despertam sentimentos territorializadores, da afirmação de uma identidade que se opõe à situação secundarizada de sua cultura, que questiona a ordem vigente. Observa-se no excerto do *blog* Cataplum (2006), mantido por um brasileiro que reside nos Estados Unidos, forte identificação territorial através do futebol, o qual se manifesta eufórico

Golaço, aço, aço, aço !!!! Ri-Ro e Brasil 2x0 Belgica, com ajuda de juiz e tudo ... Com os EUA nas quartas-de-final, ainda bem que o BRasil passou !! Vamos la seleção. Está na hora de mandar os colonizadores de volta para casa !!! Chega de Owen, palhaço Beckham, e o goleiro que parece jogador de RPG (Seaman). Quero ver o Ronaldinho na final !.

A manifestação cultural não ocorre apenas nas palavras, mas também nas imagens utilizadas pelos/as *blogueiros/as*. A constante utilização das cores verde e amarelo, que representam a brasilidade pode ser observada tanto nas fotos que são capturadas em passeios e no cotidiano dos/as brasileiros/as no novo território, como também na ilustração animada dos *blogs* (Figuras 38 e 39).



Figura 38 – Imagens utilizadas para ilustrar o *blog* reafirmando a identidade territorial
Fonte: Quimera Brasil-España (2006).



Figura 39 – Brasileiro residente no Canadá constantemente vestido com a camisa da seleção brasileira de futebol.
Fonte: Um Brasileiro no Canadá (2006).

O significado do futebol na identificação dos/as brasileiros/as atinge maiores proporções em grandes eventos, como na Copa do Mundo. Apesar da seleção brasileira de futebol, no decorrer do tempo, ter demonstrado menos identidade com os/as brasileiros/as, os jogadores que dela participam, na sua maioria, já atuam em clubes do exterior há bastante tempo e os jogos do selecionado raramente ocorrem no Brasil. Entretanto, a identificação do povo brasileiro extrapola as barreiras da competição.

Segundo o brasileiro que reside na Coreia do Sul, do *blog* *Nos na Coreia* (2006), trata-se de um fenômeno social.

Impossível encontrar um lugar no mundo onde a Copa seja um fenômeno como no Brasil. Quando explicamos para os estrangeiros que, por exemplo, nos dias de jogo do Brasil as pessoas são dispensadas de seus trabalhos, eles não acreditam. O futebol é um fenômeno social no Brasil, todo mundo sabe, não vamos filosofar hoje.

Salienta-se que a maneira de identificação brasileira com a territorialidade não se apresenta exclusivamente em momentos de êxito e de glórias. Os problemas e contrastes sociais existentes no Brasil também servem para os migrantes reforçarem sua identificação na perspectiva de viabilizar soluções. Essa é a razão de buscarmos, em outro território, melhores condições de intervir na realidade social do país. Muitas referências feitas ao Brasil são articuladas às críticas políticas e sociais e às questões básicas do compromisso do Estado, como saúde, educação, moradia, entre outros²²³.

O autor do *blog* *Cataplum* (2006), ao debater a questão de quotas nas universidades públicas brasileiras, ao mesmo tempo em que a crítica, ressalta a importância de manter o programa de bolsas para doutorado no exterior. O autor acredita que a experiência no exterior fortalece a identificação com o país de origem e que pode ser uma maneira de alavancar o desenvolvimento econômico brasileiro.

Quem acha que cotas de até 60% não vão afetar a qualidade das universidades está muito enganado. Fico feliz de ter terminado minha universidade. Sinceramente, minha família, quando passei no vestibular não tinha dinheiro para pagar mensalidade de universidade e escola da minha irmã ao mesmo tempo... E eu acho que, realisticamente, mereço ter feito universidade. Comprovei através de um exame. Não nascemos iguais. Podemos lutar para ser iguais. Meus pais são

²²³ Apesar de a identificação remeter a questões polêmicas, não se teve por objetivo debatê-las ou interpretá-las na perspectiva de avaliá-las, apenas de apresentá-las como referenciais identitários.

imigrantes e lutaram muito, começando do zero. Acho absurda a idéia proposta por movimentos dito sociais. [...] Querem outro dado alarmante? A vasta maioria dos brasileiros que encontrei fazendo doutorado aqui são de famílias que nunca tiveram um doutor. Em vários casos, somente um dos pais possui educação universitária. E vocês ousam me dizer que isso não está promovendo igualdade e consciência? Quando o Brasil decidir eliminar o programa de doutoramento no exterior, podem escrever aí isso vai acontecer, a taxa de consciência brasileira sofrerá um grande baque. Estudar fora, conviver numa sociedade onde as coisas funcionam, não serve só para fazer você se sentir privilegiado ou não é só um mecanismo para excluir pobres. Serve e muito para abrir os horizontes do indivíduo, para desenvolver uma percepção de que idéias podem concretamente tornar um país, um grande país. Serve para aprender como organizar uma universidade, como formar empresas de sucesso e como deve ser um sistema político igualitário. Ler é uma coisa, vivenciar é outra completamente diferente. Querem mais outra? A maioria destes alunos volta com um amor danado pelo Brasil, mas cientes do quanto falta para o nosso país resgatar sua posição de uma das maiores economias do mundo.

A utilização do ciberespaço, no sentido de aproximação das origens, das identidades brasileiras, que antes da consolidação da Internet eram reduzidas, é celebrada como uma amenidade a dificuldades encontradas na distância e na saudade. O exemplo de que já era migrante antes mesmo de o ciberespaço se popularizar, demonstra como o advento técnico da grande rede atenuou algumas tristezas e despertou possibilidades de novas relações.

No *blog* Gaijin4ever (2006), essa situação é explicitada pela popularização da Internet, mas também pela TV via satélite, os quais permitem estreitar laços territoriais que poderiam já ter se desterritorializado, mas que são reforçados através do uso da técnica.

Estamos nos Estados Unidos desde o início da década de 80. No começo foi muito difícil. Hoje, com internet, tv a satélite e muitos brasileiros por aqui, temos uma ligação com Brasil que não tínhamos antes.... A gente sente falta dos amigos e da família, claro. Mas vamos continuar a luta por aqui por mais algum tempo.

O mesmo brasileiro, descendente de japoneses, também ilustra em seu discurso como os *links* podem ser estabelecidos através do ciberespaço, não só com uma cultura nacional, mas com identificações locais. A possibilidade de ouvir *online* a rádio de sua cidade natal, reforça um sentimento de pertencimento, de enraizamento através da aproximação virtual. O *blog* Gaijin4ever destaca a importância das rádios *online* no ciberespaço, não só a mencionando, mas também disponibilizando um *link* para acessá-la.

Uma das melhores coisas da internet, principalmente para quem vive fora do Brasil como eu, e sem contato pessoal com as coisas do país, tem sido o rádio. Posso saber das músicas que fazem sucesso por exemplo em Duartina, ouvindo a programação do Vale do Sol. Sim, é verdade, até Duartina tem a sua emissora!

Pode-se afirmar, então, que as técnicas abrem novas possibilidades de identificação que reforçam os vínculos territoriais. A TV via satélite, por exemplo, possibilita que o Brasil esteja bem próximo de quem quiser saber notícias, lembrar fatos, saber curiosidades. Além da Internet, a TV apresenta-se como uma alternativa, embora não interativa, para quem buscar manter sua identidade territorial, como no caso da *blogueira* do Eu e Mim (2006).

Se indignação matasse.... Quem assistiu ao Fantástico neste domingo (09/04)? Eu assisti ontem pela net. Gosto de assistir para me manter informada das coisas no Brasil, mas sinceramente, não sei pq continuo. Aliás sei. Pq é o meu país, e não importa o que aconteça nada vai mudar isso, acredito que seja algo parecido com "parentesco". Mas olha, tá difícil. Não vou falar sobre política pq nem tem mais graça.!

A reafirmação da identidade territorial pode ser ressaltada, também, através da manifestação constante de saudades de determinados espaços, situações, costumes, sons. As relações de poder, intrínsecas às relações sociais, por vezes dificultam o processo de reterritorialização. Dessa forma, sentimentos de saudades somados à dificuldade de inserção e de constituição de uma nova territorialidade, causam a sensação momentânea de desterritorialização. Entretanto, como se observa no excerto do *blog* Gaijin4ever (2006), o ciberespaço supre essa lacuna temporária, resgatando a identificação territorial originária.

Viver no exterior é bom mas é uma merda. Viver no Brasil é uma merda mas é bom. Essa frase é atribuída a Tom Jobin e ouvi diversas variações em torno do mesmo tema. Bem, o que eu quero dizer é que, é mais ou menos isso mesmo que sinto às vezes. Vivendo há mais de um quarto de século no exterior, deveria estar menos arraigado e adaptado ao novo ambiente, mais em sintonia com o que ocorre em minha volta, mas não é o que acontece sempre. Daí, a sensação de ser um eterno estrangeiro (o nome deste blog), mas confesso que essa atitude, é uma escolha minha, apesar das evidências em contrário. Com cara e sotaque de estrangeiro, vou ser sempre tratado como um estrangeiro aqui. Não necessariamente uma coisa ruim. A Internet felizmente, ajuda muito a nos reaproximar das coisas que deixamos atrás. E tenho certeza que o calor e o carinho dos amigos e parentes sejam ainda maiores do que eu me lembro. Chego em São Paulo no sábado dia 12 de agosto.

A questão da sexualidade, às vezes associada à prostituição, é outro ícone da identidade nacional. A reafirmação de que a sensualidade brasileira não é sinônima de prostituição, demonstra revolta e faz com que ocorra uma identificação de negação da visão do outro sobre o/a brasileiro/a. Essa é uma maneira encontrada pelos/as *blogueiros/as* de reivindicar sua identidade territorial, negando uma identificação imposta e atribuída pelos outros em uma relação de poder desigual. A *blogueira* do One Hot Mama (2006), demonstra que ser brasileira e sensual não significa andar nua em público.

Conversamos muito sobre Brasil eh claro.. Expliquei pela milésima vez que nao, as mulheres no Brasil nao vao para a praia de topless.. Eu odeio esse tipo de perguntinha, mas eu nao sou o tipo de pessoa que vou ficar com raiva da ignorancia...So tenho raiva daqueles que passam a noticia na televisao de maneira deturpada.

Essa identificação atribuída pelos outros, principalmente às brasileiras, muitas vezes traz constrangimento para elas. Entretanto, parece ser uma identidade construída e propagada como verdadeira com mais força do que é combatida. A brasileira, que reside em Paris, do *blog* Conexão Rio-Paris (2006), por exemplo, demonstra indignação ao procurar espaços de identificação brasileiros e perceber que algumas brasileiras reforçam uma identificação com a sexualidade.

Sabado foi dia, ops noite, de Les Nuits Blanches. Saimos de casa umas 22h e achamos um palco com um DJ brasileiro tocando mistura de rock-samba-maracatu-groove-soul. 🤔Um telao com imagens do Rio e nao tardou subir no palco os negros com calcas brancas largas e sem camisa tocando axeh. Ateh aih tudo bem, mas quando as brasileiras-lindas-semi-nuas, dancando eroticamente algo que nao era axeh e com 'roupinhas' ridiculas subiram no palco, eu morri de vergonha! 🤔O Brasil exporta sensualidade e beleza e depois quer combater o Turismo Sexual! Acho que o Brasil tem mais a mostrar aos gringos que mulheres semi-nuas. Sem contar que isso destroi a imagem das brasileiras! Enfim, isso me irritou muito. 😊

A forma como os/as brasileiros/as buscam manifestar seu descontentamento com esse tipo de identificação são variadas, umas mais marcantes, outras mais sutis. A modernidade tardia que buscou institucionalizar uma identidade nacional²²⁴ através do carnaval, do futebol e da figura da mulata, consolidou-se como uma identificação brasileira vista pelos outros. Entretanto, na condição de estrangeiros,

²²⁴ Reveja o capítulo 2.

os/as migrantes brasileiros/as utilizam-se da identificação que os outros fazem para reafirmar sua identidade. O carnaval é uma instituição significativa quando os/as brasileiros/as buscam demonstrar sua brasilidade. Ao manifestar sua preferência por algumas escolas de samba, a brasileira que mantém o *blog* One Hot Mama (2006), contenta-se com o fato de poder assistir os desfiles pela TV.

E eu farei festinha carnavalesca com direito a Globo Internacional, estou adorando ver o Fantastico no final de semana, mas nao consigo acompanhar uma novela. Na minha sala de televisao tem 4 controles remotos e fica meio complicado de lembrar de assistir tudo. Quanto ao carnaval, estarei torcendo para a Mangueira, beija-flor e Mocidade, craaro.

A manifestação de identificação através do ritmo, da música e do carnaval também ocorre de forma efetiva. Cita-se como exemplo a curitibana dona do *blog* Quimera Brasil-España (2006), a qual explicita sua brasilidade, exaltando os ritmos populares brasileiros associando-os, inclusive, ao dia da independência (Figura 40).

Ontem... bar brasileiro... muito samba pagode e axé. 7 de setembro. [...] Bom... Um beijinho e Feliz 7 de Setembro... Apesar da independencia... continuamos um pouco escravos... mas a vida é assim mesmo... e é tema para outro post... Fui.



Figura 40 – Grupo de migrantes no carnaval europeu, com destaque para os/as brasileiros/as. Fonte: Quimera Brasil-España (2006).

A questão da culinária é identificada como uma constante necessidade dos/as brasileiros/as no exterior. Os hábitos alimentares são marcantes na identificação cultural. A gastronomia é sentida como algo próprio do brasileiro, e que faz falta. Às vezes, é colocada como mais importante do que estar em solo brasileiro. Essa afirmação pode ser percebida no *site* One Hot Mama (2006) que diz que adora o

Brasil porque “[...] sinto falta da comida, da família, dos amigos, mas definitivamente uma coisa que eu não sinto saudade é do povo brasileiro”.

As memórias são resgatadas através de pratos típicos, mesmo que tenham que ser adaptadas as matérias-primas locais. Observando-se o excerto do *blog* Nos na Coreia (2006), o hábito de comer acaba sendo uma forma de resgatar a identidade territorial.

E já que a temperatura está propícia, resolvermos matar a saudade do Brasil e fazer outra feijoada! O complicado foi conseguir os "pertences" por aqui (já que o feijão da feijoada anterior tinha vindo do Brasil), mas até que conseguimos nos virar. Na verdade, foi mais uma "feijãozada" que feijoada, propriamente dita: - apesar de não encontrarmos feijão preto, achamos um muito semelhante, só que mais avermelhado (e excelente). Encontramos num mercadinho que há aqui perto, cujo dono é, aparentemente, indiano (na verdade, não sabemos se é indiano, paquistanês ou do Sri Lanka, pois são muito parecidos). Ele tem várias coisas importadas, principalmente comida do sul da Ásia e do Oriente Médio. Dá pra fazer a festa: temperos, tâmaras secas(putz...), grão-de-bico...mas, com certeza, tem um monte de coisa "muambada" lá..

Há também quem não se contente em apenas lembrar seus hábitos alimentares. Morando na Inglaterra, a brasileira do *blog* Sample Blog (2006) procura recriar, com outros brasileiros, um ambiente onde os costumes são reforçados, tanto pelas tradições festivas como pela culinária

Festa de São João

Ah, que festa danada de boa! Anésia e Jonathan foram nossos anfitriões e fizeram de tudo pra agradar a todos. Tivemos que pegar um táxi porque a casa deles é bem longe daqui. Assim, vamos conhecendo pouco a pouco todos os cantinhos de Sheffield. A casa é ótima, um quintal grande que eles enfeitaram com bandeirinhas coloridas e nossa anfitriã estava à caráter. A mesa estava muito variada: pão de queijo, cocada, cuscuz, mugunzá, bolo de milho, pinhão, brigadeiro, torta salgada de frango e até vatapá. Como não poderia faltar, teve quadrilha... e casamento celebrado por uma pastora de verdade. Foi muito divertido mesmo! Encontramos outros brasileiros de diferentes estados que vivem e trabalham aqui em Sheffield. Na foto, Leo, Lucia (Paraná), eu, Adriano (Bahia), Jonathan (Inglaterra), Anesia (São Paulo) e Silvete (Paraná) no centro da foto. Mas, a festa não tinha só brasileiros não. Tinha também ingleses simpatizantes da nossa cultura, casados ou namorando brasileiras, um venezuelano, um grego e um jamaicano. E acho que essa troca é o mais fascinante desta experiência aqui na Inglaterra!

A diversidade de nacionalidades presentes na festividade descrita pelo Sample Blog (2006) demonstra que a necessidade de divulgar a cultura brasileira, de tentar valorizá-la e aprentá-la às demais culturas nacionais. Assim, o que se observa é a tentativa de reforçar uma identificação territorial, demonstrando que o/a

brasileiro/a tem identidade cultural, que ser brasileiro/a não é ser inglês, venezuelano, grego ou jamaicano (Figura 41).



Figura 41 – Festa brasileira de São João em Sheffield, Inglaterra
Fonte: Sample Blog (2006)

Chama-se atenção para esse fato, uma vez que até em situações do cotidiano, os/as brasileiros buscam uma identificação com os ícones nacionais. Novamente, a *One Hot Mama* (2006) demonstra como uma simples bandeirinha, colocada entre outras pode causar pensamentos distantes e uma euforia de poder se identificar com seu país.

Semanas atrás, a cafeteria da faculdade estava ornada com bandeiras de diversos países. Apontei pra bandeira brasileira, que calhou de estar pertinho de onde estávamos sentadas, e disse pras minhas amigas: "Olha lá, aquela lá é a minha bandeira!" Ao que a outra menina olha pra trás e pergunta: "Qual? Aquela alí com um planeta?" E eu olhando pro infinito meio perdida, respondi: "É, aquela alí mesmo..." (ONE HOT MAMA, 2006).

Os avanços técnicos que permitem o acesso ao ciberespaço e à TV, operam nas identidades de maneira a reforçá-las, a não deixá-las fragmentarem-se passivamente. Essa situação poderia remeter ao entendimento de que as identidades territoriais são atribuídas unilateralmente ao que é disponibilizado nas programações de TV ou em web sites que falam do Brasil. Diferentemente da TV, que não apresenta possibilidade de interatividade, o ciberespaço rompe com essa lógica de oferecer unilateralmente uma brasilidade. Desse modo, as relações sociais virtuais se solidificam e através de *links*, da criação de territórios abertos pela interação de outros/as brasileiros/as que se encontram no país de destino. Abrem-se novas concepções de territorialidade. Nesse contexto, como descreve a *Gaúcha na Terra dos Vikings* (2006), a busca pela territorialidade brasileira, através do ciberespaço, não se limita ao contato com o Brasil,

mas ampliam-se as possibilidades de contatos no próprio país de destino com a formação de comunidades virtuais, como o *Orkut*, no qual se materializam as iniciativas de identificação com a brasilidade.

Como a maioria de vocês sabem, eu faço parte do Orkut. Recebi o convite da Eza e foi uma das melhores coisas que me aconteceram neste ano passado, pois descobri que não estou sozinha nessa tarefa meio complicada de se adaptar numa terra estranha. É que faço parte da comunidade "Casado(a) com estrangeiro" e lá conheci um monte de gente bacana, não só virtual, mas real tb. Conheci a Ale e a Paula que tb moram aqui na Dinamarca, ficamos amigas de verdade. Mas tb conheci um monte de gente só virtualmente, meninas que tb moram fora do brasil pq casaram com um estrangeiro e passam pelas mesmas coisas que eu. Fiz um monte de amizade mesmo, oh bendito Orkut.

A busca pela identificação territorial dos/as brasileiros/as nos *blogs* pode ser observada através de suas manifestações discursivas em textos e imagens. A identificação territorial não deve ser interpretada partindo-se da concepção material de território, pois são outros sentimentos que reforçam ou fragilizam as identidades territoriais. Na migração brasileira, várias são as situações que demonstram uma identificação territorial reforçada. A identificação territorial é associada a códigos culturais clássicos como o futebol, o carnaval, o samba, mas também, à gastronomia, os ritmos alternativos, à crítica política, à saudade, às cores, entre outros.

As identidades de resistência ou territorializadas demonstram uma reafirmação do “ser brasileiro/a”. Não se admite que apenas por se estar em solo-superfície diferente não se possa constituir uma territorialidade da brasilidade. Foi essa premissa que se buscou desenvolver na pesquisa. Ou seja, identificar como os brasileiros territorializam sua cultura fora do Brasil, como o ciberespaço apresenta o *locale* para que as relações sociais manifestem esse processo. Assim, os *blogs*, espaço elementar das relações sociais, permitem novas formas de interações humanas, as quais se materializam através de uma nova maneira de identificar a territorialidade. Essa pode ser tanto materialmente, apresentada nos eventos realizados fisicamente, quanto virtualmente, através de comunidades, compilações de *links* que remetem, de imediato, a identificar os/as brasileiros/as.

A territorialidade brasileira extrapola os limites político-administrativos do solo-superfície. A identidade brasileira, constituída e negociada nas relações de poder, manifesta-se em outro território brasileiro construído pelas redes virtuais e materializado fora do país, de forma descontínua. O ciberespaço aglutina essa

descontinuidade espacial, reforça o sentimento de pertencimento, mas não somente pela ausência do solo-superfície. A prova disso, é o que Gaijin4ever (2006) chamou de *choque da reentrada*. O sentimento de desterritorialização pode ocorrer dentro do próprio país. A sensação de voltar ao país e continuar sendo um estrangeiro manifesta que não basta estar sobre o território para sentir-se territorializado.

O choque da reentrada

Uma boa parte dos brasileiros que estão no exterior, sonham em voltar de vez. Tivemos que enfrentar entre muitas dificuldades, o choque cultural, que cheguei a mencionar num post anterior. Para aqueles que decidirem voltar ao Brasil, o que vai pegá-los totalmente despreparado é o choque do retorno. É o que os especialistas chamam de choque cultural reverso. Um fenômeno completamente inesperado e por isso mesmo, mais difícil de se tolerar ou de entender. A primeira sensação quando você bota os pés no Brasil é de euforia, alegria, pelo simples fato de estar de volta. O abraço dos amigos e aconchego da família, esse calor humano que tanto fez falta no exterior, é uma das melhores sensações que vamos sentir. À medida que você tenta retomar à antiga rotina, você começa a se sentir meio estranho. De alguma forma, você se tornou uma pessoa diferente, embora ninguém consiga ver isso. Quanto maior o seu grau de aculturação quando você esteve no exterior, ou maior sucesso em sua adaptação no exterior, ou teve maior envolvimento profissional ou escolar, maior será a dificuldade para se readaptar. Muitas pessoas, ao retomarem contatos com os antigos amigos, irão se sentir marginalizadas ou perdidas no tempo. A experiência vivida no exterior não interessa tanto ou não é entendida pelos amigos. Não vêem com bons olhos todos os elogios ao país de onde você está retornando. . e vêem como críticas ao Brasil, qualquer menção negativa ou comparação com o país de onde você retornou. Por que é que você não ficou por lá se lá era tão bom, é o que está na mente de muitos dos seus amigos. E esse aparente desinteresse vai ser uma surpresa e decepção, que pode levar a um sentimento de isolamento ou desorientação [...] Você vai perceber também que enquanto esteve no exterior as dificuldades, os problemas que você tinha no Brasil foram esquecidos e a sua mente foi extremamente seletiva, escolhendo somente as boas lembranças.

Acredita-se que a territorialidade brasileira é experiência vivida e não uma instiuição ontológica. Ela é atribuída e negociada em relações de poder, que não ocorrem necessariamente de forma pacífica. As relações para reforçar uma identidade territorializada são tensas, o que é intrínseco às relações sociais. Ao longo da pesquisa e através dos *blogs*, percebeu-se que essa “tensão” também se manifesta no ciberespaço através das inúmeras formas e ações dos/as brasileiros/as em sua migração.

Nesse sentido, os/as *blogueiros/as* fazem uso de seu *locale* digital para reforçar suas identidades territoriais, mantê-las territorializadas à cultura brasileira, resistindo às tensões, muitas vezes, preconceituosas e equivocadas dos outros sobre a identidade brasileira “exposta” de forma incorreta dos que compram uma imagem de um Brasil de

chuteiras, do samba e do sexo. Esses/as brasileiros/as convivem diariamente com situações constrangedoras de serem vistos genericamente como algo que não corresponde à realidade como um todo. Salienta-se que apesar dessa generalização, o “pertencimento”, o “espaço vivido” se manifestam fortemente, pois os brasileiros não se escondem atrás do discurso de *cidadão do mundo*, reafirmam: “sou... sou... brasileiro com muito orgulho no coração”.

5.3 “Pequenas” diferenças

O sentimento de “ser brasileiros/as”, apresentado na primeira proposta de identidade, não acontece em todos os casos analisados. Os mesmos critérios utilizados para identificar uma reafirmação da brasilidade demonstram outro processo: a constituição de identidades desterritorializadas. A negação dos signos culturais brasileiros, nesse caso, não se realizam por contestação à uma atribuição equivocada e preconceituosa de indivíduos alheios à cultura brasileira. São manifestações discursivas que demonstram adaptação a nova cultura, uma aproximação com o país de destino, ou mesmo, a reprodução de um discurso desterritorializante que não apresenta ressonância com esse.

No caso das identidades desterritorializadas, observam-se manifestações de não pertencimento, de negar os signos culturais que representam o vínculo com o país de origem. A brasileira residente nos Estados Unidos, criadora do *blog* Maffalda (2006), demonstra em seu discurso que não faz questão de se identificar e de estabelecer uma nova territorialidade associada à brasilidade.

Estou expatriada, sim, mas ainda não estou louca. Não faço questão nenhuma de me cercar de brasileiros, de comer feijão preto todos os dias, nada disso. Até porque tenho um marido que fala português comigo e posso ligar para minha prima belezinha e pros meus pais quando eu quiser. Como ela disse: eu não estou aqui para fazer amizades com pessoas - só porque são brasileiras - de quem eu não seria amiga em outras circunstâncias.

As manifestações de negação podem também ser forjadas em circunstâncias que nem sempre são por vontade do/a *blogueiro/a*. Situações de constantes mudanças, de muitas viagens acabam criando o sentimento de não pertencer a

nenhum lugar. A brasileira residente hoje nos Emirados Árabes Unidos, que mantém o *blog* Mambeme (2006), revela que a mudança acompanhou-a durante grande parte da vida. Além disso, a autora revela situações em que sua posição com relação à identidade de gênero também favorecia a constituição de uma identidade fragmentada, a qual não era ela o sujeito do processo.

Eu sempre me mudei demais. Sempre me mudei sozinha. Então o processo de adaptação na cidade acompanhava o processo de conhecer pessoas novas e ir chegando aos poucos. Aqui já cheguei casada. Conheci os amigos do ex, vivi a vida dele e fui levando. Feliz. Hoje, vivo meu processo de adaptação e está sendo mais duro do que nunca. Já me sinto bem vinda na cidade mas, por vezes, me sinto só.

Por outro lado, a constante mobilidade também permite uma adaptação mais rápida. Essa situação remete a perda da noção da dimensão dos fatos sociais, políticos e culturais de cada lugar que se reside. Novamente, traz-se o exemplo de Mambeme (2006), a qual compara situações de violência no Oriente Médio e no Rio de Janeiro, locais onde residiu. Entretanto, a autora não conseguiu dimensionar a gravidade de um e de outro com relação aos riscos que corria.

[...] a distância dos fatos faz com que eu encare de uma outra forma os últimos acontecimentos no Brasil. hoje tenho medo. mais medo do que quando morava na subida da favela ali em Ipanema. medo por quem está por aí'. mas isto acontece pois estou me "desacostumando" a este tipo de violência... pois é. por aqui a direita está reinando, sinagogas são incendiadas e a possibilidade de haver atentados é uma realidade diária. mas tenho menos medo. estou mais "acostumada". hoje tenho medo pelo destino que está guardado a todos nós - não importa nossa posição geográfica. viver é bastante violento.

Mesmo sabendo que no Oriente Médio os riscos de vida são, relativamente, maiores, se comparados a violência urbana brasileira, a autora afirma ainda assim se sentir mais segura em uma região onde são constantes os atentados à bomba e a violência cotidiana. Salienta-se que o Rio de Janeiro também apresenta estatísticas assustadoras quanto a violência mas, mesmo assim, a *blogueira* parece estar conformada com esta realidade de violência independentemente de onde ela esteja.

A questão da violência é utilizada para justificar discursos desterritorializantes, que reafirmam uma imagem exterior do país. Ao contrário de banalizar a violência, mas com o mesmo efeito desterritorializante, a comparação que os/as brasileiros/as tecem em relação a esse tema é manifestada pela *blogueira* brasileira que reside na

Escócia, e mantém o *blog* Whisky com Guaraná (2006). Ao comparar as ruas escocesas com as brasileiras durante à noite, a *blogueira* salienta

Passamos a noite num hotel em Glasgow mesmo, pertinho do lugar onde foi o show - fomos e voltamos a pé, que delicia andar a pé a noite, numa cidade relativamente grande (a maior da Escócia) sem medo da violencia... ou pelo menos, sem medo da violencia selvagem do Brasil!

A negação torna-se evidente e a comparação subestima sua brasilidade, pois, a *blogueira* limita-se a reproduzir uma imagem de violência institucionalizada por discursos que remetem à condição de sociabilidade no Brasil a algo indesejável. O exemplo obtido no excerto retirado do *blog* Lu na Finlândia (2006), demonstra que sua visão de um ambiente de confiança observado no país nórdico, não é a mesma em relação ao Brasil. Ela expressa isso, pelo menos, para pessoas de cinco continentes, que são de seu convívio, que também poderão constituir essa concepção.

Agora eu só visto um casaco longo com capuz e encaro a chuva assim mesmo...sem stress. E o mais impressionante: quando chego na universidade, penduro meu casaco no hall junto com outros casacos e quando volto depois da aula ele ainda está lá!!! Vê se isso ia funcionar na UnB :-p As aulas de finlandês são legais. Tem gente do mundo inteiro na minha sala: chinês, japonês, indiano, iraquiano, alemão, canadense, irlandês, marroquino, mexicano, venezuelano, espanhol, austríaco, polonês, etc.

A *blogueira* que reside na Finlândia reafirma sua pouca identificação com a brasilidade ao se apegar rapidamente aos hábitos finlandeses. A manifestação de hábitos distintos dos brasileiros, seja esportiva, de lazer ou alimentar demonstram a desterritorialização da brasileira, especialmente por seus discursos remeterem à inferiorização da cultura brasileira.



Figura 42 – Manifestações identitárias desterritorializadas no *blog* Lu na Finlândia
 Fonte: <http://www.lunafinlandia.blogspot.com.br/>

Essa maneira de buscar uma preferência em se identificar com o novo território apenas por se localizar nele, ou seja, uma justificativa pela materialidade, acaba constituindo uma identificação desterritorializada. Apesar da impressão de que os/as *blogueiros/as* que se manifestam dessa maneira estariam reterritorializados no novo país, ao submeter seus discursos a uma análise mais criteriosa, observa-se que essa identificação é superficial e, algumas vezes, não são explicadas.

No caso da *blogueira* que reside na Suécia, por exemplo, observa-se que a mesma, em vários momentos, opta por manifestações culturais suecas apenas por estar na Suécia, sem o mínimo esforço de ao menos ponderar as diferenças com sua bagagem cultural brasileira. No *blog* Luz do Sol (2006), a autora relata suas preferências.

Pequenas diferenças

Uma amiga me parabenizou pelas "Bodas de algodão" ao qual eu agradeci mas respondi: "Não são Bodas de Algodão e sim Bodas de Papel". Não satisfeita a amiga me mandou um site (brasileiro) onde havia a tabela mostrando todas as "Bodas": 1 ano Bodas de Papel 2 anos Bodas de Algodão. Mas eu "teimosinha" do jeito q sou mandei p ela um site (sueco) onde tem escrito: 1 år Bomullsbröllop (Bodas de algodão) 2 år Pappersbröllop (Bodas de papel). E ainda escrevi: Se casei na Suécia tenho q seguir as Bodas daqui...não achas???? 😊 [...] Todo bebê faz o exame do pezinho aí no Brasil, né? Ana Clara fez na mãozinha...pq??? Não sei...mas qdo perguntei: E o exame não é no pezinho? Veio a resposta: Não é na mãozinha..."então se pronto"... Outro exemplo: Ana Clara nasceu dia 22 de novembro...qual é o signo dela??? Aqui é Escorpião e no Brasil é Sagitário. Aqui o signo de Sagitário começa dia 23.11 Talvez o papel aqui seja mais valioso do q o algodão, daí ser 2 anos de casados Bodas de Papel, talvez o sangue da mãozinha é mais "condensado" do q o do pezinho e as linhas dos astros mostram q no pólo norte dia 22 de novembro é escorpião e não sagitário. Explicações pra q??? Mas na maior paz vim aqui só p dizer q nem tudo q é no Brasil tem q ser na Suécia. Assim como nem tudo q é na Suécia 🇸🇪 tem q ser no Brasil. 🇧🇷

Outra situação relatada por essa *blogueira* demonstra uma tentativa de argumentação para suas opções culturais. Entretanto, observa-se que a autora do *blog* Luz do Sol (2006), utiliza-se de uma suposta aversão que sua filha viria a sentir do país se caso adotasse o uso de brincos em sua vinda ao Brasil.

Aqui na Suécia não fura as orelhas das meninas. Somente qdo elas forem maior (lá p os 6 , 7 anos) O q alegam??? Pode dar alergias, a criança pode se ferir, puxar o brinco, engulir, blablabla.... Até minha mãe falou: "Ah! Ana Clara vai sair daqui do Brasil com as orelhas furadas e cheia de brincos". Mas já falei q não...hum..hum...Primeira vez q minha filhota vai p o Brasil e ser logo furada??? O q ela vai pensar??? Q cada vez q for ao país da mamma dela será uma furada a mais??? Eu hein! Mami esquece essa

Se por um lado os/as brasileiros/as manifestam uma relação com a cultura do país de destino a partir da comparação com as deficiências estruturais e sociais do Brasil, o que não representa uma identificação cultural com o novo território, por outro, observou-se que as circunstâncias podem forçar a desterritorialização. O depoimento descrito no *blog* *Holandesa's.....Memories* (2006), demonstra uma situação em que a própria autora reconhece a necessidade de se desterritorializar identitariamente para buscar o reconhecimento social.

Tô mais pra ser ET do que pra ser Holandesa ou Brasileira.... Eu sou uma mistura de nacionalidades... Meu pai nasceu na Holanda, a minha mãe na Bélgica e os 4 filhos no Brasil em 3 estados diferentes.... Devido a essa mistura eu acredito que nunca serei 100% uma nacionalidade... Nunca serei 100% Brasileira e também nunca serei 100% Holandesa... Passei pelos mesmos desaforos e desesperos que outros conterrâneos passam quando vem para este país que é menor que a Ilha do Marajó... Fui tomando consciência que se eu queria aprender o Holandês o mais rápido possível ouvirar "gente" de novo (que as pessoas (Holandesas) me visse e soubessem da minha existência) eu teria que fazer escolhas difíceis... Resolvi tomar distância dos Brasileiros e resolvi me concentrar no Holandês... Quando eu vim pra cá, eu era uma babaca inocente... Me espantava de como os Holandeses falavam na cara da outra pessoa o que eles pensavam... me assustavam com perguntas que me faziam do tipo se eu era prostituta e se tinha vindo pra cá me sustentar deles (desempregado na Holanda recebe salário mínimo do governo.... Passei a ODIAR a Holanda, a criticar todos e tudo o que os Holandeses faziam! Torcia pra que a Holanda perdesse todos os jogos de que ela participava... Os 3 primeiros anos para mim foram um INFERNO e eu era o diabo.... Comecei a aprender a me defender... Comecei a responder as alturas das ofensas num tom de "chega pra lá"!... A essas alturas muitos brasileiros me chamavam de arrogante e diziam coisas terríveis nas minhas costas... Se foi essa a impressão que eu dei eu sinto muito! Mas o que eu fiz foi lutar por mim!... Se eu continuasse naquele círculo de Brasileiros eu iria estagnar e acabaria enlouquecendo de vez... Com isso eu me distanciei ainda mais da minha origem, mas nunca a esquecendo ou se quer as pessoas que marcaram a minha vida no passado e que continuavam sendo importante pra mim... Disse a mim mesma que não aceitaria desaforo de nenhum Holandês e que dinheiro eu conseguia sozinha... Atualmente eu falo um Holandês que para os Holandeses abaixo dos rios, pensam que eu sou 100% Holandesa (só cometo um deslize se eu bebo um copinho de vinho, hehehe!)... Para os Holandeses acima dos rios, eu sou do sul da Holanda ou eu sou Belga.... Para mim tanto faz!... Descobri que só ia conseguir montar o meu quebra-cabeça se eu entendesse e reconhecesse a minha parte Brasileira e a minha parte Belga e Holandesa... O Brasil e a Holanda são países totalmente diferentes. Ambos tem coisas boas e ambos tem coisas ruins... O melhor é e foi aprender que sou alguém e que não sou uma nacionalidade em si... Na verdade eu continuo achando que eu **tô mais pra ser ET do que pra ser Holandesa ou Brasileira...**

A própria *blogueira* não se identifica nem com a nacionalidade brasileira, nem com a holandesa. Essa afirmação demonstra uma identificação desterritorializada da *blogueira*. Entretanto são através das experiências vividas e relatadas no seu *locale*

digital, que se manifestam de maneira mais expressiva as situações que levam-na a constituir uma idéia de que não pertence a nenhum dos territórios em que circula.

Até mesmo no futebol, marca aparentemente inquestionável da brasilidade, pode ser observado o distanciamento de quem não se preocupa em buscar uma identificação territorial na brasilidade. No caso da brasileira que residiu na Bélgica, não se trata de uma satirização por não gostar de futebol. A *blogueira* fala como uma derrota dela própria, “perdemos... estamos fora”, são manifestações que no exemplo extraído do *blog* An Cat Dubh (2006), mas ao mesmo tempo utiliza-se do fato para exaltar a cultura vitoriosa.

É...perdemos...estamos fora da COPA...fazer o quê? Chorar, descabelar, xingar? Tarde demais...detestar os franceses? Que nada, eles jogaram bem e mereceram a vitória...mas que isso de perder para a França em Copa do Mundo já está virando uma piada de mau gosto,... O Parreira bem que podia fazer um favor para a humidade e sumir do futebol...argh... Meu lema é: está tudo dando errado, então tire um sarro, alegre a vida!Para comemorar a derrota do Brasil estou aqui escutando no volume máximo (para matar todos os vizinhos de raiva) um excelente cd de cantores franceses, ehehe! Au revoir, Brésil! À la prochaine!! Bisousssss!!

Questões políticas e sociais do Brasil, mesmo criticadas pelo/as *blogueiros/as*, reafirmam sua identidade territorial através da esperança e da necessidade de, no mínimo, discutí-las na perspectiva de transformá-las em uma realidade menos degradante. Essas questões não possuem o mesmo significado para os/as *brasileiros/as* que apresentam identidade desterritorializada. No *blog* Whisky com Guaraná (2006), encontra-se uma típica manifestação que não se quer resgatar memórias da brasilidade, a comparação negativa é realçada com um discurso de desdém pela terra natal, embora os elos afetivos pelos familiares persistam.

Eu estava pensando sobre isso dia desses... nessas horas e que a gente sente a diferença entre um país de "primeiro mundo" e o Brasil. Aqui os impostos são caros, todo mundo reclama (igualzinho no Brasil), mas pelo menos a população vê o retorno disso. Eu faço curso de Inglês gratuito, ministrado pelo governo do estado; já fazia uso do Opportunity Centre, que é como um escritório do governo, que ajuda gratuitamente o pessoal em questões relativas a trabalho - encontrar emprego, mudar de carreira, cursos, etc; vou fazer esse treinamento - que, melhor que gratuito, é SUBSIDIADO pelo estado (trocando em miúdos, eu vou receber £££ pra fazer esse curso, além de reembolso pelas despesas com condução)... eu posso fazer uso de todos esses benefícios pq estou aqui de modo permanente e legal, ou seja, assim que eu começar a trabalhar, pagarei impostos e devolverei ao estado parte do investimento que eles fizeram em mim... E com esse dinheiro, eles continuam a me dar assessoria (e a outros cidadãos)... Parece simples, né? O pior é que o conceito é muito simples mesmo... o que me deixa

ainda mais triste por pensar como as coisas podiam ser diferentes no Brasil, mas nao sao. Eu sinto falta do meu pais, todos os dias, mesmo com o tanto de problemas que temos la... mas tenho que admitir, a vida aqui funciona de um jeito diferente, sob esse ponto de vista digo que nao tem nem comparacao com o Brasil, e muito melhor.

Manifestações de identidades desterritorializadas podem ser observadas, também, no sentido em que o próprio mundo passa a ser a possibilidade turística de um final de semana de lazer. A *blogueira* residente em Londres e que publica *Naked Emotions* (2006), realiza suas atividades de lazer entre alguns países como se fossem apenas entre cidades. Ela comenta que vai de Londres para Nova Iorque, e não da Inglaterra para os Estados Unidos. Além disso, é possível perceber, através de suas manifestações, sua preferência por espaços típicos da racionalidade, como as cidades globais, e as metrópoles nas quais a sensação de anonimato e liberdade é proeminente.

Decisão tomada: vou passar 5 dias em Nova York. Tem jeito não, gosto mesmo é das grandes cidades, daqueles onde as coisas acontecem e tudo parece funcionar, daquelas que oferecem o mínimo de segurança. Londres é isso para mim; NYC, idem. E tem algo na Big Apple que me encanta, uma vibe que falta à capital inglesa. Meu nível é no final de junho e essa trip, essa extravagância a que estou me permitindo, é o meu presente.

Essa mesma *blogueira* que atua como stripper em casas noturnas em Londres, é submetida a uma situação de segregação social, a qual acaba dificultando sua identificação territorial. Outra situação que é relatada em *Naked Emotions* (2006), confirma a limitação que sua atividade profissional cria com relação à sua identidade territorial. Trata-se do fato de a *blogueira* perceber em seu meio profissional atitudes de brasileiros/as que acabam por estabelecer uma identidade brasileira, vista pelos ingleses, associada a contravenções e crimes. Essa identificação desterritorializada da brasileira, está duplamente implicada em espaços de exclusão. O primeiro, na própria atividade profissional, dificilmente assumida publicamente, fato que é confirmado pela referência às pessoas apenas pela letra inicial de seus nomes, e a segunda quando outras brasileiras que têm a mesma profissão que a *blogueira* em Londres, que praticam atividades criminosas.

Dois casos me chamaram a atenção. O da M., que foi deportada de volta para o Brasil depois de passar 7 dias presa ao ser flagada no aeroporto com um passaporte inglês falsificado- o jeitinho que a galera quer achar para viver no estrangeiro mas que nem sempre funciona. Ah, fiquei com pena dela, mas que foi audácia combinada com certa ingenuidade, isso foi. E o da C., que depois de viver

uns 5 anos aqui e ter feito em montão de dinheiro sendo stripper nos anos áureos da coisa, fugiu recentemente para o Brasil com o marido depois de dar um golpe que outros brazucas deram no passado: pegar empréstimo no banco, fazer altos débitos no cartão de crédito e simplesmente desaparecer, na certeza de que no Brasil estarão a salvo da justiça britânica. Um caso de desonestidade pura e simples, derivado da abominável filosofia Gerson, de levar vantagem em tudo. Uma minoria, quero acreditar, mas que acaba jogando lama na reputação da comunidade brasileira que fica residindo no Reino Unido

O afastamento da língua materna também contribui para a constituição de uma identificação desterritorializada. Esse afastamento pode ser ilustrado com um distanciamento da identificação cultural brasileira, ou como uma repreensão de que se está inserido em outra cultura, em outro idioma. O *blog* Boteco da Julie (2006), demonstra essa situação, onde seu hábito de falar termos brasileiros é criticado por seus filhos que falam o italiano.

Nem lembro o que ele disse, só lembro que eu virei e disse: - Oxe, Giu! - (cara de pontos de exclamação) *Che è "oxe"?!?!?! Oxe é uma das palavras mais presentes no meu vocabulário. Tão presente que marido pra abusar fica repetindo. Eu digo tanto e esse menino ainda não aprendeu! Como pode? Não pode. Filho de baiano que não diz "oxe" não é baiano. Eu tenho mesmo que dar um jeito nessa criança. Ele tem que tomar tino. Não gosta de farofa, não morre de amores por feijão, não come doce de leite condensado! Se bobear não vai gostar de acarajé nem querer comer carne de bode assada no forno by vovó Nide. Você tá acompanhando? Do jeito que tá vou morrer de vergonha no Brasil.*

Buscando nos *blogs* disponibilizados nesse sub-item pode-se perceber que as identidades desterritorializadas são as mais difíceis de serem percebidas e assinaladas. Elas são, muitas vezes, manifestadas de forma inconsciente. É preciso buscar nos discursos dos/as *blogueiros/as* manifestações de acontecimentos do seu cotidiano, identificando como sua territorialidade é constituída nas suas relações sociais. Destaca-se que não são afirmações isoladas que permitem se chegar a conclusões sobre as identidades territoriais da migração brasileira. Foi preciso considerar o cotidiano desses/as brasileiros/as e recorrer aos seus sentimentos, às suas atitudes, aos seus desejos, enfim aos seus discursos, para localizar a direção em que apontavam as tensões descentralizadoras de suas identificações. Tensões essas, ampliadas por diversos fatores, como a ausência da língua materna, dos costumes, das referências simbólicas e espaciais. Elementos que se tornam visíveis e investigáveis a medida em que os migrantes brasileiros buscam constituir seu *locale* digital no ciberespaço.

5.4 Links Multiterritoriais

Resgatando-se Patrício (2005)²²⁵, quando o autor aborda sobre a polarização entre um território de pertença e um território de partilha, esta se materializou na identificação do que se denominou de identidades reterritorializadas ou identidades multiterritoriais, para usar o termo de Haesbaert (2004). Diferentemente da interpretação polarizada de forma binária, identificaram-se situações em que as manifestações discursivas dos/as *blogueiros/as* convergiam para um espaço de fronteira entre os dois pólos. Ou seja, é na articulação das duas possibilidades de territórios que se constitui uma terceira identificação: as identidades multiterritoriais.

Os critérios de identificação mais marcantes com a brasilidade não são tão constantes nas identidades multiterritoriais quanto nas identidades territorializadas. Os/as *blogueiros/as* utilizam manifestações discursivas no sentido de aproximar uma identificação territorial brasileira com as do país de destino. Afirmções que remetem ao entendimento de pertencimento ao país de destino ilustram um híbrido cultural que nega a identificação cultural originária, mas não a exalta a ponto de omitir a existência de outra cultura, a qual se está em contato.

Nesse sentido, salientam-se quatro *blogs* os quais demonstram manifestações discursivas multiterritoriais bastante evidentes: Um Brasileiro no Canadá (2006); A Nata! (2006); Indiagestão (2006), e Estou em Buenos Aires (2006). Esses *blogs* referem-se a brasileiros/as que residem respectivamente no Canadá; no Líbano; na Índia e na Argentina. Em comum, eles carregam discursos de comparação entre o Brasil e os países para onde migram. Percebe-se que eles traçam um paralelo de semelhanças e de identificação com ambos os países, ou ainda com outros, sem sobrepor qualidades de um sobre deficiências do outro.

O primeiro sinal de multiterritorialidade ou da reterritorialização é o sentimento de pertencimento, de fazer parte da nova cultura. Esse sentimento é observado no excerto extraído do *blog* Um Brasileiro no Canadá (2006), no qual o próprio título já salienta as duas nacionalidades.

Numa manhã de domingo muito parecida como esta manhã de hoje, eu chegava ao Canadá. Depois de um longo voo, chegava **ao meu novo país**, que estava adotando

²²⁵ Reveja o capítulo 3.

desde então. Era uma manhã fria de outono no Canadá. Por minha cabeça passavam muitas coisas, e pelo meu coração, muitas emoções. Despedidas, reencontros, coisas novas, a incerteza do que viria pela frente.. (grifos nossos).

Na aproximação do sentimento de pertencimento, há necessidade de compartilhar as conquistas e as decepções ratificam, através do ciberespaço, uma multiterritorialidade. Ou seja, esses/as *blogueiros/as* não se contentam em apenas fazer parte de uma nova territorialidade, precisam compartilhá-la e *linká-la*, criando uma territorialidade híbrida, uma identidade multiterritorial. O *blog* Um Brasileiro no Canadá expressa essa aproximação de maneira explícita.

Em 5 anos, aperfeiçoei o idioma inglês, adquiri a cidadania canadense, conquistamos alguns bens materiais, que provavelmente fossem mais difíceis de conseguir no Brasil. Outras conquistas ainda estão por vir. E eu sei que você faz parte disso tudo. Seja torcendo por mim, lembrando-se de nossa amizade, através de um e-mail amigo ou um telefonema, uma carta. Tudo isso me ajuda e muita a passar cada dia, tão distante de vocês.

O *blog* A Nata (2006), é o que melhor representa um discurso de constituição de uma identidade multiterritorial. O carioca que foi estudar no Líbano, antes mesmo de saber que sairia do país, já demonstrava preferências culturais diversificadas, desde as preferências esportivas até as musicais. O autor de A Nata (2006) sempre procurou evidenciar sua preferência por identificações de vários países.

Na questão musical, o autor coloca *links* para músicas argentinas, francesas e asiáticas. O trecho extraído do *blog* serve para ilustrar que o usuário tem preferências culturais bastante globalizadas, mas que essas não se limitam à imposição global do mercado e da cultura ocidental.

Amanhã vai passar "Meu primeiro Amor" na Sessão da Tarde... Vendo a chamada na Tv, agora a pouco, tive boas lembranças de um passado bem recente... com isso, lembrei de uma música argentina que se encaixa perfeitamente na situação...

Na questão da identificação com o futebol em particular e dos esportes em geral, as identidades territoriais que se apresentam, na maioria das vezes, as menos flexíveis, encontram nesse *blogueiro* um exemplo peculiar de multiterritorialidade. Em suas preferências esportivas, o *blogueiro* de A Nata (2006) manifesta múltiplas identificações tanto no futebol, um esporte que como se viu em outros casos demonstra bastante rigidez identitária, quanto na sua opção pela prática e

apreciação de esportes praticamente inexistentes no país. É o caso do futebol americano. O autor de A Nata (2006) não se limitou a apreciar o esporte estadunidense, mas liderou um movimento de introdução do futebol americano de praia no Rio de Janeiro, colaborando inclusive com a criação de uma federação. A identificação multiterritorial com os esportes é tão marcante nesse *blogueiro* que já em seu template de abertura ele identifica suas preferências: uma brasileira, uma estadunidense e uma espanhola (Figura 43).

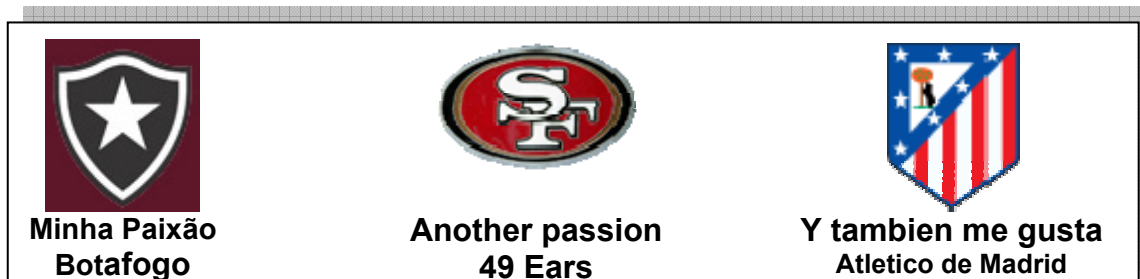


Figura 43 – Preferências esportivas multiterritoriais manifestadas em A Nata! (2006)
Fonte: <http://kallas.blogspot.com/>

O *blogueiro* de A Nata (2006) demonstra bastante familiaridade em ler jornais e notícias em outra língua. Ele busca informações mais próximas daquele que seria seu segundo território: o Líbano. Notícias sobre a questão da Palestina, dos conflitos árabe-israelenses, são procurados e *linkados* de diversas fontes do ciberespaço.

O jornal espanhol "El Mundo" disse em reportagem hoje que a organização armada basca **ETA vendeu dinamite ao movimento extremista palestino Hamas** no ano passado. Segundo o jornal o explosivo teria sido fornecido em dezembro de 2000 numa cidade do norte da Itália e fazia parte das 1,8 toneladas roubadas numa fábrica de explosivos no oeste da França, em setembro de 1999. **É galera... esse é o nosso mundo globalizado!** (Grifos nossos).

A identificação cultural com a nacionalidade libanesa já era manifestada antes mesmo de o brasileiro desembarcar no Oriente Médio. Memórias de seu avô, reflexos do atentado ao World Trade Center de Nova York, em 11 de setembro de 2001, despertam um sentimento de pertencimento no *blogueiro* apesar do mesmo nunca ter estado no Líbano. As marcas deixadas nos povos árabes em geral e, particularmente em seu avô, fazem com que o *blogueiro* de A Nata (2006) reivindique mais um território como seu.

Eu amo o Líbano e minha família e tenho certeza que tudo vai dar certo, pois nascemos nas mesmas terras onde Jesus nasceu e **se tivermos que morrer que seja na nossa Terra Santa!** Os atentados foram uma monstruosidade e devem ser condenados, mas os EUA (ou qualquer outro país do mundo) precisariam de pelo menos uns outros 500 para poderem começar a entender o significado daquilo que eu via nos olhos de meu avô toda vez que ele se dava conta de que nunca mais voltaria para sua terra... nós árabes vivemos um terror inimaginável para qualquer um que não tenha ido ao Oriente Médio... **Ninguém mais do que nós, árabes, entende o sofrimento das famílias que perderam entes queridos nesses desumanos atentados.** Meu avô carregou pôr mais de 80 anos uma bala de fuzil em seu abdome e com ela ainda dentro do corpo, ele morreu! Isso prá mim simboliza a força do povo árabe, que carrega não só na mente mas no corpo, as marcas do medo e do sofrimento! (Grifos nossos).

Já em terras árabes, A Nata (2006) continuou sendo escrita. A manifestação identitária do *blogueiro* demonstra, de forma ilustrativa, o sentido de territorialidade que se desenvolveu nesta pesquisa. Ao descrever seus primeiros contatos com o povo libanês, o *blogueiro* relata a dimensão do entendimento dos árabes em relação a sua própria cultura. Ao comentar sobre as advertências que recebia, ao se apresentar enquanto brasileiro, de que na verdade havia nascido no Brasil, mas era libanês. Essas situações foram reforçando o sentimento e a constituição de uma identidade multiterritorial no *blogueiro* que começam a ser manifestadas em vários momentos em seu *locale* digital.

Entendi o porque de todas as vezes em que me apresentava a alguém como Fernando Kallas, dizendo que era brasileiro e todos me corrigiam dizendo que nao, eu havia nascido no Brasil, mas que sou libanes... Entendi porque meu avo me ensinou a cantar "Baladie... Baladie... Ana Badde raueh` baladie" (Minha terra... minha terra... eu quero voltar para minha terra). Nao tenho certeza se vou voltar para o Brasil em um mes, dois anos ou tres... mas uma coisa eu tenho certeza, **nunca mais vou conseguir ficar longe do Libano por muito tempo... longe do meu povo... minha terra.** Libano minha terra... Libano baladie! (Grifos nossos).

Além dos textos disponíveis em A Nata (2006), várias imagens são utilizadas pelo autor do *blog* para ilustrar sua experiência com a cultura libanesa, seu envolvimento com as questões do país e sua participação efetiva na vida cultural daquele país. A formação de jornalista do autor de A Nata (2006) colaborou para que seu *blog* ganhasse repercussão no Brasil, principalmente considerando-se os confrontos na fronteira do Líbano e Israel, entre o Hezbollah e o exército israelense. Nesses conflitos, apesar de se observar a recriminação aos métodos árabes, a desproporção das ações israelenes reforçaram sua identificação com o Líbano (Figura 44).



Figura 44 – Imagens de rituais e protestos de libaneses que operam a identidade multiterritorial do *blogueiro* de A Nata! (2006).

Fonte: <http://kallas.blogspot.com/>

É importante destacar, também, que mesmo tendo despertado uma nova identificação territorial, ou que essa tenha sido acionada, o *blogueiro*, em nenhum momento, deixa de se identificar-se com sua brasilidade. A identificação territorial é manifestada através de sentimentos de afetividade, de costumes, da culinária, entre outros signos culturais. No entanto, esse *blogueiro* não os demonstra. O que se percebe é que ele não hesita em incorporar novos hábitos culturais e mesclá-los com os já trazidos do Brasil, como observa em seu *blog* A Nata (2006).

Porque a saudade do Brasil, da familia, dos amigos, das mulheres de pele morena, cintura fina e rebolado facil e, last but not least, do arroz com feijao e farofa da Dona Quita, estao me consumindo cada suspiro. Fui ler a noite, quando saih sozinho pra comer uma pizza, tomar um cerveja e fumar um narguile pra relaxar a tensao.

A constituição, manutenção e ampliação de uma identidade multiterritorial encontram elementos significativos no ciberespaço. O *locale* digital evidenciado no *blog* consolida-se enquanto unidade de relações sociais. A história da evolução de um *locale* digital torna-o mais amplo, demonstrando o seu papel social e sua capacidade de estabelecer relações independentemente da localização geográfica das pessoas. Ao descrever a evolução de A Nata (2006), o *blogueiro* demonstra, em seu texto, o quanto esse espaço é fundamental no processo identitário.

Depois de uma semaninha de folga, aqui estou eu de volta ao trabalho, aos estudos e tbm, pq nao, a esse blog que tantas caras e formas teve nesses 4 anos, que comecou como um besteiro escrito nas aulas da faculdade, que foi

amadurecendo na minha entrada na Globo, tomando uma cara mais seria na época da criação do *Gorilas* e hoje se transformando em um diário, um link entre da minha vida beirutana e todos meus queridos amigos e familiares no Brasil, de quem a saudade é imensurável.

Outro *blog* que mantém o discurso multiterritorial é o *Indigestão* (2006). Apesar de ter sido o único *blog* coletivo analisado²²⁶, ele expressa com clareza o processo de constituição identitária de uma brasileira que reside na Índia. Esse *blog* é caracterizado basicamente por informações relativas ao país asiático. No entanto, em diversos momentos ele expressa as experiências da brasileira que o criou.

A *blogueira* responsável pelo *Indigestão* (2006) tem forte identificação com o país de destino, procura, ao máximo, inserir-se na cultura local, mesmo não tendo nenhuma ligação com aquele país, antes residir no mesmo. A característica mais marcante no discurso multiterritorial dessa *blogueira* é o fato dela se identificar com a Índia. Chama-se atenção de que essa *blogueira* não destaca as qualidades e belezas daquele país. Mais ou menos equivalente aos/às brasileiros/as que manifestam sua identidade territorializada com críticas e ressalvas a realidade brasileira, a *Indigestão* (2006) ocupa suas linhas com uma descrição bastante sincera e realista do espaço o qual hoje utiliza para constituir uma nova territorialidade.

Que fique BEM claro, que a Índia NÃO é um país ocidental. Aqui NÃO tem as facilidades que tem aí e MUITO MENOS os conceitos de higiene e limpeza. Aqui não temos hipermercados e muito menos do tipo 24 horas como tem em São Paulo. A menos que você fique em hotel 5 estrelas, você NÃO vai encontrar papel higiênico em toilets públicos, pois as pessoas se limpam com a mão esquerda jogando um pouquinho de água com uma caneca. Elas comem com a mão direita sem utilizar garfo, faca ou colher. A privada é no chão, onde tem-se que ficar de cócoras. A comida é MUITO apimentada e condimentada. Água só mineral, e TODOS passam por indigestão e diarreia. Os cambistas ficam no seu pé, e os mendigos também de modo tão insistente que chega a ser irritante; e você perde a paciência. TUDO tem que ser pechinchado e barganhado. Tem muita sujeira, fezes de vacas, ratos e baratas pelas ruas, principalmente a noite. E por aí vai Resumindo, é um outro mundo, uma outra realidade, é o oriente, é a Índia!!!!!!!

A situação social, a distinção entre o oriente e o ocidente, os hábitos de higiene, a gastronomia da Índia são descritos pela *blogueira*. No entanto, essas

²²⁶ O *blog* *Indigestão* (2006) apesar de definido como coletivo, pois é atualizado por mais de um colaborador, apresentou manifestações discursivas bastante particulares da brasileira denominada Sandra, por isso resolveu considerá-lo e, principalmente, por ter sido possível identificar as manifestações subjetivas e pessoais dessa brasileira.

diferenças não a impedem de reivindicar o país asiático como seu e de identificar sua territorialidade com a cultura hindu. A manifestação cultural híbrida da *blogueira* nas imagens que ilustram o Indiagestão (2006) pode ser observada na Figura 45.



Figura 45 – Manifestação de discurso cultural híbrido da *blogueira* do Indiagestão (2006).
Fonte: <http://www.indiagestao.blogspot.com/>

Outra aspecto importante manifestado pela *blogueira* que não diz respeito à identificação territorial, mas que comprova sua flexibilidade identitária, é o relato que a mesma se assume enquanto feminista. Vivendo em um país eminentemente patriarcal, onde predomina o sistema de castas, no qual as mulheres em famílias de cultura mais tradicional são vistas como mercadorias, a atitude da *blogueira* demonstra sua flexibilidade identitária. Pelo relato da *blogueira* do Indiagestão (2006), percebe-se que tal decisão não foi tomada facilmente. Entretanto, observa-se também que a experiência vivida na Ásia contribuiu para que a *blogueira* pudesse rever suas concepções e começasse a exercer uma identificação mais flexível, menos centrada, mais pós-moderna.

É verdade, eu não era mas virei!! Virei depois que vim pra Índia. Até então eu não era não. Era contra, acha um absurdo... agora sou! Me assumi, sai do armário, sou assumida mesmo!!! A Índia fez com que eu mudasse, e hoje sou... feminista!!!! Você já pensou bobagem, né!! :-)) Eita mente poluída rssss [...] Mas eu superei todos esses problemas com bom humor, paciência e compreensão. Uma das coisas que a Índia me ensinou foi ter PACIÊNCIA e aprender aceitar o outro, com todos os seus defeitos e diferenças e passar a ver as qualidades e virtudes.

Salienta-se, também, que a manifestação da brasilidade não se descaracteriza quando se utiliza outra língua. A distância e a vida nova em outro país são manifestados no *blog* *Estou em Buenos Aires* (2006) em língua espanhola. Esse *blog* fornece a dimensão da riqueza da multiplicidade cultural. A identificação territorial convicta da brasilidade, através da culinária e da música, é uma declaração de amor ao Brasil, mas que se reterritorializa através da língua espanhola.

Desde el 2002, nos encontramos en Palermo viejo, con intencion de traerles un poquito de nuestra cultura que es tan rica en su diversidad. Por sus mezclas de culturas indias, negras y europeas. A pesar de este largo proceso de cruces, logramos unificarnos y formamos lo que hoy en día llamamos el "ciudadao brasileiro". Algunos nos fuimos del país al que tanto queremos por diferentes razones, dejando a nuestras familias y a personas que queremos allí. Para empezar de nuevo en un país diferente al nuestro, diferentes culturas y costumbres. Conocemos a nuevas personas, llegamos a encariñarnos, tanto así que a veces formamos nuevas familia. Se vuelve difícil mirar atrás, pero nunca nos olvidamos de nuestro "Brasil". Por eso, se creo "Me Leva Brasil", para "matar a saudade" de cada ciudadao que vive en el extranjero y toda aquella persona que desee disfrutar de una boa musica e uma boa feijoada com uma caipirinha que no puede faltar. Así que... No espere más tiempo, ya sabe que hay un rinconcito en Palermo Viejo con ritmo brasileiro, no dude en conocernos. Los esperamos!!!

As identidades multiterritoriais não são manifestadas pela maioria dos/as *blogueiros/as* investigados/as. Tais identidades são características de quem vive intensamente as possibilidades culturais de um mundo globalizado. No entanto, permeado pela *différance*, por pessoas que romperam com a imposição de discursos que cristalizam a noção de que as identidades são naturalizadas e tendem a serem homogeneamente universalizadas.

As manifestações de identidades reterritorializadas são a convergência da migração brasileira com a multiplicidade de diferenças culturais disponíveis pelo mundo. Mas essa convergência não se torna multiterritorial somente na experiência vivida de cada um/a dos/as *blogueiros/as* brasileiros/as que não negam e nem superestimam sua identidade territorial. As manifestações de identidades multiterritoriais são a expressão de uma nova forma de viver em sociedade, de viver com a diferença. Elas encontram um grande aliado na sua expansão nas relações sociais estabelecidas nos *locales* digitais, os quais se manifestam pelo ciberespaço consolidando uma sociedade pós-moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo estudo efetuado sobre alguma temática, é preciso tecer algumas considerações, pois se acredita que o produto final da investigação científica deva contribuir para o enriquecimento teórico. Embora para o pesquisador este momento possa lhe causar a sensação de inquietude, é ele que aponta para a necessidade de um fim, mesmo que provisório uma vez que novos questionamentos já lhe fazem refletir e até admitir novas indagações sobre a temática que acaba de construir. É essa dinâmica da ciência que instiga constantemente o pesquisador a rever e retroalimentar seus referencias teóricos.

Nesse contexto, a temática desta pesquisa, o estudo de identidades territoriais em *blogs*, apresentou-se como uma proposta bastante inovadora e desafiadora uma vez que a maioria dos autores analisados acentua o papel fundamental e a importância que o conceito de ciberespaço passa a ter no corpo cognoscitivo da ciência geográfica.

A constante sensação de insegurança, foi se diluindo no decorrer do trabalho. A solidez da pesquisa foi respaldada na ancoragem da perspectiva teórica adotada, e também na constante busca de subsídios conceituais, os quais foram os responsáveis pela estruturação do *backbone* geográfico e sua articulação com o temática do ciberespaço em um contexto mais amplo e da *blogsfera* em particular.

Salienta-se que os estudos que se utilizam do ciberespaço e dos *blogs* como espaços privilegiados de construção do conhecimento vêm, no decorrer do tempo, instigando a comunidade geográfica e adquirindo relevância científica. Nesse sentido, novas abordagens espaciais colocam em relevância pesquisas que buscam investigar o perfil dos/as *blogueiros/as*; ensaios que buscam mapear a *blogsfera* através de seus fluxos em determinada escala, ou então, estudos a respeito das identidades de gênero, de culturas, de nacionalidades, entre outras. Portanto, a ciência geográfica se vê diante da necessidade de refletir sobre suas bases conceituais e apreendê-las frente às novas tecnologias da informação que configuram o meio técnico-científico-informacional na atualidade.

A perspectiva da Geografia Cultural, em uma abordagem pós-estruturalista, permitiu compreender como as verdades são produzidas por formações discursivas,

apesar de empreenderem um esforço para fixar identidades estáveis e imutáveis, as quais são passíveis de um processo desconstrutivo capaz de desestruturar seus alicerces, erguidos sob a égide do iluminismo.

O discurso constrói identidades em relações de poder expressas em práticas e instituições sociais. Como se pôde observar nas leituras realizadas sobre o território e o ciberespaço, ambos são espaços privilegiados da verificação das diferenças culturais produzidas nesse processo relacional.

É notável que a velocidade de consolidação e popularização do ciberespaço, como nova esfera de circulação das idéias e das relações sociais, vem instigando pesquisadores e instituições a desbravar esse novo espaço para onde estão migrando pessoas de diversas culturas. Ao contrário das previsões de que a importância da Geografia estaria exaurida, que as distâncias físicas estariam extintas e que a consolidação da cultura global seria eminente, observa-se que ocorre a sólida edificação da *différance*. Sem dúvida, a evolução das técnicas proporcionou a constituição do meio técnico-científico-informacional e a aproximação de inúmeras diferenças culturais. Entretanto, ao invés de homogeneizá-las as redes técnicas têm operado na constituição de identidades de resistência e de reafirmação cultural.

O debate e a necessidade de se rever os conceitos de território possibilitaram reflexões sobre as distintas formas contemporâneas de interpretá-lo. Dessa forma, noções de territorialidade, desterritorialização e multiterritorialidade tornaram-se abordagens essenciais na pesquisa e ampliaram a dimensão simbólica e de espaço vivido do território. Essas definições afastam-se de conceitos tradicionais que encerram o território em limites político-administrativos ou em um solo-superfície. A noção de territorialidade abordada na perspectiva da Geografia Cultural permite identificar que novos territórios brasileiros são constituídos fora do país a partir das identificações do movimento migratório brasileiro com sua cultura de origem. Nesse contexto, é fundamental o papel do ciberespaço de aproximar os migrantes entre si e, também, com seus conterrâneos que ficaram no Brasil, na construção de novas territorialidades.

As discussões sobre a desterritorialização do ciberespaço ocorrem caracterizando-o em função de seu caráter virtual. Admite-se que o ciberespaço deva ser interpretado na perspectiva de sua atuação no processo de constituição das identidades territoriais e, não apenas na busca de sua territorialidade em

características virtuais ou materiais. Dessa forma, todos os processos territoriais podem ser expressos no ciberespaço, ou seja, a territorialização, a desterritorialização e reterritorialização.

No decorrer da pesquisa, utilizou-se do *locale* digital entendendo-o como um espaço que expressa relações sociais. Portanto, o ciberespaço não é desterritorializado apenas pelo fato de ser um espaço virtual. Ele é um espaço onde as identidades também se reafirmam territorialmente, ou seja, é o espaço onde se constituem identidades desterritorializadas, mas também, territorializadas e híbridas ou multiterritoriais. A partir dessas reflexões pode-se dizer que no espaço material, ocorrem as relações de poder que dinamizam a sociedade, da mesma forma que no ciberespaço, essas são conseqüências da produção e reprodução espacial considerando as relações sociais nele estabelecidas.

Considerando-se os objetivos propostos nesse estudo, acredita-se que os mesmo contribuíram para aprofundar as questões contemporâneas da Geografia pois, na perspectiva dos estudos culturais, o ciberespaço apresenta-se com características geográficas marcantes. Ao se submeter o ciberespaço às análises geográficas, percebeu-se sua relevância, não só através de sua característica virtual, mas, também, nas possibilidades que sua virtualidade apresenta para novos arranjos espaciais e territoriais se manifestarem no cotidiano dos/as *blogueiros/as*.

A forma e capacidade virtual de produzir espaço reafirmam a necessidade de que a interpretação do ciberespaço seja submetida à investigação geográfica. A esse fato deve-se adicionar que conceitos essenciais à produção geográfica, como os ligados ao território, estão sendo questionados e produzidos de maneira diferenciada dos tradicionalmente constituídos até então. Nesse sentido, as concepções territoriais interpretadas no bojo do *locale* digital permitem territorializar, desterritorializar e reterritorializar as identificações culturais de seus usuários.

Dessa forma, se contextualizou na perspectiva da Geografia Cultural os conceitos considerados centrais para o desenvolvimento da pesquisa. No capítulo 1, dimensionou-se a compreensão e o conceito de espaço geográfico como aquele que tem sua produção e reprodução dinamizada nas relações sociais. No segundo capítulo, partindo-se da compreensão de sua dimensão social e simbólica, balizou-se o conceito da identidade, que então se entendeu na sua constituição privilegiada das relações de poder. O capítulo 3 serviu para localizar no debate do conceito de território como se constituem as novas formas de abordagens territoriais e como elas

operam nas identidades. Partindo-se dessa concepção utilizou-se da compreensão do território em sua dimensão simbólica, como referência de identificação para os sujeitos.

Ao interpretar o ciberespaço em suas funções e identificar os reflexos no espaço físico, pode-se observar que as possibilidades do *loca* digital não se limitam à comunicação. Submentendo-se o ciberespaço à análise geográfica, foram identificados processos manifestados tanto em sua forma virtual, quanto em seu reflexo no espaço material. A espacialização virtual ocorre na constituição de comunidades e no estabelecimento de territorialidades que identificam os/as *blogueiros/as*.

Considerando-se a migração brasileira, é marcante a manifestação no espaço virtual de suas identificações, sejam territorializadas, desterritorializadas ou multiterritorializadas. Portanto, os reflexos do ciberespaço podem ser percebidos em vários aspectos, ou seja, eles estão presentes na infra-estrutura necessária para seu funcionamento, em *backbones*, provedores, servidores de rede, hardwares, softwares entre outros. Paralelamente, o ciberespaço pode ser utilizado no planejamento espacial, a partir do crescimento da oferta de serviços *online*.

Na perspectiva adotada nessa pesquisa, pode-se observar outras formas de reflexos nos espaços físicos. Um deles é a utilização do ciberespaço como ponto de contato e encontro para os/as brasileiros/as migrantes, ou seja, através do espaço virtual se constituem várias iniciativas de eventos que buscam reunir fisicamente os migrantes. Encontros para falar em português, diminuir a saudade, recordar as tradições culturais, saborear a gastronomia típica, enfim, manter vínculos territoriais que podem ser reforçados no espaço físico a partir das relações no ciberespaço.

Outro fato a ser destacado e que chamou atenção, quando da análise dos *blogs*, foi identificar que o matrimônio é o principal motivo para as brasileiras migrarem. Esse enlace material, em algumas vezes, iniciou-se em encontros virtuais. Parte das mulheres migrantes brasileiras que saíram do país por que casaram com estrangeiros, conheceram-nos no ciberespaço antes de efetivar sua relação material. Ou seja, são reflexos de relações que começam em *loca*es digitais e concretizam-se no espaço material.

Os discursos manifestados nos *blogs* permitiram identificar e interpretar os processos de constituição das identidades territoriais. Dessa forma, foi possível localizar, considerando as concepções territoriais três situações, ou seja, as

identidades territorializadas, as desterritorializadas e as reterritorializadas. As identificações com a brasilidade são percebidas nos discursos publicados nos *blogs* através de textos e imagens que refletem o cotidiano desses/as brasileiros/as e demonstram sua constante luta pela manutenção dos seus vínculos territoriais e, das suas vivências, constantemente, tensas pela constituição de suas identidades. Pode dizer então, que a preocupação fundamental do ciberespaço é de ser considerado como um espaço para as manifestações dos/as brasileiras/as na busca de conforto e alento para expressar suas afetividades.

A construção da matriz teórica alicerçada na Geografia Cultural e o foco analítico ajustado metodologicamente na perspectiva pós-estruturalista, privilegiaram a análise discursiva, na qual se buscou a desconstrução de discursos cristalizados em identidades ditas naturais. Ao ajustar a lente analítica, utilizou-se da categoria de território, considerando suas variações na sociedade pós-moderna, a qual não admite rigidez no estabelecimento de seus limites. Entretanto, permite a proximidade com fenômenos sociais que a tornam flexível, constituindo movimentos que vão da afirmação territorial, passando pela negação desterritorializada de identificação com alguma cultura local e se constituem em identidades multiterritoriais, características de uma sociedade globalizada, mas que não elimina a diferença. Essa é o motor que dinamiza as relações sociais, tencionando as identificações territoriais. Dessa forma, articulou-se a categoria com a temática do ciberespaço, onde se podem observar novas formas de constituição identitária através do espaço virtual.

O ciberespaço, enquanto técnica universal materializou-se da abstração lógica e matemática da concepção positivista de ciência. No entanto, é através da interação humana e dos movimentos contra-culturais, no seio da academia estadunidense, que o embrião digital do ciberespaço foi gestado e sua expansão apresenta-se em crescimento geométrico e, cada vez mais, se busca popularizá-lo, povoá-lo e habitá-lo.

Da popularização e humanização na utilização das técnicas que configuram o meio técnico-científico-informacional foi possível interpretá-lo a partir de sua produção social, que se manifestam em relações de poder. Essas relações tencionam as identificações culturais, sejam elas de gênero, de etnia, de classes sociais ou ainda territoriais. É neste tensionamento que se pode observar como se estabelece o processo de constituição identitária, que nos *blogs* se manifesta intensamente. As relações sociais estabelecidas nos *blogs* sejam, através da

compilação e publicação de links de *blogs* amigos, ou no espaço para comentários disponibilizado para visitantes, permitem identificá-lo como o *locale* digital no ciberespaço. Ressalta-se que a unidade elementar das relações sociais que se constitui em espaços de racionalidade alternativa, sem um limite definido, demarca a concepção de um *locale* digital e encontra ressonância nas características dos *blogs*.

Não se teve com essa pesquisa a pretensão de apresentar uma discussão acabada e conclusiva da temática proposta, pelo contrário, compreende-se que a mesma serve de aporte para novas investigações. Como se pode perceber, a pesquisa tratou de conceitos atuais, como ciberespaço e desterritorialização, o que tornou a tarefa excitante e também desafiadora, frente à busca de bibliografias e a análise das mesmas. Dessa forma, é possível imaginar que novas indagações e reflexões surjam constantemente, que novos conceitos sejam propostos freqüentemente. Tem-se a consciência que com a velocidade que atingiu a sociedade do conhecimento, ao mesmo tempo em que se digitam essas linhas em direção a finalização desse estudo, é bem possível que o mesmo já deva ser repensado. Assim, o que se efetivou com a pesquisa foi a contribuição com essa temática contemporânea, inserindo-a no debate polêmico das concepções territoriais possíveis no ciberespaço.

A dinâmica do conhecimento é a característica que possibilita que novas propostas de estudo sejam realizadas no âmbito da Geografia Cultural e articuladas às novas formas espaciais de se produzir e reproduzir identidades. Acredita-se que a pesquisa abre a possibilidade de novas reflexões e novas perspectivas de investigação. A esse respeito, cita-se, como exemplo, a necessidade de se mapear e delimitar uma *blogsfera* brasileira; aprofundar a interpretação de como ocorre o processo de identificação dos migrantes brasileiros/as em um determinado país; a identificação e interpretação de outros recortes espaciais no ciberespaço além do *locale* digital, como o das comunidades virtuais, das ferramentas de interação e comunicação em tempo real, dos *chats*, as listas de discussão de e-mails, enfim, as possibilidades de espacializar o ciberespaço parecem serem bastante promissoras.

Portanto, acredita-se que essa pesquisa fornece subsídios para a reflexão e discussão em torno de conceitos geográficos que permeiam a atualidade como o de ciberespaço. As dificuldades enfrentadas no momento da elaboração, de forma algumas se constituem em elementos de desestímulo e receios, ao contrário,

fornece a certeza de que o desafio sempre será o motor para a busca da construção do conhecimento científico.

Nesse contexto, as diferentes respostas constituem-se nos múltiplos olhares com que os geógrafos observam o mundo real. Essas múltiplas formas de ver o mundo permanecem nos estudos geográficos contemporâneos, diante de um mundo fragmentado, articulado e globalizado. Propõe-se que as conquistas teóricas já alcançadas pela ciência geográfica possam ser redefinidas, renovadas e repensadas contribuindo para unidade teórico-metodológica da ciência geográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTAVISTA – Site de Busca. 2003. Disponível em: <<http://www.altavista.com>>. Acesso em: 17 Jul. 2003.

AMORIN, Ricardo; VIEIRA, Eduardo. Blogs: os novos campeões de audiência. **Época**, São Paulo, 31 jul. 2006. n. 428, p. 96 – 105.

ANGERAMI, Sílvia. Ele não é mais só diário virtual, pode ajudar a alavancar a carreira. **Universia Brasil**, 18 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=12920>>. Acesso em: 12 jan. 2007.

BARLOW, John Perry. **A Declaration of Independence of Cyberspace**. (1996). Disponível em: <<http://homes.eff.org/~barlow/Declaration-Final.html>>. Acesso em 15 de março de 2005.

BATTY, Michael. Virtual Geography. **Futures**, v.29, n.4/5, p.337-352, 1997. Disponível em: <<http://www.casa.ucl.ac.uk/publications/virtualgeography.html>>. Acesso 12. Jan. 2007.

BEZZI, Meri L. **Região: uma (re)visão historiográfica: da gênese aos novos paradigmas**. 1996. 377f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1996.

_____. Região: desafios e embates contemporâneos. In: BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais. **Desigualdades regionais**. Salvador: SEI, 2004. p. 39-87. (Série estudos e pesquisas, 67). Disponível em <http://www.sei.ba.gov.br/publicacoes/publicacoes_sei/bahia_analise/sep/pdf/sep_67/meri_lourdes_bezzi.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2006.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 3. imp. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2005.

BINDA, Nadja H. **Processos e produtos territoriais: território indígena é terra indígena?** Online. 2004. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/geri/Textos/havt.htm>>. Acesso: em 02 out. 2004.

BLOOD, Rebecca. **Weblogs: a history and perspective**. 2002. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html>. Acesso em: 22 jan. 2007.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 63-82. (Série Geografia Cultural).

BOZZANO, Horacio. **Territorios reales, territorios pensados, territorios posibles**. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2000.

BUZAI, Gustavo D. **Geografia Glob@l**. Buenos Aires: Lugar, 2004.

CANO, Carlos Baldessarini, BECKER, João Luiz, FREITAS, Henrique M. R. **A organização virtual no espaço cibernético**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004, 134p.

CAPEL, Horacio. **Dibujando el mundo**. Borges, la ciudad y la geografía del siglo XXI. Barcelona: Ediciones de Serbal, 2001.

_____. El VI Coloquio Internacional de Geocrítica. **Geo Crítica/Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2004, vol. VIII, núm. 170-01. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-170-01.htm>>

CARVALHO, Marcelo S. R. Menezes de. **A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. 2006. 259f. Dissertação (Mestrado em Ciências de Engenharia de Sistemas de Computação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CARVALHO, Márcia Siqueira de, et al. Geografiaonline: a geografia no ciberespaço. **Estaç@o**, Londrina, ano 1. n.1. 2002.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 2004.

_____. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. (A era da informação: economia, sociedade e cultura. v.1).

_____. **O poder da identidade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. (A era da informação: economia, sociedade e cultura. v.2).

CEREZO, Jose M. **La blogosfera hispana: pioneros de la cultura digital**. Madrid: Fundación France Telecom, 2006.

CETIC.BR. Hosts. 2007. Disponível em: <<http://www.cetic.br/hosts/index.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2007.

CESNIK, Fábio de Sá; BELTRAME, Priscila Akemi, **Globalização da cultura**. Barueri: Manole, 2005. 186 p. (Entender o mundo; v.8)

COSTA, Rogério da. **A Cultura Digital**. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2003. (Folha Explica).

COSTA, Marco A. Borges; SOUZA, Carlos H. Medeiros de. Abordagens Antropológicas do Ciberespaço e da Cibercultura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/17042>>. Acesso em: 25 set. 2006.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EdUFSC, 1999a.

_____. A Geografia Cultural: o Estado da Arte. In: CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999b. p. 59-97. (Série Geografia Cultural).

_____. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, Francisco & KOZEL, Salette. (orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002, p. 11-41.

COPALBO, Creusa. Espaço e Religião: uma perspectiva filosófica. In: CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 219-230. (Série Geografia Cultural).

COSGROVE, Denis. Geografia cultural do milênio. In: CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 17-46. (Série Geografia Cultural).

COSTA, Marco A. Borges; SOUZA, Carlos H. Medeiros de. **Abordagens antropológicas do ciberespaço e da cibercultura**. Online. 2005. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17042/1/R0402-3.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2.ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DIAS, Leila C. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, Leila C.; SILVEIRA, Rogério L. L. da. (orgs.) **Redes, sociedade e territórios**. Santa Cruz do Sul, 2005. p. 11-28.

DUNCAN, James S. O Supra-orgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny. (orgs.) **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 63-102.

DUTRA, Claudio Emelson Guimarães. Interdisciplinariedade: a construção de novos valores sociais na pós-modernidade. **Cadernos de Educação Especial**. Santa Maria,RS: UFSM, n.16, 2000. p. 33-41.

DUTRA, Carla. Segredos e confidências. **Jornal A Razão**, Ano 69, N.º224, Santa Maria, 28/29 jun. 2003. Caderno Teen, p. 1-2.

E-COMMERCE.ORG. Dados estatísticos sobre a Internet e comércio eletrônico. 2006. Disponível em: <<http://www.e-commerce.org.br/STATS.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2007.

FILIPPO, Denise. Del Re; SZTAJNBERG, Alexandre. **Bem-vindo à Internet**. Rio de Janeiro: Brasport, 1996.

FISCHER, Rosa M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**. n.114, nov. 2001. p.197-223. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972..

_____. **Microfísica do poder**. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

GARBIN, Elisabete Maria. **www.identidadesjuvenis.com.br**. 2001. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. **Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões Atuais**. 2003. (Texto Digitado)

GARRIDO, Fernando. **I Enquisa a blogueiros/as galegos/as**. Madrid: OCS. 2006. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net/actividades/informe_enquisa_2006.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2006.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GLOBO.COM – Blogger Brasil. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://blogger.globo.com/index.jsp>>. Acesso em: 15 mai. 2003.

GOOGLE – Site de Busca. 2006. Disponível em: <<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 21 jan. 2006.

GRUPO TELEFÔNICA DO BRASIL. **A Sociedade da Informação no Brasil: presente e perspectivas**. São Paulo: Telefônica, 2002.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. *In*: CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190. (Série Geografia Cultural).

_____. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HISSA, Cássio E. Viana. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2002.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

INTERNET WORLD STATS – Internet Usage Worls Stats. Ohio, 2007. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2007.

KAMINSK, Omar. A Internet e o ciberespaço: aspectos jurídicos que envolvem a rede das redes. **Consultor Jurídico**, n.21, 2002. Disponível em <<http://www.conjur.com.br>>. Acesso em: 30 abr. 2003.

KNAFOU, Remy. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. *In*: RODRIGUES, Adyr B. (org.). **Turismo e geografia**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 62-74.

KOEPSELL, David R. **A ontologia do ciberespaço: a filosofia, a lei e o futuro da propriedade intelectual**. São Paulo: Madras, 2004. 144p.

LATOURETTE, Bruno. **Jamais fomos modernos**. 2.reimp. Rio de Janeiro: Ed. 34. 2000. (Coleção Trans).

LEMOS, André. As estruturas antropológicas do ciberespaço. *In*: **Textos de cultura e comunicação**. n. 35, Facom/Ufba, julho 1996 Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/estrcy1.html>>. Acesso em: 15 mar. 2005.

LÈVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996. 160 p.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Cibercultura**. 2.ed. São Paulo: Ed.34, 2000.

LIMA, Elias Lopes. **O uso do conceito território: a territorialidade enquanto expressão geográfica da corporalidade indígena**. [s/d]. Disponível em: <<http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo5/e5%20134.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2004.

LOPES, Luiz P. da M. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** Campinas: Mercado das Letras, 2002. (Coleção Letramento, educação e Sociedade).

MACHADO, Mônica Sampaio. Geografia e epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. **Revista do Departamento de Geografia.** Rio de Janeiro, n.1, dez, 1997, p. 17-30.

MAIA, Doralice Sátyra. A Geografia e o estudo dos costumes e das tradições. **Terra Livre.** São Paulo: AGB Nacional, n.16, p. 71–98, 2001. Disponível em: <<http://www.cibergeo.org/agbnacional/terralivre16/terralivre16artigo4.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2003.

MICHAELLIS, (2000) **Dicionário Digital.** Parte integrante do CD-ROM UOL. São Paulo: Amigo Mouse Software Ltda. 2000.

MITCHELL, Willian J. **E-topia: Vida urbana, jim; pero no la que nosotros conocemos.** Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica.** 12.ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOREIRA, Ruy. Velhos temas, novas formas. In: MENDONÇA, Francisco & KOZEL, Salete. (orgs.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea.** Curitiba: Ed. da UFPR. 2002, p. 47-62.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MUNDO PEQUENO: o índice de brasileiros pelo mundo. 2005. Disponível em: <<http://www.mundopequeno.com/>>. Acesso em: 12 dez. 2004.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital.** 2.ed. São Paulo: Cia da Letras, 1997.

NUSSBAUMER, Gisele M. As comunidades virtuais das listas de discussão e-jovens e listagls. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. (org.) **Comunicação Midiática.** Santa Maria: UFSM, 2002. p. 59-80.

OLIVEIRA, Cristina. Meu querido bolg... **Diário de Santa Maria,** Santa Maria, RS, 27/28 set. 2003. Caderno Mix, p. 3-5.

ORTIZ, Renato. **Um outro território: ensaios sobre a mundialização**. 3.ed. São Paulo: Olho D'água, 2005.

_____. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006a.

_____. Identidade brasileira entre a ontologia e a construção. **Aulas**. Campinas, n.2, out./nov. 2006b. Entrevista em vídeo. Disponível em: <http://www.cameraweb.unicamp.br/cpa_ifch/aulas2_3.ram>. Acesso em: 28 jan. 2007.

PATRÍCIO, Carlos. Globalização e espaços de referência identitária. *In*: **Finisterra**. Online. 2005. Disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2005-79/79_17.pdf>. Acesso em 05 jan. 2007.

PELLANDA, Eduardo Campos. Weblogs de bolso: análise do impacto da mobilidade no cenário - publicações instantâneas na Web. **Prisma.com**. Porto: CETAC. n. 3, Out. 2006, p. 200-213. Disponível em: <http://prisma.cetac.up.pt/artigospdf/12_eduardo_pellanda_prisma.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2007.

PELLOGGIA, Alex U. G. A ação do homem enquanto ponto fundamental da geologia do tecnógeno: proposição teórica básica e discussão acerca do caso do município de São Paulo. **Revista Brasileira de Geociências**. V. 27, n.3, p. 257-268, set. 1997. Disponível em <http://www.sbgeo.org.br/rgb/vol27_down/2703/2703257.pdf>. Acesso em: 15 out. 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smdhsu/>>. Acesso em: 22 jan. 2007.

RAFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RECUERO, Raquel da Cunha. Webrings: as redes de sociabilidade e os weblogs. **Sessões do imaginário**. Porto Alegre, v. 11, p. 19-27, 2004. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webringseredes.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 1998.

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community: table of contents**. (livro). Disponível em: <<http://www.well.com/user/hlr/vcbook/index.html>>. Acesso em: 07 de set. 2003.

RNP – Rede Nacional de Pesquisas. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://www.rnp.br/_media/graficos/bkbrnp.jpg>. Acesso em: 27 fev. 2007.

ROSENDAHL, Zeny. O espaço, o sagrado e o profano. *In*: CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 231-248. (Série Geografia Cultural).

_____. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. *In*: CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 187-224.

SACK, Robert David. **Human Territoriality: Its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Gisele Aparecida dos. Redes e território: reflexões sobre a migração. *In*: DIAS, Leila C.; SILVEIRA, Rogério L. L. da. (orgs.) **Redes, sociedade e territórios**. Santa Cruz do Sul, 2005. p. 11-28.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAUER, Carl O. Geografia Cultural. *In*: CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 19-26.

SCHWARTZMAN, Simon. **A redescoberta da cultura**. São Paulo: Edusp. 1997. (Ensaio de Cultura; 10).

SEABRA, Manoel F. G. Geografia(s)? *In*: **Orientação**. São Paulo, Instituto de Geografia, USP, n.5, p. 9-17, 1984.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: EDUSC, 1999.

SERRA, Paulo. Para o problema da técnica e o ciberespaço. Universidade da Beira Interior. *In: Biblioteca on-line de ciências da comunicação*. 1995. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/jpserra_problema.html> Acesso em: 15 mar. 2005.

SILVA, Gustavo Siqueira da. **Lições de gênero na internet: os blogs**. Santa Maria: UFSM, 2003. 115f. Trabalho de Graduação (Graduação em Geografia Licenciatura Plena) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003a.

SILVA, Joseli Maria. Cultura e territorialidades urbanas: uma abordagem da pequena cidade. *In: Revista de história regional*. Vol.5, n.2. Online. 2000a. Disponível em: <<http://www.uepg.br/rhr/v5n2/joseli.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2006.

_____. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. *In: Revista de história regional*. Vol.8, n.1. Online. 2003b. Disponível em: <<http://www.uepg.br/rhr/v8n1/812JoseliSilva.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2006.

SILVA, Micheli Tancman C. da. **A dimensão do ciberespaço sob o prisma da cidade digital de Niterói**. 2000b. 94f. Monografia (Especialização em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2000b.

_____. **A (Ciber) Geografia das Cidades Digitais**. 2002. 250f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2002.

_____. O impacto das redes de cidades digitais no contexto das transformações da sociedade latino-americana. *In: X Encontro de Geógrafos da América Latina*, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2005. p. 14702-14723.

SILVA, Sandra R. da. Redescobrimo o Brasil com olhos estrangeiros: a construção discursiva da identidade nacional brasileira na Internet. **Em Questão**. v.9. n.2. Porto Alegre: UFRGS, jul./dez. 2003c. p.339-351. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/emquestao/pdf_2003_v9_n2/EmQuestaoV9_N2_2003_art07.pdf> Acesso em: 05 ago. 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2000c. p. 73-102.

_____. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flavio. (orgs) Territórios*

contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 184-202.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Exclusão digital:** a miséria na era da informação. São Paulo: Perseu Abramo. 2001.

SMITH, Neil. **Uneven development:** nature, capital and the production of space. New York: Blackwell, 1984.

SODRÉ, Nelson W. **Introdução à Geografia.** 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas:** a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In:* CASTRO, Iná Elias (et al) (org.). **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. p. 77-116.

TAPSCOTT, Don. **Geração digital:** a crescente e Irreversível ascensão da geração net. São Paulo: MAKRON Books, 1999.

TERRA NETWORKS – Internet 10 anos. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,,OI546299-EI5026,00.html>>. Acesso em: 17 jan. 2007.

TONINI, Ivaine Maria. **Identidades capturadas:** gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de geografia. 2002. 136 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair C. Agentes, redes e territorialidades urbanas. **Território**, Rio de Janeiro: Garamond / LAJET / UFRJ, ano III, n. 5. 1998.

UEDA, Vanda. Accesar distintos territorios y disminuir la exclusión digital: el ejemplo de los telecentros en la ciudad de Porto Alegre. *In:* Congresso ONLINE OCS, II., **Anais Eletrônicos...** Barcelona: GeoCrítica, 2004. Online. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net/congres2004/grups/fitxacom_publica2.php?grup=9&id=506&idioma=es>

_____. Dinâmica do território em redes: implantação e difusão do telefone no Rio Grande do Sul. *In*: DIAS, Leila C.; SILVEIRA, Rogério L. L. da. (orgs.) **Redes, sociedade e territórios**. Santa Cruz do Sul, 2005. p. 157-176.

VEIGA NETO, Alfredo. **De Internet, cibercultura e inteligências...** 1999, 4p. (Texto digitado).

VIDAL, Francisco C. B. **Nordeste do Brasil**: atualidade de uma velha questão, vicissitudes da teoria do subdesenvolvimento regional no contexto do capitalismo contemporâneo. 2001. 327f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

WIKIPÉDIA. Wikipedia, A enciclopédia livre. **Positivismo**. 2005. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Positivismo>>. Acesso em: 05 jan. 2005.

_____. Wikipedia, A enciclopédia livre. **Wikipédia**. 2005. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/WIKIP%C3%89DIA>>. Acesso em: 30 mar. 2005.

_____. Wikipedia, La enciclopedia libre. **Biostasia**. 2005. Disponível em: <<http://es.wikipedia.org/wiki/Biostasia>>. Acesso em: 18 abr. 2005.

_____. Wikipedia, A enciclopédia livre. **Jorge Luis Borges**. 2005. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Luis_Borges>. Acesso em: 10 jul. 2005.

WIKIPEDIA. Wikipedia, A enciclopédia livre. **Bluetooth**. 2006. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bluetooth>>. Acesso em: 10 nov. 2006.

_____. Wikipedia, A enciclopédia livre. **ISEB**. 2006. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Superior_de_Estudos_Brasileiros>. Acesso em: 10 dez. 2006.

_____. Wikipedia, A enciclopédia livre. **Língua Materna**. 2006. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_materna>. Acesso em: 20 dez. 2006.

WIKIPÉDIA. Wikipedia, A enciclopédia livre. **Noosfera**. 2007. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Noosfera>>. Acesso em: 12 fev. 2007.

_____. Wikipedia, L'enciclopedia Libera. **Blogsfera**. 2007. Disponível em: <<http://it.wikipedia.org/wiki/Blogsfera>>. Acesso em 02 fev. 2007.

_____. Wikipedia, The Free Enciclopedy. **Blogsphere**. 2007. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Blogsphere>>. 03 fev. 2007.

_____. Wikipedia, A enciclopédia livre. **Host**. 2007. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Host>>. Acesso em 27 fev. 2007.

_____. Wikipedia, A enciclopédia livre. **BIOS**. 2007. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/BIOS>>. Acesso em 15 mar. 2007.

WINGE, Manfredo. *et. al.* **Glossário Geológico Ilustrado**. Universidade de Brasília. Brasília, 2001. Disponível em: < <http://www.unb.br/ig/glossario/>>. Acesso em: 18 abr. 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2000. p. 7-72.

RELAÇÃO DE *BLOGS* ANALISADOS

ALA-LA-O UMA BRASILEIRA SAMBANDO NO EGITO (2006). Terpsi. Disponível em: <<http://sambandonoeqito.weblogger.terra.com.br/>>. Acesso em: 2006.

A NATA! (2006). Fernando Kallás. Disponível em: <<http://kallas.blogspot.com/>>. Acesso em: 2005-2006.

ARMARIO DA CA (2006). Carmem Lucia. Disponível em: <<http://armariodaca.mundopequeno.com/>>. Acesso em: 2006.

BLOG DO BEAN (2006). Carlos Reiss. Disponível em: <<http://blogdobean.blogspot.com/>>. Acesso em: 2006.

BLOG DO WAGNER (2006). Wagner. Disponível em: <<http://blogdowagner.blogger.com.br/>>. Acesso em: 2006.

BOTECO DA JULIE (2006). Julie. Disponível em: <<http://www.islashi.com/>>. Acesso em: 2006.

CATAPLUM (2006). Ram. Disponível em: <<http://cataplum.estertores.com/>>. Acesso em: 2006.

CONEXAO RIO-PARIS (2006). Cristina. Disponível em: <<http://conexaorioparis.blogspot.com/>>. Acesso em: 2006.

DO OUTRO LADO DA CORDILHEIRA (2006). Nani. Disponível em: <<http://www.cordal.cl/nosnochile/>>. Acesso em: 2006.

ESTOU EM BUENOS AIRES (2006). Carol. Disponível em: <<http://vivendoembsas.weblogger.terra.com.br/>>. Acesso em: 2006.

EU E MIM (2006). Leila. Disponível em: <<http://www.bele.weblogger.terra.com.br/>>. Acesso em: 2006.

GAIJIN4EVER (2006). Itiro Takahashi. Disponível em: <<http://gaijin4ever.blogger.com.br/index.html>>. Acesso em: 2006.

GAUCHA NA TERRA DOS VIKINGS (2006). Déa Valby. Disponível em: <<http://deaviking.blogspot.com/>>. Acesso em: 2006.

HOLANDESA'S.....MEMORIES (2006). Holandesa. Disponível em: <<http://www.holandesa.blogger.com.br/>>. Acesso em: 2006.

INDIAGESTAO (2006). Sandra Bose. Disponível em: <<http://indiagestao.blogspot.com/>>. Acesso em: 2006.

LU NA FINLANDIA (2006). Lu. Disponível em: <<http://www.lunafinlandia.blogger.com.br/>>. Acesso em: 2006.

LUZ DO SOL (2006). Neuma. Disponível em: <<http://luzdosolnasuecia1.zip.net/>>. Acesso em: 2006.

MABEMBE (2006). Carolina Porto. Disponível em: <<http://www.bele.weblogger.terra.com.br>>. Acesso em: 2006.

MACAXEIRA BLUES (2006). Lucia. Disponível em: <<http://macaxeirablues.blogspot.com/>>. Acesso em: 2006.

MAFFALDA (2006). Maffalda. Disponível em: <<http://maffalda.blogspot.com/>>. Acesso em: 2006.

NA CAT DUBH (2006). Monica. Disponível em: <<http://moienbelgique.skyblogs.be>>. Acesso em: 2006.

NAKED-EMOTIONS (2006). Um Stripper Brasileira em Londres. Disponível em: <<http://naked-emotions,mondo-exotica.net/>>. Acesso em: 2006.

NOS NA COREIA (2006). Renato Maschetto. Disponível em: <<http://nosnacoreia.zip.net/>>. Acesso em: 2006.

ONE HOT MAMA (2006). Luciana Svilpa. Disponível em: <<http://www.svilpa.com/>>. Acesso em: 2006.

PURPURINANDO.COM (2006). Maria Bonita. Disponível em:
<<http://purpurinando.com/>>. Acesso em: 2006.

QUIMERA BRASIL-ESPAÑA (2006). Flávia Pietá. Disponível em:
<<http://www.flaviapieta.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 2006.

SAMPLE BLOG (2006). Cristiane Motta. Disponível em:
<<http://costurandoretalhos.blogspot.com/>>. Acesso em: 2006.

WHISKY COM GUARANA (2006). Lilyhannah. Disponível em:
<<http://lilyhannah.multiply.com/journal>>. Acesso em: 2006.

UM BRASILEIRO NO CANADA (2006). Ocimar Martins dos Santos.
<<http://mainocanada.blogspot.com/>>. Acesso em: 2006.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)